



DOIS INIMIGOS
UM CASAMENTO

acordo de
HONRA

MARI MOURA



PERIGOSAS NACIONAIS

Acordo de HONRA

M A R I M O U R A

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

11-05-2019 Versão da Autora Mari Moura © Todos os direitos reservados.

Revisão da autora.

Escrever é uma arte sempre em movimento e portanto, está sempre em atualização.

Caso encontre erros nesse livro, por favor, contate-me em marimouraescritora@gmail.com que terei muito prazer em responder.

Mais livros da “série Homens de Honra” em breve.

Você pode seguir a autora em suas redes sociais:

<https://instagram.com/marimouraescritora>

Assine a newsletter para receber novidades e capítulos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

extras!

<http://eepurl.com/gl3TG9>

PERIGOSAS ACHERON

Dedicatória

À todos os que estão lendo.
Aos amigos que foram beta readers e incentivaram essa
história a ir mais longe.

Capítulo 01

(Siegfried)

Descarregar o cartucho 9mm parabellum de uma pistola é tão delicioso e relaxante como ter um orgasmo, mas existem algumas coisas antes do *grand finale* que podem ser consideradas igualmente prazerosas.

O som dos gritos se perde no barulho da tempestade, no estacionamento em plena madrugada, aquele homem sabia que morreria cedo ou tarde. Para o azar dele, eu estava de muito mau-humor. Contorcendo-se, ele gritava enquanto era arrastado pela gola da jaqueta bomber, o taco de beisebol em minha mão arrastava pela neve cristalina deixando um rastro vermelho por todo o local.

Momentos antes eu tinha acertado a cabeça dele com tanta força que ele caiu no chão atordoadado, sem dentes, o nariz afundado, uma poça de sangue perto dos pneus de seu carro.

— Seu filho da puta! — De dentes bem

PERIGOSAS NACIONAIS

cerrados, deixo um xingamento escapar por meus lábios ressecados do frio. O suor em minhas costas está congelando, mas o meu sangue ferve e borbulha de ódio.

Os faróis do Bugatti Veyron todo branco estão acesos e apontando na direção que eu sigo, as sombras se formam grandes na parede cinza do estacionamento abandonado de um depósito ao lado de um dos mais luxuosos hotéis da cidade. O galpão que pertence a máfia exhibe suas vidraças quebradas pelos vândalos. O som que escapa pelas portas erguidas para cima do veículo é uma de minhas músicas favoritas da banda Celtic Frost.

Jogo o homem sentado contra um monte de neve e me afasto dando dois passos para trás para contemplar os hematomas que causei em sua face, o sangue escorre por seu queixo, manchando a camisa branca. Baixinho, ele chora. Dou risada, limpando o suor da barba loira com a luva.

— O que foi, covarde? Não tem voz para falar? — Bato o taco nas botas, tirando a neve, segurando mais firme no cano. Como uma jogada no campo, giro o taco e acerto de novo sua cara. Dou uma gargalhada e uns pulos, feliz, energizado.

PERIGOSAS ACHERON

Esse babaca tem que me pagar. — Achou que ia ser simples, seu desgraçado? — Seguro nos cabelos grisalhos dele, puxando-o para cima, seu olho direito está tão inchado que bloqueia completamente a visão, mas com o outro, ele me encara. Seu inferno. As lágrimas quase congelam nos cantos dos olhos. — Você deveria ter tido mais respeito, seu maldito. Pensa que eu acho divertido estourar seus ossos desse jeito? Nah, tem razão eu acho. — Solto a cabeça dele que pende para frente, sem forças de segurar o próprio pescoço e dou mais uma tacada em sua cabeça, no ouvido, afundando as têmporas. Ele voa do monte de neve para o lado, o sangue espirra para todos os cantos, manchando mais minhas roupas. — Droga, minha gravata! — Afasto-me do homem, percebendo meu sobretudo respingado de vermelho. — Filho da puta, mesmo!

— Sieg! — De braços cruzados atrás de mim, minha melhor amiga e guarda pessoal, Ingvi, repreende minhas ações. Por cima do ombro eu olho para a ruiva magra e ágil. Seus cabelos avermelhados desprendem do capuz com pele de urso na parte de dentro. — Ande logo com isso, ou vai se atrasar. — Ela olha seu relógio de pulso e coloca a mão na cintura, jogando o quadril para os

PERIGOSAS ACHERON

lados.

— Anda, me dá a sua pistola. — Resmungo soltando o taco prateado para o lado, que leve, mal afunda na neve. Ergo a mão para o lado. — Vai, me dá!

Ingvi dá passos na minha direção, suspirando por entre o barulho do vento e tirando sua pistola das costas. O cheiro de urina surge chamando minha atenção e encaro o maldito.

— Mijou, não foi seu puto? — Dou risada, tendo que colocar a mão na barriga por cima das roupas. — Não é a toa que está com medo, mas não pensou nisso na hora que deu em cima da minha noiva, não é?

O homem chora baixinho, eu acho que ele está rezando. É sempre assim, eles sempre pedem misericórdia aos deuses. Ingve coloca a pistola com o silenciador encaixado no cano em cima da minha palma. Fecho os dedos no cabo e munício, encaixando a bala no cano. Com ambos os joelhos quebrados, o homem não consegue se mexer e nem fugir, mesmo assim, apavorado pelo som do engatilhar da bala, ele estica as mãos e tenta escapar para o lado.

Estreito os olhos. Nada me irrita mais que covardes! Dou um chute, forçando-o a me encarar, o uniforme de garçom que ele usa é composto de uma calça preta com listra vermelha e um colete ridículo da mesma cor estão molhados e uma poça amarela de urina está na neve.

— P-por favor... Eu tenho filhos! — O homem continua chorando, mas é em vão. O olho cheio de pus e a boca para baixo causam uma desfiguração horrenda na sua face, mas eu ainda não me sinto vingado.

— Você me humilhou quando sorriu para ela! — Esbravejo irado. Só de lembrar, eu quero arrancar suas bolas! E eu faria exatamente isso, se o meu prato não estivesse esfriando em cima da mesa.

— Me perdoe, me perd—

O garçom não chega a terminar de falar, eu simplesmente atiro contra o meio de seus olhos, explodindo sua cabeça. Uma marca de sangue como duas asas de borboleta pinta a parede, enquanto o sangue escorre da cabeça tombada na neve.

Giro, encarando os olhos azuis frios de Ingvi
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e entrego a pistola para ela.

— Limpe essa merda.

— Onde você vai? — Questiona endurecida, nada satisfeita de receber esse serviço, ao mesmo tempo desconfiada.

— Para o hotel, o que acha? Dallas está me esperando. — Aviso, caminhando pela neve até os portões de grade, previamente aberto, do estacionamento do galpão.

— Você vai querer tirar essas luvas antes de cumprimentá-la. — Ingve cantarola, guardando a arma.

Dou um sorriso em sua direção e passo pelos portões. Os homens se calam e se retesam ao me ver. Cinco soldados de ternos e sobretudos pretos responsáveis por fazer a guarda local. Digamos que se tivessem feito o trabalho deles direito eu não precisaria repreender um maldito garçom por sorrir para o homem errado. Tiro as luvas e jogo para um deles.

Caminho pela calçada molhada e com neve pelos cantos. Alguns poucos passos, menos que um quarteirão, e estou novamente na porta do hotel.

PERIGOSAS ACHERON

Subo pela pequena escadaria branca e os porteiros, de uniforme cinzento, seguram no puxador de aço escovado abrindo a porta dupla de madeira.

Adentro o luxuoso hall de entrada, as mocinhas do balcão param de fofocar sobre suas unhas. O silêncio constrangedor é apenas medo, eles todos me viram socar o garçom e meus soldados o arrastarem para fora do hotel. Acha que eles vão chamar a polícia? Não seriam loucos. Atravesso o hall e adentro o *lounge* do restaurante, sendo encarado pelo maître com o mesmo olhar arregalado de todos.

— Sr. Turgard, que bom que voltou. — O bigodudo tenta fingir um pouco de simpatia, mas eu passo por ele com um revirar de olhos sem paciência e caminho para dentro do salão.

Uma mulher canta com sua voz potente no microfone enquanto um pianista muito habilidoso toca uma melodia chata. Todas as mesas do restaurante estão vazias e as que estão ocupadas é por um grupo de soldados de dentro. Não há outros hóspedes no hotel, fechei todos os quartos. O hotel costumava decorar suas mesas e corredores com samambaias, mas exigi que trocassem por lírios

brancos. Também ordenei que arrancassem os carpetes e reformassem a suíte presidencial.

Todos os meus esforços foram apenas para agradá-la, porém quando retorno para a mesa, Dallas está rangendo os dentes, de braços cruzados sobre o vestido marinho.

— Por que essa cara, demorei? — Solto um sorriso para tentar amenizar sua carranca. Ela não me responde, encaro nossos pratos, ambos intocados e nitidamente mais frios. Ah, é isso, a cara feia dela é fome. — Podia ter comido, não precisava me esperar.

Tiro o sobretudo, ficando apenas de paletó e atiro a peça contra a cadeira de madeira clara do salão do hotel. Sento-me, ajeitando os cabelos para trás. Costumo raspar as laterais e deixar a frente mais comprida. Pego meu copo de vinho tinto e dou um gole demorado, encarando Dallas, que é uma bela mulher de cabelos castanhos ondulados um pouco abaixo do ombro, de traços finos e olhos quase verdes.

— O que foi? Não vai falar nada? — Pego o meu garfo e furo uma batata assada com alecrim, provando a comida. — Coma.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Perdi o apetite quando mandou matar o garçom. — Dallas diz firme.

Uma das coisas que mais gostei nela desde a primeira vez que o vi foi seu timbre de voz único e forte, mas após ouvir sua represália, não sei mais se gosto tanto assim. *Que saco*. Mastigo a batata, meio fria, engulo rapidamente e deixo a coluna ereta.

— Como sabe disso? — Pergunto com um riso nervoso, mas basta olhar para a barra da manga da minha camisa e do paletó, tem sangue. Aposto que a gola também está suja. Talvez o meu rosto. A gravata eu sei que está manchada, mas ela está fazendo um drama *tão* desnecessário.

— Suas roupas estão nojentas, sujas de sangue. — Dallas aponta o óbvio.

— É só sangue. — Explico, furando o grande pedaço de cordeiro e cortando com a faca.

Uma coisa que preciso comentar é que com o movimento o cordeiro expele um caldo sangrento e avermelhado no prato e momentos atrás aprendi que Dallas é vegetariana.

— De um humano.

— Um *lixo* urbano que ousou sorrir para você

PERIGOSAS ACHERON

e me humilhar em público. — Com o pedaço cortado pendurado no garfo de prata maciça, aperto meus dedos com mais força ao redor do cabo.

— Siegfried. — Dallas me chama. Ergo os olhos para ela que se desencostou do encosto da cadeira chegando mais para frente, um pouco por cima do prato de aspargos e purê de abóbora, encarando-me mais de perto. — Só tem nós dois nesse hotel.

— Seus pais e suas irmãs. — Eu a lembro de que o hotel não está completamente vazio. Inclusive, os pais dela estavam hospedados aqui até ontem. — Flerte com um maldito garçom de novo e o próximo a derramar sangue na neve será você.

Sinto apenas o líquido gelado contra o meu rosto. Dallas atira o conteúdo de seu copo contra a minha face.

— Bárbaro. — Diz, tirando o guardanapo de tecido do colo e atirando contra o seu prato intocado de comida.

Irado, ela sai do restaurante batendo os saltos agulha e alguns homens se levantam para ir com ela e fazer o que eu ordenei: proteger essa filha da puta dos nossos inimigos. Estão vendo como ela é

PERIGOSAS ACHERON

ingrata?

Na porta, Dallas quase se bate contra Ingvi, resfolega e passa por ela com ainda mais pressa. Eu pego o guardanapo ao lado do meu prato e limpo meu rosto. Minha melhor amiga senta-se na minha frente, sem tirar o sobretudo.

— Mas que droga, o que foi isso? — Ela passa o dedo no purê de abóbora e prova, fazendo uma cara de quem achou bom.

— Ela está ofendido porque eu disse que ela flertou com o garçom. — Explico, atirando o guardanapo para o lado.

— Vocês estão se dando muito bem, discutindo como verdadeiros amantes! — Ingvi ri e ergue a mão para outro garçom que se aproxima de nós tremendo, com medo de ser o próximo a morrer. — Eu quero o mesmo que ele está comendo.

— S-sim senhora. — O garçom sai rapidamente.

— Então, conversaram? — Ingvi pende a cabeça para o lado apoiando na mão, com o cotovelo por cima da mesa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só sobre o garçom. — Pegó mais uma batata com o garfo e coloco na boca. Suspiro aborrecido e um pouco frustrado, recostando as costas na cadeira. — Primeiro jantar romântico, um desastre.

— Ai, não se preocupe, vocês tem uma vida inteira pela frente! — Minha melhor amiga tenta me animar. — O casamento será logo no fim de semana, só tente não matar mais nenhum garçom até lá.

Solto um suspiro. Engolir a batata de repente se torna algo especialmente difícil. Largo os talheres e pego o copo de vinho, dando um grande gole.

— Foda-se o casamento.

— Sieg, se fizer isso, condenará a permanência da guerra entre as famílias. — Ingvi me repreende.

É verdade, mas se pudesse, eu botaria fogo no casarão que foi alugado para a cerimônia.

Vivo segundo algumas tradições muito antigas da ilha, meus ancestrais eram *vikings* e desde a época mais remota o noivo paga um dote

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

antes de se casar. Mesmo sendo um casamento arranjado, fiz questão de cumprir todas as regras, comprei até um presente para depois do casamento que pretendo dar durante a lua de mel. Estou sendo o melhor noivo do mundo e acho que Dallas devia estar sorrindo, não fazendo um maldito drama.

Há trinta anos atrás nossas famílias assinaram um acordo de que a guerra pelo território urbano iria cessar. Foi bem antes de eu nascer, inclusive. Nossas mães ganharam bebês logo depois! Não faço qualquer distinção entre homens e mulheres, tá, talvez eu prefira homens que são menos cheios de frescuras... Vamos ser sinceros: somos inimigos. A família dela, os Drake, são nossos inimigos! Mesmo durante a trégua houveram fissuras pelas ruas da cidade, troca de tiros em bares e especialmente, a disputa pelo domínio do porto seguiu-se acirrada.

— Essa maldita guerra... — Ralho. — Incinerei os corpos de muitos entes queridos, inclusive o do meu pai, por causa dos Drake! Não vou simplesmente deixar um deles me humilhar flertando com um garçom. Um garçom feio, ainda por cima!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro, né, se fosse bonito, onde estaria a humilhação? Você deixa o ciúmes cegar você. Dallas está apenas te manipulando.

— Ciúmes? — Estreito os olhos com ira. — Eu não estou com ciúmes!

— Se de tudo que eu te falei isso é tudo o que você tem a dizer, eu sinto muito em dizer, meu amigo, mas está sim. — Ingvi me repreende e estica o braço, tirando do arranjo uma das flores de lírio. — Você sabe em que quarto ela está, *seja bonzinho*.

Faço uma careta de desgosto, mas sabendo que ela tem toda razão. A melhor maneira de vencer essa guerra é com esse casamento. Os Drake eventualmente terão que abaixar a guarda e se eu dominar o gênio de Dallas, conseguirei tudo o que eu quiser.

Serei não apenas um marido, mas uma vingança. Uma vingança contra Dallas e contra os seus pais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 02

(Dallas)

As irritantes e potentes batidas na porta não dão um sossego, viro para o lado e cubro a cabeça no travesseiro. *Ele não desiste?*

Persistência. Anotem aí, mais um traço de personalidade de Siegfried Turgard que eu não sei dizer se é uma qualidade ou defeito. Ele também é bruto, egocêntrico, barulhento e bebedor, aliás todos esses *vikings* são.

Acabei de conhecer Siegfried, embora eu já soubesse que estávamos destinados a nos casar há muitos anos. Aliás, não consigo me lembrar nenhuma vez que passei um dia da minha vida sem que tivessem que mencionar o fato. Tanto minha mãe quanto meu pai, sempre apontavam o quanto eu só poderia ir até o jardim de casa, se quisesse sair e fazer alguma diferente além de estudar. É uma grande responsabilidade quando todo mundo espera o dia do seu casamento para considerar que as famílias estão em paz.

Herdei uma guerra ancestral. Não sei exatamente porquê. Talvez seja apenas o cúmulo do destino, o tal do *nascer na hora errada, no lugar errado*.

Vim para essa ilha no meio do pacífico e embora eu tenha ficado um pouco animada com a possibilidade de finalmente deixar os muros da mansão em que eu morava no Canadá, já me arrependo de ter vindo! Não estou acostumada com derramamento de sangue, especialmente, um no qual nenhuma causa verdadeiramente necessária estava por trás.

Escuto o destravar da maçaneta eletrônica e a porta abre, um quadrado de luz se forma no assoalho, iluminando um pouco o quarto. *Não acredito!* Tiro o travesseiro da cabeça e me sento na cama.

— Você invadiu o meu quarto, seu desgraçado? — Atiro o travesseiro contra a porta, acertando Siegfried, que apenas pisca os olhos nada impressionado. Claro, um travesseiro não é exatamente algo que causa dor.

— Estou batendo há mais de uma hora sem obter uma resposta, comecei a achar que

escorregou no banheiro, bateu a cabeça e morreu. — Siegfried dá um passo para frente invadindo o quarto. Sua bota de neve tem o bico anti-choque pesado, fazendo um barulho oco e que deve ser assustador para seus oponentes.

— Ah, você ia adorar. Seus problemas acabariam. — Cruzo os braços, enquanto Siegfried soca o interruptor de luz acendendo o interior do quarto e fecha a porta atrás de si. Ele está segurando um lírio branco, que nitidamente tirou do arranjo da mesa, o que me faz estreitar os olhos.

É uma visão peculiar ver aquele homem bruto, cheio de tatuagens que escapam pelas bordas de suas roupas nos punhos, mãos e pescoço, com um piercing no nariz, cabelos extremamente claros raspados como um punk e barba grossa, segurando uma flor delicada em suas mãos, sem esmagá-la.

— Dallas, o menor dos meus problemas é você. Ou um garçom estúpido. — Siegfried se aproxima, falando um inglês cheio de sotaque que soa tão bruto quanto seus músculos fortes, que só imagino que existem debaixo daquela roupa de frio toda. Solto um suspiro e ele me oferece a flor, sugerindo trégua.

— Mas você o matou.

— Claro. Não teria outra opção. — Ele balança a flor na minha frente. — Pegue logo, é para você. — Insiste, com os olhos azuis como as geleiras da ilha sobre mim. Estico a mão, pego a flor e cruzo as pernas sentando debaixo do cobertor. Sim, estou de pijama, eu estava querendo que ele fosse embora para eu ir dormir. — Foram todos muito bem instruídos e o que ele estava fazendo ia contra minhas ordens. — Siegfried senta-se na ponta da cama king size, com aquelas roupas nojentas.

— Não sente aí!

— Você sabe como as coisas são. — Siegfried me encara como quem não vai levantar e continua falando. — Se eu deixar que pensem que podem me desrespeitar, não será apenas um.

— Você pelo menos lavou as mãos? — Rosno, entre dentes. Ele franze as sobrancelhas claras e quase transparentes, sem me entender. — Os germes. O sangue... — Enumero. — Está sujando a minha cama.

— Que merda, você é mais fresca que Alyssa! — Ele se levanta, desatando o nó da PERIGOSAS ACHERON

gravata e atirando-a dentro do lixo. Fico calado, quem diabos é Alyssa? — Minha irmã do meio, mas também, ela é uma *kindred* e das boas. Até eu fico parecendo um covarde do lado dela.

— Isso eu duvido muito. — Comento, olhando para o lado, onde tem um criado mudo e soltando a flor ali por cima, ao lado do meu Rolex Lady Datejust *everose gold* com diamantes. — O seu apelido é *berserk*. Não sabia o porquê, até agora.

— É, talvez eu seja um pouco... — Ele coça a cabeça na parte de trás, escolhendo as palavras, passeando pelo quarto, andando de lá para cá na frente da cama, incapaz de ficar quieto.

— Violento? — Sugiro.

Siegfried para de andar e me encara com um sorriso, como se eu tivesse feito um elogio. E não, não foi!

— Estava pensando em “estressado”.

— Muito mais que isso. — Cruzo os braços.

— Ainda está brava?

— Um pouco... — Empurro os cabelos longos e ondulados para trás do ombro. — Você

PERIGOSAS NACIONAIS

matou o garçom por ser simpático comigo e invadiu o meu quarto.

— Eu trouxe uma flor. — Siegfried range os dentes, aborrecido, como se eu devesse considerar aquela flor um presente.

— Sim, mas...

— E você não precisa de ninguém sendo *simpático* com você, só eu. — Siegfried me interrompe dando ênfase no adjetivo pesando seu significado enquanto caminha se aproximando da cama novamente, ficando do meu lado. Percebo que ele não se senta dessa vez.

— Gosto de pessoas simpáticas, Siegfried, acho que ser agradável é parte da educação. Será que você se importa de dizer que os funcionários do hotel podem ser educados comigo? — Peço, com um sorriso um tanto maquiavélico enfeitando o rosto, coloco as mãos para trás, apoiando os cotovelos no travesseiro, a verdade é que quero ver até onde *ele está disposto a ir*. — Estou em um país que mal compreendo a língua que é falada, frio, muito longe da minha casa. Seja compreensivo e não saia matando pessoas. Odeio o cheiro de sangue.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Indisposto, ele cruza os braços de forma brusca, os músculos contraem e quase estouram a trama de suas roupas, que esticam até o limite e não deixam dobras. Siegfried é como um urso polar. Grande, forte, perigoso, que ruge para te assustar. Mas eu já conhecia a sua fama.

Antes de virmos, minha irmã do meio Pandora, fez uma investigação sobre Siegfried. Ela não queria que eu viesse no escuro e agradei por ela ser uma habilidosa hacker e por trabalhar no setor investigativo da organização. Ela conseguiu levantar um perfil baseado em hábitos de compras no cartão de crédito, movimentação bancária e outras coisas, como invadir as câmeras de segurança. Vi um vídeo de Siegfried urinando em um devedor, como forma de tortura. Ele é um *animal irracional*. Sabe o tipo de pessoa que gasta fortunas com cerveja e em noitadas? Pagando por profissionais do sexo e colecionando armas estranhas que deveriam ficar em museus de tortura medievais... Não sei o que ele quer com tudo isso, mas deve estar cheio de *doenças*!

— E você pensa que me convence com esse drama por qual motivo? — Ele nem pisca, me

PERIGOSAS ACHERON

encarando profundamente. — Sei que você é muito bem treinada e um assassina, no melhor estilo *Drake* de ser. Sua família não é de padres, pensa que não sei?

— E daí? Existem outros métodos, inclusive mais limpos, de se matar alguém.

— Tomei banho antes de vir para o jantar, comprei até um terno. — Ele se aponta, como se eu não considerasse tudo isso. Inclusive, quando o encontrei no restaurante, ele estava cheirando bem, com um perfume sensual que quase me fez cair sentada na cadeira, mas agora, o cheiro de ferrugem que ele exala não me agrada em nada. — Se quiser, tomo outro banho agora mesmo.

— Tire essa ideia da cabeça, você não vai dormir na minha cama antes do casamento. — Eu me sento abruptamente e cruzo os braços, bloqueando-o.

Siegfried sorri, nada intimidado por minha postura e um homem com sua fama não deve mesmo se espantar com muita coisa. Ele estica a mão, para tocar em meus cabelos e eu seguro em seu pulso impedindo-o.

— Não encoste em mim sem lavar as mãos

PERIGOSAS ACHERON

antes.

— Belos reflexos. — Os olhos dele até brilham de satisfação, ele se solta com agilidade, girando o braço e me empurrando contra a cama, colocando um joelho no colchão. Sinto apenas o impacto macio, mas rude, enquanto suas mãos seguram meus braços no alto da cama. — Fique sabendo que nós *vikings* não temos essa ridícula tradição de cultuar a virgindade...

— Quem disse que sou virgem?

— Melhor ainda. — Ele sobe por cima de mim, me apertando contra a cama, seu rosto muito perto do meu, de forma que o cheiro de sangue morto em sua barba me incomoda. — Gostamos mesmo das mais experientes.

— Saia de cima de mim agora. — Aviso, rangendo os dentes, tento soltar minhas mãos, mas ele segura-as com força, tenho certeza que ficarei com marcas nos braços depois disso. — Siegfried, saia!

— Está muito bom aqui.

— Já passa de meia noite e deve respeitar a tradição de que os noivos não podem se ver por

vinte e quatro horas antes do casamento.

— Que besteira! — Ele gargalha, fazendo o meu corpo chacoalhar. — Vou te dar essa vantagem, em consideração ao fato de que sua vida toda foi como a de um passarinho assustado protegido por uma gaiola. — Sua barba roça em meu rosto, escovando e ele funga meu pescoço. Fecho os olhos apenas desejando que ele vá embora, com o coração palpitando forte. — Mas se acostume com a ideia de que é uma questão de tempo para você ser definitivamente *minha*.

Siegfried beija meu rosto e se afasta, pulando para fora da cama, rindo e saindo do quarto. Ele abre a porta e eu me sento, respirando como alguém que se afogou em uma piscina.

— Chame alguém para trocar os lençóis! — Grito.

Ele estala a língua nos dentes e sai do quarto, fechando a porta.



— E você não aproveitou nada? — Pandora

PERIGOSAS ACHERON

sorri por entre seus lábios pintados de gloss rosado, exibindo dentes simétricos. Seus olhos azuis se abaixam para a xícara de café. — Que desperdício, Dallas, um deus nórdico daqueles!

Tiro os olhos da grande janela na frente do balcão de madeira em que estamos sentados em cadeiras altas para encarar minha irmã. Seu casaco impermeável azul marinho está apoiado em sua cadeira e ela usa um suéter azul clarinho que deixam seus olhos ainda mais belos e brilhantes.

Pandora tem os cabelos cortados em *chanel*, em um tom castanhos escuros e ondulados, seu celular ultramoderno e cheio de aplicativos que nem mesmo um agente da CIA sabe que existem, mas com uma capinha brilhante e cor-de-rosa que toda menina adora ter. Ela é apenas dois anos mais jovem que eu, mas já terminou a segunda faculdade, um gênio da matemática e uma total sem jeito para relações pessoais, que se esconde na timidez e nos livros de romance que adora ler.

Olho para os lados, tendo certeza que ninguém está escutando nossa conversa. Até que nos misturamos bem com a população, embora fique óbvio que somos turistas e pessoas

importantes, especialmente quando os soldados da máfia fecham o café para que possamos degustar de duas xícaras de qualquer coisa escolhida na sorte no cardápio. Na verdade, Pandora até usou um aplicativo de tradução de imagens, mas eu não estava com cabeça e nem prestei muita atenção, só exigi que viesse algum café aromatizado com qualquer coisa bem alcóolica.

O local é extremamente agradável, colorido, meio mal organizado com prateleiras cheias demais que dão um charme aconchegante, uma empresa familiar com certeza. Apesar do chão molhado e a neve que se acumula nas calçadas, dentro de todos os locais é bem quente por causa do sistema de calefação e ficam bem cheios de gente. As pessoas saem de suas casas para variar o ambiente. Eu sei bem como elas podem se sentir presas em um mesmo lugar, não que eu tenha direito de reclamar quando morei em uma mansão que tinha inclusive lojas no andar de baixo, mas, ei, uma pessoa fica de saco cheio de não ter mais opções.

— Não diga essas coisas, Siegfried é por demais desagradável. — Reviro os olhos querendo esquecer, tiro a xícara do pires e dou um gole no

café com gosto de amêndoas. Pandora ergue as sobrancelhas bem desenhadas por um estilista famoso, querendo mais detalhes. — Vou confessar que lavei o rosto sete vezes depois que ele saiu, incomodada com a sensação de sua barba na minha pele que parecia mais marcada que as tatuagens que ele possui.

— Ai, eu sabia! — Ela bate as mãos finas, de unhas compridas e esmaltadas de cor-de-rosa, com animação. — Aposto que ficou excitada!

— Claro que não, ele estava com a barba cheia de sangue, matou um garçom, lembra? Eu estava irada.

— Que bruto. — Ela sorri pegando sua xícara e dando um gole rápido, apoiando-a de novo no pires. Ela pega a bolachinha de nozes que veio no pires, mas antes de colocar na boca, comenta: — Se todos esses *kindreds* (1) forem assim, vou ficar com a calcinha molhada o tempo todo!

— Nem pense. Se fizer qualquer coisa, o pai te mata.

— E o Sr. Drake não tem nada a ver com isso, se você não contar, eu não vou contar... — Ela coloca a mão livre no ombro, fazendo charme. — E
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele nunca vai saber! — Encerra colocando a bolacha na boca, mastigando.

— Que bom que ele está ocupado demais com as negociações do casamento para prestar atenção em você aprontando mais das suas, não é? — Friso, dando mais um gole no café.

— Ele está muito ocupado procurando a gravata perfeita para usar amanhã. Você seja boazinha e curta a sua folga sem sorrir para mais ninguém e não aborreça o seu futuro marido.

— Não diga isso assim.

— Só disse verdades. — Ela encosta a cabeça na mão e fica me encarando, observando enquanto termino o café. — Essa cidade é tão monótona que não sei onde devo levar você para a despedida de solteira!

— De que adianta? Se eu for para qualquer lugar aquele *viking* vai aparecer para me tirar de lá, daqui a pouco estou usando uma coleira com o nome dele em dourado!

— Hmmm, eu gostaria de ver isso. — Ela lambe o gloss, incapaz de esconder o sorrisinho detestável de deboche.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, pare.

— Dallas Drake, finalmente *domada*! — Ignorando os avisos, ela continua rindo, tapando a boca e alcançando o celular. — Vamos ver se encontro um bom lugar para sua despedida de solteiro, não vou deixar o minha irmã favorito e melhor amiga se casar sem uma festa à altura!

— Sabe que não gosto de multidões e não aprecio confusão, querida irmã. Sei que quer ir para uma festa e me usar como desculpa, mas vou passar! — Reviro os olhos e desço da banqueta, pegando o casaco cinza de lã e vestindo. Alcanço as luvas de couro ao lado da xícara vazia. — Quero conhecer a cidade, vamos para um museu.

— Claro, ótimo! — Ela rapidamente digita em seu celular. — Tem um museu mesmo que eu quero te levar, vai ser imprescindível para agregar conhecimentos para a lua de mel.

— Qual? O museu de história viking? — Pego minha bolsa Hermes branca.

— Não, o *Museu Falológico Islandês*. — Ela dá uma gargalhada, pisando com as botinas de salto fino no assoalho. — O museu do pênis!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, vai se ferrar! — Até me afasto dela, dando passos em direção a porta de saída. Os soldados de ternos pretos se levantam de suas cadeiras e dois deles se adiantam, abrindo a porta, deixando o vento frio entrar, um deles checa a rua antes de me deixar sair.

Pandora vem atrás de mim, colocando a bolsa *Balmain* de couro cor-de-rosa com pedrarias de ouro. Minha irmã tem uma coleção de sapatos e bolsas que precisa de dois quartos para ser guardada, mas sua paixão mesmo são computadores e outros eletrônicos, como videogames e um simulador espacial réplica de um que tem na NASA, presente de Natal de nossos pais.

— Você adora arte e quanto mais esquisita melhor. — Ela fecha o zíper da jaqueta cobrindo o corpo, colocando o capuz para se proteger do vento frio. — Li que o maior exemplar exposto é o pênis de uma baleia azul.

— Depois de ontem, prefiro evitar qualquer localidade que se transforme em uma “DR” com Siegfried depois.

— Uau! — Ela aponta o celular para mim e

PERIGOSAS ACHERON

tira uma foto, enquanto estou assoprando as mãos para me livrar um pouco da sensação de frio antes de por as luvas, se você fizer isso, ficam mais quentes. — Que momento histórico para a humanidade, o dia que Dallas Drake evitou uma discussão! Vou considerar que isso é uma prova de amor, sabe, quando os namorados mudam seus hábitos em prol do relacionamento.

— Em prol da minha sanidade, Pandora, da minha sanidade. — Prendo o botão das luvas no pulso e caminho pela calçada em direção ao 4x4 blindado que nos espera. Minha irmã costuma andar de moto, mas nesse frio, até ela prefere o conforto de um luxuoso veículo. — Se tem algo que aprendi sobre Siegfried Turgard é que ele não conhece limites. Se eu quiser vencer esse jogo, tenho que saber quais são os limites dele.

— Pelo amor de Deus, Dallas, é uma lua de mel, não uma guerra. — Pandora exaspera guardando o seu celular.

Um soldado loiro de óculos escuros abre a porta do carro para nós. Pandora confere cada pedacinho do corpo desse homem.

— Não se esqueça de que nossas famílias são

PERIGOSAS NACIONAIS

inimigas. — Eu a lembro, em pé na frente do veículo, antes de entrar.

É de repente que acontece, escuto os barulhos dos disparos violentos de um rifle, os vidros do café quebrando e os soldados gritando em uma língua incompreensível. Pandora se assusta, se abaixando, até que um dos soldados puxa o meu braço para me abaixar e me joga dentro do carro, empurrando minha irmã em seguida. O motorista não liga o motor para sair da vaga e percebo sua janela aberta, o sangue na parte de dentro do para-brisa, escorrendo.

(1) Kindreds: Significa familiares, parentes, mas na família viking, significa qualquer um que tenha feito um pacto e seja da organização.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 03

(Siegfried)

O celular vibrou na minha mão, olhei o visor, vendo o número da Sra. Dagmar Turgard, minha mãe. Ela provavelmente estava irada com o meu atraso. O sol já se escondia detrás das montanhas, pintando o céu de nuvens douradas. Nessa época do ano as estradas ficam cheias de turistas em suas *motorhomes* alugadas para ver as luzes da aurora boreal.

Eu tinha saído da cidade, para cumprir minha jornada de noivo e não estava disposto a interrompê-la tão perto do final por conta de algumas poucas obrigações. Há tradições que temos de seguir e todas são igualmente importantes, eu as levo muito a sério.

— Aqui está. — Entrego o bolo de dinheiro para a luva de couro suja do homem com chapéu de cowboy mastigando um palito de dentes. As botas afundam na terra molhada e com pouco de neve.

O fazendeiro se desencosta de sua 4x4
PERIGOSAS ACHERON

prateada e confere o dinheiro, dando um sorriso quase sem dentes. Satisfeito, ele guarda o bolo de notas em seu bolso frontal da jaqueta, assovia e acena com o braço permitindo que me entreguem a carga.

Os mais de vinte bodes brancos passam por entre os veículos sendo levados pelo fazendeiro até a carreta marrom e azul de transporte.

— Você não acha que está exagerando na quantidade, Sieg? — Encostado no capô do carro com os cabelos dourados balançando ao vento, meu amigo de infância e homem de armas, Ulrich, ergue as sobrancelhas por cima dos óculos de sol de armação Ray Ban, impressionado.

Conheço Ulrich desde a infância, estudamos juntos e claro que eu poderia contar com ele para a *jornada do noivo*. Mulheres não podem acompanhar, caso contrário minha amiga e pessoa que mais confio, Ingvi estaria aqui comigo. Ulrich engana fácil, ele é bem alto e tem músculos quase estourando a carne de seus braços de tão inflados, mas seu sorriso fácil e seu bom coração o deixam sempre em momentos vulneráveis, especialmente com mulheres. O típico grandalhão que só assusta

PERIGOSAS NACIONAIS

com seu tamanho, mas tem um temperamento afável.

— Não me chame de louco. — Dou um basta erguendo a mão no ar. — Quero garantir que Thor fique satisfeito com a oferenda e abençoe meu casamento.

— Mas vinte?! — Ulrich ainda não compreende, acompanhando com o olhar os bodes que sobem pela rampa de paletes. — O que pode acontecer de errado em um casamento cujo o noivado levou mais de vinte anos?

— Se você conhecesse Dallas da forma que conheço, não me faria essa pergunta estúpida, Ulrich.

Meu amigo tira o celular do bolso e encara o visor, interrompendo a conversa, desencostando do capô.

— Espere, sua mãe está me ligando. — Ele se afasta com seu celular voltado para o alto procurando mais sinal para atendê-la, seus cabelos loiros claros se jogam de um lado para o outro conforme ele procura uma posição cujo sinal seja satisfatório.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sei que Dagmar vai nos dar aquela bronca, pois marcamos com a joalheria para entregar as alianças nesse horário e eu tenho que aprová-las. Alianças sagradas usadas em casamentos vikings devem ser produzida com grande meticulosidade, obedecem uma proporção única, como um visgo enrolado e deve ter uma extremidade aberta. São usadas para o *handfasting*, quando ocorre a amarração sagrada dos noivos, e depois, usamos como pulseiras ao redor dos pulsos como sinal de união.

— E a outra carga? — Pergunto ao dono da fazenda, ouvindo os passos secos do meu amigo na mistura de areia e neve das montanhas.

A região é especialmente montanhosa, mas entre vales e pequenos montes. As estradas por aqui são asfaltadas. Eu já estive em alguns cantos do mundo em diversas viagens, mas as capitais com grandes prédios e poluição são uma droga se comparados com a beleza da Islândia. Eu gosto da calma, dos esportes radicais e especialmente da paisagem.

— Você vai gostar dela. — O homem de rosto sujo e enrugado sorri largamente. Ele abre a

PERIGOSAS ACHERON

porta do carro e tira uma maleta prateada de dentro, retangular, que coloca em cima do capô. O som ecoa, enquanto ele abre a maleta e mostra uma pistola antiquada Viking Combat .45CP automática, fabricada em 1911, uma modificação da Colt americana. — Cromada e personalizada com o cabo em marfim e ouro, coloquei diamantes como pediu.

Olho rapidamente a arma, dando um sorriso satisfeito. Outra tradição viking é presentear com uma arma, antigamente usava-se espada, mas atualmente é mais simbólico que sejam pistolas, meio óbvio. É um sinal de que protegeremos nossas noivas.

— Perfeito, vai querer quanto por ela?

— Absolutamente nada, Siegfried. — O homem fecha a maleta e empurra na minha direção. Não, ele não é meu amigo íntimo, apenas é muito difícil alguém te tratar pelo sobrenome por aqui, exceto que queira ser extremamente formal por algum motivo. — O senhor é muito bom para nós, é um presente.

— Lembrarei disso futuramente.

— Sieg! Sieg! — Ulrich me chama

PERIGOSAS ACHERON

balançando uma das mãos de forma frenética. Aposto que minha mãe quer encher o meu saco pessoalmente.

Dou o dedo do meio na direção do meu amigo, que abre a boca e coloca uma das mãos na cintura, falando no celular. Pego a maleta, puxando o segurador de couro. Estendo a mão para o fazendeiro.

— Foi um prazer, Gustav.

O homem tira sua luva suja da lida com os bodes e segura em minha mão de forma firme, abaixando a cabeça em reverência simples. Suas unhas estão com terra na parte de dentro e a mão é áspera, de quem trabalha demais.

— Sieg, seu cretino! — Ulrich berra, impaciente.

— Urgh... — Resmungo de forma que não quer dizer nada, só um resmungo, mesmo!

Caminho até perto do meu colega, que se adianta na minha direção, ele está com uma cara horrível de pânico. Nossa, Dagmar deve ter falado umas poucas e boas para ele, eu sei que quando ela quer, ela consegue estorvar.

Ulrich me entrega o celular e solta:

— Sequestraram Dallas.

— Mas já? O casamento é só amanhã. —
Reclamo demorando para colocar o telefone na orelha.

Outra tradição comum é o sequestro da “noiva” pelas mulheres da família, mas estou até surpreso que Ingvi e minha irmã tenham conseguido convencê-la a entrar no jogo *viking*, se ontem mesmo minha *nada doce* noiva atirou o vinho na minha cara e disse que eu era um bárbaro. Ela ficará horrorizado com as tradições de casamento, mas quer saber? Acho ótimo, será só o começo da vingança.

— Não, seu estúpido. — Ulrich pega o meu pulso e coloca o telefone na minha orelha, para eu atender logo. — Digo, sequestraram, sequestraram mesmo.

— O quê? — O sangue gelado vira lava dentro das minhas veias, as palpitações cardíacas se aceleram. — *Quem foram os malditos?!*

— Que merda você está fazendo que não me atende, Siegfried? — A voz esganiçada de minha

PERIGOSAS NACIONAIS

mãe rompe pelo aparelho, exalo ar pelo nariz como um touro, entregando a maleta com a arma para meu amigo e vou caminhando, descendo o pequeno monte pelas pedras, até onde minha moto está estacionada. Coloco o dedo no outro ouvido para bloquear o barulho do vento.

— Onde foi que aconteceu? — Corto, querendo saber dos detalhes.

— Aconteceu há alguns minutos no centro, perdemos alguns dos nossos. — Dagmar fala paciente e devagar o que me dá nos nervos. Consigo imaginar a esguia e ativa mulher loira de rosto alongado batendo lentamente as unhas na mesa, provavelmente do seu escritório em casa, sentada de forma elegante. — Não temos como ter certeza quem está por trás disso por enquanto, mas ela está desarmada.

— Filhos de uma vaca estéril!

— Pandora conseguiu localizar o furgão por satélite, estão pela Rota 1, em direção à *Hringvegur*. — Dagmar avisa. — Onde você está? Venha já para casa, vou organizar uma busca.

— Estou na Rota 1, interceptarei os desgraçados pelo caminho.

PERIGOSAS ACHERON

— Ótimo. Deixe um deles vivo para interrogatório, Siegfried. — Ela ordena, seca.

— Nem fodendo. — Dou uma risada, desligo a ligação e jogo o celular para Ulrich no alto, que pega desajeitado com uma mão, segurando a maleta com a outra. — Esse dia não poderia ficar melhor.

— Melhor? — Ulrich indaga, guardando o celular no bolso.

— Leve os bodes para a fazenda e vá pegar a minha cama na marcenaria. — Seguro o capacete, as camas também são feitas por encomenda, uma oferenda à Frigga.

— E onde você vai? — Ulrich não tenta me impedir, claro, ele não seria doido, no máximo se ofereceria para ir comigo, mas posso lidar com alguns arruaceiros sozinho.

Dou um sorriso sacana e coloco o capacete, cobrindo o rosto.

— Vou caçar. — Seguro no guidom montando na minha monstruosa BMW R1200RT preta, é uma motocicleta de cidade, com pneus de aro pequeno, mas suficiente para seguir um furgão.

Meu amigo fica parado. Ronco o motor da

moto e arranco levantando a roda da frente como se ela fosse um cavalo. A poeira levanta atrás de mim.



Alguns minutos depois e estou seguindo em grandiosa velocidade pela estrada. Passei alguns furgões, mas eram de turistas. Vi um acampamento de jovens tentando arrumar uma fogueira para assar comida e nenhum sinal do suposto furgão que sequestrou minha noiva.

O barulho do motor da motocicleta ecoa pelas montanhas e compete com o barulho do vento em meus ouvidos. O que vejo é uma imensidão de colinas e as pequenas estradas. Talvez seja melhor contatar os soldados e me atualizar da situação. O vento gelado atravessa as frestas pelo capacete e minhas roupas, queimando a pele, mas eu acho a sensação dolorida algo refrescante.

Algo chama a minha atenção na pista, rapidamente passo por alguns cacos de vidros e um corpo de um homem vestindo roupas pretas sangrando no chão, como ele usa um capuz

PERIGOSAS NACIONAIS

cobrindo o rosto, percebo que pode ser um dos sequestradores. *Para Hela com isso!*

Acelero a motocicleta ao máximo do dirigível e continuo seguindo pela estrada, há marcas escuras de pneu no asfalto e o cheiro de borracha queimada que indicam que há pouco o furgão fez freadas bruscas. É perceptível que ele perdeu o controle diversas vezes, ziguezagueando pela Rota 1. Passo por uma fileira de projéteis dourados, um rifle descarregado largado no canto da estrada, provavelmente perdido pelos sequestradores. Uma luxuosa ankle boots feminina e marrom no meio de uma poça de sangue faz o meu coração pesar como uma âncora.

Avisto um segundo corpo no chão torto, com braços e pernas nitidamente quebrados, como quem se arrastou metros no asfalto e começo a ficar mesmo preocupado. *O que está acontecendo?* Tento olhar para ver quem é o homem, mas está igualmente de capuz preto.

Tenho que frear bruscamente ao ver o furgão e a motocicleta vai diminuindo de velocidade. Acelero mais um pouco e aproximo-me devagar do furgão preto. Meu coração bate totalmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

descompassado como um tambor esmurrado por um macaco, chego a ouvir as batidas do meu coração por cima do barulho do motor, me ensurdecendo completamente.

Os pneus estão arriados, as portas abertas e há cacos de vidro ao redor. Ainda assim, o furgão parece ter sido precisamente estacionado. A vidraça da parte detrás está espatifada, uma porta está faltando, o que explica os corpos no asfalto. Há sangue no interior da carreta e uma mancha enorme vermelha se arrasta pelo asfalto, até um homem, que está pendurado por uma janela, com tiros sangrentos na jaqueta, ainda pingando. Outro homem foi arrastado enquanto o furgão andava, seu rosto está desfigurado e pedaços de seu cérebro perto dele.

Estaciono a moto e coloco o pé no chão. Encaro Dallas, em pé, encostada no furgão, com um sapato faltando e com as mãos no bolso. *Que nuvem tempestuosa.* Desligo a moto, prendendo-a de lado e desço, puxando o capacete. O vento gelado explode contra meu rosto. Estou suando de nervoso, mas ao mesmo tempo, incrivelmente aliviado por ver que Dallas está viva.

PERIGOSAS ACHERON

— Que porra é essa? — Caminho até ela. O cheiro de sangue é fresco, acredito que Dallas foi se livrando dos malditos enquanto eu estava chegando. — Você fez isso sozinha?

— Hm. Sim. — Dallas desencosta do furgão e tira as mãos do bolso.

Ela está de luvas, mas há respingos de sangue em sua roupa. Suas mãos estão mais trêmulas que seus olhos quase-verdes. Eu não sei como ela conseguiu se livrar desses caras! Dallas está tremendo, não sei se de medo ou frio, talvez os dois.

— Como?! — Nem consigo acreditar.

— Qual o seu problema, achou que sou uma maldita princesa precisando de um resgate, seu desgraçado? — Ela me xinga indigesto.

Sei que diferente de mim essa não é uma realidade que Dallas enfrenta todos os dias, e tenho minhas dúvidas de quantas vezes algo assim aconteceu, visto que ela não tinha permissão para sair da mansão em que morava com muita frequência.

Eu tinha uns nove anos quando fui informado

de uma tentativa de sequestro, um dos motivos para a família Drake ter saído da Islândia e ido para o Canadá, de onde seus ancestrais haviam chegado, inclusive. Aos doze anos, houve mais um ataque e sei que a mãe dela e de Pandora foi assassinada na frente de seus filhos nesse processo. É, eu sei bastante coisa sobre Dallas e ainda me lembro de quando éramos crianças saudáveis que nem sabiam do real significado de uma palavra tão forte como *casamento*.

As memórias da primeira grande batalha na rua que enfrentei ainda estão vívidas dentro de mim. Às vezes acordo de noite com lembranças das coisas terríveis que tive de fazer, ou com a trágica morte de meu pai. Talvez por isso eu seja tão brutal ao encontrar inimigos, descarregando neles o peso da guerra: se eu gerar memórias horríveis nos outros, não terão muitas chances de gerar em mim.

— Cale essa boca, vem aqui. — É pensando em tudo isso que, diante de Dallas, envolvo meus braços ao redor dela, abraçando-a.

— O que está fazendo? — Dallas resmunga, amassando a bochecha em meu corpo, com os braços para baixo. — Minhas roupas estão sujas.

— Ao contrário de você, não tenho essas frescuras, Dallas. — Inspiro, absorvendo o perfume do shampoo luxuoso de seus cabelos e sinto enganchar as mãos em meus braços. — E queria que você soubesse que *estou aqui*, que você está segura agora.

Dallas não diz nada, mas não me afasta, aceitando meu abraço, o que é um grande avanço. Fico um tempo apenas amparando-a em meus braços, com a mão em sua nuca, os seios fartos apertados contra meu corpo. Ela respira de forma contida, controlando o seu emocional de uma forma que não sei se é saudável. Dagmar sempre me disse que se você guardar muita coisa no seu coração, ele explode.

Eu facilmente me irrita diante da fraqueza, mas alguma coisa nesse momento corta essa irritação. Talvez seja o fato de que mesmo se sentindo mal, Dallas luta contra seus sentimentos, forçando-se a não desabar, o que me faz admirá-la ainda mais, ou simplesmente a forma que ela me deixa de pau duro. *Por Tyr! Ela detonou com os caras!*

Jogo os olhos para o céu e as montanhas,

PERIGOSAS NACIONAIS

vendo o sol se pôr com pressa, as estrelas surgindo como pontos de tinta no céu. Afasto-me um pouco, dou um beijo na têmpora de Dallas e guio para longe do furgão.

— Tenho um capacete extra na moto, vamos sair daqui.

— Onde vamos?

— Eu te levaria para cama agora mesmo, arrancaria suas roupas e te foderia eternamente, mas você está com pudores absurdos por causa do casamento. — Desço a mão por suas costas, por sua lombar.

— Tire suas mãos de mim. — Dallas me empurra com uma espécie de soco para o lado e toma o meu capacete, demonstrando irritação com minhas palavras. Ela para diante da moto e me encara, virando de frente para mim. — Não deveríamos nos encontrar hoje, mas agradeço por ter vindo.

Observo enquanto ela prende os cabelos em um elástico para colocar o capacete branco, não consigo conter um sorriso. Dallas percebe e estreita os olhos, como se o que eu estivesse fazendo fosse um deboche.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu vou sempre encontrar você, Dallas.

Dallas esconde o sorriso que quer se formar em sua boca gostosa colocando o capacete e fechando a tampa. Pego um segundo capacete no bagageiro e um cachecol, que entrego para ela e subo na motocicleta. Assim que acaba de enrolar o cachecol listrado no pescoço, ajudo Dallas a sentar-se atrás de mim oferecendo o braço como apoio. A moto desce um pouco com o peso extra, mas a sensação incrível de suas coxas encostando nas minhas só perde para a satisfação sem igual que sinto quando seus braços envolvem a minha cintura. Quero ver essa desgraçada gemendo embaixo de mim, agora! É uma droga ter que esperar mais algumas horas.

Acelero a moto, dando uma arrancada potente, só para sentir os braços de Dallas apertando mais forte meu corpo. Dirijo um pouco pela estrada, em um determinado ponto viro a moto e pego a *ankle boots* do asfalto dirigindo em alta velocidade.

Mais tarde, somos encontrados pelos guardas que vieram fazer o reforço e limpar a bagunça, quando estou ajoelhado diante de Dallas colocando

PERIGOSAS NACIONAIS

o sapato resgatado em seus pés enquanto ela está encostada na moto.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 04

(Dallas)

— E minha irmã? — Seguro o copo de papelão branco aquecido pelo café em seu interior.

A cafeteria fica na beira da cidade e é bem frequentado. O local está movimentado com moradores entrando e saindo, muitos aproveitam para comer alguma coisa. Com paredes pintadas com um cor de rosa escuro estranho, criando uma decoração moderna de cadeiras amarelas e mesa verde-limão, até que o lugar não era ruim, o problema estava em mim.

Ao verem minhas roupas sujas e as tatuagens na mão de Siegfried, é óbvio que todos os moradores locais imaginam do que se trata, mas nenhum deles irá mexer conosco, não nessa área pelo menos.

— Pandora está bem. — Os olhos claros como um céu sem nuvens estão amáveis. E quentes. Solto um suspiro ao ouvir a notícia. Que bom! — Ela quem ajudou a encontrar você através PERIGOSAS ACHERON

da geolocalização do aparelho celular. Surpreendente.

Siegfried ajeita a jaqueta preta com gola aviador e puxa uma cadeira da mesa, gira, sentando-se com as mãos apoiadas no encosto. O contorno de sua barba está avermelhado do frio, os lábios rachados, indicando o quanto ele acelerou aquela moto barulhenta para chegar logo.

Jogo os olhos na lixeira do café onde descartei as luvas que eu estava usando fora. Lavei as mãos umas dez vezes, mas ainda sinto como se ela estivessem sujas. Não estou em meus melhores dias e detesto o fato de que ele está olhando para mim nessas condições.

— Beba o seu café. — Sua voz de timbre firme corta o breve silêncio.

Coloco a borda da tampa marrom do copo plástico na boca e provo o café. A temperatura do líquido me aquece amenizando o desconforto e o sabor amargo me desperta.

— Anda, desembuxa. Como você matou aqueles caras? — Siegfried pergunta coçando o nariz com o punho cerrado, balançando o piercing.

— Não lembro direito o que aconteceu. — Solto o copo por cima da mesa. Na porta do lado de fora tem um guarda em pé com os braços para frente e um ponto de escuta, novos clientes não entram no café e os que estavam dentro aos poucos saem. — Foi tão traumático que esqueci.

— Hm. — Ele resmunga sem acreditar em minhas palavras e enfia as mãos grandes dentro dos bolsos da jaqueta, tirando o cigarro e o isqueiro. É proibido fumar em público em diversos lugares abertos nessa ilha, porém, algumas salas para fumantes são liberadas, não é bem onde estamos, inclusive no canto da parede há um sinal de proibição que Siegfried ignora. — Conta outra, Dallas.

— Ué. — Dou de ombros tentando fugir do assunto.

— Fiz o cacete pra chegar lá, o mínimo que mereço é saber o que aconteceu *de verdade*. E é melhor contar agora, Dallas. — Siegfried rosna, meio bravo, colocando o cigarro entre os lábios, acendendo o isqueiro que faz seus olhos flamejarem.

Ih, lá vem. O humor de Siegfried é uma

PERIGOSAS ACHERON

verdadeira montanha russa e eu não decidi se isso me irrita ou me intriga. Seus olhos procuram me desvendar por completo, enquanto ele queima a ponta do cigarro branco e assopra a fumaça para o lado.

— Quer mesmo saber? — Pergunto, já sabendo que não vou escapar de seu interrogatório. Se eu mentir, capaz que fique ainda mais encrocada!

— Porra! É claro. — Siegfried coça com o polegar onde um anel prateado com runas está, a lateral raspada de sua cabeça. Ele usa os cabelos loiros sempre presos para trás em um pequeno rabo de cavalo.

O fim de tarde já isola a rua, os postes se acendem do lado de fora, mas o interior da cafeteria permanece melhor iluminado. Os atendentes desaparecem, ficando apenas um senhor que procura evitar olhar muito para nós.

Enquanto escolho bem as palavras que vou usar, pego mais uma vez o copo de café sob os olhares auspiciosos de Siegfried. Dou mais um golo, enquanto ele traga mais uma vez o cigarro acendendo a pontinha e afastando o copo para trás

PERIGOSAS NACIONAIS

como se pendurasse na cadeira. Solto o copo e tomo ar:

— Estávamos indo ao museu.

— Que museu? — Inquire com a voz rouca e pesada, seus olhos se acendem caindo firmes sobre meus ombros.

— Ao museu, droga!

— Tá, vai falando. — Com uma revirada de olhos, exige.

— Atiraram contra o blindado, eu percebi o vidro aberto e o motorista estava lavado de sangue, certamente seria impossível tirar o carro dali. Aquele guarda inútil que estava com a gente parecia um sonso, tudo bem que Pandora estava berrando assustada, mas mesmo assim, eu esperava mais dos seus profissionais.

— Ele ficou sem balas?

— Não, não. Fez o possível dentro das limitações dele. — Balanço a cabeça, ainda com os cabelos presos em um rabo de cavalo baixo. Siegfried franze a testa e dá uma risada meio ventada, como quem debocha do que eu estou dizendo. — Aí eu abri a porta e saí, me entregando.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, vai se foder! — Ele curva as sobrelancehas claras com raiva endurecendo o olhar e o corpo, retesiando as costas. Seus braços se abrem em um gesto exagerado de puro descontrore emocional, irado com minhas atitudes — Você desceu do carro? Simples assim?

— Ergui as mãos para a cabeça antes, assim saberiam que eu estava desarmada. — Retruco. Siegfried perde as palavras, fazendo um bico indisposto mostrando os dentes como um cachorro bravo. — Ou iam matar a minha irmã.

Siegfried tem dois irmãos. Um irmão mais novo que é um pouco mais velha que minha irmã Gloria e uma irmã do meio, mais ou menos da mesma idade de Pandora. Eu sempre imaginei se essas coincidências são apenas similaridades em nossas vidas ou se nossos pais fizeram de propósito.

— É, tem razão. — Siegfried cruza os braços por cima da cadeira e traga novamente o cigarro. — E o que mais? Você estava desarmada. Eles amarraram você?

— Bem... — Pego o copo novamente e dou mais um gole no café. — Não exatamente. Eu

PERIGOSAS ACHERON

estava de relógio.

Seus olhos rapidamente caem no pulso, no mesmo braço com o qual seguro o copo, notando apenas nesse momento a falta do meu Rolex. Ele não é um homem muito observador.

— Você matou quatro filhas da puta com um relógio? — Impressionado ele se ressaltava, elevando um pouco a voz.

— Só o primeiro. — Explico abaixando o copo depois de engolir o café amargo e de baixa qualidade. — É um relógio de espião. Na verdade as peças se soltam e forma um garrote.

— Você é mesmo cheia de surpresas. — Ele dá um sorriso com o cigarro entre os dentes brancos. É algo que gosto nele, o fato de que ele não tem um dente de metal como os outros *vikings*.

— Primeiro enforquei um deles, antes que me amarrassem, o outro se assustou e atirou para todos os lados, acabou atingindo o colega. Usei o corpo como escudo e chutei o cara para fora do furgão, quebrando a porta e a janela. — Explico, lembrando da cena como se eu pudesse vê-la de fora. É algo que acontece muitas vezes quando estou treinando, meu corpo faz as coisas, a mente

PERIGOSAS ACHERON

só observa.

— Uhhh. — Siegfried faz uma careta de quem sente dor, mas duvido que ele tenha qualquer empatia.

— Achei por bem fugir pela porta, mas o outro cara me segurou. Os outros perceberam a movimentação no cargueiro e começaram a jogar a van de um lado para o outro na estrada.

— E os outros, foram atingidos por um golpe de sorte também?

— Ah, não. — Vento o ar dos pulmões pelo nariz, rindo. — Foram golpes muito bem calculados.

— Estou surpreso. — Siegfried me analisa chupando o cigarro e tirando da boca, engolindo a fumaça, me analisando. — Continue.

— No meu sapato direito tem uma faca escondida, acionada pela sola.

— Não vi adaga nenhuma quando peguei o seu sapato. — Ele estreita os olhos, confuso.

— Ela não estava mais lá, mesmo. Tentei chutar o segundo cara, mas ele conseguiu me desarmar pisando na lâmina, foi uma troca de socos

intensa. Batalhamos pelo rifle, até que voou para fora da janela. A lâmina estava no chão e perfurei o maldito na jugular... Joguei ele para fora, mas ele caiu de mal jeito, se segurou. Então pisei na cabeça dele até explodir contra o asfalto. Subi em cima do capô, balançaram a van de um lado para o outro, tentaram atirar em mim... Mas tomei o controle do veículo, puxando o motorista para fora pela janela da frente. Desarmeí o co-piloto e usei a pistola dele para matá-lo. Ele ficou pendurado na janela enquanto eu estacionava o carro.

— Por Tyr, Dallas. — Siegfried exaspera com um olhar espantado, sorrindo de nervoso.

— Matei quatro homens, Siegfried. — Acrescento com pesar, um pouco de culpa.

— Assim você me deixa de pau duro. — Ele desliza a língua pelos dentes, saboreando minhas palavras. Confiro o volume a mais na calça preta que ele está usando, com alguma satisfação.

— Você é doente. — Balanço a cabeça negando.

— Estou falando sério, Dallas. — Ele amassa o cigarro em cima da mesa, queimando a pintura amarela e formando um círculo marrom, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto expelle pelo nariz o resto de fumaça em seus pulmões. — Imagine todas as coisas que poderemos fazer juntos?

— O que quer dizer com isso?

— Que essa ilha se tornará pequena para nós. Será daqui para o mundo. — Ele sorri de canto, exultante.

— Não está esquecendo de algo muito importante? — Pergunto, ele levanta as sobrancelhas curioso — Nossas famílias são inimigas, Siegfried.

— E daí? — Lança rápido, como se não fosse nada demais.

— Não pode achar que esse casamento absurdo é a solução miraculosa para todos os problemas. — Ergo a mão para cima, franzindo a testa. Siegfried continua inabalável na minha frente. — Não é porque nossas famílias tem um acordo para unificar operações que eu vá *apreciar* ter que me casar com você.

— Não se precipite com esse julgamento, Dallas. — Ele passa mais uma vez a língua pelos dentes, chupando para limpar, fazendo um barulho

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

horroroso e sem classe. — Você pode *gostar e muito* do que tenho para oferecer.

— Eu não perco o temperamento fácil Siegfried, mas você tem horas que me tira do sério. — Deixo o restante do café em cima da mesa e me levanto da cadeira, contornando-o.

— Ei. — Ele se levanta de supetão e segura no meu braço, impedindo que eu me afaste mais um centímetro. — O que foi agora?

— Nem deveríamos ter nos encontrado hoje. — Olho sua mão ao redor do meu sobretudo cinza respingado de sangue. — Se importa de pedir para um de seus guardas me levar até o hotel? Aposto que não me deixará pegar um táxi.

— Vai a merda, Dallas, não vou deixar mesmo. — E com movimentos bruscos ele me empurra, para caminhar a sua frente, forçando os dedos na minha carne perto do cotovelo, de um jeito que quase machuca, se não fosse por todas as roupas que eu estou usando. — Eu te levo.



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pare com isso, sei que você adorou quando o seu *viking* chegou em seu cavalo branco para te salvar. — Pandora atira a almofada do sofá no meu rosto, me fazendo dar risada, me jogando mais despojada contra a poltrona branca. — Ou no caso, uma moto preta!

— Sexy! — Minha irmã mais nova comenta.

— Só imagino a cara dele quando viu que você sabe se defender. — Pandora continua, rindo, bebericando de um espumante que nos serviram. — Mandou bem irmãzinha. Aposto que aquele Deus Nórdico ficou impressionado.

— Deus Nórdico? Siegfried não tem nada de divino, Pandora. — Pego a almofada que ela jogou em mim e atiro de volta nela, quase acerto sua taça.

— Ei!

— Vocês já viram esses caras? — Gloria está descalça e nas pontas dos pés olhando pelas frestas da persiana que dá para o grande e decorado jardim onde será a cerimônia de casamento. Seus cabelos estão arrumados em um coque elegante e ela já está com um vestido rodado azul clarinho. — São uns gatos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vi! — Pandora tira a almofada do colo e se levanta, largando sobre a poltrona ao meu lado, indo até Gloria. Ela afasta um pouco a persiana para olhar também. — Ali, é aquele!

— Nossa!

— O quê? Quem? — Exijo, colocando as mãos na frente do corpo. Estou de roupão, esperando o vestido.

— Ulrich, o padrinho. — Pandora vira, sorrindo e eu conheço esse sorriso específico dela, que acende seus olhos azuis com um deslumbre engraçado e a deixa com cara de boba. — Estava falando com ele antes de subir, ele me explicou que a festa de casamento viking durava três dias, ou até meses.

— Eles não tem muito o que fazer, olhe essa cidade? — Gloria reclama fazendo uma careta e se afasta da janela, deixando Pandora ficar admirando a vista, ou seu novo *crush*, enquanto ela se aproxima de mim. — Você não vai fazer sua festa de casamento durar tudo isso, não é Dallas?

— Festa? Eu me sinto como se tivesse indo para um enterro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que engraçado você falar isso. — Pandora gira, fazendo a saia de seu vestido rosa-pastel rodopiar — Ulrich disse que antes do casamento o noivo tem que passar por algumas tradições que são exigidas pelos *Deuses*. Tem que deixar sua velha identidade para trás, é como uma morte, da antiga persona que era, para se tornar algo novo. Incrível, você está mesmo conectada.

— Estou de mau-humor, não estou conectada. Sabe que horas eu tive que acordar?

— Siegfried nem dormiu. — Pandora pisca os olhos azuis cheios de máscara como se me dissesse que estou fazendo drama. Mas juro, estou quebrada! Qual a necessidade de acordar antes do sol raiar para um casamento? — A jornada de entrega dele foi bem longa. Ele teve que fazer oferendas ao Deus Thor, que é o regente de sua família, forjar as alianças e resgatar uma espada antiga a qual presenteará você. Fiquei sabendo que será uma pistola cromada. É símbolo de proteção, o melhor presente que um *viking* pode oferecer a alguém. Além disso, uma das tradições é que a noiva seja sequestrada pelas madrinhas e o noivo pague um resgate. E vejam só, sequestraram você!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pelo visto você e esse Ulrich ficaram conversando bastante, devo me preocupar? — Pisco os olhos com ciúmes, ficando séria.

— Deixe Pandora se divertir. — Gloria me repreende. — Também queria um *viking* para “*crushar*”.

— Ontem mesmo lembrei Siegfried que nossas famílias são inimigas e olhe para vocês, já querendo *amarrar laços* com um bárbaro. — Reviro os olhos.

— Uau! Viu como você está conectada? O casamento viking é chamado *handfasting* e os noivos tem as mãos amarradas durante a consagração! — Pandora abre bem os olhos, surpresa, com um sorriso.

— Pra mim chega, vou embora daqui. — Levanto da poltrona.

Antes que eu consiga dar um passo, a porta se abre e os funcionários que estávamos aguardando entram. Todos são mulheres, pois tenho certeza que Siegfried proibiu qualquer homem de me trocar.

Atravessando entre eles, adentra Raquella, de vestido vermelho grudado em seu corpo e os

PERIGOSAS ACHERON

cabelos castanhos curtos bem escovados.

— Dallas, você ainda não está vestida? Cadê o seu vestido? — Seus olhos castanhos grandes e redondos percorrem toda a saleta com decoração rústica. Tem a cabeça de um carneiro em cima da porta, empalhado em uma placa de madeira. — Gloria, vá colocar seus sapatos e receba nossos convidados... Pandora! Já está bebendo? Coloque essa taça na mesa agora mesmo.

— Claro, Raquella. — Pandora obedece bebendo todo o conteúdo da taça com um gole só e depositando-a na mesinha de canto entre as poltronas brancas com um sorriso desafiador.

Raquella não é nossa mãe biológica, mas nosso pai casou-se com ela alguns dias depois do enterro de nossa mãe. Ele estava só esperando, mesmo, para se casar, os dois viviam um romance juntos e já tinham uma filha, Gloria. Apenas fomos informados no dia de seu casamento, enquanto estávamos de luto e chorando a brutalidade com que o assassinato de minha mãe se sucedeu.

Gloria se senta na poltrona calçando os saltos *nude* e rapidamente deixa a sala, indo cumprir as ordens de sua mãe, Raquella, enquanto uma

PERIGOSAS ACHERON

funcionária entra com o meu vestido em um cabide encapado.

Por um instante o quarto fica essa grande confusão de pessoas saindo e entrando. Eu vou para trás do biombo de madeira, onde tiro o roupão e coloco vestido branco, todo decorado com fios de ouro no corpete e nas mangas longas. Na parte de dentro, há pele sintética, eu me recuso a usar natural, algo que será um pouco difícil nessa cidade de bárbaros.

Saio do biombo e o quarto está mais calmo, com menos pessoas, só com uma cabelereira e uma outra moça, segurando uma bandeja com as joias que vou usar.

— Oh, minha filha, seu cabelo precisa de um trato. — Raquella se aproxima de mim, ajeitando as mangas e a linha de costura no ombro. — Seu pai ficará tão orgulhoso de você.

Nessa distância, consigo ver como a idade tem feito bem para ela. Antes uma moça que parecia até desengonçada, agora Raquella tem uma aura de superioridade única de quem é a esposa do *capo del capi* da máfia. E não, não somos italianos, nem mafiosos, é uma piada que eu faço,

PERIGOSAS NACIONAIS

simplesmente. Minha família controla as operações nos portos dessa ilha, exatamente no território que foi dominado pelos *vikings*. É um império! Viagens, logística, cruzeiros... A união, firmada por esse casamento visa exatamente acabar com as disputas portuárias, mas há mais gente envolvida. Não são apenas os *kindreds* que querem o domínio dos portos, mas muitas outras famílias da região e de países vizinhos, até mesmo criminosos e contrabandistas.

O acordo de trégua nos fortaleceu, os *kindreds* enviavam parte de seus soldados em troca de uma taxa, que até um tempo atrás estavam tão altas que era difícil de manter e vivíamos reféns dessa situação: pagar a taxa para os bárbaros ou deixar que outras máfias adentrassem no ramo e tomassem as operações de nós.

Com o casamento não existirão mais fronteiras, tudo será nosso e será responsabilidade nossa impedir as invasões e os braços que os outros países enviam para operar em nosso território. Eles sabem disso, nossos rivais esperam uma chacina. Porém, esse casamento é uma guerra. A família que vencê-lo se tornará a mais poderosa da ilha e claro,

PERIGOSAS ACHERON

não podemos deixar que sejam os Turgard.

Raquella trança meus cabelos na parte de baixo, enrolando-os em um penteado bonito. Sei que no passado ela trabalhou no salão que minha mãe frequentava e imagino seus dedos, agora trançando meus fios escuros, um dia mexeram nos cabelos de minha mãe.

— Eu só preciso *suportar por um ano*. Não é?

— É a cláusula mais difícil de cumprir que estará no contrato. — Ela bate as mãos nos meus ombros, informando que terminou. Viro para a mulher que segura um par de sapatos feito a mão e sob medida na cor branca. Pego o sapato nas mãos, sentando na poltrona e calçando-os. — Depois de 365 dias a contar da assinatura dos papéis de casamento, pode esfaquear o coração do seu noivo Ou retalhar a jugular dele.

Fico em pé e testo a alavanca da sola, com um chiado metálico a lâmina aparece.

— Espero que sim. — Piso com a ponta do sapato no chão de madeira, guardando a lâmina para dentro da sola do calçado, procurando não formar um rasgo no vestido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sei que Siegfried pode parecer um bom homem, mas ele é um *kindred* e tenho certeza que ele quer cortar minhas veias tanto quanto eu quero cortar as dele. Procuro não pensar em seu abraço protetor nesse momento, ou no quanto eu gostaria de que nossa situação fosse diferente.

Nunca vou me apaixonar pelo inimigo da família.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 05

(Siegfried)

A cerveja está sendo servida em canecas feitas de chifres. Uma fogueira crepita no centro de um círculo de pedras, o fogo alto e abundante quase querendo tocar o céu apenas hesita contra o vento cortante e frio que sopra dos montes. As crianças brincam de cabo de guerra. Tudo está perfeito.

O som se põe ao suave tocar do corneto soprado por uma sacerdotisa de vestido azul claro e um homem de braços fortes bate o machado contra um escudo viking. É o sinal de que a cerimônia de casamento irá começar. Há uma banda local, contratada especialmente para o dia, tambores de pele são tocados e um cântico antigo para o casamento é entoado pela voz de uma bela vocalista de cabelos loiros e coroa de flores na cabeça. Um *horg* está montado para o ritual, de frente para o norte, realizando oferendas de flores e galhos específicos para proteção e sorte.

Os convidados saem da casa de campo e

seguem para o jardim onde o altar para a cerimônia já está erguido. As crianças largam o seu cabo de guerra e seguem para o local exato. São muitos convidados para rodear a fogueira e o altar. Assisto pela janela os convidados se posicionando e formando um corredor que vai da porta do casarão até o altar. Normalmente fazemos uma procissão, mas esse casamento teve que ser um pouco *misto*, juntando as tradições dos Drake e as de Turgard. Tudo bem, daqui um ano faço de novo, do *jeito certo*.

Escuto passos na escadaria da casa e giro. É nesse momento que encontro Dallas, finalmente. Inspiro fundo o seu perfume doce e fresco que invade a sala como a brisa da primavera. Ela está perfeita no vestido branco feito sob medida com fios de ouro, em seu pescoço está uma jóia de ouro e diamantes, com o símbolo da família Drake.

A primeira coisa que ela faz é percorrer com seus olhos quase verdes o meu figurino: estou usando uma túnica branca de costura vermelha, a cor do casamento para os *vikings*, calça e botas de amarrar. Obviamente que Dallas não fica feliz em ver minhas roupas, mas acho que tem a ver com o

fato de que a túnica é feita com pele de urso branco na parte de dentro... Ou talvez seja o escudo viking nas minhas costas.

Eu não consigo dizer nada ao encará-la, minha vontade é correr em sua direção e, bem vocês já sabem quais os meus desejos ultimamente acerca de Dallas, que não parecem muito recíprocos, mesmo depois de tudo o que fiz por ela. Não estou muito acostumado a lidar com rejeição.

— Claro, eu não esperaria nada diferente. — Os olhos de Dallas se abaixam para a cinta dourada na túnica, que segura um copo de chifre antigo, passado de geração em geração na família.

— Sabe que temos que beber juntos nele, não sabe? — Abro um sorriso sacana.

— Não sabia. — Ela cerra o maxilar, nada contente.

Pode existir prazer na tortura? Pode. Quanto mais Dallas se irrita, mais tenho vontade de irritá-la. Tenho uma absurda necessidade de tirar essa mulher da sua zona de conforto, arancar a calma em seu tom de voz, desfazer a tranquilidade de seu olhar sereno, destruir seu autocontrole... Quero ver todas as suas estruturas desmoronarem.

— E vamos ser amarrados.

— É, disso fiquei sabendo. — Ela levanta os olhos para ver o meu sorriso leviano, o que a faz curvar as sobrancelhas simétricas para baixo. — Não me diga que essa também é outra das suas taras?

— Você vai descobrir mais cedo ou mais tarde, não é? — Estico as duas sobrancelhas para cima, jocosos. *Ah, ela não tem nem idéia.*

Nos posicionamos de frente para a porta. Ulrich é quem se aproxima com as pulseiras e uma fita vermelha para amarrar nossos braços. Uma cerimonialista segura uma escultura do Mjolnir para levar ao altar.

Vestimos as pulseiras colocando-as no pulso. Dou a mão com Dallas, entrelaçando meus dedos com os dela, que são finos e suaves, dignos da talentosa pianista qual ela tem fama de ser. *Não preciso dizer onde imagino que ela pode tocar piano na próxima vez.* Enquanto deslizo meus dedos pelos dela, Dallas ergue os olhos para mim, séria.

— Você tem um brilho esquisito no olhar, Sieg. — Meu melhor amigo trajando seu uniforme

PERIGOSAS ACHERON

viking especialmente costurado para o ritual em tons sóbrios de marrom e cinza, trança a corda vermelha em nossas mãos. Como ele fala em islandês, Dallas não compreende e me encara confuso.

— Cale a boca e amarre isso bem firme. — Respondo na mesma língua, só para deixar Dallas de fora, se sentindo excluída.

Ulrich dá um sorriso contornado por sua barba quase ruiva achando graça e aperta firme o laço, nos amarrando com vários nós da tradição Viking. Alguns nós tem significado como proteção, amor, paz e até sexo. Esse, Ulrich faz mais de uma vez. Fico satisfeito. Ele se posiciona atrás de nós, do meu lado, enquanto a irmã de Dallas, Pandora, é a escolhida para dar o braço com meu amigo e ir caminhando junto.

Entregam a eles duas tochas, que serão acesas quando passarmos pela porta. A simbologia é que eles são nossos guardiões, ou coisa parecida, os padrinhos, por assim dizer, da cerimônia. Fico encarando a porta por todo o processo, quando ela se abre aplausos barulhentos atravessam a sala e o vento frio corta a pele exposta. Damos um passo e a

PERIGOSAS NACIONAIS

música da procissão começa, a mulher levando o martelo vai na frente, poucos passos adiante.

Passamos caminhando ao som de assobios e tambores, alguns gritos tradicionais são liberados e o calor das tochas se manifestam atrás de nós. Nossos familiares se encaram face a face nesse momento e a tensão que se forma no ar é tão sólida que poderia ser esmagada por um machado.

Diante do altar, entretanto, eu não me importo com as pessoas que estão atrás de mim, a guerra entre as famílias, nada. Fodam-se todos eles. Seguro mais firme na mão de Dallas quando sua irmã coloca a tocha que segura no aparador e Ulrich faz o mesmo do meu lado, eles ficam então, de frente para nós junto com a sacerdotisa, que fica na posição da runa do alce, com os braços para cima, como um Y de três pontas, a terceira sendo a sua cabeça.

— Que Thor santifique com seu martelo esse lugar sagrado. — E abaixa a mão. A cerimônia é em inglês, mas a esguia senhora mal consegue falar sem carregar de sotaque. — Divinos Deuses de Asgard, nobres ancestrais e aqueles que se reuniram aqui hoje, nós os recebemos em nosso

PERIGOSAS ACHERON

círculo sagrado. Pedimos que você testemunhe esta santa união do matrimônio. E que este casamento seja um laço duradouro de compromisso e amor perfeito.

O silêncio se faz no local. Laço duradouro, talvez eu consiga... Amor perfeito, bem, depende muito da definição de *perfeito* que as pessoas possuem, o que posso dizer é que nós *vikings* levamos a seriedade do casamento como uma responsabilidade que deve ser honrada.

A sacerdotisa de cabelos compridos e ondulados compridos e grisalhos, trajando uma túnica verde com uma saia de pele cinza na cintura pega então uma vela, acendendo a luz na tocha, ela acende as duas velas do altar dizendo:

— Somos todos filhos da luz. Assim eu trago a luz para acender essas velas: uma para representar o Sol e nosso Pai Espiritual, e um para representar a Lua e nossa Mãe Espiritual. Que a luz faça a união de Siegfried e Dallas crescer em saúde e alegria.

Nem mesmo o tambor faz barulho nesse momento e é possível ouvir o crepitar das tochas e o atrito que as mãos de Pandora fazem quando ela tenta se esquentar no bolero de pele branca sintética

que está usando.

De cima do altar a sacerdotisa pega o chifre cerimonial de água em sua mão esquerda e afunda a direita em um saco com sal. Derrama o sal no chifre dizendo as preces principais:

— O sal e a água são abençoados, purificando e misturando para que esses amantes possam entrar em um círculo limpo e puro, para se unirem nesse rito livre de impurezas. — Ela vira-se no sentido do Sol e contorna eu e Dallas, derramando a água e o sal no chão de grama. Depois, toma o incensário no altar e acende o incenso. O perfume seco e polvoroso adentra minhas narinas. — Com o fogo o incenso é feito sagrado e enviado para que os amantes possam entrar no templo com a benção dos Deuses. — E ela nos contorna com o incenso, fazendo Dallas abanar a mão, tossindo com a fumaça branca.

Ficamos então de frente um para o outro, a sacerdotisa segura nossas mãos e fecha os olhos, se conectando com os Deuses. Ela abre os olhos e nos solta.

— Que a vida de vocês seja eternamente feliz, cheia de riquezas e amor. Pelo testemunho de

PERIGOSAS ACHERON

nossos deuses, deusas e ancestrais, considero essa união sagrada e manifestada. Declaro vocês dois, casados. Vocês podem selar essa união com um beijo.

Ah, por Thor!

Com o braço livre eu puxo Dallas para perto de mim segurando-a na cintura. Ela quase foge, inclinando o corpo para trás, mas fecha os olhos no instante sagrado em que nossas bocas se unem diante dos deuses. Um beijo que eu não estava aguentando mais esperar.

Eu já beijei muita gente, a maioria estava bêbado demais para me lembrar do sabor da saliva, mas aquele encontro de bocas foi único para mim. Os lábios frescos do frio, o sabor de sua língua macia, eu queria rompê-la por inteiro, explorá-la como um mapa. Tê-la.

Com aquele beijo eu não estava apenas selando um acordo de casamento assinado há trinta anos atrás, eu estava dizendo a Dallas que ela agora me pertencia, que seria *por inteiro minha*.



PERIGOSAS NACIONAIS

Ao fim da cerimônia seguimos para o salão de festas ao lado da casa de campo, todo feito de madeira com telhados triangulares, onde seria servido o jantar e festejaríamos nossa união.

— Quando vão soltar a gente? — Dallas pergunta erguendo o braço que está amarrado com o meu.

— Não vão, só podemos tirar quando as fitas caírem. — Lanço um sorriso, enquanto sigo pelo salão ao som da música que cresce animada, para me sentar em uma grande mesa de banquete ao lado dela, na ponta. Os outros convidados mais íntimos tomam seus lugares.

Há uma cornucópia no centro da mesa, com muitas bandejas de assados, legumes e fruta, a cerveja e o vinho são servidos em abundância, mas pra nós, eles trarão uma bebida dos deuses, o *kvasir*, ou algo parecido com o hidromel moderno, que teremos que tomar juntos.

— Está brincando? Aquele seu amigo amarrou nossos braços como se sua vida dependesse disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que depende. Ulrich não seria louco de não seguir minhas instruções.

— Siegfried. — Dallas range os dentes irada.

Eu não ligo, apenas a puxo com força para sentar-se. Amarrado a mim ela não tem muitas opções a não ser me obedecer.

— Se quer me controlar porque não coloca uma coleira no meu pescoço com o seu nome? Ou quem sabe selar minha carne em ferro quente como fazem com os bois? — Afrontosa, pergunta, enquanto os garçons começam a servir os pratos, colocando em nossa frente uma grande coxa de cordeiro.

— Sugiro que não me dê ideias se não deseja que eu as cumpra, cara esposa.

— Não me chame assim. — Dallas engole aquelas palavras com indigestão.

— Mas é o que somos, não é? — Dou um sorriso. Ela não diz nada, apenas estreita os olhos. Pego o garfo. — Até porque eu não colocaria uma coleira em você, mas marcar sua pele com meu nome, olha, talvez seja uma boa. Na nádega direita, assim todos saberão a quem você pertence.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai a merda, Siegfried. — Dallas pisca os olhos aborrecida. Estou apenas brincando e dou uma gargalhada, que tem o poder de irritá-la ainda mais. — E como supostamente devo comer se meu braço direito está amarrado?

— Vou te dar na boca.

— Ugh! Com essa sua mão suja? — Ela reclama. Sinto algo se afrouxar na fita vermelha, abaixo os olhos para debaixo da mesa e a fita simplesmente desenlaça caindo no chão. Dallas recupera o seu braço, pegando os talheres de prata. — Agradeço, mas não obrigada.

— Ei, isso foi um golpe baixo.

— Que pena. — Ela sorri, falso.

— Eu estava brincando sobre a tatuagem, mas agora será imprescindível. — Exijo entre dentes, deslizando a mão por suas costas, descendo para seu bumbum.

— Vai sonhando. — Dallas ergue a ponta da faca na minha direção. Encaro o talher, é uma faca pequena, sem serra, mas algo me diz que nas mãos habilidosas de Dallas é uma arma letal. — Não colocou no contrato, problema seu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou foder você com tanta força essa noite que vai implorar pela tatuagem. — Ameaço.

Ela revira os olhos e abaixa a faca, cortando uma batata ao lado da coxa do cordeiro, é claro que não vai comer a carne. Pego a coxa pelo osso com as mãos e dou uma mordida enorme, que a enoja imediatamente. Adoro irritá-la!



Pode não parecer, mas o casamento ocorre normalmente depois do banquete. Tomamos o kvasir do mesmo copo de chifres até a mente ficar leve, como manda a tradição: os noivos devem ficar bêbados. Cumprimentamos todos os tios, tias e *kindreds* que vieram para a celebração

Especialmente gosto de ver Dallas ébria, com um sorriso fácil e mais *solta*. Gosto que ela abraça minha mãe com carinho e não liga quando vê sua irmã flertando com meu amigo Ulrich perto das cortinas, enquanto caminhamos para mais perto de uma tocha, para lidar melhor com o frio. Ou será que era Ulrich quem estava flertando com Pandora?

PERIGOSAS ACHERON

— Não preciso me preocupar com aquele seu amigo, não é? — Dallas pergunta, parando com um ombro encostado na parede. Seu rosto fica magnífico tocado pela luz da tocha.

— Posso ser sincero?

— Deve. — Ela range os dentes.

— Eu me preocupo com o que a sua irmã pode fazer para o meu amigo. Ulrich tende a sofrer por amor. — Dou uma risada larga, cruzando os braços. Ela pondera o que eu disse comprimindo os lábios gostosos.

— Pan é bem festeira, um pouco desapegada... Mas não é nenhum monstro. Não prometo nada.

— Então tudo bem se o meu amigo sair com ela?

— Ele tem que pedir permissão antes. — Dallas estreita os olhos. — E como vocês *vikings* fazem? Mostram os dotes?

— Eu te mostro meu dote a hora que você quiser. — Abro um largo sorriso.

— Ah, pare.

— Vai dizer que não quer ver? — Provoco,
PERIGOSAS ACHERON

chegando mais perto.

Dallas fica extremamente receptiva quando está bêbada. Ela deixa um sorriso escapar e não se afasta de minhas investidas o que me incentiva a segurar em seu rosto, deslizar o polegar em sua pele, levantar o seu queixo e me aproximar para beijá-la.

— Sieg! — Alguém nos interrompe. Uma voz que eu conheço *muito* bem. Solto de Dallas como uma criança que é pega fazendo algo errado e viro para encarar Karvel, o advogado que trabalha para minha mãe. O homem de braços fortes e pescoço largo de cabelos compridos me abraça. Meu nariz fica pinicando em sua manta de pele de urso marrom. — Eu estava mesmo com *muita* saudades!

— Karvel. — Bato as mãos em suas costas e encaro Dallas, que estreita os olhos na direção do grandalhão. — Aqui, conheça Dallas Drake. — Afasto-me de Karvel, deixando que ele se vire para minha esposa e cumprimente-a. — *Minha* esposa.

— Sua, não é? — Karvel debocha. — Ouvi falar em você. — Ele arranha o inglês para cumprimentá-la, segurando sua mão e apertando

com força.

— Eu nunca ouvi falar em você. — Dallas responde ríspida.

Não quero me animar, mas será que Dallas está com ciúmes? Karvel não se intimida, dá uma risada e vira-se para mim, batendo as mãos, dando uma piscada com o olho direito.

— Então se casaram?! — Pergunta o óbvio, voltando a falar islandês e excluindo totalmente Dallas da conversa.

— Há duas horas atrás, sim. — Respondo.

Estão tratando do meu casamento há décadas e que eu me lembre, Karvel foi um dos que revisou o contrato para tirar umas cláusulas que beneficiavam demais os Drake. Ele causou alguma confusão com isso, quase *impossibilitando* o casamento.

— Cheguei um pouco atrasado, espero que não se importe. Estava resolvendo umas pendências. — Karvel fica sério, assumindo as feições do homem que ele é dentro da Kindred. — Fiquei sabendo que você executou um garçom no hotel no centro da cidade, o que aconteceu? — Ele

coloca as mãos na cintura. — Causou um rebuliço com as autoridades locais.

— O cretino em questão sorriu para Dallas.

— Já estamos nesse nível? Você está perdendo o crédito, Sieg!

— O que quer insinuar?

— Caso precise, lembrei de contemplar aquela tradição *viking* de que se um dos noivos não estiver satisfeito com o sexo no casamento, pode procurar um amante por fora...

— Tire essa cláusula do contrato imediatamente. — Exijo, abrindo os olhos.

— O que foi? Não confia nas suas habilidades? — Karvel provoca, causando indigestão. — Eu me lembro muito bem delas.

— Não seja um filho da puta! — Exalto-me.

— Se faz tanta questão, removerei do contrato imediatamente. — Ele olha para Dallas rapidamente e depois joga os olhos em mim. — Mas é uma pena, mesmo, Sieg... Você não parece que vai conseguir nada com essa daí.

Viro para Dallas abruptamente. Ela cruza os braços, sem dizer nada, me dando o pior olhar que
PERIGOSAS ACHERON

já vi.

— Boa sorte aos noivos! — Karvel dá um riso detestável adorando causar atrito entre nós e se afasta.

— Quem era ele? — Dallas quer saber.

Nem espera Karvel se afastar o suficiente e posso ver o advogado balançando os cabelos, rindo, enquanto alcança uma caneca de cerveja divertindo-se com a festa.

— Karvel. Ele é advogado da minha mãe e acha que tem voz por aqui.

— Então vocês nunca tiveram nada? — Inquire rangendo os dentes, daquele jeito que faz quando fica muito irritada.

— Por que está perguntando isso?

— Palpite.

— Bom... Eu nunca disse a você que não tive nada com Karvel. — Admito com algum amargor. — Mas não tenho mais.

Não se enganem pensando que há alguma possibilidade de eu cometer o mesmo erro duas vezes. Karvel foi um erro, alguém com que envolvi no passado pensando mais com a cabeça de baixo

PERIGOSAS ACHERON

que com a de cima e ele tirou grandes vantagens disso conquistando o carinho de minha mãe. Atualmente disputamos o controle dos *kindreds*, boa parte confia mais no bom-senso de Karvel, o que me causa grandes dores de cabeça.

Além disso, ele acha que porque levou um fora, eu tenho que sofrer algum tipo de represália e tem feito o possível para usar esse casamento como uma arma contra mim. Inclusive Dallas.

A cláusula que ele colocou no contrato é uma delas. Imagine se Dallas ouvir isso?! Aí sim, vai *trancar* de vez meu acesso e me mandar procurar outra pessoa, o que pode invalidar todo o acordo se acontecer. Temos que viver 365 dias juntos e isso significa consumir o relacionamento diante de testemunhas de ambas as famílias. É, as testemunhas vão querer ver a gente transando algumas vezes ao longo do ano. *Não que eu me importe*. O que me incomoda mesmo é Karvel usar isso para promover o ódio dentro da máfia, dividindo os soldados e as opiniões.

Alguns deles estão descontentes com o casamento, desconfiados, esperando um deslize para iniciar uma guerra interna. Ele é ou não é um

maldito?

— Tem algumas palavras em islandês que Pandora fez muita questão de ensinar e sexo é uma delas. — Dallas lança sem a menor delicadeza. — Por que aquele cara estava falando de sexo com você?

Dou um sorriso satisfeito. *Ahhh, é ciúmes, com certeza.* Resolvo tirar um pouco de vantagens da situação, afinal, Dallas nada sabe sobre minha rivalidade com Karvel e o quanto atualmente eu detesto aquele *desgraçado*.

— Ao contrário de você, ele sabia agradecer muito bem tudo o que eu fazia por ele.

— Vou me recolher. — Dallas descruza os braços e como uma criança mimada, se afasta com passos rápidos, passando pela porta do salão e seguindo de volta para a residência.

— Dallas, não precisa... — *Ih, fiz burrada!* Vou atrás dela, indo para o jardim. — Eu estava zombando! — Dou uma gargalhada, e ela anda ainda mais rápido. — Sua cara de ciúmes, impagável! É melhor que ganhar um troféu!

— Vai a merda, Siegfried! — Dallas nem

olha para trás, desvia de alguns garçons pisando fundo pela grama mal iluminada.

— Dallas, volte aqui! — Vou atrás dela.

O som da festa vai ficando para trás, conforme ela segue adiante. O vento está bem mais gelado e a noite já deixa o céu brilhante com inúmeras estrelas. Rapidamente ela alcança a porta da casa, atravessando-a.

— Volte lá para a festa, vá conversar com aquele brutamontes. — Seus passos explodem como trovões no assoalho.

Dois garçons que estavam saindo da cozinha se interrompem com suas bandejas de prata maciça nas mãos. Seguro no batente da porta, impressionado, meu coração batendo mais acelerado com a percepção que eu a irritei quase que completamente. Dallas começa a subir as escadas, muito agilmente.

— Ui, toda essa raiva é ciúmes? — Brinco, seguindo seus passos e subindo atrás dela, quase me desequilibro e uso as mãos para segurar na parede cheia de quadros familiares, com fotos inclusive dos meus avôs e primos. — Estou lisonjeado!

Dallas sobe até o terceiro andar e passa para o corredor, virando para o lado onde é o nosso quarto. As portas estão abertas, com flores no chão, as luzes dos abajures estão acesas em tons baixos e a cama está arrumada, com dois pares de travesseiros, manta, e almofadas decoradas.

— Melhor, vou dormir em outro quarto essa noite. — Ela hesita, parando diante das portas do quarto master e gira, voltando o caminho. É o momento em que eu a bloqueio ali no corredor, me impulsionando para o alto da escada e impedindo a passagem com um sorriso de vitória. — Saia da minha frente. — Seus olhos me evitam.

— Não precisa sentir ciúmes de Karvel.

— Se você falar esse nome mais uma vez eu não me responsabilizo por começar uma guerra rasgando o pescoço do seu ex-namorado!

— Karvel. — Brinco.

— Seu desgraçado! — Esbraveja. *Uau, ela está incontrolável.* Não sei o que há em mim, que ver Dallas desse jeito raivoso me deixa totalmente excitado. Ela tenta forçar a passagem e eu a seguro nos braços, puxando seu corpo magro para cima e colocando-a em meu ombro. — Siegfried me solte!

— Claro! — Adentro o quarto e jogo Dallas em cima da cama.

Ela cai de costas no colchão grosso e macio, bagunçando a cama. Dallas me encara irada, os olhos verdes incendiando. Contemplo com explosiva satisfação o quanto consegui abalar sua calma e deixá-la revolta como ondas violentas.

— Tem horas que *odeio* você.

— E nas outras? — Sorridente, subo por cima dela na cama, segurando seu rosto, enfiando a língua em sua orelha.

— Siegfried, me solte. — Ela se rebela, mas ao mesmo tempo, não muito. Uma mulher que foi capaz de detonar quatro sequestradores daquele jeito, me empurrar de *levinho* é a mesma coisa que me dar permissão para continuar as carícias, e eu simplesmente adoro o calor do seu corpo e o sabor de sua pele nesse momento. — Ugh.

Seguro em seus pulsos e a empurro contra a cama. Ela desaba com os braços para cima e provo sua temperatura lambendo o pescoço, empurrando meu quadril entre suas pernas entre os panos do vestido. Dallas solta uma arfadinha deliciosa que me excita e beijo sua boca com aderência,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chupando seus lábios, mordiscando antes de soltar.

— Eu quero você, Dallas. — Avanço mais uma vez por sua boca, segurando seus cabelos com força na nuca, apertando-o mais contra meus lábios, sua língua tão molhada desliza pelos meus dentes.

É puro desejo e instinto. Aciona os nervos mais ancestrais da minha existência. Quero engolir seu perfume como um alce sedento. Afasto-me tirando o cinto da túnica, abrindo o tecido branco e atirando-o ao chão, um barulho seco se perde entre minhas respirações ofegantes. Dallas desenlaça o vestido e alcanço com pressa, ajudando, rasgando os botões perolados. Um deles pula para o assoalho e rodopia na madeira, fazendo um som hipnotizante.

Dallas se ergue na cama, me dando mais espaço, empurrando o corpo para trás. É como uma dança sincronizada: enquanto sobe o vestido para se livrar dele, puxo seus sapatos, suas meias, subo as mãos por suas canelas e apalpo suas coxas. Minha ereção quer rasgar as calças de algodão que estou usando, erguendo o tecido. Ela repara que estou de pau completamente duro, sorrindo, mordendo os lábios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tira suas botas sujas de cima da cama. —
A maldita ordena.

— Vai a merda, Dallas. — Eu me sento para o lado e puxo os cordões com força, estourando-os, tirando as botas pesadas. Eu as jogos para trás e elas caem como um martelo no chão. — Vem aqui, desgraçada.

Já não aguento mais. Puxo a cinta liga e arranco com força, levando junto a calcinha rendada e igualmente branca como todos os seus trajes. Ela fica inteiramente nua na minha frente, exibindo um corpo sem defeitos como uma escultura de uma galeria de obras de arte. Os seios grandes são um martírio e não me demoro a tocá-los. Eu a puxo para baixo de mim, perpassando as mãos pelos pelos pubianos, observando-a soltar um gemido.

A excitação dela me deixa tinindo, como se todo o meu sangue virasse fogo que se consome veloz. Mordisco sua barriga lisa, passando as mãos por seu corpo, a pele mais morena que a minha são um deleite que vogo com a língua descendo pelo umbigo, apalpo suas nádegas, imaginando como o meu nome ficaria maravilhoso em uma delas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por um momento de sanidade eu me lembro de tirar as calças e encapar o pênis pulsante com uma camisinha já estrategicamente deixada no criado-mudo ao lado da cama, afinal, eu já imaginava que fosse precisar dela, mas em outro momento. Ainda assim, antes de começar, eu quero *mais*. Coloco Dallas de quatro, erguendo seu corpo com a mão. Por um milagre ela me obedece, não refuta, não me xinga, nem me olha atravessado, o que é a indicação mais saborosa do quanto ela está entregue ao momento. Enfio dois dedos em sua abertura úmida, ela geme, cortando o silêncio e aquilo me excita ao ponto de que minha garganta pulsa com as veias que levam sangue para o coração.

— Gostosa. — Enfio mais um dedo, ela arfa e depois solta um gemido. — Safada.

Sim, Dallas está completamente pronta e isso me satisfaz. Aponto a cabeça em sua abertura, pequena e rígida, deslizando, quando sinto que ela relaxou, enfio um pouco para dentro, só a pontinha. Ela se contrai, o que me deixa louco. É uma sensação de outro mundo senti-la se apertar contra meu pau.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dallas, você me enlouquece. — Arfo e resvalo, entrando. Ela solta um gemido entre a dor e o prazer, liberando o peso do corpo. — Assim, cachorra. — Entro mais deliciosamente, sendo arrebatado por uma sensação de calor. — Isso, geme, delícia.

Eu simplesmente perco as palavras nessa hora. Seguro em seus cabelos compridos, enroscando meus dedos nos fios escuros como a noite e com a outra mão, aperto suas ancas, para uma puxada mais firme.

Começo a me movimentar sentindo meu corpo perder todo o controle dos atos, as bolas batendo contra as suas nádegas são um prazer ainda mais gostoso. Empurro-o os travesseiros para fora da cama, ganhando espaço e apoiando a cabeça de Dallas contra o colchão, ela empina o traseiro, tornando ainda mais prazeroso para mim.

Dallas geme, gostando, e vou ainda mais depressa, enfiando com tudo e moendo, até ela arquear as costas, deslizo as mãos por seus seios apertando, mordiscando suas costas. Normalmente eu não faço isso, mas com Dallas algo é diferente, eu quero ouvir essa mulher gemer mais! Quero que

PERIGOSAS ACHERON

ela perca o controle total em suas emoções e por isso eu seguro em seu clitóris, apertando, batendo leve, enquanto resvalo. Ela vai se soltando mais forte, balançando o corpo contra o meu, se contraindo e soltando em movimentos deliciosos, lambo suas costas, beijo seu pescoço, arranho suas pernas e sinto o rebolado que me tira do centro. Dallas geme mais forte a cada investida.

Eu a puxo para cima de costas para mim. Ficamos os dois com os joelhos na cama, as coxas dela por cima das minhas, ela se segurando nas colunas da cama e eu resvalando forte, sua bunda empinada para trás fica em uma posição favorável, como se estivesse sentada em mim, de costas. Entro e saio livremente, em movimentos rápidos, mas se continuar assim, vou gozar antes do tempo.

Seguro em seu pescoço, puxando para um beijo, ela geme entre a minha língua, a vibração de sua voz na minha boca faz o meu coração palpitar. *Não consigo segurar mais.*

— Fala o meu nome.

— Siegfried. — Ela geme.

Que golpe baixo. Enfio a minha língua em sua boca com força, apertando-a contra a cama, seu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo inteiro treme de prazer e é como se ela fosse uma extensão do meu corpo agora, ao ponto de que enquanto masturbo-a, parece que estou me masturbando, mas de uma forma totalmente sacana e deliciosa. Sinto o choque elétrico vindo, concentrando nos testículos, formigando. *Vou gozar forte.*

— Goza agora, meu doce. — Ordeno entre ofegadas abraçando-a com vigor.

É incrível como ele me obedece quase que imediatamente, gemendo com prazer, pulsando em minha mão. O poder de controlá-la nesse momento me tira o último fio de consciência que ainda existia em mim. Viro um bicho irracional, totalmente focado no prazer, resvalando enquanto ela goza gemendo baixinho e abre involuntariamente o caminho ainda mais para mim. *Como pode ser tão gostosa?*

É uma arrebatção rápida que me atinge em ondas, que me faz jorrar expelindo sêmen rapidamente dentro da camisinha. Solto um urro, atingindo o ápice, enforcando-a, lambendo-a, eu simplesmente quero tudo o que ela pode me oferecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo depois de gozar eu ainda me sinto excitado, rebolando, desejando seu corpo por completo. Percebo que meu corpo está suando. Através da janela a música harmoniosa e ao mesmo tempo agitada do salão chega quase como um sussurro trazida pela brisa gélida.

Tudo o que eu quero é ficar no silêncio com Dallas, ouvindo seus gemidos. Beijo seus ombros, suas costas, enquanto ela puxa o lençol para se limpar.

— Temos que voltar para festa. — Ela informa.

— Eu faço o que você quiser. — Digo.

Dallas segura um sorriso, gira um pouco o corpo e me beija, antes de se levantar para se vestir. Estou *rendido*.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 06

(Dallas)

A beleza do campo se ergue em picos íngremes. O céu está imensamente azul, límpido, sem nenhuma nuvem, passando uma imagem calma e tranquila das montanhas de neve, o extremo oposto de como estou me sentindo. Enrolo alguns fios de cabelo castanho em meus dedos como uma corda e puxo para o lado, sentindo a dor no couro cabeludo se formar. Uma pena que não era uma corda enforcando *aquele pescoço maldito*.

Ranjo os dentes buscando em meu mais profundo interior um rastro de tranquilidade, mas é quase impossível quando se está sentado em uma poltrona de couro animal e cercado de cadáveres cruelmente empalhados como troféu de caça. Esses vikings são grotescos, em todos os sentidos!

— Cláusula Noventa e Seis. — Karvel lê mais uma cláusula do *contrato anexo*. Ele está recostado à luxuosa escrivaninha de madeira escura e envernizada segurando uma grossa pasta de couro

mole preta. Há um detestável sorriso em seu rosto que me dá vontade de mergulhá-lo em um barril de óleo quente. Tudo nele é construído para o ódio, desde sua estrutura muscular grande e rígida ao terno extravagantemente luxuoso de veludo azul e sapatos caramelos feito a mão. — Os noivos se comprometem a apresentar dois herdeiros no prazo de 365 dias.

— Que piada mais fodida. — Siegfried solta um riso nervoso atraindo os olhares de todos os presentes na sala. Ele segura mais firme em seu tornozelo, no cano da bota de couro, espero que ele esteja imaginando o pescoço de Karvel no lugar da bota, eu sei que estou. — Só pode ser piada. Por que precisamos de dois herdeiros?

Ele estava tão nervoso quanto eu, era fato. Em poucos dias tinha aprendido muitas coisas sobre Siegfried e o seu humor lancinante, mas especialmente o fato de que quando ele raspava os dentes no lábio superior, por dentro do bigode, não era boa coisa. Perdi as contas de quantas vezes ele havia feito o mesmo gesto em apenas uma hora de reunião, mas coincide com todas as vezes que sua mãe, a Sra. Dagmar Turgard balança os cabelos

lisos e loiros dando sinal de que discorda da redação de uma cláusula buscando sinônimos malucos que ela achava serem capaz de traduzir a língua ancestral que eles falavam.

Eu estava exausta e nem tínhamos começado. É um maldito contrato anexo, que está sendo revisado pela primeira vez. Quando assinamos o contrato de casamento ele citava, por cima, a existência desse contrato e temos apenas quinze dias corridos para definir todas as cláusulas de forma que agrade as duas famílias, uma missão meramente impossível, se você conhece o histórico entre as famílias Drake e Turgard.

— Achei que estávamos falando sobre um tratado de paz. — Karvel sugere segurando a caneta prateada fazendo anotações no contrato.

A escritã levanta a cabeça e arregala os olhos na direção de Kalver, ele gosta de atenção, só pode! Exalo ar pelo nariz. Quando eu falo que minha vida é uma prisão as pessoas tendem a pensar que me refiro ao fato de forma figurada, mas é muito mais do que isso. Vejam só, querem até me dizer *quando* devo ter filhos.

— Uma seria Drake e a outra Turgard? —

Raquella esfrega as mãos tentando se livrar do frio, usando tantos casacos por dentro e estufando o conteúdo do sobretudo cinzento. — Seria muito complicado chegar a um acordo satisfatório.

— Podemos reduzir a cláusula para uma criança só. — Kalver insere. Com certeza ele está provocando.

— Aí nasceria um mestiço! — A Sra. Dagmar corre as mãos por seu vestido de mangas longas e grudado no corpo. — É considerado uma aberração. Tem que ser um só, de sangue puro!

Os olhos de gelo de Siegfried me procuram nesse momento. Ainda que esteja do outro lado da sala, defendendo os interesses da sua família, busca saber como me sinto a respeito do assunto e apenas estreito um pouco os olhos em sua direção devolvendo o olhar. *Se ele acha que vai se enfiar em outra mulher, que vá repensando o assunto.*

— E seria Drake ou Turgard? — Raquella inquires, receosa. — Não resolve o assunto.

— Um herdeiro se torna essencial para uma verdadeira união familiar, claro. — Dagmar encerra com um sorriso amarelo. Ela é do tipo de mulher munida de uma boa magreza apesar da idade, olhar

PERIGOSAS ACHERON

frio e observador em um tom azul cinzento como o gelo das montanhas e de muita sabedoria advinda de experiência, que não perde a calma e é tão rígida, mantendo as mãos paradas e apoiadas no joelho, que chega a ter uma presença opressora. — Deixa sempre sua mulher decidir as coisas por você, Sr. Drake?

— Raquella pensa muito no bem estar das nossas filhas. — Meu pai concorda dando um gole em seu copo de uísque, sentado no outro sofá ao lado de sua esposa, ele dá duas batidinhas no joelho de Raquella como um sinal para que de agora em diante, ela fique calada, afinal não queremos irritar a Sra. Dagmar. Ela é viúva e segundo as tradições pode falar em benefício de seu marido, coisa que Raquella não pode fazer. — Dois herdeiros de sangue, um de cada lado. — Ele sugere. — O que me diz, Sra. Turgard?

— Soa satisfatório.

Como assim satisfatório?! Estão de sacanagem?! Apenas exalo ar pela boca, revirando os olhos, enquanto Siegfried se diverte um pouco, sorrindo e coçando o nariz onde o piercing está. *Eu vou matá-lo.*

PERIGOSAS NACIONAIS

— E quem vai ser o mais velho? — Siegfried solta a pergunta, erguendo uma sobrancelha. Pisco duas vezes os olhos em surpresa em sua direção e ele continua sorrindo, acho que está se divertindo com o ciúmes.

— Siegfried, meu filho... — Dagmar tenta impedi-lo.

— Só estou perguntando, os mais velhos têm mais direitos em algumas culturas, não é? — Ele continua, cruzando os braços e encarando sua mãe.

— Esse é um ponto importante. — Meu pai pisca os olhos azuis limitados por suas sobrancelhas grandes e de pelos grisalhos na direção de Dagmar. — E parece ser uma cláusula impossível de encontrarmos um coeficiente em comum.

— Está sugerindo que continuemos em guerra, Sr. Drake? — A mãe de Siegfried pisca os olhos apenas uma vez, como se desse um tiro.

Certamente foi uma ameaça e os ânimos podem começar a ficar inflamado. Ninguém aguenta mais a guerra, porém algumas pessoas se acostumam à ela. Especialmente aquelas que possuem poder advindo das batalhas e do caos.

PERIGOSAS ACHERON

— De forma alguma Sra. Turgard! — Meu pai coça a sobrancelha.

— Inseminação artificial de gêmeos. — Dagmar bate os cílios cheios de máscara dando indícios de que não está disposta a desistir de defender seus interesses.

Mas e quanto aos *meus* interesses? Ou os de Siegfried? Não é justo que as pessoas decidam por nós. Eu não sei se quero ter filhos em apenas um ano! Preciso de mais tempo. O ar falha de entrar em minhas narinas e puxo mais forte pela boca. *Isso não está acontecendo.*

— Eu preciso de ar. — Solto o cabelo e me coloco de pé, contornando a poltrona e saindo da sala, os saltos afundando contra o assoalho como um martelo.

— Dallas! — Raquella tenta me segurar.

Alcanço a maçaneta e abro, encarando as pessoas que estão no corredor, uma delas atira seus olhos esverdeados sobre mim, a irmã do meio de Siegfried, Alyssa, com quem não tive chance de conversar. Ela é uma mulher relativamente alta, com uma constituição vigorosa de músculos inchados e fortes, cabelos curtos como os de um

PERIGOSAS ACHERON

homem e que usa normalmente ternos femininos ou roupas unissex que exibem as tatuagens, marcando suas conquistas dentro da organização.

Fiquei sabendo que mulheres do clã Turgard são proibidas de segurar em armas, mas se quiserem fazer parte dos *kindreds* tem que ser como *homens*. É alguma coisa baseada em uma tradição viking, porém Alyssa não deixa ninguém pensar que ela é delicada ou inofensiva como as outras mulheres do clã.

— Continuaremos sem ela. — Dagmar decreta.

Claro que irão. Reviro os olhos e passo pelos soldados. Alyssa estala a língua e manda com os olhos dois soldados atrás de mim, apenas escuto os passos deles me seguindo pela casa enquanto atravesso o corredor, desço as escadas passando pela sala principal e contornando pela parte de trás, onde um grande jardim dá espaço.

— Dallas! Dallas! — O barulho das botas com ponta anti-choque me fazem querer andar mais depressa, mas interrompo em tempo de ver Siegfried pulando os últimos degraus segurando no corrimão e caindo com os dois pés firmes no chão

na minha frente. — O que está havendo?

— Ah, você não sabe? — Passo por ele, desviando, caminhando até as portas do fundo, por onde já posso ver o jardim. Antes que eu alcance a porta, Siegfried me segura no braço e me faz girar, tomando minha mão. — Eu não vou ficar lá, enquanto decidem a minha vida por completo sem nem ao menos me perguntar o que eu quero para mim.

— E o que você quer para você? — Ele beija a palma de minha mão com carinho.

— Está brincando? — Meu sangue ferve, puxo a mão. — Eu não quero nada disso, filhos? Gêmeos? É isso que você quer?

— Não importa o que eu quero. Você estava dizendo que não quer desse jeito, então quero saber o que você quer, Dallas. — Siegfried passa as mãos pelos cabelos loiros presos em um rabo de cavalo baixo, deixando a mostra a parte raspada e extremamente sexy.

Quando ele se movimenta escapa pela manga da jaqueta preta a pulseira de ouro em seu pulso. *O Handfasting é tão sólido como uma algema.* Coloco a mão no meu braço, por cima do suéter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cinzento sentindo a pulseira que eu uso, igual a dele. Nós dois somos prisioneiros do mesmo acordo e tenho que me lembrar disso, em vez de agir como se fosse a única injustiçada.

— Eu quero poder decidir quando iremos ter filhos, se formos ter. E como faremos isso. — Decreto. — Que a gente decida, não eles.

— Certo, espere aqui, não se mexa que eu já volto. — Siegfried se afasta de mim, passando para a sala. — Vocês dois! — Chama os soldados. — Fiquem de olho até eu voltar.

Escuto seus passos apressados e rápidos para o andar de cima. O que diabos ele está fazendo? Comprimos os lábios. Tenho vontade de abrir a porta e sumir pelo jardim, mas alguma coisa me faz ficar ali, enraizada no mesmo lugar, esperando Siegfried voltar. Os brutamontes deixados comigo não dizem nada, apenas juntam os braços, em posição de espera, o loiro mais impaciente que o moreno.

Escuto a porta do andar de cima abrir e fechar com um estrondo. O caos se inicia, gritos, pessoas discutindo, fico nervosa com o barulho tentando imaginar o que está acontecendo. Quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as coisas saem de controle minhas mãos começam a suar e tremer. Siegfried não tem controle, entende?

Enquanto fico ali em baixo limpando as mãos no suéter, os guardas apenas erguem seus olhos para o andar de cima, de onde os barulhos e os gritos estão vindo. Que infernos está acontecendo?

A porta abre e fecha com um outro estrondo e Siegfried passa pelo corredor, dando um grito de animação e pulando, enquanto estica o pescoço para os lados como um atleta se aquecendo.

— Siegfried?

— Fique aí. Já volto. — Ele sobe mais um andar, indo para os quartos.

De repente o silêncio. Apenas a palpitação extrema em meu coração se faz presente. A porta abre uma segunda vez deixando os cochichos tomarem conta do local, as pessoas começam a descer e Karvel está com uma péssima cara, enfiando a pasta debaixo do braço. Ele cumprimenta a Sra. Turgard que antes de deixar a sala me encara com desprezo marcante em seu semblante.

PERIGOSAS ACHERON

Raquella faz menção de falar comigo, mas meu pai a puxa para o lado e me envia um aceno de cabeça, com a expressão indecifrável.

Siegfried passa por entre eles e se aproxima de mim, entregando um casaco corta-vento e com dois capacetes, cada um em um cotovelo.

— Veste isso. Vamos sair daqui. — Anuncia.

— Para onde vamos? — É tudo que tenho forças para perguntar enquanto Siegfried abre o casaco e eu giro para vestir, passando os braços pela parte de dentro, feito de um macio pelo de ovelha. Uma ovelha malditamente morta. Oh, não. Espero que seja sintético! — Morreram quantos bichos para fazer esse casaco?

— Só veste, Dallas. — Siegfried puxa o casaco por cima dos meus ombros e abre a porta que dá para o jardim. — As luvas estão no bolso.

O vento gelado me faz puxar o zíper do casaco até o pescoço. Estremeço. Siegfried coloca a mão nas minhas costas fazendo com que eu saia na frente. Ele fecha a porta atrás de si e desce os degraus para o estacionamento. Tiro as luvas do bolso e coloco nas mãos, um pouco impressionada em como ele está sendo atencioso e cuidadoso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Onde vamos? — Sigo atrás dele que coloca a chave em sua grande moto. — E a reunião?

— Nosso casamento acabou de acontecer, é sábado. Merecemos um pouco de folga, não acha? — Siegfried sorri e me entrega um capacete.

— Você adiou a reunião? — Seguro o capacete com as duas mãos, incrédulo.

— Fiz bem mais do que isso Dallas. — Ele apoia o capacete no painel e monta, puxando a moto devagar para trás. Há um sorriso iluminando o seu rosto bonito agora, os olhos azuis estão brilhando de um jeito animado. — Ulrich vai pegar uma cópia do contrato e poderemos debatê-lo por sessenta dias antes de entregar uma decisão final. Eu e você.

— Uau.

— Não faça essa cara. — Ele me repreende, erguendo as sobrancelhas e por um instante observo com o sol da manhã beija sua face com delicadeza, criando um reflexo pontiagudo no piercing. — Não fiz só por você. Fiz por nós.

— Pare, Siegfried. — Coloco o capacete no

PERIGOSAS ACHERON

alto da cabeça. — Você está fazendo com que eu me sinta segura. Desse jeito vou acabar me apaixonando por você. — Empurro o capacete cobrindo o rosto.

Siegfried ri, abaixa a cabeça negando e veste seu capacete verde escuro brilhante com decoração de runas em amarelo. Ele me estende a mão para subir em sua garupa. Ainda que ele não possa ver o meu rosto, estou sorrindo.



— Tenho que admitir. Esse lugar é mesmo inspirador. — Inspiro o ar fresco da natureza que nos engole.

Horas depois estamos abraçados. Siegfried recostado na moto e eu em sua frente, com o braço apoiado em sua perna dobrada. Diante de nós há um lago sem ondulações e de água azul cristalina cercado por montanhas. O vapor que sai do lago se desprende criando uma névoa branca contornando a floresta. É uma visão extremamente bela, uma que eu ainda não tinha visto da cidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A ilha é pequena, dá para viajar por ela inteira em vinte e quatro horas de moto, mas cada canto tem sua beleza e esse é dos meus favoritos.

— Ele raspa a barba loira em meu rosto com os dedos entrelaçados aos meus.

— É muito reservado.

— Por causa do solo montanhoso, há alguns vilarejos que não recebem muitos mantimentos e acabam esquecidos pelo governo, passam poucos carros por aqui. Você viu as estradas. — Ele comenta perto do meu ouvido, cheirando meu pescoço.

— Não me surpreende que os criminosos tenham tanta entrada na região. — Comento, sentindo seu calor em minhas costas, os lábios macios testando minha pele. Tenho que fugir um pouco dessa sensação que amolece minhas pernas. — Aposto que vocês aproveitam bem o baixo patrulhamento para condenar a vida desses pobres trabalhadores.

— Somos tudo o que essas pessoas têm. — Ele diz e eu assopro ar pelo nariz, nada convencido. — Não é um discurso piegas, estou dizendo o que realmente acontece.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Há falta de policiamento, de boas estradas... — Cito apenas alguns. — Você realmente acha digno o que está fazendo por essa gente ou apenas tentando mascarar a crueldade?

— Dallas, a polícia não impede as mulheres de serem estupradas por aqui. Nós impedimos. Ninguém se mete em nosso condado e pronto! Temos um acordo velado na ilha, o que você queria? Se não fosse nós seriam policiais corruptos. — Siegfried continua, o que me faz revirar os olhos. — Está me criticando?

— Minha família visa o lucro e sei muito bem o que se faz no dia a dia, não estou condenando ninguém, só pensando que as coisas poderiam ser diferentes.

— Queria que eu fosse diferente? — Ele se ofende.

— Não espero que você seja um cavaleiro branco em uma armadura brilhante. Fique tranquilo.

— Bom eu tenho uma espada...

— Siegfried.

— Dallas. — Provoca, rindo, se esfregando

PERIGOSAS ACHERON

em mim. — Mereço no mínimo um *agradecimento* por ter conseguido dar um jeito no contrato, você não acha?

— Um agradecimento? — Giro, ficando de frente para ele, de mãos dadas. — Como nadar pelados no lago?

— Não é que a ideia não me agrada, eu adoro você pelada... — Siegfried morde os lábios e desce os olhos azuis pelo meu corpo, insinuando. — Mas nesse frio congelaríamos. Não trouxe toalha e nem aquecedores. Não é adequado.

— Consigo pensar em uma coisa *inadequada* que possamos fazer Siegfried. — Dou um beijo em seus lábios e me afasto, rapidamente.

— Assim você me deixa de pau duro, Dallas.

— É exatamente como eu espero que você fique. — Corro as mãos por suas pernas, deslizando pelas coxas grossas de Siegfried, até chegar no volume rígido entre suas pernas.

— Porra, Dallas.

Ele me dá um beijo, atravessando a língua quente e molhada pela minha boca, sua grande mão desce apertando minhas nádegas, com desejo. Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

me afasto, um pouco, contemplando-o. Siegfried mordisca a boca, esperando e deslizo a mão pelo seu corpo másculo, empurro a jaqueta para o lado e abro o cinto de couro que contorna sua calça. Devagar vou desabotoando a calça preta impermeável, descendo a calça térmica e a cueca apenas o suficiente para liberar seu membro, que salta na minha direção, rígido como uma haste.

Sua mão aperta na manopla do acelerador da moto no instante em que seguro firme em seu membro, tocando minha língua na ponta. Contorno devagar, sentindo seu sabor, lambendo calmamente, chupando e assoprando para gerar uma sensação pequena de frio que o faz estremecer. Engulo tudo, colocando-o em minha boca por completo e Siegfried amolece o corpo. Sua coxa direita fica rígida, o pé tocando firme no chão, forçando para trás o corpo segurando o peso da moto e eu adoro o cuidado que ele tem em não atravessar minha garganta com seu pênis grosso.

Começo a chupar mais forte, massageando seus testículos grandes. Siegfried solta um suspiro e seus dedos apertam meus cabelos no alto da cabeça, enquanto eu me movimento lambendo e sugando,

PERIGOSAS ACHERON

alternando movimentos. A sensação de tê-lo na minha língua é prazerosa, o controle que tenho do seu prazer me excita. Siegfried geme, recebendo sua gratificação na forma de um orgasmo, jorrando sua essência amarga e levemente salgada para dentro da minha boca.

Eu me afasto, tossindo e cuspiendo. *Ugh!*

— Que merda, Siegfried! — Limpo a boca com as costas da mão. — Não dava pra avisar?

— Vá se foder, Dallas, custava engolir? — Siegfried ralha, arrumando as calças e empurrando a moto para trás.

— Isso é nojento, me dê um lenço!

— Que fresca. — Siegfried equilibra a moto e procura nos bolso da jaqueta um lenço, me entregando. — Nunca engoliu sêmen na sua vida, não?

— Não. — Pego o lenço, limpando a boca e as mãos. — Você já?

— Não, claro que não. Nunca chupei um pinto, mas todo mundo que chupou o meu engoliu. — Se gaba.

— Se falar de Karvel eu juro que te mato! —

PERIGOSAS NACIONAIS

Jogo o lenço de volta para ele, acertando seu rosto.

— Eu não falei de Karvel, é você que está com ele na língua. — Ele segura o lenço e faz uma bolinha de tecido, guardando no bolso da jaqueta.

— Estava com o seu pau na língua, mas é você que está comparando.

— Não estou comparando ninguém! — Siegfried afivela seu cinto e desencosta-se da moto.

— Está. — Ranjo os dentes procurando as luvas para cobrir as mãos, tateando os bolsos.

— Você está com ciúmes? — Ele se aproxima, dando risada.

— De você? — Exalo ar pelo nariz fingindo desdém. — Nunca!

— Ah, está! — Diverte-se mostrando os dentes brancos e se aproxima de mim. — Você fica uma delícia com ciúmes, Dallas.

Siegfried me abraça e beija minha bochecha, tento me soltar empurrando-o, mas ele me segura firme, lambendo minha orelha.

— Siegfried!

— Eu já tive muitos amantes, homens e

PERIGOSAS ACHERON

mulheres. — Ele dispara a informação totalmente desnecessária, me fazendo estreitar os olhos e me afastar. Siegfried segura na minha mão e me puxa contra seu corpo. — Mas estava esperando você, Dallas.

— Desculpe, onde foi que *transar com todo mundo* virou sinônimo de esperar?!

— Não queria ser inexperiente quando chegasse a hora, é verdade, fazer tudo errado, não saber onde te tocar... Ia fazer papel de ridículo. — Siegfried se encosta na moto novamente, mas não solta minha mão, que puxa para si e beija a palma com carinho, sinto sua barba e o bigode roçando minha pele, enquanto ele deixa um beijo suave e calmo. Comprimo os lábios, insatisfeita. — Você também não é nenhuma virgem imaculada. Então também teve muitos amantes.

— Não foram *muitos*. — Friso a palavra, com raiva e arranhando a voz. — Não como *ocê*.

— Pare com isso, já te expliquei. — Ele solta minha mão, segurando no meu rosto, reviro os olhos e ele me enche de beijos, me abraçando. — Você saiu da ilha, não nos falamos nunca mais... Eu cresci aqui. Teve uma época, na adolescência,

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu estava cheio de dúvidas. Ter um destino tão fechado e definido pode ser assustador, até para um homem como eu que não teme muita coisa.

— É, tudo bem, sei como pode ser desesperador às vezes.

— Então não ficará brava se souber que mandei um detetive particular investigar você enquanto estava no Canadá?

— O que disse?! — Puxo as mãos e o empurro com força, fazendo ele me soltar. — Quando foi isso, Siegfried?! Que direito você pensa que tinha de fazer isso?!

— Que merda, Dallas. Direito, direito mesmo, eu tinha não é? Sou seu marido. — Ele se justifica, passando os braços por minha cintura, me puxando. Reviro os olhos, mas cedo, deixando ele me abraçar, visto que é incapaz de manter as mãos longe de mim. E porque está frio. — E estava curioso, queria ver você, saber mais da sua vida. Ficar só com a minha imaginação não estava dando conta, não.

— E o que você descobriu?

— Recebi um bando de fotos, de você com

PERIGOSAS ACHERON

suas irmãs. Você não saía muito de casa, não recebia muitos amigos, estava sempre lendo algo diferente e indo a exposições de arte, de música... — Ele dá um resumo do meu dia a dia no Canadá. — Cheguei a pesquisar sobre umas coisas, só porque vi o seu interesse nelas.

— Oh, é mesmo? — Seguro em seu ombro, encarando-o. Confesso, saber disso me agradou!

— Sim. É verdade. — Ele firma o olhar com o meu, deslizando a mão áspera pelo meu rosto. — Você é uma pessoa incrível Dallas e vive me surpreendendo.

— Hm, e você? Eu não sei nada de você. O que faz em seu tempo livre, quais são as coisas que encantam o seu interesse?

— Bem, tem uma coisa. — Siegfried sorri e se afasta um pouco, fazendo menção de subir na motocicleta. — Eu vou mostrar a você, é melhor. Suba aqui.



Siegfried me levou para um local não muito
PERIGOSAS ACHERON

distante dali. Deixamos a moto na estrada com um soldado - eles vieram de carro atrás da gente, ou você acha que íamos simplesmente andar por aí sem proteção? - e seguimos por uma montanha, adentrando a floresta.

Entre árvores de caule fino e manchado com cheiro fresco, estava uma cabana, de campo, mas como se fosse enterrada. Havia um pequeno espaço desmatado e coberto de brita ao redor da cabana, criando uma espécie de pátio ao ar livre e onde parecia que estava em construção em meio ao que parecia ser um banco de jardim e toras de madeira, além de cordas.

— O que é isso, seu esconderijo secreto? — Pergunto batendo as luvas para limpar as farpas, andando pelas pedras.

— Mais ou menos, é um projeto. — Siegfried abre um sorriso, desses bem animados, que é até difícil de ver em seu rosto. — É uma casa *viking*.

— Os vikings enterravam suas casas?

— Em alguns casos, mas é mais fácil proteger o local e deixá-lo firme, assim. — Siegfried se aproxima da porta, descendo um pouco.

Observo a estrutura do local. O telhado é um triângulo coberto de terra e frama, como se a parte retirada do chão fosse usada para cobrir, de forma que a casa parece uma extensão da terra. A porta e a chaminé são as únicas partes perceptíveis.

— Minha ideia é trazer nossos bodes para cá, tão logo fique pronta! — Siegfried abre a porta de madeira e me chama, para entrar, com um aceno de mão.

Confesso a vocês que adentrar locais assim, esquisitos, não é o que eu gosto de fazer, mas ele está sorrindo tanto que tenho receio de recusar o convite e ofendê-lo, ou pior, entristecê-lo.

— Que bodes? — Seguro em sua mão, descendo o corte na terra.

— É uma tradição, uma oferenda para Thor abençoar nosso casamento, comprei vinte para garantir, não é?

— E o que vai fazer? Matar vinte bodes? — Adentro a cabana, aborrecida.

— Não seja tola, Dallas. Vamos cuidar deles! São nossas *benções*. — Siegfried fecha a porta atrás de si. — Enquanto estiverem vivos, são uma

espécie de símbolo de nossa união... Do casamento.

— Certo, muito bem. — Não entendo nada da tradição *viking*, mas pelo menos os bodes não irão morrer e por mim está tudo bem!

Encaro o interior da cabana, que é especialmente espaçosa, formando um retângulo coberto de brita, paredes de madeira envernizada e redes segurando panelas e mantimentos, até mesmo ferramentas de alpinismo, que acredito que Siegfried use em seus dias de folga. Há escudos vikings decorando a parede, cestos de roupas contendo cobertores e no centro uma fogueira de pedras, apagada exatamente onde fica a chaminé e uma pequena bancada uma jarra de metal usada para esquentar água. O cheiro é uma mistura de carvão, querosene, umidade e terra, uma fragrância exótica e que combina muito bem com Siegfried.

— Então, o que achou? — Siegfried pergunta atrás de mim, sinto a eletricidade em seus músculos, em como ele espera ansioso pelo meu parecer.

— Estou impressionada, Sieg. — Caminho até as camas, que são grandes e bem estruturadas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você fez tudo sozinho?

— Ulrich me ajudou às vezes. Só ele sabe desse lugar. E agora você. — Ele insere, o que faz o meu coração bombear sangue mais depressa. Siegfried está me contando um de seus segredos. A confiança que ele deposita em mim pesa meu coração, meus ombros e minha cabeça. — Os outros pensam que venho até as montanhas só para escalar as pedras.

— É bonito...

— Podemos vir aqui mais vezes, se você se interessar. Do penhasco dá para ver a aurora em dias bons. — Sugere, mexendo em algumas mantas feitas de pelo que estão no cesto. — E os animais se aproximam daqui. Já vi muitos pássaros e cervos. Você gosta de animais, não é?

— Gosto deles vivos. Não cortados e empalhados como na sua casa de campo. — Olho para a manta de pele natural em sua mão.

— Não é nenhum absurdo aproveitar o que a Mãe-Natureza oferece para a gente. Absurdo é poluir os rios, os mares, o ar, não ter o menor respeito. — Ele me repreende.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aqueles animais são apenas exibidos como troféus, o que tem de respeito nisso?

— Você usa sapatos de couro, não é? — Ele aponta para meus pés.

— Couro sintético. Courino ou kombucha, na realidade. — Informo, retendo as mãos e me sentando na cama. O colchão não é como os que estou acostumado, parece diferente, mas é macio e cheia a poeira.

— Que diabos é kombucha? — Ele puxa a pele de um baú e vem na minha direção, querendo me cobrir com ela, mas nego com a mão.

— É uma película feita de uma celulose produzida por bactérias, uma espécie de levedura do chá.

— Bactérias também são formas de vida. — Ele provoca, erguendo as sobrancelhas loiras. Reviro os olhos. Siegfried guarda de volta a manta no cesto rapidamente. — Eu não sabia que era possível conseguir couro sintético de chá, mas é como dizem: *vivendo e aprendendo*.

— Também é possível fazer tecidos da fibra da casca do abacaxi ou de algas. — Continuo

PERIGOSAS ACHERON

sorrindo, empolgada por ensinar-lhe isso, mas especialmente porque ele está ouvindo e procurando aprender. — Você tem *muito* o que aprender nesse aspecto, realmente.

— Só nesse aspecto, não é? — Siegfried se aproxima de mim, deslizando os dedos pelos meus cabelos. — O que acha de passarmos a noite por aqui? Podemos acampar. Faço uma fogueira, podemos olhar as estrelas. Os soldados ficariam na estrada, seríamos só nós.

O convite me deixa um pouco ofegante e com a sensação de que meu coração vai crescer tanto que irá explodir. É uma sensação completamente nova e inesperada, que ao mesmo tempo me incomoda e me deixa vulnerável diante de Siegfried. *Eu não gosto de me sentir vulnerável.*

— Não. — Balanço a cabeça negando, querendo escapar de seu olhar, de seu toque e do intenso desejo de beijá-lo nesse momento. Fico em pé, desacomodando-me. — Melhor voltarmos, há uma série de decisões que temos que tomar.

— Certo, você tem razão. — Siegfried concorda expulsando ar do pulmão e vejo o quanto ele está decepcionado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me sinto mal por isso, por recusá-lo, mas não posso me apaixonar e nem me entregar. Somos inimigos! Tenho que ir para longe dele, pois minha vontade é me afundar em seus braços. Esse homem será minha ruína.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 07

(Siegfried)

— Não sei se Karvel quer tomar o meu lugar ou se pretende apenas transformar a minha vida um inferno só porque levou um fora. — Dou um gole na cerveja amarga e quente limpando a espuma que gruda no bigode com a língua. Estava mesmo precisando beber alguma coisa, ou meu cérebro pode explodir. — Ele tem sido especialmente competente na segunda opção.

As paredes do *pub* estão cheias de quadros genéricos sobre vikings. A mesa está repleta de petiscos e cerveja. Um lugar apropriado para encontrar os amigos de maneira informal e conversar sobre a minha vida. Apoio os braços na mesa de madeira rústica, onde um castiçal com velas eletrônicas está.

— Acho que ele quer chamar sua atenção. — Ingvi arrisca, fazendo minha irmã Alyssa, sentada ao seu lado, balançar a cabeça concordando.

Minha irmã mantém seus olhos cravados em
PERIGOSAS ACHERON

mim, analisando-me. Ela está quieta desde que chegou, soltou as chaves de seu Land Rover em cima da mesa com brusquidão e sentou-se ajeitando a roupa quase masculina que vestia, balançando os cabelos castanhos e curtos, deixando-os ainda mais bagunçados.

Era um contraste vê-la ao lado de Ingvi, quer dizer, eu sei que minha irmã quer provar que ela é tão boa quanto qualquer soldado da família, mas está passando dos limites com seus jeitos masculinizados. Outro dia ela até arrotou na mesa de jantar, nem preciso dizer que ouviu um monte de broncas de minha mãe.

Ingvi está com os cabelos ruivos soltos, retocou a maquiagem para encontrar conosco e veio com seu Bugatti Veyron branco quase camuflado com a neve. Ela estava mais séria do que o normal, como se estivesse preocupada com alguma coisa, entende? Estava franzindo a testa demais.

— E tem conseguido. — Ulrich bate os dedos grossos em cima da cópia que ele conseguiu para mim. — Com quem você vai ter que revisar essa pilha de cláusulas?

— Dallas estará junto comigo nas reuniões,

PERIGOSAS ACHERON

não vou deixá-la de fora. — Deslizo os dedos pelo copo, encarando o conteúdo já diminuído.

— Francamente, não sei o que é pior Sieg. — Alyssa revira os olhos castanhos claros e joga o corpo no estofado azul do sofá. — Karvel considerar seu ponto fraco ser Dallas ou ele ter razão em sua suposição!

— Nenhum dos dois. Não quero começar uma nova guerra com os Drake. — Coçando a barba, empurro o corpo para trás e tento justificar os meus atos. Ela vai acreditar em mim, claro.

— Ah, fala a verdade. — Alyssa estreita os olhos na minha direção e puxo a gola da camiseta preta com os dedos. Por Thor! — Você saiu da sala, conversou com ela e depois voltou dando um escândalo. Dallas está manipulando você.

— Dallas não faria uma coisa dessas. — Digo.

— Pior ainda é o cego que tem olhos, mas não quer ver. — Alyssa atira um antigo ditado, apontando para seus olhos e depois, para os meus. Suas unhas sem esmalte me enervam e tenho que ranger os dentes para segurar o palavrão sujo que quer sair pela boca.

— Aff, não diga isso. — Ingvi me protege, enquanto ela tira uma batata frita cheia de sal do alto da porção. — Sieg tem que defender os interesses dele. Karvel está apenas querendo causar confusão e um divórcio vem bem a calhar com os planos dele. Sabe que Karvel quer assumir o lugar de vocês e tem conseguido o respeito de sua mãe!

— Eu sei. — Alyssa ergue as sobrancelhas especialmente vidrada nos lábios de Ingvi enquanto ela enfia a batata dentro da boca. — Karvel quer fazer de tudo para desacreditar Sieg, só estou dizendo que não precisamos de *motivos* para embasar as coisas. — Alyssa dá um gole em sua cerveja.

— Não estou embasando nada! — Rosno.

— Os funcionários ouviram vocês dois transando depois do casamento e isso deu o que falar. — Alyssa revela lançando um olhar mortal. Não sei se ela está com raiva por eu ter transado com um *Drake* ou por eu ter gostado muito de ter feito. — Uma camareira foi testemunha ocular. O que os soldados vão pensar se você começar a amolecer?

— Não vou amolecer. — Garanto, coçando a

barba, piscando seco.

— Alyssa realmente está alertando. — Ulrich se manifesta empurrando o contrato na mesa e alcançando o seu copo de cerveja. Ele trás para perto da boca, mas não bebe, fazendo o braço contrair e quase explodir sua camisa. A gravata azul escura está frouxa e os primeiros botões abertos, relaxado, mas seu olhar de lobo dos negócios está sério e tenso. — Karvel tentará o possível para fazer você parecer fraco e emotivo na frente dos soldados.

— Dallas consegue me fazer parecer fraco e emotivo o tempo todo. — Resmungo, rangendo os dentes. Os três me encaram com um misto de surpresa e preocupação. Deslizo uma das mãos pelo cabelo, empurrando os fios loiros e lisos para trás. — Para ser sincero, não sei o que me deu. Ver Dallas levantando da poltrona e fugindo da reunião me deu uma sensação terrível. Meu coração estava batendo tão depressa, bombeando sangue e adrenalina de uma forma tão louca que quando Dallas disse que queria resolver as coisas eu me deixei levar pelo momento.

— Oh. — Os três soltam um som único.

Ergo as mãos.

— Claro que concordo com ela, eu também quero o poder de decidir as coisas e ter mais autonomia! Mas se eu disser que fiz isso pensando em mim é uma mentira ridícula.

— Ela está manipulando você, Sieg. — Ingvi deduz, reforçando as palavras de Alyssa.

— Tudo bem comer o seu namorado, mas não deixe os soldados acharem que você é o *passivo do relacionamento*. Você sabe como são as tradições. — Alyssa enfatiza, cruzando os braços de novo, irritada.

Suspiro pesadamente.

Vários fatores estão em jogo. Vikings não tem problemas com a homossexualidade, nunca tiveram, porém é um pouco controverso como as tradições funcionam mesmo em relacionamentos héteros: temos que ser viris, uma prova de masculinidade, possuir músculos fortes e *dormir com muitas pessoas* é apenas parte do processo. O que realmente conta é a *atitude*. Ficar por baixo na cama, não ter a voz mais ativa dentro de casa, seguir ordens em vez de dá-las, tudo isso é considerado degradante para a imagem de um PERIGOSAS ACHERON

guerreiro viking, seja ele homem ou mulher. Eu tenho que provar que controlo Dallas ou vão achar que ela me controla. E se tratando de um *Drake*, pode ficar ruim para a imagem de Turgard, podemos perder muito domínio em nosso território.

— Estou dando a Dallas o benefício de achar que está no controle. Não que ela realmente esteja. — Ergo a mão para frente, dando um basta nas duas.

— Talvez devesse ouvir um pouco sua irmã, Sieg. — Ulrich toma mais um gole de sua cerveja antes de soltar o copo em cima da mesa. Ele tamborila os dedos pela madeira rústica, ordenando as palavras. — Não dê motivos para os soldados acharem que Karvel é melhor líder que você.

— Eu estou recebendo conselhos de Ulrich, estou fodido mesmo. — Bebo minha cerveja com um gole largo, enchendo a boca do líquido ardente.

Ulrich apenas resmunga alguma coisa que não presto muita atenção. Ele pode até se ofender com o que tenho a dizer, mas é a mais pura verdade, ele nunca se deu bem com relacionamentos.

— E a mudança? — Alyssa descruza os
PERIGOSAS ACHERON

braços e apoia o cotovelo na mesa, chegando mais perto, girando um pouco o assunto na reunião amistosa.

— Carreguei caixas o dia inteiro. Dallas ficou com a família. Vou encontrar com ela quando sair daqui, e pegá-la no hotel... — Enumero, pensando em como vai ser entrar em casa com ela.

— Ele está com aquele brilho no olhar de novo. — Ulrich aponta, dando um gole na cerveja e com seu indicador virado na minha direção.

— Estou vendo! — Alyssa solta uma risada de deboche, erguendo uma sobrancelha desconfiada. — Confesso que isso me preocupa um pouco.

— Preocupa por quê? Seu irmão está apaixonado e isso é ótimo para a alma. — Ingvi reforça o deboche e dá um tapinha no ombro de Alyssa, as duas se olham e sorriem, o que já me irrita.

— Apaixonado é o caralho, Ingvi! — Xingo, batendo a mão fechada sobre a mesa, fazendo todos os objetos por cima tremerem. Ulrich se retesa e quase cospe a cerveja de susto, mas Alyssa me dá o olhar do *tédio*, nada impressionada. — Sou PERIGOSAS ACHERON

conformado com o fato de que teria que me casar com Dallas há anos, mas isso não faz de mim um homem apaixonado.

— Os funcionários reviraram o lixo, acharam mais do que uma camisinha no quarto de vocês. — Alyssa pega seu copo dando um gole, com um maldito sorrisinho no rosto.

— Ah, pare, Alyssa. Dizer que gozar duas vezes é estar apaixonado não é inocência, é burrice da sua parte. Você sabe que sexo não tem nada a ver com amor. — Retruco.

— Você levou Dallas até a cabana, Sieg. — Ulrich ressalta, atravessando a conversa.

— Sim, *a cabana*! — Ingvi ri batendo as mãos, como se aplaudisse, ela se balança para frente e para trás na cadeira, como quem se contorce de tanto rir. — É seu refúgio secreto.

— Não exatamente secreto. — Alyssa vira a cabeça na direção de minha amiga.

— Modo de falar! — Ingvi aperta a ponta do nariz de minha irmã, brincando. — Não vou dizer que você está no controle dos seus sentimentos, Sieg, porque você nunca se controlou. — Minha

amiga me encara. — Se está apaixonado, eu acho ótimo, de verdade, apenas tome cuidado para não ser uma peça na mão de Dallas, ela é muito calculista.

— Quem, Dallas? — Dou risada.

— Sua inocência me assusta. — Alyssa mete bronca enchendo as bochechas de ar e soltando em um suspiro de revolta. — Subestima Dallas, mesmo depois que ela matou aqueles caras do sequestro.

— Estou com Alyssa. Andei sondando o histórico com Pandora. — Ulrich alerta, pigarreando, tentando disfarçar todas as muitas horas com que ele tem se agarrado com minha cunhada.

— Sondando se a calcinha dela é mesmo cor-de-rosa como outras roupas, você quer dizer. — Alyssa corta.

— Não adianta disfarçar, Ulrich. — Ingvi diz erguendo as duas sobrancelhas e rindo. — Conhecemos você o suficiente para saber que se aproximou dela por interesse e não para fazer papel de agente secreto.

— Não estou negando meus sentimentos

como Sieg está fazendo, Ingvi. — Ulrich acrescenta com maturidade, lançando seus olhos azuis para minha amiga. — Estou alertando. — Dallas não é nada do que diz ser.

— Escute Ulrich que sabe o que é ser enganado e sofrer por amar quem não merece, Sieg! — Alyssa continua, dando um tapinha na mesa.

— Ei! — Ulrich protesta, mas ela apenas olha para ele meio inconformada que ele tenha coragem de protestar algo que todo mundo sabe que é a verdade.

— Não diga essas coisas, atraem más energias para o casamento. — Ingvi alerta.

— Não estou agourando o casamento, longe de mim, mas tenha bom-senso, tá bem? — Alyssa me pede. — Dallas parece inocente e frágil, mas os olhos dela são como os de pessoas muito vigilantes.

— Não vou negar e dizer a vocês, meus melhores amigos, que não sinto nada por Dallas. — Confesso, eles me encaram com um pouco de inconformidade, trocando olhares surpresos entre si. — Qual é? Eu sei que vou me casar com ela antes mesmo de eu nascer. Crescer com esse tipo

PERIGOSAS ACHERON

de responsabilidade é muito sério, mexe com seus sentimentos. Além disso, vou ter que passar a vida inteira casado com Dallas, então...

— A vida inteira não, Sieg. Um ano. — Alyssa reforça, atravessando o que eu ia dizer, ela me encara com uma seriedade única e suas palavras esfaqueiam o meu coração. Um ano é muito pouco para se passar ao lado de quem se ama. — Tenha certeza que ela está contando os minutos para a noite em que você estará dormindo depois de uma boa foda e enfiará uma bala no seu coração sem a menor piedade.

— Não se ela se apaixonar. — Retruco.

— Cuidado para não ser você. — Ulrich alerta e encerra a maldita droga do assunto.

Eu me calo, pegando novamente o copo de cerveja e dando um grande gole. Conversamos sobre diversas amenidades depois disso, mas a insegurança ficou martelando na minha cabeça e passei as últimas horas ponderando as atitudes de Dallas e quantas vezes ela me manipulou.

Aquela maldita era uma boa jogadora. Não senti raiva, ao contrário, gostei daquela disputa. Quando eu vencesse, teria um prazer ainda maior

PERIGOSAS ACHERON

em acabar com ela e toda a família.



Afasto os cabelos castanhos de Dallas de seu pescoço e dou um beijo no único pedaço de pele ainda exposta. Seu perfume quase doce e sensual acorda a enorme serpente entre minhas pernas.

— Hm, Dallas, que delícia. — Desço a mão para seu traseiro, apertando.

Certo, eu confesso. Nada do que eu disse para meus amigos procede e eu estou completamente arriado por Dallas. Filha da puta! Ela consegue fazer o meu coração acelerar apenas com um sorriso e vê-la morder o lábio inferior no momento em que seguro firme em suas nádegas me dão certeza de que não sou apenas eu que está curtindo o momento.

Não vou me iludir e achar que essa merda de casamento vai durar para sempre, mas não vou me enganar fingindo que não sinto nada. Quando você cresce idealizando um momento que sabe de que não escapará, você se acostuma com a ideia e pode

inclusive começar a gostar dela.

Ter me casado com Dallas é apenas algo que eu já sabia que viria na minha vida e que por muitos anos neguei, fugi e quis fingir que não iria nunca acontecer, porém agora que aconteceu penso que não precisamos chegar ao prazo de 365 dias como inimigos, quer dizer, podemos estender esse prazo, não podemos?

Meu desejo de vingança é um pouco mais amplo do que causar a morte e dominar a organização. Prefiro a ideia de que o Sr. Drake terá que conviver com o fato de que a filha dele gosta de chupar meu pau.

— O que está pensando? — Dallas estreita os olhos cor-de-mel tentando ler meus pensamentos.

— Em você me chupando. — Dou um sorriso sacana.

— Rude! — Ela reclama, batendo a mão enluvada em cima do meu ombro e se afastando de mim.

Fecho o porta-malas do 4x4 Land Rover preto. A temperatura caiu e eu preferi estacionar a moto antes de vir buscá-la, afinal Dallas é toda

cheio de frescura e já estava com os lábios partidos do frio que tomamos dois dias atrás.

— Vamos embora daqui. — Anuncio, deslizando as mãos nas costas de Dallas e empurrando-a de leve para a porta.

Faço as honrarias completas: abro a porta indicando para Dallas entrar. Ela puxa a gola da jaqueta preta, acertando o cachecol no pescoço e senta-se. Eu fecho a porta, a janela está fechada e contemplo por um momento o sorriso que Dallas envia para mim. É errado que eu esteja me sentindo vitorioso por levá-la para casa?

Giro, encarando no alto das escadas Pandora, que acena para nós ao lado de sua irmã Gloria. As meninas ficarão mais alguns dias no hotel, o Sr. Drake está resolvendo os últimos detalhes para reativar a casa em que eles moravam antes.

A Família Drake vivia nessa ilha antes de mudar para o Canadá devido aos atentados. Eles são relativamente influentes do outro lado da ilha, especialmente com os nobres e governantes da cidade. O casamento trouxe a oportunidade de retornar para a Ilha e eles estão adorando retomar os negócios de dentro do território, o Sr. Drake está

muito ocupado.

Solto um pouco de ar quente da boca sobre as mãos e me sento ao volante. Dallas passa o cinto de segurança e eu me sento, ligando o motor do carro e o aquecedor.

— Está preparado para fazer isso? — Pergunto, segurando nos pedais o veículo estacionado na frente do hotel.

— Por que eu não estaria, Siegfried? Nosso casamento foi inevitável. — Dallas afivela o cinto com um estalido metálico.

— Por isso mesmo.

— Obrigada por perguntar.

Tiro o carro da vaga, rumando para nossa residência, seguindo o GPS, embora eu saiba o caminho. Pelos primeiros minutos apenas ficamos em silêncio no carro, as luzes passando e o movimento da cidade normal. Observo Dallas com o canto dos olhos, o jeito que ela cutuca a calça preta, ajeita as luvas, abre o zíper da bolsa, mas não tira nada de lá, enfim, se movimenta em um geral procurando manter a mente ocupada, demonstra o quanto ela está ansiosa. Espero que isso seja um

bom sinal.

— O contrato está no porta-luvas, se quiser olhar. — Adianto a informação.

Dallas olha para mim e se demora um pouco, pensando, me encarando com aqueles olhos sérios e perspicazes. Seu olhar é indecifrável agora.

— Não quero falar dos problemas agora. — Ela comprime os lábios sem batom, pensativa. — Quero apenas ir para casa, como uma pessoa normal vai.

— Não somos exatamente pessoas normais, Dallas. — Viro o volante, entrando em outra rua, menos movimentada e com mais pessoas andando na calçada. — E quero que você se sinta confortável, não quero esse ar de obrigações entre a gente. Se quiser dormir em quartos separados...

— Siegfried. — Dallas suspira, me chamando, tiro os olhos da rua para encará-la por alguns segundos e sua seriedade me mata nesse momento. — Não precisamos dormir em quartos separados. As coisas estão confortáveis entre nós, não estão?

— Tem razão. — Deslizo os dedos por seu

PERIGOSAS NACIONAIS

ombro, seguro em sua nuca e Dallas permite que eu a puxe para um beijo avassalador na boca, enquanto espero o semáforo.

Ela me recebe com desejo, chupando meus lábios, mordiscando minha boca e me deixando com tesão, seus lábios são doces como o maldito mel retirado da abelha mais vibrante e sua saliva fina, fresca, é indescritível. Dallas se afasta no momento em que a luz verde brilha e acelero o carro, contendo o sorriso no meu rosto.

— Você bebeu? Está com gosto de cerveja na boca. — Dallas limpa os lábios com as costas da mão.

— Bebi, desculpe, não gostou?

— Não é isso. É sexy. — Ela sorri abaixando a cabeça.

— Fique sabendo que sorrindo desse jeito você só me dá vontade de transar em todos os cômodos da casa, para estrear.

— Ah, é? — Em resposta, Dallas passa a mão na minha coxa, subindo e atijando, ameaçando abrir o botão da calça jeans que estou usando. — Devíamos começar com o carro.

PERIGOSAS ACHERON

— Puta merda, Dallas, se você for me chupar daquele jeito gostoso, é melhor na estrada, ninguém vai me multar.

— Os vidros são bem escuros, relaxe. — Dallas se abaixa, descendo o zíper e abrindo caminho até meu membro.

Eu estava quieto e basicamente dormindo, até ela segurar com firmeza meu pau e passar a língua quente provando. O mero contato com sua boca morna faz pulsar, enrijecendo em sua língua.

— Hm, Sieg.

— Merda. — Digo, vencido.

Desvio o caminho, saindo da cidade, tentando manter o controle do veículo enquanto Dallas rouba toda a minha atenção com sua língua, me chupando sem pressa, de um jeito delicioso e que me deixa totalmente endurecido. Acabo encostando o carro na estrada, não tem muitos postes na rua no caminho que tenho que pegar para irmos para casa e aproveito para desligar o motor e ligar o rádio, colocando uma música que me agrada. Seguro nos cabelos compridos e cheirosos de Dallas, ajudando com os movimentos, enquanto ela vai me chupando cada vez mais firme, deliciando-se, como se eu

PERIGOSAS ACHERON

fosse uma maldita sobremesa servida antes do almoço.

— Você gosta de me chupar, sua maldita? — Pergunto puxando seus cabelos.

— Adoro. — Com meu pau na boca, ela admite e ergue os olhos na minha direção, me levando a loucura.

— Então chupa, desgraçada. — Ordeno, empurrando a cabeça dela contra minha ereção rígida. Espero que ela proteste, me xingue, mas ao contrário do que espero, Dallas apenas obedece rápido, me chupando, sugando ao mesmo tempo com delicadeza e desejo. É avassaladora. Vou me movimentando, curtindo sua boca macia. Empurro o corpo para trás, dando mais espaço para ela se movimentar, minha esposa começa a lamber mais firme, chupando com estalos audíveis por cima da música. Essa Deusa maravilhosa está me honrando?! Não é um sonho? — Que boca é essa, Dallas? Você é muito gostosa.

— Hmmm. — Ela responde de boca cheia, sugando, os olhos fechados, aumentando o ritmo.

— Assim, mais forte, porra. — Exijo com prazer. Dallas segue minhas instruções, me fazendo

PERIGOSAS ACHERON

estremecer. — Eu vou gozar. — Aviso, em respeito à última vez e para não repetir aquele episódio que cortou todo o clima.

Dallas se afasta para me deixar jorrar, enquanto continua batendo para mim. Eu gozo deliciosamente, embora menos do que se fosse em sua língua e sinto sua boca perto da minha, como quem vai me dar um beijo, mas a maravilha nunca vem, me deixando ainda mais louco por mais. Termino ofegante, puxando-a para cima de mim e finalmente dando um beijo forte em seus lábios. Dallas se afasta sorrindo e ameaça pegar o cinto do carro novamente.

— Não! Nem tente, vá para o banco de trás, eu preciso comer você agora. — Ordeno, abrindo o porta luvas e pegando uma camisinha para encapar o membro ainda rígido e desejoso.

— Está falando sério? — Ela abre bem os olhos cor-de-mel.

— Claro, vá ali e empine essa bunda gostosa. — Empurro-a para o banco de trás.

Dallas ergue as sobrancelhas, solta um suspiro, mas faz como mando, indo para o banco de trás, ficando de joelho no assento, tirando o cinto

PERIGOSAS ACHERON

de couro e fivela dourada da calça jeans. Passo lubrificante pela camisinha e fecho o porta luvas, passando para trás e chegando por trás dela. É um pouco desconfortável e sem jeito, dentro do carro, mesmo um SUV grande, mas eu não ia aguentar dirigir e esperar chegar em casa para tê-la, Dallas me transforma em um animal cheio de instintos descontrolados.

Desço sua calça até as coxas macias e testo sua abertura, percebendo que ela se molhou toda me esperando e isso me excita mais, deslizo os dedos por sua vagina, ouvindo aquele gemido maravilhoso que somente Dallas pode fazer. Abro suas nádegas, encarando um de meus paraísos. Vou fazer Dallas tatuar o meu nome aqui, com certeza! Dou uma lambida forte, ela exala de prazer, testo a abertura com os dedos, deixando-a pronta, afastando suas pernas mais um pouco. Apoio o joelho no assento e entro, empurrando Dallas contra o banco, ah, tão molhada e apertada! Ela solta um gemido poderoso que me deixa maravilhado enquanto sinto seu calor me envolver inteiro e começo a estocar, sentindo prazer em todo o meu corpo. Eu gosto como ela se prepara para mim, entende? Como ela parece adivinhar o que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vou querer, caso contrário seria impossível transar no carro sem fazer uma grande bagunça.

— Vem aqui, maldita. — Coloco Dallas sentada em meu membro e ela tem que se movimentar, enquanto ofega e geme ao mesmo tempo. — Isso, geme. — Começo a masturbá-la com os dedos também, intensificando seus gemidos.

— Sieg... — Dallas ofega.

Deuses, sempre que ela geme meu nome eu vou para o céu e volto. Continuo forte, movendo o quadril em círculos e batendo, mantendo-a firme em mim. Ela se movimenta, involuntariamente de prazer, totalmente entregue, curvando o corpo para frente. Deslizo as mãos para seus seios, apertando firme e mais um gemido explode, então dou uma mordidinha gentil em sua nuca e ela explode gozando, com os gemidos que lembram a um gato gritando. Música para meus ouvidos

— Merda Dallas, você é uma gostosa fodida. — Chupo meus dedos lambendo seu sabor amargo e continuo as estocadas, enquanto ela amolece mais, me permitindo entrar mais rápido e mais forte.

PERIGOSAS ACHERON

Atinjo o orgasmo em seguida, soltando um gemido contido, cheirando sua nuca, por entre os cabelos escuros e suados. Eu a solto no banco, Dallas cai deitada, ofegando e subo por cima dela, beijando-a intensamente nos lábios, com carinho. Com as duas mãos ela segura o meu rosto e me recebe.

— Eu poderia fazer isso a noite toda. — Solto o meu corpo por cima de Dallas, esfregando minha testa com a dela.

Ela está com frio, sinto pela boca fresca e pela pele gelada, por isso, a aperto contra meu corpo, na tentativa de esquentá-la.

— É uma promessa, Siegfried? — Ela pisca longamente os cílios cheios de máscara e sorri, permitindo que eu me apoie em seu corpo, escutando o seu coração, enquanto corre a mão pelos meus cabelos, fazendo um carinho que amolece todo o meu corpo, beijo seus seios por cima da roupa. — Porque se for, eu vou cobrar.

Ela é perfeita para mim. Meu coração parece que fica maior e esquentando. Eu sei que não deveria sentir essas coisas e que devia evitar me envolver emocionalmente com a primogênita da

família Drake, mas quanto mais eu evito, mais vontade tenho de ficar perto, de beijá-la, de cheirá-la, e de tatuar o meu nome na sua nádega, para que todos saibam que eu a *tenho*.

Nesse momento, não me importo com as nossas famílias ou com o que os soldados podem dizer se me vissem sendo carinhoso com uma mulher que deveria ser minha inimiga. Vão todos à merda! A única coisa que me importa é ficar com Dallas. Estou condenado.

Capítulo 08

(Dallas)

A vibração do celular em cima do criado mudo ao lado da cama desperta-me do sono de repente. Não lembro meus sonhos dessa vez, o que é bom. Percebo o corpo de Siegfried contra o meu, seu calor intenso em minhas costas é apenas um lembrete do quanto esse homem é puro fogo. *Em vários sentidos.*

Ergo o braço com cansaço e empurro os cobertores tomados pelo perfume forte de Siegfried. O cheiro de madeira nova e tinta de parede indicam o quanto aquele apartamento foi recém decorado.

— Alô? — Atendo baixinho e sentindo frio, buscando minha calcinha no chão. Pego a camiseta de Siegfried e visto, afastando da cama enquanto ele se move, ajustando o travesseiro.

— Dallas? Nossa eu estava preocupada. — A voz de Pandora rompe pelo silêncio da manhã. — Já te liguei três vezes.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estava dormindo! — Reclamo, andando até a porta, onde encosto-me no batente encarando o corredor cheio de quadros e artefatos que imitam coisas vikings.

— Uau, dormindo bem então, a lua de mel deve estar maravilhosa. — Ela arfa de um jeito estranho e sinto em sua voz um leve arranhar incomum, de quem está irritada. — Como estão as coisas com seu brutamontes?

Dou um sorriso e olho para a cama. Siegfried está dormindo com parte do corpo descoberta e exibindo aquela beleza selvagem que ele possui. Dormindo, ele parece um mar calmo, coisa que sabemos que não é. Siegfried é pura tempestade que passei a apreciar.

As palavras de minha irmã me alertaram para aquela realidade que nos últimos dois dias eu estava tentando fugir. Imaginei Raquella por trás dela, ordenando aquela ligação, querendo saber do contrato que supostamente estávamos revisando e de todas as responsabilidades que esse casamento jogava em cima dos meus ombros.

— Ainda não começamos a revisar o material do contrato. — Avisei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não revisou? Escute... — Mudou de assunto, confirmando minhas suspeitas. — Papai marcou um jantar com o prefeito. Algo informal, mas deixou claro que você tem que estar presente.

— Eu e Sieg, quer dizer?

— Não traga Siegfried. — Pandora alertou.

— Um jantar com o prefeito e o meu marido não pode ir? — Dei risada.

Escutei uma barulheira do outro lado da linha. Vozes por trás de Pandora e barulho de atrito, como se o celular de minha irmã tivesse sido derrubado no chão. Imaginei o que era antes de ouvir a voz da bruxa.

— Dallas? — Raquella assumiu a ligação. Não falei?

— Bom dia Raquella. — Acrescentei com falsidade.

— Bom dia, filha. Como estão as coisas por aí? Onde fica o apartamento? Nenhum Turgard quis me dar o endereço. — Resmungou fazendo voz de uma preocupada mãe que quer visitar a filha. Bati a cabeça no batente encarando aquele escudo viking azul ao lado de um quadro com uma guerreira entre

PERIGOSAS ACHERON

nuvens cinzentas e um elmo dourado. — Por que não me manda sua localização? Assim podemos visitar vocês.

— Visitar-nos, Raquella? — Meu coração saltou de desgosto. O que eu menos precisava era de Raquella invadindo minha privacidade e controlando os meus passos. — O apartamento não está todo pronto ainda.

— Melhor ainda. — Insistiu. — Precisa de ajuda para arrumar, certamente...

Senti o aparelho escorregar da minha mão e aquele calor me envolver pelas costas, afastando os cabelos da minha nuca e raspando a barba cheirosa em minha pele. O arrepio que se formou em minhas costas, aquela inconfundível pegada firme. Não impedi, deixei Siegfried tomar o celular:

— Bom dia Raquella, posso saber porque está nos ligando? — Siegfried avançou com a voz mole, derrubando a mão em meu ombro. — Preocupada com o quê? Não sou um maldito lobo selvagem para comer as tripas de sua enteada. — Uma pausa, ele apertou os dedos contra mim. — Porra, sério? Quem tem que se preocupar com o traseiro dela sou eu. Claro que não vamos passar a

localização, depois dos atentados toda medida de segurança é importante. — Atirou irado, a voz ficando mais alta e firme conforme ele acordava. Mordi os lábios para não sorrir e olhei para Sieg. Ele piscou para mim com um sorriso de divertimento no rosto, escutando Raquella. Fiquei contando o contorno das tatuagens em sua pele, seguindo as linhas até o quadril. — Vamos convidar amigos e parentes assim que a casa estiver pronta, mas não nos apresse. Vikings respeitam muito esse período de recém-casamento. É tradição. — Não aguentei e sorri, Siegfried passou o braço para minha cintura e eu o abracei, notando que ele não havia posto nem uma peça de roupa sequer. O corpo de Siegfried tinha muitas marcas, cicatrizes de brigas, tatuagens que os vikings usam como um amuleto de poder. Ouvi Raquella protestar, sua voz rompendo o aparelho, mas Siegfried não parecia se abalar com as exigências dela. E eu admirava o quanto ele estava sendo protetor naquele momento. — Eu decido quando Dallas vai sair ou deixar de sair, Raquella. Passar bem.

Siegfried desligou o telefone e me entregou. Segurei o aparelho enquanto ele desceu as mãos

PERIGOSAS ACHERON

quentes para minhas nádegas, tomando posse.

— Sou sua prisioneira agora, Sieg? — Perguntei um pouco irritada. Não gostei mesmo da última frase, estragou tudo o que eu estava sentindo de bom naquele momento.

— Você não parecia feliz em ser prisioneira dela, então acho que sou um carcereiro melhor. — Gabou-se sorrindo, apertando meu traseiro com aquele desejo insaciável dele. Por entre minhas pernas, senti seu membro enrijecido. — Não será tão ruim, só algumas algemas felpudas e uma tatuagem nessa bunda gostosa, Dal. — Beijou meus lábios, enfiando as mãos por dentro da minha calcinha.

Oh, pela Deusa. Tem sido extremamente difícil manter a cabeça no lugar esses últimos dias. A corda de inimizades que se formou ao longo dos anos entre mim e Siegfried rompeu-se no casamento, naquele episódio no chalé! Perco totalmente o controle sobre meus atos quando ele me segura desse jeito. É seu cheiro selvagem que mistura sal e o perfume amadeirado, seu calor contra a temperatura sempre fria e úmida da ilha. E o fato de que toda vez que ele me abraça, eu me

sinto realmente amparada, claro.

— Sieg...

— Adoro quando você murmura o meu nome desse jeito manhoso. — Apertou seu quadril contra o meu.

Suas atitudes fazem a mesma coisa: acordar para interromper a ligação foi como se ele percebesse o quanto eu não queria Raquella por aqui, o quanto ela sempre me controlou e impediu que eu fizesse o que queria, jogando sempre a responsabilidade do casamento em meus ombros.

Cresci em uma gaiola de ouro com a missão de ser uma arma contra o marido que a guerra reservou para mim. Meu pai espera que eu controle Siegfried e que através dele, todos os domínios passem para minha família. E no começo, eu estava disposta a seguir esse controle, eu realmente estava, mas agora... Depois de todos esses dias, mudei de ideia. O que minha família faria se soubesse o quanto hesito? O quanto eu deixo que Siegfried me conduza?

— Diga que me quer, Dallas. — Ele exige por entre meus lábios, sua voz rouca, o cheiro do seu corpo e a forma com que ele me segura é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas uma demonstração de tudo o que provei esses dias.

— Hm, eu te quero.

Sou como uma passageira em um barco que atravessa a névoa, sem controle algum por onde esse barco está indo e curiosa com o universo que existe por trás do véu branco. Podem me chamar de egoísta, mas vou pensar nesse lance de família depois!

Sinto o momento em que Siegfried me derruba no colchão, arranhando minhas coxas e puxando a calcinha que vesti, solto um riso. Tem sido gostoso nos dias de lua de mel, ninguém nos incomodando ou interferindo, nossa relação crescendo pouco a pouco.

Não sobra muito tempo para conversar, não quando ele me beija com sua língua mordaz e faz o meu corpo inteiro tremer com o poder de seus dedos. Entrego-me ao prazer, a esses momentos de intimidade que me deixa louca e inconsequente, mas também tem horas que apenas curtimos os minutos do relógio abraçados, ou cozinhando alguma coisa. Sabe, tirando toda a negociação, toda a tensão do casamento, as responsabilidades...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tirando essa droga de guerra familiar... Acho que nos damos *muito* bem.

Siegfried se enterra dentro de mim com fervor, solto um gemido e o abraço, beijando-o intensamente por entre a barba máscula e cheirosa. Eu não me engano quando digo que ambos estamos apaixonados, mas sei que será impossível manter esse clima ameno por muito tempo.



O vento gelado tira meus cabelos do lugar e seguro uma mecha castanha com os dedos, prendendo-os atrás da orelha. Meus braços estão apoiados na grade de madeira enquanto eu ouvia os bodes berrando e Siegfried os alimentando ao lado dos fazendeiros contratados.

Sabe o que eu falei sobre viver para sempre com Siegfried em uma onda de amor e sexo? Esqueçam, esse marasmo está me irritando profundamente. Deslizei os dedos pelo celular. Eu estava trocando mensagens de voz com minha irmã, até que resolvi ligar logo de uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pandora estava contando que já conheceu alguns museus e restaurantes na cidade e que seu namorado, Ulrich, vai levá-la para uma boate essa noite. Tenho que confessar que invejo a vida que minha irmã Pandora pode construir para si. Não estou reclamando do homem que tenho na cama, mas da liberdade em si. Pandora pôde fazer tudo o que sonhou, enquanto eu sempre fiquei a mercê das vontades dos outros.

— Queria sair. — Choraminguei na ligação, vendo Siegfried conversando com o fazendeiro responsável.

— Quem mandou dar tão gostoso, querida irmã? Ulrich já chamou vocês mil vezes, mas Siegfried sempre recusa. — Pandora revelou.

— Não estamos na cidade, mas numa fazenda que ele comprou para colocar os bodes do casamento, é um chalé, eu acho, não sei... Estamos aqui já tem quatro dias.

— Deve ser legal.

— É entediante. — Respondi. — Raquella ficou importunando, ele achou melhor virmos para cá...

PERIGOSAS ACHERON

— Raquella quer notícias, sabe que ela é leva e trás do papai, não é? — Pandora comentou com um suspiro irritado. — Querem saber sobre o contrato. O que vocês já decidiram?

— Não muito, ficamos focados em ler algumas regras de taxaço, tem muita coisa confusa e burocrática, não é? Especialmente no porto, algumas taxas duplas... Sieg disse que vamos daqui uns dias para o porto, quem sabe ele me deixe sair com você quando estivermos aí. — Conteí.

— Quem sabe. — Ela resignou-se. — E o que vocês fazem por aí?

— Sexo.

— Ah, bandida! — Gargalhou. — É bom?

— Oh, muito. — Revelei rindo e puxei uma farpa da grade de madeira rústica e clara que segurava os bodes. — Mas não é só isso, parece que conheci outra pessoa nesses dias, sabe? Até me esqueço que aquelas mãos já mataram muita gente.

— Não fique pensando nas partes ruins, isso é auto sabotagem, Dallas. — Pandora repreendeu-me. Atirei a farpa sobre a grama verde e girei o corpo, segurando o celular, tentando fazer o som do

PERIGOSAS NACIONAIS

vento melhorar. — O que mais descobriu sobre Siegfried? Conte-me tudo!

— Ele leva as tradições vikings bem a sério, os cultos a Thor, se importa com as pessoas. — Contei. Ela fez um som de surpresa, o que me incentivou a dar mais detalhes. — Ele me deu uma arma, de presente.

— Você odeia armas.

— Eu sei! E no começo achei o negócio de mau gosto, quase joguei pela janela do chalé! Mas Sieg explicou que antigamente era comum o noivo dar uma arma ao se casar, como sinal de que protegeria a nova família para sempre. — Contei, lembrando-me daquela tarde cujo por-do-sol estava avermelhado. Eu estava sobre a cama lendo quando ele entrou com a maleta e me deu o presente.

— Que fofo! — Pandora derreteu-se. — Vocês são muito diferentes, eu pensei que ia dar mais briga entre vocês.

— Ele está se esforçando e isso faz com que eu queira me esforçar também. Teve um dia que ele até deixou de comer carne, sabe? Um dia na semana pode ser pouco, mas ele disse que vai tentar manter.

PERIGOSAS ACHERON

— Uau, realmente ele está se esforçando. — Pandora abismou-se. Mais ou menos a mesma reação que eu tive quando Siegfried se propôs a comer uma panqueca de brócolis. — Mas não seja duro com ele, Dallas, você sabe que ele tem que manter uma reputação e não ganhamos nada se ele perder posição para outro líder agora.

— Eu sei que não. Não quero que ele perca domínio, nem nada, ao contrário, especialmente com Karvel rondando a senhora Dagmar... Além disso, essa droga toda é muito importante para ele, sabe? Ficarão arrasado se Dagmar escolher outra pessoa. Vou me esforçar e serei muito boazinha com ela quando voltar.

— Soa como se você tivesse um plano.

— Oh, não, aquela mulher me assusta. — Confessei rindo. — Mas Siegfried faz valer a pena, ele tem um lado *muito doce*.

— Doce? Duvido, é você apaixonada falando! — Riu alto do outro lado da ligação e eu a imaginei rolando pela cama. — Você parece tranquila, Dallas e isso me deixa feliz. — Ela pontuou com a voz animada. Olhei para o céu azulado com poucas nuvens. — Mas Siegfried está

monopolizando você. Quando irá voltar?

— Estou morrendo de saudades sua, Pan! E por quê você e Ulrich não dão um jeito de virem para cá? Seria bom ter companhia. — Pedi, quase implorando. — Certamente seu namorado sabe onde estamos.

— Siegfried deu ordem para ninguém incomodá-los, Dallas. Ulrich acha que ele quer criar um momento pacífico, entende? Por causa do casamento. — Pandora revelou com um som de batida, como se estivesse mexendo em alguma coisa. Girei novamente, olhando para o campo, Siegfried estava com um joelho na grama, acariciando um bode branco. — E as coisas por aqui estão complicadas.

— Espere, conte isso direito. O que está complicado?

— Além do clima tenso entre as famílias e os soldados? — Riu-se com amargura. — Bem, tem uma gangue atrapalhando. Roubaram uma carga importante. Alyssa está trabalhando nisso e eu fiquei de buscar a placa do caminhão que...

— Pan, não se meta nesses negócios, é perigoso. — Segurei a gola da jaqueta preta com PERIGOSAS ACHERON

dor.

Lembrei de minha mãe, do sequestro, de tudo. Eu não queria minha irmã fazendo as coisas que a irmã de Siegfried faz, é tão arriscado! Pode parecer admirável tudo o que Alyssa faz e certamente ela tem o meu respeito, mas uma coisa é a irmã de outra pessoa se arriscar e outra coisa é a sua ficar vulnerável e levar um tiro!

— Eu não estou me metendo, só comentei com ela que seria fácil localizar a carga, vou apenas consultar os satélites, passar a ela o endereço. Ela é legal, Dallas. — Pandora se justificou.

— Bem, parece que você está se dando bem com todo mundo. — Resmunguei tentando afastar o pânico que senti. — Você é muito inteligente, claro que eles vão te dar valor...

— Não seja ciumenta. Ulrich não me deixaria fazer nada arriscado, ele cuida bem de mim. — Soou apaixonada.

— Hmmmm. — Fiz brincando. — É, parece que vamos ter outro casamento.

— Pare com isso! Sabe que papai nunca permitiria que mais um de nós se envolvesse com

alguém de Turgard. — Pandora lembrou-me, o que me fez torcer a boca em descontentamento. — Eles estão deixando você, mas é por enquanto. Você sabe como é.

— Eu sei, eu sei. — Suspirei lembrando. Eu tinha minhas responsabilidades com a família e todo aquele tempo com Siegfried não apagava o meu destino. Eu via o sorriso no rosto de Siegfried quase todos os dias e reconhecia o mar manso que existia nele atualmente, não queria ver de novo aquelas horríveis tempestades sanguinárias, mas era a realidade. — São décadas de guerra, não é um casamento que vai apagar esse histórico.

— E papai não vai descansar enquanto a família não recuperar tudo o que eles roubaram. — Pontuou.

— É... — Vi Siegfried apertar a mão do fazendeiro e vir em minha direção, com um sorriso, não aguentei e sorri para ele também. — Sieg está voltando. — Avisei. — Dê um jeito de vir para cá essa noite, ou amanhã, por favor? Fale com Ulrich, vou falar com Sieg.

— Está bem, verei o que consigo fazer. — Pandora suspirou vencida.

— Beijo, até mais. — Desliguei a ligação e guardei o celular no bolso frontal. Juntei as mãos e esperei Siegfried se aproximar. — Então? Ele está bem? — Perguntei sobre o bode.

— Kurt disse que o bode é uma cabra, está prenha, esperando um cabritinho. Olhe, nosso casamento já está dando frutos inesperados. — Brincou se aproximando da grade com um sorriso e subindo para me acertar um beijo na boca. Senti o impacto fresco, seus lábios e a barba gelados. — Parece que se enganaram e dois deles são fêmeas.

— Impressionante. — Comentei com um suspiro. — Mas é algo ruim? Você disse que tinham que ser machos.

— É a tradição. Você não fica chateada, fica? — Perguntou preocupado. — Eu realmente comprei vinte machos, mas vieram só dezoito...

— Não, realmente. — Dei um sorriso, achando engraçado sua preocupação. — Como você disse, é inesperado! Mas para mim, tanto faz, não sou *viking*.

— É minha esposa, Dallas. Agora você é *viking*. — Encarou-me meio aborrecido e passou por cima da cerca, pulando. Eu o segurei no PERIGOSAS ACHERON

instante em que ele bateu as botas no chão. — Que desespero. — Brincou, percebendo que eu pensei que ele fosse cair. Sorri, ele beijou minha testa. — Vou tomar um banho, quer vir junto? Podemos emendar do banho para a cama e...

— Eu queria sair, sabe? — Interrompi, revelando. Coloquei os braços em seus ombros ficando de frente para ele e Siegfried segurou minha lombar. — Podia chamar Ulrich e Pandora para virem jantar, tenho certeza que seu amigo sabe onde estamos.

— Poucas pessoas sabem, mas certamente, Ulrich é uma delas. — Esticou as sobrancelhas claras, concordando. — Está com saudades de sua irmã, não é?

— E de fazer coisas com pessoas, Sieg.

— Está ruim aqui?

— Não está ruim esses dias com você, na verdade, aprecio todo o esforço que tem feito para me distanciar ao máximo das responsabilidades da família... Mas não posso viver escondida do mundo para sempre. — Deslizei as mãos por seus cabelos loiros suados, tirando-os de seu rosto, tenho um prazer especial por passar os dedos onde ele

PERIGOSAS ACHERON

raspa, por baixo do cabelo. Siegfried suspirou e desviou os olhos azuis, acho que ponderando. — Eu percebi, sabe?

— Sei. — Beijou-me novamente os lábios e se colocou a andar para o chalé, segurando minha mão. Ele secou o suor da testa com o braço. — Uma hora temos que voltar, é verdade, sua madrasta ficará enchendo o seu saco e minha mãe o meu, até mesmo a lua de mel tem prazo.

— E tem uma gangue atacando a cidade, é péssimo para você deixar a liderança na mão de outra pessoa o tempo todo.

— Quem te contou sobre isso? — Encarou-me surpreso, mas percebeu. — Pandora, aposto. Não consegue ficar de boca fechada, incrível. — Revirou os olhos, mas sorriu. — Certo. Amanhã voltamos para a cidade, você assume suas responsabilidades, eu as minha... Mas tem que me prometer uma coisa Dallas.

— O que é? — Perguntei.

Sigfried girou-me, segurando minhas duas mãos e me colocou de frente para ele antes de chegarmos às portas do chalé. Seus dedos deslizaram pela pulseira que eu usava e que ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha uma igual, apelando para aquela união. Eu soube que ele viria com algum decreto importante e esperava por isso.

— Se ficar pesado, para qualquer um de nós, vamos vir aqui. Ver os bodes, ficar uns dias distantes de tudo e todos. — Pediu sério. — Essa casa será um refúgio. Um lembrete dos dias que fizeram esse casamento *importante para nós*. Foda-se o que a família pensa. Seremos indestrutíveis.

Mordi os lábios. Ele *nunca* decepciona.

— Muito bem, que seja.

Siegfried lançou um sorriso, daqueles encantadores e envoltos em alegria. Segurou meu rosto com as duas mãos e me deu um beijo avassalador, selando o acordo. Senti meu coração bater forte, emocionado, com a estranha certeza de que bastaria voltar para esse paraíso e tudo, qualquer problema, se resolveria.

Seríamos indestrutíveis juntos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 09

(Siegfried)

As gotas massivas de chuva gelada batiam contra meu casaco impermeável preto. A água se juntava nos cantos do asfalto, jorrando como um rio farto. Atravessei a calçada pulando poças e adentrei o toldo de um estabelecimento comercial fechado pelo mau-tempo.

— Onde está o maldito? — Tirei o capacete verde-escuro jogando-o ao chão, as runas ficaram de cabeça para baixo, mais ou menos como eu estava me sentindo.

Estava ventando, quase 11 graus no final do verão, mas meu corpo estava quente como uma maldita piscina termal. A raiva que eu estava sentindo era indescritível e a besta peluda dentro de mim estava rugindo como um animal selvagem descontrolado.

— Sieg você precisa se acalmar. — Ulrich bloqueia meu corpo com os braços como um jogador de rugby.

PERIGOSAS ACHERON

Forte e robusto, meu amigo é um dos poucos que consegue seriamente me segurar de fazer alguma besteira. Seus cabelos loiros estão molhados, sua jaqueta marrom escura respingada da chuva e as botas impermeáveis por cima da calça devem estar friar como um inferno.

— Eu preciso é arrancar o fígado de Karvel com os dentes! — Esbravejo tentando forçar minha entrada pelo local.

— Não faça drama! — Alyssa cruza os braços em frente a porta.

— Drama? Ele atacou uma operação dos Drake! — Cuspo no chão, me afastando, giro de costas e limpo a boca, minhas mãos cobertas pela luva preta estão trêmulas. Esse é o poder que a raiva tem sobre o meu corpo. Por isso me apelidaram de *Berserk*. — E agora o quê? Nós assinamos um acordo de paz quando me casei, porra!

— Karvel não recebeu o contrato ainda, você não entregou! — Alyssa passa as mãos pelos cabelos castanhos curtos, colocando-os para trás da orelha, onde brincos pequenos de argola dourada estão. Ela não usa maquiagens, nem cuida das

malditas unhas, claro que eu não podia esperar que ela usasse brincos compridos.

Encaro minha irmã enfurecido. Ela tem o meu respeito na maioria das vezes é uma ótima escudeira e eu não confio em metade dos soldados como confio nela, mas nessas horas, eu tenho vontade de torcer o pescoço de cisne dela!

— Ele tem a maldita cópia, Alyssa! — Grito, tendo que chutar a pilastra de metal que segura o toldo. A estrutura balança e o impacto nem causa efeito, o que me dá vontade de explodir alguma coisa grande. — Karvel fez isso de propósito e quero a cabeça dele por essa audácia!

— Atacar um dos seus por causa de uma operação dos Drake não vai fazer orgulho nenhum às vistas dos seus soldados Sieg. — Ulrich fica me cercando, com as mãos no ar pedindo calma e o olhar azul sério. Caminho como um lobo pela mata, cercando a presa, passo a mão na barba loira. — Estão especulando...

— Especulando o quê? — Grito, exigindo uma resposta.

— Que você está ocupado demais, meu irmão. — Alyssa joga as duas mãos na cintura fina

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por cima do macacão de motociclista. — Você ficou semanas distante, as operações seguiram sem você.

— Tentamos segurar as pontas, mas esses soldados precisam de um líder.. — Ulrich complementa.

— Karvel se aproveitou disso. — Alyssa explica séria, com os olhos cheios de uma culpa que ela quer jogar em mim.

— Merda! Maldição! — Chuto de novo a pilastra. — Eu abri espaço. E essa merda toda é culpa minha!

— É sua mesmo, Sieg. — Alyssa por fim, atira a culpa que ela queria tanto enfiar no meu rabo. — Estão todos dizendo que você dobrou por Dallas.

— Eu vou matá-lo! — Começo a chutar mais forte a pilastra, já que não posso socar a cara imunda de Karvel sem iniciar uma guerra.

Alyssa tem razão. Fiquei dias longe da cidade, do porto, das obrigações, tirando férias. Foi ótimo para o meu bem estar e eu realmente acreditei que manteria as coisas sob controle, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aí que mora meu erro! Sou impulsivo demais, emotivo demais. Quando termino de chutar, cansado de tentar derrubar a estrutura de metal, paro e me viro, suando. Deslizo as mãos no rosto, passando rapidamente, limpando, a respiração arranha a garganta com fio, soltando vapor.

— O que esse puto está armando? — Pergunto para meus amigos.

— Ele tem incitado os soldados a fazer motim. — Ulrich revela.

— Mas que porra! Assinamos um acordo de paz! — Berro.

— A paz não interessa a esses homens. — Alyssa me recorda, com um erguer sarcástico nas sobrancelhas, os braços cruzados. — Setenta por cento de nossas táticas eram de guerra e você está dando muito espaço para os Drake no porto.

— Estou casado com Dallas. — Justifico, mostrando as mãos. — Será que não entendem que as operações que eram de Drake são de Turgard agora?

— O repasse ficou bem menor e eles estão insatisfeitos com os cortes de benefícios. — Alyssa

PERIGOSAS ACHERON

explica.

Ugh. Não tenho como contrariar. Assimilar operações está dando trabalho e por isso aquele maldito contrato de núpcias é tão complicado. Perder inimigos é péssimo para os negócios, estou dizendo.

— Karvel prometeu a eles uma partilha maior. — Ulrich acrescenta cruzando os braços fortes.

— Que filho de uma vaca estéril! — Grito contra o vento e a chuva, chutando água do chão. — Vou resolver isso! Ah vou e depois vou pendurá-lo como uma galinha e arrancar todo o sangue através de seu pescoço quebrado!

— Quando você puder fazer isso ótimo, mas por enquanto você terá que fazer o jogo dele. — Alyssa esbraveja de volta, as veias saltando por seu rosto vermelho e o olhar letal.

Fazer o jogo de Karvel? Nunca. Encaro Alyssa por um segundo em silêncio mortal. Abaixo, pegando meu capacete do chão e coloco por cima da cabeça, abandonando os dois debaixo do toldo.

— Ei, Sieg! Onde você vai? — Com as mãos

ao redor da boca, minha irmã me chama.

— Resolver as coisas do meu jeito porque você é incapaz de fazer isso, Alyssa! — Retruco em um berro forte e um trovão ressoa no ar. Caminho até o outro lado da rua, onde estacionei a minha moto.

Escuto os dois xingarem, mas não se meteram, eles sabem que eu sou *incontrolável*.



Dirigi pela madrugada voltando para o apartamento. Enquanto fazia uma pequena volta pela cidade para esfriar a mente, ou eu acabaria descontando na pessoa mais próxima minha raiva.

Adentrei o corredor do hall de recepção soltando o capacete em cima da mesa, onde uma obra de arte que Dallas tinha feito questão de comprar estava. A maldita resolveu ocupar a cabeça visitando museus e redecorando alguns espaços em casa, era comum ela voltar com um vaso, um quadro, um tapete, mas não durava muito, ela desistia do projeto e começava de novo, depois

de uns dias.

— Sieg? — Ouvi a voz da minha ruína, me chamando da sala. Rapidamente ela apareceu na porta, a casa estava semi-apagada, mas era possível ouvir a música do aparelho de som, alguma coisa chata e orquestral que Dallas estava escutando. — Está tudo bem?

— Não está nada bem, caralho! — Desço o zíper da jaqueta molhada, tirando-a ao chão.

Dallas apenas cruza os braços e me encara. Ela está com os cabelos presos em um rabo baixo e de suéter branco, vermelho e azul, com calças agarradas nas pernas gostosas. Irritado, puxo as botas, uma a uma, brigando sozinho com objetos inanimados da casa, como os cabides, a porta do armário de roupas e minhas meias úmidas.

— O que é? — Pergunto ríspido para Dallas, incomodado com aquele silêncio observador. — Não tem nada melhor para fazer, não?

— Na verdade, não. — Ela dá de ombros, puxo a camiseta úmida e jogo no chão. — Foi Karvel que te chamou, não é? Por isso você está assim tão alterado.

— O filho da puta é a razão de meus problemas, mas eu estava com Alyssa e Ulrich. — Caminho até ela, que me encara com seus olhos escuros sem paciência. — Hm, está com ciúmes, minha *ursinha*?

— Não sou a ursinha de ninguém, não venha todo manhoso depois de um ataque de raiva. — Dallas se afasta de mim, descruzando os braços e indo na direção da cozinha. Dou uma encarada naquele traseiro que quero tanto. — Espero que não tenha socado o painel da garagem de novo.

— Soquei seu carro. — Dou uma risada.

— Ah, vá se ferrar. — Irritada, ela bate a porta do armário da cozinha, depois de tirar uma caneca preta. Dallas é atenciosa, gosta de me tratar bem. Quando eu chego em casa ela está sempre esperando, pronto para me fazer um chá e alguma coisa gostosa de comer.

— Estou brincando. — Dou risada e me encosto no balcão da ilha de mármore, ela me dá o olhar ardido e vai para o fogão, ligando a chaleira. — Estamos com problemas no porto, para variar.

— Que tipo? — Dallas pega um sache de chá e coloca dentro da caneca, derrubando em seguida

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas colheres de açúcar enquanto conversamos.

— Karvel interceptou um barco clandestino, prendeu os traficantes de fora, espancou uns rostos... — Enumero os problemas. — Alguns nomes rolaram. Uma adega clandestina na Itália.

— Puta merda.

— Pois é. — Coço a barba embaixo do queixo. — Descobrimos que era uma das operações de vocês, seu pai está irado, claro, parece que os caras eram aliados.

— Aff. Karvel fez de propósito. — Dallas estreita os olhos, demonstrando que é tão esperta quanto uma líder precisa ser.

E aí que mora o perigo. Dallas não tem exatamente interesse em cuidar dos negócios de sua família, ela quer mais que tudo se exploda enquanto fica apenas com a parte boa das coisas: os passeios livres pela cidade, seu piano que ocupa a nossa sala de um jeito irritante e as horas que passa na sauna quente. Mas isso não significa que ela não *sabe* das coisas, dos esquemas, da organização.

— Claro, assim ele irrita seu pai, que vai lá brigar com minha mãe, que faz parecer que eu

PERIGOSAS ACHERON

tenho um problema em comunicar com meus soldados para um erro tão básico... Ugh. Preciso dar um jeito nesse maldito, mas não posso chegar lá e socar a cara dele! Ulrich e Alyssa tem razão, ia gerar um motim. — Reviro os olhos.

A chaleira apita, Dallas desliga o fogo.

— Hm, então porque não fala com os italianos? Sem meu pai por perto, quero dizer. — Ela enche a caneca com água quente e se aproxima de mim, entregando o chá.

— Não sei onde achar esses malditos e depois do derramamento de sangue no porto, tenha certeza que eles vão chegar atirando da próxima vez. — Pego a caneca e provo o chá, bem doce, colocando ao lado da bancada.

— Eu posso arranjar essa conversa, até porque, fiz amizade com um dos membros da família uma vez.

— Que tipo de amizade? — Arranho a voz já com ciúmes. Se ela me provocar hoje, não sei não, mato um!

— Relaxe, Sieg. Não é nada disso. — Com um sorriso fofo, Dallas desliza as mãos pelos meus

braços. Reviro os olhos. — Liam Mantovani treinou comigo, digo, na mesma academia. Certamente ele pode intervir ao nosso favor e então enforcaremos Karvel. Ele nem vai perceber onde errou.

— Hm, Dallas... — Puxo sua cintura, atirando seu corpo quente contra o meu, roçando minha ereção em sua calça. — Assim você me deixa duro.

— Tem certeza que você não tem nenhum problema? — Repousando as mãos no meu peito, ela se inclina um pouco para trás. — Você está sempre duro aí em baixo, temo por sua saúde.

— Cale a boca. — Apalpo suas nádegas, beijando seu pescoço, raspando a barba em sua pele morna e macia. — Vamos, desça as calças, me deixe fazer meu trabalho.

— Acha que sou de ferro por acaso? Tem que me dar tempo de respirar um pouco. — Dallas se afasta um pouco e foge de minhas mãos. — Não quero ter que chamar os médicos, imagina o que vão dizer?

— Vai ter que dar um jeito aqui. — Olho para baixo, o volume forte e petrificado nas minhas
PERIGOSAS ACHERON

calças. — Sabe que só tem um jeito que me alivia de verdade, todo o resto que você faz, apenas me deixa mais cheio de vontade.

— Sieg. — Dallas abre os olhos, desvia o olhar, só pela cara já sei que vai ser mais uma noite que não vou ter.

— Porra, Dallas, tem quase uma semana. Vou começar a achar que você não gosta.

— Eu adoro, mas... — Quando penso que ela vai dizer alguma coisa, retrai os ombros e solta um suspiro entediada. — Às vezes não gosto. — Admite. — Sexo não é pra mim, penetração, essas coisas, e se eu penetrasse você com uma cinta?

— Nem fodendo. — Fico sério e respondo seco. Nunca! Nunca na minha vida, vou ser a mulherzinha de alguém, mesmo que esse alguém seja a *minha mulher*, Dallas.

— Ah, que besteira. — Revira os olhos. — Talvez você ache prazeroso.

— Talvez eu deva achar outro buraco para revezar com o seu. — Ameaço.

— Tente isso e você é um homem morto. — Ela range os dentes, segurando a faca de cortar pão

apontando na minha direção.

— Então que ondas revoltas você quer que eu faça? Essa maldita *Jörmungandr* não vai amolecer sozinha.

— Se vira! — Ela dá de ombros, mantendo distância.

Deixo a cozinha como um animal indócil, passando rápido para o lado. Subo as escadas para o corredor dos quartos e adentro o banheiro, tirando o resto de minhas roupas, abrindo o registro do chuveiro.

Relacionamentos são complicados e especialmente, quando os hormônios são assim tão ativos. Eu gostaria de dizer que basta Dallas me chupar, ou bater uma, que eu fico satisfeito, mas não é verdade, preciso estar dentro dela, fazendo-a gemer daquele jeito manhoso para satisfazer todas as minhas vontades.

O difícil é chegar no equilíbrio, entre as vontades de um e as vontades de outro, estamos começando a ter nossas primeiras crises por causa disso. Eu não sei o que vou fazer, mas naquela noite, escolho bater uma no banheiro. Depois, vou para sala ficar abraçado com Dallas, beijando de

PERIGOSAS ACHERON

forma quente, até ela ceder e fazer um oral em mim. Por fim, vamos para o quarto dormir juntos.

O problema é que eu acordo no meio da noite duro, tenho que bater mais uma enquanto ela está dormindo do meu lado. Será que essa situação se enquadra em infelicidade no casamento?



Atravesso a rua tirando o capacete, meus cabelos correm do rabo de cavalo, soltando as mechas esbranquiçadas. O entardecer vai ser bem chuvoso e isso é bom para nossos negócios. A polícia e a população se escondem da chuva e é quando as cargas mais valiosas são levadas para o porto.

Na porta do bordel clandestino em uma rua feia e fedida da cidade, os olhos intensos e verdes da prostituta com casaco de pele sintético me observam com algum interesse. São seus lábios vermelhos ao redor do filtro do cigarro que me fazem parar, virar o rosto para o lado e observá-la. Corpo esguio, alta para uma mulher, rosto simétrico

com um nariz fino e os olhos grandes e sedutores, os cabelos estão tingidos de vermelho para parecer que ela é da região, mas a cor mais bronzeada de sua pele deixam óbvio que a menina foi traficada. Há marcas em seu pulso, um hematoma que ela tenta esconder com maquiagem, já sei o que houve.

— Quem é você, piranha? — Pergunto puxando o cigarro de sua mão, colocando na boca e dando um trago, é uma porcaria mentolada qualquer.

— A nova garota, Sieg, não seja um cretino. — Ingvi me encara pela fresta da porta, um soldado de sobretudo impermeável está guardando o local, mantendo a fresta aberta. — O nome dela é Jordan.

— Isso não é nome de macho?

— Os clientes gostam de saber o que estão colocando na cama, é só. — Ingvi coloca as mãos na cintura, girando o corpo e me chama para entrar. Dou uma encarada na prostituta, você não diria que na verdade ela teria nascido homem, entende? — Venha, está frio e esse lugar precisa de uma auditoria.

— Hm. — Seguro no braço da prostituta e levo para dentro do bordel.

PERIGOSAS NACIONAIS

O salão está fechado, só abre as quando o expediente acaba, o que será breve. A maioria dos clientes são homens de família ou garotos jovens procurando diversão. Tem de tudo e para todos os gostos, mulheres e travestis. Todas as prostitutas são traficadas, elas podem se considerar com sorte, não são vendidas como escravas do outro lado da ilha, na China.

Dos altos falantes em volume baixo está tocando um *witch house* lento e alguns soldados estão assistindo a uma garota no poledance, de corpo pequeno, seios fartos e cabelos bem curtos de pele marrom. Eu ficaria para assistir, mas tenho negócios para tratar.

O *Crying Mirror* é uma daquelas espeluncas com quartos no andar de cima, um corredor vermelho onde é possível ouvir orgasmos dos vizinhos e um bar com bebidas baratas traficadas no porto, não é um ponto de drogas, mas se o cliente quiser, dá-se um jeito. As pessoas pagam relativamente caro por uma noite de diversão e o lucro é bom. Além disso, nossos soldados têm serviços VIPs e isso os mantém animados.

— Traga minha garrafa de vodka, Ingvi. —

PERIGOSAS ACHERON

Peço, empurrando a garota pelo salão.

Seguimos para uma parte de piso elevado onde há mesas fechadas por cortinas e sofás circulares. Os clientes pagam as garotas para dançarem em seus colos, alguns orais rápidos, é onde a maioria termina a noite, se não tiver coragem de se comprometer mais e subir para um dos quartos.

Jogo a ruiva contra um sofá e me sento do lado dela. Ingvi vem com dois copos e a garrafa, ela serve para si e para mim.

— Vou fechar o andar de cima hoje, tem ratos e um corpo de um advogado do estado para desaparecer. — Ingvi fecha a cortina. Escuto seus saltos se afastando.

Apago o cigarro na mesa, jogo a fumaça no rosto da prostituta e ela engole em seco, desviando o olhar verde para baixo. Pego o uísque, deslizando os dedos na borda do copo e puxo para um gole amargo na vodka quente. Minha garganta esquenta e logo o líquido causa uma sensação confortável pelo corpo.

— Como aconteceu? — Pergunto. Jordan fica calada, seus músculos rígidos. — Ou me diz,
PERIGOSAS ACHERON

ou vou arrancar verdades aos socos.

Seus olhos verdes me atingem, ela comprime os lábios vermelhos, juntando as mãos com unhas postiças e braceletes baratos de uma loja de acessórios de quinta categoria por cima da mesa de madeira

— Maggie estava gritando. — Ela começa devagar, apertando os dedos de nervosismo, seu sotaque é algo indecifrável, não sei se russo ou americano. — Ouvi do outro quarto, eu tinha acabado de terminar um cliente.

— E então? — Dei outro gole na vodka.

— Tentei abrir a porta, sabe para olhar, não podemos trancar... Mas estava trancada, o que me alertou, ela continuava gritando, chamei por ela e ela gritou mais forte. Chutei até a fechadura ceder.

— Quer me convencer que um simples chute abriu a porta? Com essas pernas magras aí? — Olhei por baixo da mesa, pela lateral, ela tinha pernas longas e sexys, o micro short preto se grudava bem ao corpo, revelando seus detalhes.

— A madeira estava caindo aos pedaços. — Ela fechou um pouco as pernas, tensa. — Não eram

gritos bons, você se acostuma a ouvir essas coisas por aqui... Aqueles gritos lembravam da minha mãe. Quando abri a porta, o cara estava por cima dela, tinha quebrado o nariz de Maggie, jorrando sangue. Fui para cima dele para tentar apartar, ele me socou enquanto Maggie fugiu. Achei a tesoura por acaso por cima da penteadeira.

— Acertou em cheio, com precisão. O cara morreu na hora, Jordan. — Arranho a voz. Aquela descrição me lembrava outra que escutei um tempo atrás e fiquei tenso de imaginar todos os segredos que se escondiam ali, por baixo da pele branca e dos cabelos ruivos.

— Eu só queria acertar qualquer lugar. — Jordan se encolhe, escondendo o rosto com os cabelos ruivos e colocando as mãos para baixo da mesa.

— Que sorte a sua então. — Apoio o copo vazio em cima da mesa, fazendo um barulho seco. — Quem batia na sua mãe?

Observo cada detalhe, percebendo que ela está tremendo de medo na minha frente. Claro, Aron é o cara que manda por aqui e certamente ter uma prostituta matando um dos clientes é um

problema. Não foi a toa que fomos chamados.

— Meu pai. — A garota suspira, exalando pela boca e coloca a mão na nuca, como se sentisse dor. — Quando ela morreu foi a minha vez. Os caras já tem tudo quando vêm aqui, eles pagam uma coisa, chega no quarto, obrigam a fazer outra... Então se uma menina recusa, é o nariz dela que eles estouram?

— Está tentando me dizer como devo administrar o negócio, Jordan?

— Desculpe. — Ela abaixa a cabeça, afinal, qualquer um por aqui já aprendeu a quem tem que ser submisso.

E eu gosto disso. De pessoas que sabem ser submissas e demonstram respeito pelo meu nome e minha fama.

— Hm. — Puxo do bolso frontal da jaqueta o maço de cigarros e o isqueiro, acendendo um.

A garota fica tremendo na minha frente e dá um salto quando coloco o cigarro em seu campo de visão, expulsando fumaça para o lado, abanando a mão. Ela pega o cigarro com os dedos finos e coloca na boca, erguendo a cabeça e me encarando

PERIGOSAS NACIONAIS

através de suas lentes. Eu a deixo fumar um pouco em silêncio.

— Sabe, Jordan... — Coloco vodka no meu copo devagar e pego o copo para dar um gole. — Temos um problema, você não pode simplesmente matar um cliente e achar que vai ficar tudo bem.

Ela faz que sim com a cabeça, tremendo mais, a ponto que nem consegue segurar o cigarro direito. Sua fraqueza, o medo que ela demonstra, são coisas que eu adoro nesse trabalho. Certamente Jordan sabe que deixará o bordel para um caixão, e digamos que estaria muito certa em pensar dessa forma.

Eu normalmente curto esse momento, mas não sei o que há comigo, não consigo olhar para suas mãos delicadas e magras tremendo e não fazer nada a respeito!

— Posso acalmar um pouco Aron, em troca de de lealdade. — Sugiro. Merda, não era exatamente o que eu tinha que fazer.

— Você tem fama por aqui, as garotas contam sobre o que você gosta de fazer.

— Não é nada disso que eu quero.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É mesmo? — Ela dá um sorriso e eu solto sua mão, mas logo ela se movimenta, chegando mais perto, atirando o perfume barato e doce para cima de mim. Mordo os lábios. — É verdade que você *amoleceu*?

— Coloque a mão aí para ver o quanto eles estão errados, puta.

Com a mão na minha coxa, subindo, ela pega o cigarro com a mão livre dos lábios, tragando fundo. Passa as pernas para o lado e sobe no meu colo. Inspiro fundo, absorvendo a fumaça que ela exala pela boca, passando as mãos por suas pernas macias. Jordan dança ao som da música para mim, jogando os cabelos para o lado, rebolando no meu colo e dando um show particular. Ela me dá o cigarro, eu trago, enquanto Jordan tira a blusa, ficando apenas com um sutiã rendado e velho preto. Se força para trás, sentando na mesa e abre as pernas, rebolando.

Dou um sorriso nefasto observando seus músculos movimentando, ela desliza as mãos por ela mesma, aperta os seios e desce para a barriga, soltando um a um os botões do shorts envelope, tirando, ficando apenas de salto alto e lingerie.

PERIGOSAS ACHERON

Deslizo a mão no rosto, escovando a barba. Rapidamente ela tira o sutiã, descendo pelos ombros, fazendo charme. Fico apenas observando, fumando, enquanto ela pega o copo de vodka e joga sobre os seios como um convite. Apago o cigarro sobre a mesa, perto de sua coxa e encaro seu umbigo, onde ela tem um piercing em forma de borboleta.

É ali que coloco minha língua, deslizando para cima, lambendo a vodka e deliciando-me com seu corpo, brinco com o piercing na língua e circulo o bico dos seios pequenos, porém firmes e desenhados por um belo cirurgião. Mordisco seu ombro, seguro em seu pescoço e já consigo sentir a minha ereção querendo romper a calça jeans.

— É... — As mãos da garota me provam por cima da calça. — Amoleceu não.

— Cadê o preservativo? — Pergunto, deslizando os dedos em seus seios e indo até a calcinha.

Debaixo da mesa ela tira um preservativo especialmente colocado para esses momentos do bordel e coloca entre nós. Meu coração está bombeando de tesão todos os hormônios

incontroláveis em meu corpo. Ela rasga a embalagem amarela, eu rasgo sua calcinha com um estouro marcando a pele, fica um risco vermelho temporário que logo sumirá.

Jordan ri e abre minha calça, botão a botão, descendo o zíper e abaixando a calça com a cueca, sem perder tempo, me encapando. A sensação de seus dedos experientes no meu membro enlouquecem o último fio de sanidade que eu ainda tinha.

Entro sedento pela parte de trás. Ela larga um suspiro, como se gostasse. As melhores putas são aquelas que se divertem em vez de fazerem por obrigação, ou com nojo. Dou estocadas fortes, segurando seu corpo magro contra o meu, afundando a mão em sua bunda, sentindo seu corpo mais quente e sua respiração ofegante. Eu nem percebo exatamente em que momento comecei a beijar sua boca, espalhando batom por nossos rostos, seguro na mesa com força, a deitando e a faço gozar bem ali, momentos antes de explodir na camisinha.



Abro a porta de um apartamento no porão de um pequeno prédio de três andares. Acendo a luz iluminando o interior quase arrumado. Tem uma parede que é inteiramente uma prateleira pintada de branca, o teto é baixo e cabe apenas uma poltrona e uma cama, além de uma pequena copa com frigobar. Confesso, já me arrependo, mas também, não posso sumir com a garota, simplesmente.

— É pequeno mas...

— Parece um hotel! — Abrindo bem os olhos, Jordan passa para dentro do apartamento do porão. Ela sorri encantada, remexendo nas pequenas reformas. — Vou poder mesmo dormir aqui?

— Por que está me dando esse olhar desconfiado, ruivinha? — Fecho a porta atrás de mim e solto a mochila com as poucas coisas que ela trouxe de sua terra natal, na viagem que achou que seria para se transformar em uma modelo. — Vou cuidar bem de você.

— Nada contra, mas os motivos por trás disso que realmente me assustam. — Ela solta o objeto de decoração de volta na prateleira e tira o

PERIGOSAS ACHERON

casaco de pele barato, ficando apenas de short e camiseta amarrada na barriga. — Vai me querer todinha, é?

— Quando for a hora, te passo para uma casa maior. — Desconverso. Caminho até ela olhando no relógio, percebendo que estou em cima da hora. — Vou mandar trazerem um celular, ande sempre com ele e nunca demore para atender. — Puxo meu cartão de crédito clandestino. — Gaste o que precisar para se vestir do jeito que você gosta.

— Hm, mas... — Ela pega o cartão e o solta em cima da prateleira, deslizando a mão pela minha jaqueta e puxando a lapela. — Não posso deixar você ir sem antes provar a cama.

— Faço isso outra hora, tenho que ir.

— Ah, não. Faça isso agora. — Ela resmunga, me puxando, girando e me fazendo cair em cima da cama. Seu corpo vem por cima de mim, buscando conforto.

— Quanto fogo, ruivinha. — Dou risada, enquanto deixo ela tirar minha jaqueta.

Eu espero que todos os soldados estejam vendo isso, comentando, preciso recuperar um

PERIGOSAS NACIONAIS

pouco do que resta da minha reputação, ou irei perder *tudo*.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

(Dallas)

— Como estão as coisas com seu marido? —
Pandora, minha irmã mais querida do universo ergueu uma sobrancelha sentada no sofá, aproveitando a hospitalidade de minha casa.

Momentos antes poderíamos encontrá-la olhando todos os cantos, observando a bagunça decorativa que eu estou fazendo e claro, reclamando sobre o quanto eu não trago ninguém até aqui. Não quero nada, e nem ninguém, perturbando a minha paz.

— As coisas estão complicadas, parece, com o porto. — Servi um pouco de vinho em duas taças. — Sieg tem chegado mais tarde todos os dias nos últimas duas semanas por causa da confusão com os italianos. Fiquei inclusive de falar com Liam Mantovani sobre isso, porém sua prima está se casando, ele só poderá vir mês que vem. — Fechei a garrafa e guardei no armário atrás do bar. Peguei as taças e fui para o sofá, onde dei uma para minha

PERIGOSAS NACIONAIS

irmã, brindei e bebi um gole me soltando na poltrona. — Por um lado é ótimo, ele chega cansado, dorme o suficiente.

— Ahm. — Pandora deu um gole no seu vinho, apoiada nas almofadas. — Seu plano de controlar o casamento é não vivendo um casamento, Dallas?

— Bom... Foi bom na viagem, na lua de mel, no começo... Mas agora só é chato, mesmo Pandora! — Faço uma careta franzindo a testa. Minha irmã continua me encarando com seus olhos azuis, ela não demonstra nenhuma reação, acho que já esperava por isso. — Não temos exatamente assuntos em comum, nem interesse em comum, ele só fala dos problemas das família, sua mãe isso, meu pai aquilo! — Vou gesticulando enquanto falo, sem paciência. — Eles podiam se explodir e pronto, fim de papo!

— E o contrato?

— Quase totalmente revisado, exceto...

— Exceto?

— Aquele negócio de ter filhos. — Ergo as sobrancelhas e dou um gole no vinho, um bem

PERIGOSAS ACHERON

grande. O líquido desce ardendo minhas entranhas.

— Você ser mãe, vai ser hilário.

— Não quero ser mãe! Ugh. E Sieg não se importa, o que é pior. Às vezes ele é um panaca. — Reviro os olhos.

— Fale isso para os caras de quem ele arranca o sangue, fale! — Pandora provoca rindo.

— Eca, nem me diga. Outro dia ele chegou com as mãos vermelhas, nojentas. Eu teria feito ele tomar banho no quintal se tivéssemos um. — Pontuo. É verdade. As casas na ilha são construídas de forma que ocupam todo o terreno, afinal, faz frio demais no inverno para você desperdiçar espaço, mas por essas e outras que não gosto muito daqui. — Deixei ele tomar banho, mas depois chamei uma equipe de limpeza dessas especializadas em hospitais. Dei um escândalo tão grande, que Sieg está tomando banho em alguma casa de banhos antes de vir para cá.

— Ai, Dallas, você é tão fresca.

— E Ulrich? — Dou um sorriso apoiando a cabeça na mão. — Conte-me sobre vocês?

— Estamos bem, todas as quartas nos

encontramos para jantar, aos sábados revezamos entre estar com a família dele ou com a minha, mas eu sempre insisto para não ficarmos muito se Raquella estiver perto. — Pandora sorri divertindo-se, puxando a manga do suéter caramelo para cobrir mais os dedos. A lareira está ligada e a casa está bem agradável, mas ela é um pouco mais friorenta, mesmo. — Além disso papai concordou que posso comprar uma residência só para mim e estou comemorando a possibilidade de dormir abraçadas com meu ursão toda noite.

— Ursão? Ugh! Você é dessas que dá apelidos bregas, Pandora?!

— Bom, tem apelidos para cada ocasião, não é mesmo? — Diverte-se sorrindo. — Você está curtindo!

— Não tenho o pique de Siegfried. — Balanço a cabeça negando, chacoalhando os cabelos castanhos escuros. — Se dependesse dele, não levantávamos da cama, acha que tenho paciência para ficar abraçada, andando de mãos dadas? Ai, Pan, você me conhece.

— Quem diria que Siegfried Turgard fosse um homem tão carente?! — Ela ri escrachado.

Balanço a cabeça rindo.

— Eu sei, eu sei, tento não ser muito fria. E Sieg tem sido compreensivo, me deu espaço quando pedi. — Tamborilo os dedos na almofada e solto a taça em cima da mesa. — Ele tem sido ótimo.

— É... Imagino. Ulrich disse que os soldados estavam falando mal dele, que Karvel estava fazendo boatos, mas tudo se resolveu. — Pandora me conta, bebericando. — Só fiquei cismada porque monitorei pelo satélite, percebi que estavam indo muito em um endereço, mas Ulrich me disse que é uma garota que estão protegendo.

— Que garota?

— Uma que Sieg está protegendo.

Pisco em seco duas vezes. Como assim? Que garota? Não faz sentido para mim que Siegfried esteja protegendo uma menina, a organização não faz essas coisas com desconhecidos. Deve ser alguém importante.

— Eu não estou sabendo nada disso. — Arranho a voz. — De onde essa garota é?

— Ulrich disse que não pode me dizer sem

cortarem o pescoço dele.

— Ele é muito fiel à Sieg.

— Sim, em boa parte do tempo. — Pandora confirma balançando a cabeça, com aquele sorriso apaixonado.

— E o que você conseguiu levantar? — Indago puxando uma almofada para o colo e abraçando.

— Nada alarmante, só o endereço. Os soldados estão revezando, dois ficam sempre de guarda, trocando turnos. — Pandora dá de ombros. — Quem você acha que é?

— Não sei, mas você vai ajudar a descobrir. — Estreito os olhos. — Se Siegfried está protegendo uma garota, quero o nome, quero saber que negócios ele está fazendo e se não está passando por cima dos processos de nossa família com isso.

— Ai, Dallas, confie mais no seu marido. — Pandora revira os olhos azuis cansada, bebe todo o vinho e se coloca de pé. — Sabe que ele tem gastado energia demais nas operações das famílias.

— É, deve ser pesado competir com Karvel,

administrar os negócios e ainda por cima, lidar com meu pai e a mãe dele! Pensa! A Sra. Dagmar é muito exigente.

— Nosso pai também. E eles viveram anos de guerra, nasceram inimigos, sabendo que os filhos teriam que se casar. É complicado, eles não vão apertar as mãos e virar melhores amigos! — Pandora diz, eu concordo balançando a cabeça. Sabemos bem como é essa relação. — Papai fica em casa sempre dizendo o quanto se incomoda por você ter se casado com o inimigo.

— Bem, pelo menos é com algum motivo, pois a família de Sieg reclama mesmo do fato de eu ser fresca. — Reviro os olhos. — Esses vikings tem umas tradições estranhas.

— Tipo?

— Tipo essa, Pan! A masculinidade é *algo* importante para eles, não no sentido de que ele não pode ser gay, ele pode, mas ele não pode ser o *passivo* da relação, seja lá o que isso significa. Ele tem que ser o dominante, eu acho, macho alfa.

— Ui, macho alfa, já gostei. Mas... É meio ridículo. Talvez por isso Alyssa tenha que se vestir como um garoto. — Pandora suspira. — Eu me

PERIGOSAS ACHERON

pergunto, que tipo de homem tem que se deitar com Alyssa? Ou eles esperam que ela se deitem com mulher?

— Não sei, não sei, não me faça perguntas difíceis. — Dou risada deslizando a mão pela testa.

Ficamos conversando quase que a tarde inteira, até a hora que Pandora se levanta e me deixa sozinha para pensar no que vou fazer para o jantar. Resolvo ligar em um restaurante qualquer e tomar um banho de duas horas na banheira enquanto espero Siegfried chegar.

Ele chega depois da meia noite, meio bêbado, fedendo a suor. Obviamente temos uma discussão básica e me mudo para o quarto de hóspedes, porque ele é incapaz de levantar e se lavar, dorme feito uma pedra!



Um homem abre a porta do café para mim. Em uma mão eu seguro o papelão com dois copos de café e na outra um saco com bolinhos e pães variados. É o rosto do homem que me faz parar de

andar, seus cabelos castanhos claros e o pescoço muito largo.

— Ah, Dallas. — Karvel segura a porta, para me deixar passar. — Precisa de ajuda, querida?

Eu queria soltar um palavrão, mas devido a todos os problemas que Sieg está enfrentando por causa desse babaca, procuro ser simpática e não criar mais problemas.

— Obrigado, Karvel. — Estendo para ele os copos. Dou até um sorriso sem mostrar os dentes, procurando ser uma pessoa afável. — Como estão as coisas no porto? Conseguiu controlar a situação?

— Quase sobre controle, sinto muito pelos italianos, não sabia que eram amigos do seu pai. — Ele finge demência, caminhando ao meu lado pela calçada.

É uma manhã cinzenta, mas seca, o que é bom. Está ventando bastante, o normal para a cidade e acho que já me acostumei um pouco com o frio, está me incomodando menos atualmente. Os soldados da organização estão na rua em pé, disfarçando afazeres e vejo alguns dos homens de Siegfried cumprimentando os de Karvel, como bons amigos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não pediu para um guarda comprar para você? — Karvel aponta para o café.
— É perigoso andar sozinha. Seu marido, onde está?

— Está estacionado ali. — Aponto o carro prateado e blindado do outro lado da rua, bem mais para frente. — Além disso, gosto de me sentir independente!

— De carro? Vão pegar a estrada? — Karvel me acompanha, pela calçada, até mais perto da faixa de pedestres.

— Ir até a casa de veraneio passar o final de semana com a Sra. Dagmar e os irmãos de Siegfried. — Aperto o botão para atravessar. A rua nesse ponto é um pouco movimentada, mas nada demais. — Por que não se junta a nós?

— Adoraria, mas não vai dar. — Karvel sorri. O sinal fica verde para atravessar, os carros estacionam. — Ainda temos outros problemas com o porto, mais precisamente, um roubo de carga. Não é melhor atravessar? Vai perder o sinal.

— Ah, sim. Obrigado. — Eu pego o suporte de copos. Piso na faixa, atravessando até o meio da rua.

PERIGOSAS ACHERON

— A propósito... — Karvel chama me fazendo virar, falando um pouco alto. — Providenciarei a dedetização do quarto do porão como você pediu aos guardas. Tem pavor de baratas, não é?

— Baratas?

— Não espere, não foi você... Foi a garota ruiva que Siegfried tirou do bordel há duas semanas. — Ele dá aquele sorriso predador e se afasta. — Confundi as putinhas de Siegfried, perdão.

Eu penso em ir atrás dele, mas os carros começam a buzinar, afinal fiquei no meio da rua. Termino de atravessar e volto alguns metros até o carro de Siegfried, pisando fundo, com meu coração pulando dentro do peito.

Abro a porta do carro e me sento no banco. Siegfried me encara sorrindo, ele está no telefone com sua mãe.

— Dallas chegou, mãe! Estou no caminho já disse! Nos vemos em duas horas, caramba! — Ele finalmente consegue desligar, enquanto eu coloco as bebidas no suporte do carro. Siegfried solta o celular no painel e liga o motor, me olhando com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um sorriso sexy. — Conseguiu o pão sem leite que queria?

— É... — Respondo seca. Siegfried manobra o carro, saindo da vaga. Estou ofegante, mas tentando me controlar, não demonstrar raiva e nem pavor. — E o café descafeinado. O seu, pedi com uma dose de licor irlandês que você gosta.

— Perfeito, amor. — Siegfried sorri.

— Onde tem baratas? — Pergunto de repente, eu queria fazer a burra, mas não consegui, não imaginando Siegfried e uma ruiva em um porão no centro da cidade. É essa garota que ele está protegendo? Que droga!

— Baratas? — Siegfried faz uma cara estranha.

— Encontrei com Karvel, ele disse algo sobre baratas. Que marcou uma dedetização.

— Sei lá que merda é essa, Dallas. — Siegfried revira os olhos azuis sem paciência, daquele jeito que homens fazem quando estão mentindo. Casamentos só parecem bons nos filmes românticos de Hollywood. — E quando você falou com Karvel?

PERIGOSAS ACHERON

— Ali no café, ele estava chegando.

— E não te provocou com nada? — Siegfried pergunta. — Ele não costuma frequentar o local.

— Só com as baratas. — Encaro Siegfried firme.

— Devem ser baratas na cabeça imunda dele, isso sim.

Rapidamente saímos daquela rua e seguimos em direção a estrada. Eu abro o pacote de pães e pego o meu, que é de beterraba e farinha integral e como em silêncio. No caminho Siegfried recebe três ligações, nenhuma sobre baratas, ruiva ou bordel.

É claro que eu vou descobrir o que está acontecendo e depois, castrar meu marido pela audácia, é claro.



Durante o final de semana tudo parece ótimo. Eu e Sieg ficamos abraçados algumas horas conversando com Alyssa e Gunnar enquanto Dagmar resolve descansar após o almoço. A
PERIGOSAS ACHERON

família de Siegfried é muito diferente da minha, eles agem bem uns com os outros na maioria das vezes e evitam tópicos chatos.

Alyssa conta que comprou uns discos antigos de um casal que estava se mudando para o continente e como ela não tem como escutá-los, digo que tenho uma vitrola vindo do Canadá e que posso emprestar a ela, visto que em casa já equipamos com um rádio mais moderno. Depois falamos de alguns livros e o papo me exclui totalmente quando Alyssa e Sieg ficam falando sobre qual seria a melhor arma para uma mulher carregar.

— Por que você quer saber disso, Sieg? — Pergunto desconfiado.

— Uma amiga precisa de uma arma e pensei que Alyssa como uma mulher, saberia qual a mais adequada. — Ele desconversa pegando a cerveja e bebendo.

— Alyssa usa arma como homens. — Gunnar pontua amassando o cigarro antes de colocar na boca. Sua irmã o fulmina com os olhos castanhos. — É a verdade, Alyssa. Você não fica usando arma leve, usa a mesma que os caras, você mesma disse

que isso impõe respeito.

— É, na verdade, uso *melhor* que os caras, Gunnar. Você que é um mariquinhas, diga aí, qual a arma melhor para uma *mocinha usar*.

— Ah, parem vocês dois, já vão começar? — Siegfried fica em pé com o copo de cerveja na mão. — Ei, Gunnar, vamos jogar?

— Você é péssimo em NBA.

— Vamos jogar algo no que eu sou bom, oras! — Siegfried me dá um beijo na cabeça e se afasta da mesa.

Fico sobrando com Alyssa, que puxa os cigarros da mesa para pegar um e fumar também. Espero ela riscar o fósforo e acender depressa antes que o vento do cair do dia nublado apague.

— Acha que Siegfried quer a arma por causa da mulher que ele está protegendo? — Pergunto.

— Que mulher? — Alyssa franze a testa, como se não soubesse de nada. Eu demoro para responder. — Que mulher?

— Não sei, foi algo que disseram, ouvi os soldados conversando. Tem essa mulher que ele está protegendo. — Dou de ombros

desconversando.

— Hm. — Ela traga o cigarro e balance a cabeça negando. — Sei que teve um assassinato em um bordel de Aron. Vai ver a garota viu algo importante... Deve estar debaixo da terra em um caixão agora.

— Ah sim. — Dou um sorriso sem vontade e saio da namoradeira na varanda de trás da casa. — Vou me recolher, boa noite.

— Boa noite, Dallas. — Alyssa sorri e pega o celular, ela digita rapidamente enquanto me afasto.

Passo pela sala, Siegfried e Gunnar estão se divertindo, gritando e apostando as jogadas. Vou para o quarto que nos foi destinado e me deito na cama, pensando em tudo o que escutei e tentando ligar as coisas.

Talvez Karvel esteja mentindo, entende? Para confundir as coisas, uma jogada... Se bem que aquele sorriso em seu rosto foi muito vitorioso, seguro, auto-confiante para ser apenas pura armação. Sento na cama, olho para os lados, vou até a porta e escuto um pouco os barulhos Siegfried e Gunnar continuam jogando.

Seguro na chave e devagar, giro para fechar, sem fazer barulho. Volto para a janela, abaixo a persiana, deixando uma meia luz e me sento no tapete do quarto, puxando debaixo da cama a mala de Siegfried. Vasculho em todos os bolsos e a única coisa suspeita que acho é uma caixa de camisinhas, mas está fechada, o que significa que ele espera se dar bem essa noite.



— Estou ficando neurótica, não é possível.
— Falo baixinho.

— Continue, estou gostando! — Pandora dá uma risada do outro lado da linha. Rosno. — Não fique brava, é fofinho você com ciúmes e preocupada que Siegfried esteja traindo você.

— E se estiver?

— Você vai ter que admitir que se importa, Dallas e isso é *muito* mais emocionante do que qualquer operação secreta! — Ela solta um gritinho empolgado, enquanto digita. Reviro os olhos, mesmo ela não podendo ver, com certeza ao ouvir

minha respiração pesada, ela imagina o que eu esteja fazendo; Sofrendo, por um Turgard. — Já estou cruzando as ligações. Acho que achei a equipe de dedetização, só preciso localizar o dia em que vão lá.

— Ótimo.

— Você acha que ele poderia trair você?

— Sexualmente, sim.

— Por quê?

— Bem... Eu não sou a pessoa mais carinhosa do mundo. — Encosto na mureta, encarando a piscina. Vim bem longe dos ouvidos da casa para telefonar para minha irmã. Sei que de todas as pessoas que podem me ajudar, Pandora é a melhor delas. Aperto a gola da jaqueta ao meu redor com mais força. — E Sigfried foi carinhoso demais essa noite.

— O que tem de errado nisso, Dallas?

— Quer dizer... — Resfolego, olhando para as árvores. — Uma semana e meia sem sexo deveria deixá-lo mais... Bem, ele pode ser meio bruto.

— Oh... Entendi. — Pandora perde as

palavras um pouco. — Localizei a empresa e uma ligação, parece que ficou agendado que a dedetização vai ocorrer hoje, duas horas da tarde.

Olho no relógio, são onze horas. Então, me ocorre outra coisa.

— Hoje é domingo.

— Vai ver na ilha tem uma empresa vinte e quatro horas. — Pandora responde.

— Nada nesse fim de mundo é vinte e quatro horas. — Deslizo a mão coberta por uma luva de lã pelo rosto. Quem marcou a dedetização foi Karvel, não vejo porque ele teria interesse em ajudar Siegfried. Certamente meu marido não ia simplesmente confiar um segredo desse porte justo ao seu rival, se sabe que ele me provocaria com isso. Meu estômago gela. — Pan? Você consegue cruzar as ligações para detectar o número do telefone da garota?

— Já fiz isso horas atrás, Dallas.

— E consegue monitorar pela câmera do celular dela?

— Aham, consigo espiar, claro! Sou uma espiã perfeita. — Ela ri, como se fosse algo que

fizesse as vezes. — Por quê?

— Fica de olho no perímetro da rua em que está o apartamento. Manda o endereço para mim agora. — Peço, subindo as escadas e voltando para casa. Olho no relógio, onze e nove. Saco!

— Feito. Mas Dallas... Por que você quer isso?

— Me liga se algo de estranho acontecer, vou acordar Sieg. Karvel vai matar essa garota.

— Puta merda. — Pandora pragueja.

Sei o que você está pensando, que eu deveria deixar a garota morrer, afinal, ela não me ajuda em nada, mas não consigo. Muitas coisas passam pela minha cabeça e uma delas é que ninguém, especialmente uma mulher, deve ser pária em uma disputa de homens. Além disso, se não fosse ela, seria eu... E eu gostaria de receber ajuda se fosse o caso.



— Ufa, você está de pé. — Adentro o quarto apressado, Siegfried está saindo do banho e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocando a cueca. Ele me encara confuso. — Vista-se logo, temos que voltar para a cidade. — Pego as roupas que estão em cima da cama e atiro sobre ele.

— Dallas, que pressa, vamos almoçar com minha mãe ainda. — Ele puxa a camiseta de manga comprida cinza escura da cabeça, os cabelos cor de trigo estão soltos e úmidos.

— Diga a ela que vamos cuidar de umas baratas. — Cruzo os braços, erguendo uma sobrancelha, fazendo cara de que sei tudo o que está acontecendo. Pelo abrir de olhos do meu marido, ele percebe.

— Que baratas? Por Thor, você está fora de si. — Sigfried coloca a camiseta e se senta na cama para vestir as calças lentamente, negando, claro. Os homens adoram negar seus erros!

— Eu disse a você que Karvel me avisou de uma dedetização contra baratas.

— Não faço ideia. — Siegfried fica em pé, abotoando as calças.

— Ele também me falou da ruiva do bordel, em um porão. — Insiro. Siegfried para de respirar,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nem se move, ficando com as mãos onde está e meio desarrumado. Acho que ele espera que eu exploda ou algo do tipo. — Eu não sei que merda você está fazendo com a ruiva, Sieg, aliás, eu sei, mas não quero pensar nisso agora.

— Dallas, eu...

— Não diga nada, porque obviamente, você vai falar alguma merda. — Ergo as mãos para frente, dando um basta.

— A garota não é nada, apenas queria que calar a boca dos homens de Karvel, evitar a droga do motim que ele estava armando porque eu estou totalmente fodido quando penso em você.

— Apenas se veste, Sieg! Eu vou pegar o carro.

— Onde você vai?

— Nós vamos, Sieg. — Exijo. — Entendi tudo. Karvel forjou uma dedetização no lugar que você está mantendo a garota. Ele vai matá-la.

— E daí? Foda-se, ela não é nada, porra.

— Ah, vai a merda, seu maldito psicopata! Você não se importa com ninguém. — Saio do quarto com pressa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dallas! Dallas!

Desço as escadas ignorando seus gritos, vejo Alyssa no celular deitada no sofá e ela tenta esconder o que estava vendo, mas juro que vi peitos, garotas peladas, sei lá, pareciam gifs pronográficos! Não tenho tempo de lidar com isso agora! Passo voando pela sala, pego as chaves do carro e abro a porta.

— Dallas? — Alyssa sai do sofá e vem atrás de mim, ela está de calça, botas e uma jaqueta de lã branca. Seus cabelos balançam com o vento. — Onde está indo?

Não respondo. Eu vou caminhando depressa até o carro, destranco as portas e subo no volante. Ligo o motor.

— Que merda, espere! — Siegfried vem pulando com um pé calçado de bota e o outro no chão frio. Ele pega um casaco. — Alyssa, sai da frente. — Ele passa empurrando a irmã.

Dou ré e tiro o carro da entrada do chalé de veraneio. Escuto Siegfried xingando. Olho no relógio, controlando o tempo, acelero ainda mais o carro, cortando a estrada.

PERIGOSAS ACHERON



Com a ajuda de Pandora pelo celular e controlando o GPS, consigo chegar na rua que tem uma casinha de paredes vermelhas e telhado branco em metade do tempo que levaria uma viagem normal e também porque corri muito. A adrenalina está batendo forte no meu sangue, o coração está descompassado. Tento colocar as emoções no lugar e parar de tremer, quando desço as escadinhas brancas, olhando o perímetro para saber se os carros da empresa falsa já chegaram, mas parecia seguro.

— Anda logo, Dallas. — Minha irmã sussurra ao celular. — Tem meia hora.

— Onde ela está?

— Comendo pipoca. De batom. — Pandora tinha me dito o que a menina estava fazendo enquanto observava pela câmera: tomou um ducha, colocou uma camiseta e uma calcinha, penteou os cabelos (molhou a câmera) e tinha estourado pipoca, procurando o que assistir no celular.

PERIGOSAS NACIONAIS

Parecia um domingo bem tranquilo para a vadia. — Quem passa batom em casa?

— Vou desligar, me liga se alguém aparecer.

Guardei o celular na jaqueta. Parei diante da porta, respirei fundo. Batei três vezes freneticamente com um som seco.

— Quem é? — Ouvi a voz esquisita da menina, não era exatamente suave como a de uma garota, parecia estridente. Ainda por cima, a menina tinha uma voz dessas! Siegfried era um lenhado, mesmo!

— Dedetização, senhora. — Falei, pigarreando e forçando uma voz grossa.

Escutei a porta destrancar e abrir. Passei para dentro antes mesmo que ela fizesse uma fresta maior, invadindo, empurrando-a para trás e fechei a porta atrás de mim. A garota ficou travada na entrada, me encarando, o cheiro do shampoo era doce, suave e não sei, tinha alguma coisa na atmosfera que era familiar.

Reparei bem nela, os cabelos ruivos alaranjados e compridos, talvez metade fosse até algum aplique barato. Ela tinha o peito reto, quase

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escasso e pernas longas. Vi uma pinta no joelho que chamou minha atenção, fui subindo, os braços que estavam para baixo e tinha uma borboleta tatuada no antebraço esquerdo. Não pode ser.

Encarei seu rosto no susto, abri bem os olhos e a boca, incapaz de dizer qualquer coisa.

— Dallas? — Ela perguntou.

— Jordan?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

(Siegfried)

Eu sabia que estava fodido antes mesmo de tirar o gelo da barba batendo a mão com as luvas no rosto. Maldita seja, Dallas! Cruzei a estrada como um louco tentando alcançá-la, porém, quando visualizei o 4x4, o veículo já estava estacionado do outro lado da rua de asfalto molhado diante da casa de paredes vermelhas, onde no porão eu havia escondido aquela putinha.

Sentado na moto puxo o capacete e encaro Dallas subindo as escadas laterais da casa. Ela está segurando no corpo magro e pequeno de Jordan como se ela fosse seu maldito troféu e com a mochila velha dela em uma das mãos. A garota se cobre com a jaqueta felpuda com animal print de leopardo e os cabelos ruivos balançam atingidos pelo vento.

— Dallas... — Desço da moto soltando o capacete.

— Cale a boca, não quero ouvir o som da sua
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voz. — Cospe sua raiva toda para cima de mim, passando reto. — Vamos de carro, deixe a moto para pensarem que tem gente com ela. — Exige.

Resfolego, incapaz de dizer qualquer coisa naquele momento, meu coração bate acelerado, com dor, uma dor que eu nunca senti. Eu acho que esse é o pior tipo de coisa que alguém pode sentir: perceber o quanto decepcionou alguém com quem se importa.

Contorno o carro e abro a porta me sentando no volante. Dallas abre a porta para Jordan, atirando primeiro a mochila e depois fazendo a garota entrar. Ela fecha a porta e abre a da frente, se sentando. Pelo espelho eu encaro os olhos verdes de Jordan, ela mordisca as unhas postiças, nervosa.

— Para onde? — Dou ignição no motor.

— Para o chalé.

— Não vou levar essa menina para meu lugar secreto, nunca!

— Faça o que estou mandando. — Dallas me encara seca e range os dentes.

— Caralho. — É meu único protesto, saio da vaga com destino traçado.

PERIGOSAS ACHERON

Por um momento seguimos em silêncio, apenas o som dos pneus do carro no asfalto enquanto uma fina neve começa a cair e o sol fica encoberto pela névoa. Minha garganta parece seca, mas não consigo dizer nada.

O silêncio é opressor, mas piora quando percebo Jordan chorando no banco detrás, se encolhendo e escondendo o rosto com o capuz da jaqueta, disfarçando. Dallas também não diz nada, evitando inclusive olhar para mim.

Tento segurar sua mão, mas ela puxa e cruza os braços, virando o rosto para a janela, por onde fica olhando até chegarmos no ponto da estrada onde fica o chalé viking que estou construindo.



Abro a porta de madeira rústica com um empurrão. Dallas atira a mochila de Jordan para dentro antes de entrar. Jordan hesita, como se o fato de entrar ali fosse para ser assassinada.

— O que é? — Dallas pergunta, percebendo que ela travou na porta, com as duas mãos

PERIGOSAS NACIONAIS

pequenas e brancas no batente.

— É que parece um galpão... Como o que nos levavam.

— Apenas entra, Jordan. — Ela a empurra sem paciência. — Vai anoitecer e a floresta é muito fria.

— Vou pegar um pouco de lenha para a lareira. — Aviso.

Contorno a casa semi-enterrada pulando raízes até um cubículo lateral onde deixo um pouco de lenha já cortada. Quando venho para o chalé descansar gosto de passar o fim de semana e costumo vir a noite, horário que não dá para fazer nada por causa da escuridão, então mantenho sempre lenha cortada.

Junto a madeira com as mãos em meu braço, pensando como o fogo poderia ser uma melhor opção do que encarar a ira de Dallas. Volto para o chalé e fecho rapidamente a porta atrás de mim. Jordan já está sentada em uma das camas e Dallas se senta ao lado dela, suspirando forte.

— Vamos, me conte. — Minha esposa desliza a mão na perna dela com carinho

PERIGOSAS ACHERON

preocupado. Simplesmente odeio esse momento com todas as minhas forças. Viro as costas, enfiando as madeiras na pequena lareira no meio da sala, para esquentar a casa. — Como foi que você saiu do Canadá e parou aqui nesse inferno? Soube que estava em um bordel... Isso não é você, Jordan.

O tom de voz de Dallas é permissivo, de um jeito que está se segurando para não surtar. Claro, eu acho que no lugar dela eu também surtaria, quer dizer. Não é que torna as coisas menos estressantes no momento. Fecho a portinhola de metal, limpo as mãos e vou para perto delas.

— Disseram que iam me agenciar em Paris, que era um esquema que eles tinham com o departamento de imigração se fosse de barco. — A ruivinha explica com a voz um pouco trêmula, segurando as mãos juntas por entre as pernas, nitidamente nervosa. — Eu lembro de entrar no carro que foi me pegar na esquina de casa, eu estava chorando, tinha brigado com meu pai para variar e... Sei lá, me deram algo para beber. Quando acordei, já estava naquele muquifo do bordel, sem passaporte e com as outras garotas.

— É o esquema de tráfico. — Explico. Dallas

ergue os olhos para mim de um jeito que seu olhar parece soltar *lasers* mortais em cima de mim. — Sem passaporte ficam vulneráveis, não há embaixadas por aqui, a maioria fica em outros países aliados.

— Se Karvel mandou buscar você, vou cortá-lo em mil pedacinhos. — Dallas range os dentes.

— Wow, calma aí, não pode acusá-lo. — Digo. Ela estreita os olhos castanhos com fúria na minha direção como se fosse ofensa ou eu estivesse defendendo-o. — Acredite em mim, queria enforcá-lo, mas sem provas...

— Karvel? O Sr. Olafsson? — Jordan transita os olhos de mim para Dallas, que vira o rosto para encará-la. — Foi o agente que me contratou!

— Que piada mais fodida. — Resfolego.

— Isso não é uma piada, Sieg! — Dallas esbraveja irada. Seus cabelos se soltam do rabo de cavalo, caindo algumas mechas para frente. Eu nunca a vi tão alterada dessa forma! Dallas é quem normalmente segura bem os sentimentos. Ela passa as mãos pelos cabelos castanhos contendo-os, acertando-os para trás. — Oh, pelos Deuses. — Desliza a mão no rosto, cobrindo a boca.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dallas... — Coloco a mão no seu ombro, apertando.

— Não me toque! — Ela se debate, até que eu a solte. Coloco minhas mãos para dentro dos bolsos da jaqueta. Por que ele não me deixa segurá-la? Essa recusa machuca, como se ele tivesse repulsa do meu toque agora. Dallas segura nas mãos de Jordan, envolvendo-as com as suas. — Jordan, oh, droga, como isso foi acontecer?

— Que drama. — Reviro os olhos, mas na verdade, eu estou com ciúmes. Pronto, admito!

— Cale a boca, Siegfried, você não consegue ver o tamanho do problema? — Dallas ralha irada, a voz inflamada. — Karvel armou para trazer Jordan como clandestina e para que ela se metesse em confusão. Você seria seu algoz se não tivesse... Espere. — Ela solta as mãos de Jordan de repente e fica em pé, nos dando as costas, ponderando tudo e compreendendo o que infernos estava acontecendo. — Você estava tendo um caso com Jordan?

— Eu não sabia que ele era casado! — Jordan se defende, fodendo tudo. Dallas gira encarando-a. — Eu juro. Não me disseram, ele nunca falou, também.

PERIGOSAS ACHERON

— Não falei mesmo. Ia falar pra quê? Para essa putinha exigir ver você? — Grito revoltado. — E eu não estava tendo um caso. Transamos uma vez porque você fica regulando, mas a vadia é totalmente descartável.

— Não fale assim dela! — Dallas vira me encarando, irada, eu acho até que vou levar um soco, mas ela se contém, resfolega, coloca as mãos na cintura por dentro da jaqueta. — Então você sabia que eu conhecia Jordan?

— O destino é um cárcere às vezes não é? — Deslizo a mão pela barba, coçando o queixo. Os dois ficam calados na minha frente. — Eu disse a você que tinha um detetive na sua cola. É claro que Jordan está diferente com essa peruca ruiva...

— Meu cabelo foi pintado, não é peruca. — Protesta como se eu tivesse ofendido seu cabelereiro.

— ...Mas eu a reconheci na porta do bordel. Fui chamado porque ela matou um cara e eu fiz a ligação, o golpe certo na jugular. — Passo a mão na barba de novo, ponderando. — Só conheço uma pessoa tão mortal em seus golpes, você Dallas.

— Ensinei Jordan a se defender. — Ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

explica calma, mas como se tivesse um motivo maior por trás de tudo isso. — Mas e aí? Você simplesmente achou por boa ideia levá-la do bordel, colocá-la no porão de uma casa imunda e ter um relacionamento com ela? — Acusa-me apontando o dedo no meu nariz. — Quantas noites deitou-se com Jordan?

— Não tínhamos um relacionamento! — Ergo as mãos para frente. — Eu não deitei!

— Ah, tá bom! — Dallas não acredita. — E o que você fazia quando ia lá?

— Conversar. Ver o que ela precisava! Uma vez vimos um filme no Netflix.

— Você quer que eu acredite nisso?

— Acredite ou vou ficar violento. — Ameaço.

— Não! — Jordan fica em pé, passando por entre nós cortando o fio de tensão em nosso olhar. Seus passos elegantes puxam os olhos de Dallas e eu odeio perder território nesse momento. — Ninguém quer ver você violento.

— Concordo. — Dallas recua, cruzando os braços, eu não sabia que minha esposa tinha medo

PERIGOSAS ACHERON

de mim.

— Não sabia que ele era o seu marido, Dallas, eu não sabia! Mas eu estava encrocada, todo mundo sabe que o *Berserk* manda naquela merda de bairro. Aron queria minha cabeça, o cara que matei era um amigo do prefeito... Um empresário importante de fora da ilha. — Ela fica de frente para Dallas, batendo a mão no peito dele e dá um sorriso complacente. — E tudo bem! Vocês ficam quites por aqueles beijinhos que demos no Ano Novo.

— Espere aí! Que beijinhos? — Arranho a voz.

— Foram mais que beijinhos, mas, oh, droga. — Ela dá um passo para o lado, tomando proteção atrás dos ombros de Dallas, cobrindo a boca. — Esqueça, Sr. Turgard! Eu nunca disse isso!

— Nunca disse mesmo! — Dallas concorda, olhando de canto para ela, um pouco aterrorizado agora. — Ele matou um garçom porque sorriu para mim. — Cochicha.

— E você sorriu para ele, aposto. — Jordan retruca em mesmo tom sussurrante.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O garçom era simpático, bonito... E eu queria provocar. — Dallas confessa.

— Vocês duas. — Estreito os olhos. Dallas e a ruivinha dão um salto de susto com a minha voz. Dou um passo para frente segurando no braço de cada uma delas e as jogo sentado na cama do chalé. — Expliquem *agora* o que há entre vocês.

— Ai! — Jordan desliza a mão no braço, onde peguei, sentindo dor. — Eu estava bêbada.

— Você não estava bêbada. Eu estava bêbada! — Dallas olha para ela, usando a mesma desculpa.

Querem saber o que eu acho? Nenhuma estava *realmente* tão bêbada para não saber o que estavam fazendo.

— Interessante. — Comento analisando aquela dinâmica.

— Não gosto desse olhar dele. — Jordan comenta baixinho para Dallas, aterrorizada.

— Não vou deixar ele fazer mal a você. — Dallas a protege, mais uma vez, para meu martírio, segurando nas mãos da ruivinha. — E é isso mesmo. Eu e Jordan já tivemos um lance... Mais

PERIGOSAS ACHERON

de uma vez! Ela era tipo... Meu namorado, no Canadá.

— Dallas você não está me ajudando, ele vai ficar furioso! Ele é o *Berserk*, por Cristo! — Jordan se encolhe mais soltando-se dela e coloca a mão na frente da boca, como se eu não pudesse escutá-la.

— Vocês têm *dois minutos*. — Exijo, com o sangue já começando a esquentar nas veias. — Ou alguém vai morrer.

— Pare com isso. — Dallas protesta, mas ela está com acúmulo de suor, de nervosismo, na testa, por dentro dos fios castanhos de seus cabelos. — Quando as coisas apertavam em sua casa, Jordan pulava o muro para o nosso quintal. Eu a vi mais de uma vez fazendo isso e um dia, a interceptei antes que ela fugisse para a rua. Foi quando nos conhecemos e fiquei sabendo de sua condição especial. Um problema de hormônios que faz ela se parecer uma menina, você entendeu. Ficamos bons amigos.

— É, vi vocês juntos em várias fotos... — Acrescento com desgosto. — Achei que ela fosse amiga de sua irmã, na maioria das fotos Pandora estava junto.

— Você é muito burro. — Dallas revira os olhos e não gosto de como ele está me ofendendo agora. — Karvel armou isso como uma maldita provocação pessoal contra mim. Ele provavelmente foi atrás desse detetive e descobriu que Jordan era uma pessoa importante.

— Como assim importante? — Resmungo irado.

— Ele disse que te conhecia. — Jordan avisa, segurando no braço de *minha esposa* como se fosse dela. — Você saiu sem dizer adeus, eu pensei que poderia ir atrás de você... Não esperava descobrir que você estava... Ahn, casada.

— Jordan, eu sinto muito. — Dallas segura novamente nas mãos dela e Jordan já está com lágrimas nos olhos, quando eles se abraçam. É um momento delas, entende? Só delas.

Não sou nenhum burro como Dallas pensa, eu só não percebi um detalhe: Para mim, sempre foi Dallas. Mesmo que eu tivesse envolvimento sexual com outras pessoas, eu nunca fui de me prender, sabendo que em determinado momento eu ia me casar com ela. Fiquei esperando como um trouxa, entende? Mas Dallas, pelo visto não! Ela não teve

muitas pessoas na sua vida, mas quando teve, foi *até o maldito fundo com elas*.

Eu pensei que era uma amiga, não percebi que Jordan pudesse ser uma maldita namorada, ou namorado, no masculino, como Dallas chamou. Alguém realmente especial. Meu coração estava em pedaços e essa era a primeira vez que eu sentia algo tão ruim, tão amargo na boca e no estômago. Normalmente eu tenho raiva das coisas, explodo e as resolvo, mas ao ver as duas se abraçando com carinho, com uma intimidade sem igual, eu senti *tristeza*.

— Foda-se. — Revirei os olhos e bati a mão uma na outra, como se desse um soco que esmagasse a cara do meu inimigo, um que eu já não sabia mais quem era. — Se Karvel amou toda essa merda então temos que enforcá-lo com sua própria corda.

— Estou dentro, esse puto! — Jordan continua chorando, com a cabeça no ombro de Dallas, que envolve a mão em sua testa, amparando a garota.

— Primeiro temos que deixar você em segurança. — Dallas abraça a menina mais forte,

envolvendo a ruivinha em seus braços com um acalento carinhoso. — Aquele apartamento no porão não serve mais.

— Certo, tudo bem, claro. — Jordan concorda.

— Voltar para o Canadá? — Sugiro. Claro, estou louco para essa vagabunda ir embora.

— Não, nunca! Nem pensar. — Jordan se afasta limpando os olhos e fungando, enquanto joga os cabelos para trás. Pelo menos consegui atrapalhar aquele abraço! — Volto pro bordel, mas não volto para casa do meu pai. Nunca.

— Nossa casa então. — Dallas oferece.

— O quê? — Dou um berro que ecoa dentro do chalé feito um trovão. As paredes até treme e a ruivinha se encolhe, engolindo os soluços e deixando a boca se torcer de pânico e choro compulsivo. — Fora de questão, não vou colocar a *sua namorada* dentro da minha casa!

— Cala a boca, Sieg! Você perdeu qualquer moral na sua argumentação. — Dallas retruca, ficando em pé. — Vamos passar essa noite aqui, para não levantar suspeitas. Você dorme na cama

PERIGOSAS NACIONAIS

comigo, o Sieg dorme na outra ali no canto.

— Ah, nem fodendo. — Cruzo os braços.

— Se preferir, pode dormir lá fora. — Dallas
arranha a voz.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

(Dallas)

Eu não estava conseguindo dormir. Era capaz de ouvir o ronco de Siegfried cortando o vazio da noite, por cima do crepitar do fogo da lareira e o cheiro de lenha queimada. Jordan estava com as pernas trançadas com as minhas, com a bunda empinada para cima, nossos corpos por dentro de uma manta de peles que não dava para duas pessoas.

Eu a abracei com força, mas ela estava largada, dormindo tranquila depois de vários sedativos que tinha no porta-luvas do carro e do esgotamento de tanto chorar. A culpa era minha. Um maldito buraco negro para o qual eu a tinha atraído sem querer. Vai saber o que fizeram com ela antes de chegar no bordel, ou quando estava lá dentro? E droga, Jordan não merecia nada disso. Ela tinha cicatrizes de um ferimento nos punhos, desses de quem foi amarrada e torturada, acho que levou socos, talvez tenha sido estuprada.

Meu coração rasgava dentro do peito com a certeza de que eu tinha falhado. Fui incapaz de protegê-la e agora, mesmo que eu desse o meu máximo para consertar sua vida, eu nunca poderia devolver-lhe inocência.

Enquanto encarava o teto do chalé, lembrei-me de como conheci Jordan. Eu nunca tive interesse realmente em garotos, entende e sempre detestei a ideia de que um dia voltaria para a Ilha para me casar exatamente com um... Mas Jordan era diferente, suave, fofa, cheirosa e com a pele macia, além disso ela me ensinou muitas coisas sobre o universo e as pessoas.

A intolerância que o seu pai tinha com ela era o que me dava mais raiva e eu percebi que se quisesse ser alguém bom o suficiente, eu teria que me distanciar daquele tipo de homofóbico idiota... Conhecer Jordan tornou tudo mais fácil e eu não me sentia tão sozinha.

No começo, foi apenas amizade, entende? Trocávamos conhecimento, líamos livros, de vez em quando me deixavam sair e eu podia levá-la para passear um pouco pela cidade. Ela gostava de se voluntariar em Ongs e cuidar de animais,

PERIGOSAS NACIONAIS

vegetariana, que gostava de analisar os signos das pessoas e falar sobre sobre filmes de terror. Aos poucos, fui me apaixonando eu acho, mas nunca me aproximei exatamente por saber que ela era um garoto e que eu iria me casar.

Então teve aquele Ano Novo que mudou tudo em nossas vidas. Como devem imaginar, eu não pude ir em festas e Jordan tinha essa fixação por ir a bares. Eu fugi de casa, saímos juntas pela garagem da casa dela e fomos para um lugar nos divertir. Não foi por causa do álcool no meu sangue, foi mais pela forma com que ela estava dançando, de olhos fechados, se entregando a música e porque um cara tentou por a mão nela. Afastei o indivíduo, fiquei louca de ciúmes. Comecei a beijá-la, quis tê-la.

Dormimos no hotel. No outro dia, tentamos fingir que nada tinha acontecido e voltar ao normal, mas nos tornamos mais íntimas. Em vez de passarmos horas vendo filmes de terror ou falando de signos, passamos a nos beijar em cima da cama, no chuveiro, onde imaginar. Jordan me fez esquecer que aquilo não era para sempre e eu nunca disse a ela que minha família era especialmente

PERIGOSAS ACHERON

perigosa.

Houve um problema, um ataque perto de casa, meu pai ficou com medo que os malditos não fossem errar a casa da próxima vez e nos tirou de lá. Não tive tempo de me despedir, de dizer a ela a verdade... É culpa minha que Karvel tenha se aproximado, se aproveitado de sua inocência e claro, usou o que sabe sobre mim para convencê-la a viajar.

Deve ter sido horrível. Tento me colocar no lugar de Jordan: ia conseguir um emprego decente, viajar para Paris que era seu sonho, quem sabe me encontraria por acaso por lá... Ela poderia tirar a limpo as coisas, ou simplesmente recomeçar. Porém, em vez de ter acertado no bilhete dourado, ela estava sendo traficada, acorrentada, levada para um bordel, obrigada a se prostituir e apenas para ser assassinada como uma vingança de uma mente insana de um maldito imbecil que tinha algo contra mim.

Aquele ataque de Karvel era pessoal. Ele tinha mexido onde não devia e ia, claramente, pagar muito caro por isso. Questão de honra!

Percebi que eu não ia dormir. Levantei da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cama, deixando Jordan bem coberta e vesti as calças tentando ignorar aquelas marcas em seu pulso, onde um dia, Karvel mandou colocar uma corrente enquanto ela era estuprada por alguém.

Não, nós não transamos, mas eu deveria ter transado com ela bem ali só para martirizar Siegfried um pouco, eu ainda estava irada por ele se sentir no direito de procurar uma prostituta porque não conseguia conter o que estava entre as calças. Porém, eu não queria *usar* minha amiga, minha ex. Sei como as coisas funcionam e sei como é difícil ignorar a vontade de transar quando ela bate forte. Mas eu não sou assim, tão lado animal, como Sieg. Eu sou simplesmente mais fria, mais frígida, mesmo.

Peguei o casaco. O maço de cigarros e fui para fora do chalé. A floresta estava especialmente escura e eu podia ouvir o silêncio, os animais certamente estavam se encolhendo.

Sentei-me na pedra e acendi o cigarro lutando contra o vento gélido. Sentia o meu corpo todo endurecer de frio, mas foi revigorante. A floresta estava escura, as sombras cobriam mais da metade dos troncos da árvore e apenas a luz de dentro da

PERIGOSAS ACHERON

janela, da fogueira, fazia algum efeito.

As bochechas estavam congelando e minha mente estava vazia, sem conseguir se concentrar em nada. Só percebi que Siegfried tinha saído da cabana e vindo atrás de mim quando seus braços possessivos me envolveram, carentes.

— Eu sinto muito.

— Eu realmente não quero falar sobre isso agora.

— Dallas, você tem que me perdoar. — Ele beijou minha bochecha gélida com os lábios quentes da cabana.

— Somos casados por conveniência, então você faz a porra que quiser com o seu pau. — Tentei soar bem calma, mas foi impossível com tantos palavrões ardendo na minha língua.

— Está com ciúmes.

— Não.

— Claro que está. — Siegfried soltou os braços, sentou-se na mureta ao meu lado, uma perna para dentro e outra para fora do buraco de sua cabana de pedras. — *Você tem que estar.*

Ah, claro. Ele só queria que eu preenchesse
PERIGOSAS ACHERON

aquilo, o maldito vazio em seu coração que insiste que sou eu que faço. Pisquei os olhos sem paciência. A verdade era que eu estava irritada, mas com ciúmes? Eu não estava. Me culpem, me julguem, foda-se. Eu não estava!

— Certo. — Cuspi com desgosto, só para vê-lo suspirar aliviado e passar as mãos nervosamente pelos cabelos quase brancos como a neve, pondo aqueles fios lisos no lugar. Vi o undercut por baixo, eu gostava daquele maldito corte. Bati o cigarro espalhando as cinzas, chupei o filtro. — Quero que Jordan vá para Paris e tenha uma audição para ser modelo, não me importa como, quanto custe, apenas faça. Devemos isso a ela.

— Claro. — Ele abriu bem os olhos azuis e frios, dessa vez com espanto gravado em suas órbitas.

— E quero Karvel pendurado de cabeça para baixo. Quero fazer um corte no pescoço daquele maldito.

— Dallas...

— Não quero desculpas. Ele mexeu comigo. — Exigi fazendo a voz fria. Siegfried engoliu seco, aquilo era difícil, eu sabia que ele estava em guerra

PERIGOSAS ACHERON

com Karvel e que o puto estava protegido por sua mãe. — E em troca disso, fale para sua mãe que vamos aceitar ter um filho em um ano, você com alguma barriga de aluguel.

— Você não queria ter filhos. — Siegfried estranha. — Mas também seu pai nunca aceitaria que não fosse um filho de sua barriga!

— É um preço razoável pelo prazer de arrancar o coração de Karvel. — Dei de ombros.

— Por causa de Jordan. Uau... — Ele pareceu bem chateado. Não me importei, queria ver mais daquela dor na verdade. Era pouco pela humilhação que ele tinha me feito passar. — Eu não transei com ela, bem, só duas ou três vezes.

— Não estou te cobrando nada, Sieg. E nem vou. Aliás, eu vou te amaldiçoar um pouco... Dois meses sem sexo, absolutamente nada você vai conseguir de mim e vá por aí, vadiando com mulheres e outros homens, me desejando em todos eles. De mim, você não terá mais nada. — Joguei o cigarro no chão, pisei esmagando como se fosse sua loira cabeça. — Vou dormir.

Siegfried ainda ficou lá fora um pouco, sozinho e calado. Eu dormi pouco antes do dia
PERIGOSAS ACHERON

clarear e ele ainda não havia entrado em casa, congelando os ossos lá fora, mas não tanto como tinha congelado meu coração.



Voltamos para casa. Jordan ficou em um dos quartos de hóspedes e pudemos conversar rapidamente. Eu disse tudo a ela, absolutamente tudo, sem segredos. Como a pessoa maravilhosa que é, ela apenas concordou, chorou suas mágoas, chorou por mim e por ela e obviamente seguiu em frente. Nós a levamos para o aeroporto alguns dias depois, no todo, ela ficou uns quatro dias em casa e fizemos coisas de garotas, apenas o suficiente para que Pandora pudesse fazer a ela novos documentos.

— Não seja tão frio com seu homem, ele realmente sente sua falta. — Jordan me abraçou antes de entrar no avião. Siegfried estava mantendo distância de nós, esperando calado pelo momento em que ela fosse embora e eu voltasse a ser um prisioneira dentro de casa. — É sério, meu bem.

— Que se exploda.

— Você está com ciúmes. — Seus olhos verdes piscaram complacentes para mim. Fiz que não, mas ela segurou meu rosto com suas luvas pretas e sorriu. — Eu te conheço e já vi você com ciúmes antes para reconhecer. Escute, ou você aprende a se abrir mais para ele, em todos os aspectos, ou não importa o que faça, nada nunca será suficiente e você não pode culpá-lo por buscar o que não tem com você fora.

— Claro que posso.

— Se você pudesse se divorciar, claro que poderia, meu bem. É uma forma de entrar em um acordo quando as coisas estão *tão* incompatíveis. Obviamente o casamento não está funcionando e você tem que reconhecer sua derrota, ou ele será infeliz, e você também. — Ela falou séria. Tão madura e tão... ugh. Eu a odeio por estar tão certa. — Reverta as coisas a seu favor, pense nisso.

Ela me deu um selinho rápido de despedida, eu sorri e a vi entrar no avião. A ruivinha, como Siegfried a chamava, estava partindo e havia um buraco no meu coração. Voltei para o carro, meu marido se retesou, puxando a jaqueta de couro, ele abriu a porta para mim como o cavalheiro que foi

PERIGOSAS NACIONAIS

educado a ser e contornou o carro, sentando-se ao volante.

Não ficamos para ver o avião decolar, nem poderíamos. Siegfried ligou o rádio e seguiu para a estrada. Ficamos em silêncio por uns dez minutos, mas pareceu uma eternidade.

Nesse tempo, muitas coisas se passaram por minha cabeça, mas eu deixei ir embora, toda a raiva e os pensamentos ruins. Acontece que a maldita tinha razão. Eu estava com ciúmes e não sabia lidar com aquilo, o sentimento era novo para mim. Sempre soube que me casaria com Siegfried e nunca tinha, nunca mesmo, cultivado sentimento de posse dentro de mim.

Com um suspiro pesado eu deslizei a mão pela perna dele, causando um imediato susto em meu marido, que simplesmente virou-se para mim com os cabelos presos como sempre e um olhar franzido de desentendimento. Porém, foi reconfortante como ele segurou na minha mão e coçou a garganta, como se testasse o som.

— Desculpe. — Pedi.

— Ahn? — Siegfried estranhou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desde que nos conhecemos, quer dizer, nos reencontramos para o casamento, tenho sido injusta contigo. — Confessei. Ele procurou não me interromper, sendo respeitoso com meu desabafo, apenas pegou minha mão e beijou as costas, senti a barba rala e loira roçar na pele enviando choques por todo o meu corpo. — Tenho exigido que você faça todas as minhas vontades, usando o sexo para conseguí-las e a verdade é que sou uma maldita egoísta, não tinha pensado no quanto eu deixei você de lado, sabe, suas vontades.

— Você não tem que se desculpar com nada. Eu errei, fui egoísta, pensando com hormônios em vez de usar o cérebro. — Ele rapidamente falou, se justificando. Eu podia sentir o desespero em sua VOZ.

— Sieg... Você me deseja.

— Intensamente. — Ele sorriu.

— E se eu disser a você que não é tão recíproco? — Perguntei. Na hora sua expressão mudou, eu esperei que ele fosse ficar com raiva, mas vi chateação e aquilo me magoou. — Quer dizer, nada de errado, eu gosto de você, sinto tesão, você é gostoso...

PERIGOSAS ACHERON

— Mas você não me deseja.

— Não tanto.

Na mesma hora ele soltou minha mão para apertar o volante com as duas mãos com mais força. Senti seus músculos todos tensos e uma energia pesada ficou do meu lado. Ele rangeu os dentes, coçou o nariz tentando afastar a tristeza e eu apenas mordi os lábios cansada.

— Não gosto tanto assim de sexo. — Confessei.

— Porra, que merda é essa, Dallas, não te fodo direito?

— Sim, mas...

— Mas o quê? — Ele deu um soco no volante, com ódio do universo e provavelmente de si mesmo, mas apenas me encolhi. — Ou é bom, ou é ruim! Não tem meio termo.

— Na maioria das vezes é bom, mas depois sei lá, me dá nojo.

— Tá de brincadeira.

— Eu não gosto, droga. Não tanto! Não transforme isso em um estigma, não tem a ver com você, sua masculinidade e nem porra nenhuma,
PERIGOSAS ACHERON

apenas *não gosto* tanto. — Cruzei os braços, eu podia ouvi-lo rosnando, respirando forte como um lobo das montanhas. — Não fique cobrando isso de mim.

— Eu não queria que fosse um fardo. — Ele suspirou, desmanchando. De repente o lobo raivoso virou um filhotinho carente. — Era para você me amar, ter tesão por mim tanto quanto eu tenho por você.

— Não é que não amo, mas... Não, Sieg, eu realmente não sou assim tão afim de fazer sexo com você. Estou te contando, porque não quero que você se sinta culpado por causa de Jordan, ou sei lá com quem mais você transou.

— Foi só Jordan. Poucas vezes e das quais me arrependo eternamente porque isso deixou você mais longe de mim... — Ele resmunga um pouco, aquela voz de tristeza baixa, mas que se mantém firme. — E claro que me culpo. Se eu fosse uma delícia, certamente você não ia querer fazer outra coisa.

— Era isso que eu queria evitar. — Respiro fundo e coloco a mão no queixo, me encostando na porta. — Não se culpe, porque eu apenas não sou

tão interessada nisso. Quer dizer, uma vez ou outra, eu gosto, mas não é meu maior interesse. E nada contra envolvimento emocional, na realidade, eu me sinto bem envolvida com você. É só essa parte, que precisa ser rara e novidade para causar algum interesse em mim.

— Mas que merda. Tudo bem, novidades, você é uma pervertida. Eu posso fazer isso. — Siegfried compromete-se, causando o efeito contrário que eu pretendia. — Vou ser mais fiel, mais presente, mais... Sei lá, romântico. Isso é melhor para você.

— Sim, mas...

— Vou fazer isso.

— Eu tenho ciúmes. — Cortei logo, aumentando a voz. — Acho que me senti traída por não saber que estava rolando e de repente. Bum! — Bati as mãos. — Descubro que você teve um caso com uma outra pessoa. Jordan, ok, foi pior porque ela era *minha* e não *sua*, mas vou relevar isso por causa de Karvel, ele armou essa droga toda. E quando ele estiver morto, assunto encerrado!

— E você queria que eu te contasse? Olha, eu até contaria, mas não foi exatamente planejado! Eu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha me aliviado, tenho feito isso antes de ir aos bordéis e andar na rua, simplesmente me sinto duro o tempo todo quando penso em você! Mas chegou na hora, eu nem sei dizer o que houve, eu gostei e eu quis. Foi errado, eu vejo isso agora, eu fui egoísta.

— Uau. Siegfried Turgard ficou mesmo pensando muito nisso. — Eu ri.

— Não tire sarro de mim. — Ele se ofendeu, fechando a cara. Estávamos já atravessando a cidade e estava começando a anoitecer. — É vulgar da sua parte.

— Oh, vulgar. — Ri, debochando mais. Ele bufou pelo nariz como um touro bravo o que me fez rir de novo e apertar a mão em sua coxa. Ele segurou de novo minha mão, entrelaçando os dedos, dessa vez eu puxei para mim e beijei. — O que eu queria mesmo dizer é que... Esqueça o que eu disse no chalé. Não vou fazer greve, é injusto culpar você. Bem ou mal, eu sabia que era uma hipótese, eu apenas não queria fazer sexo e pouco me importava... Mas é errado e eu tenho que me importar. É um casamento e nós dois temos que fazer funcionar.

PERIGOSAS ACHERON

— Hm. Certo. Tudo bem, vou ser mais compreensivo, menos exigente e me controlar mais também.

— Não. — Dei risada e balancei a cabeça negando. Siegfried ficou me encarando, sem saber como agir. — O que quero dizer é que tenho ciúmes quando você sai por aí para encontrar alguém e suprir suas necessidades, mas se eu tiver o controle sobre isso, por mim tudo bem.

— Que absurdo, Dallas. — Negou de imediato, horrorizado. — Esqueça, não vou ser submisso, esqueça essa ideia. Pode me chamar de diversos palavrões, isso nunca vai acontecer.

— Eu sei. — Soltei a mão dele e virei para ele, deslizando a outra mão em sua coxa. — É por isso que tomei essa decisão, vai soar loucura, mas acho que pode solucionar nosso caso. Vou escolher alguém para você.

— Puta merda. Não!

— Eu vou, vou sim. E você vai transar com a pessoa que eu escolhi na minha frente. Se eu sentir ciúmes, muito bem, vamos ver um jeito para que eu possa te satisfazer mais eu mesmo... Mas se eu não sentir ciúmes, de vez em quando posso participar

com vocês.

— Isso é uma desgraça de um fetiche?

— Pode crer.

— Você é uma maldita pervertida Dallas.

Eu sorri, achando engraçado aquela suposição. Talvez eu fosse, mas estava sendo verdadeira com o meu coração. Siegfried e eu tínhamos uma incompatibilidade na cama, ele queria muito, eu não muito, por mais que ele me deixasse com tesão, e sim, ele me deixava tinindo, mas me cansava. Uma pessoa entre nós certamente poderia solucionar os dois problemas!

— Talvez eu seja. — Dei de ombros. — Então...? Topa?

— Está me dizendo que quer me ver transar com outra pessoa para ter mais tesão em fazer sexo comigo?

— Sim.

— Por mais que essa bagunça toda não faça o menor sentido para mim, se é assim que sua cabeça funciona, beleza. Eu deito com quem você quiser... Se isso for fazer você se deitar mais comigo.

— Hm, quando você fala assim como um
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maldito guerreiro em um campo de batalha, Sieg...
Eu fico com tesão.

— Vou encostar o carro e te foder por inteira,
Dallas.

— Antes, você vai fazer o que eu pedi. —
Exijo, mas me curvo pelo espaço do carro e beijo
sua boca, deslizando a mão com firmeza para o
centro de suas pernas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

(Siegfried)

— Amarre esse cretino. — A voz baixa e calma de Dallas cortou o silêncio maculado pelo crepitar do fogo da lareira. Eu ainda não conseguia acreditar no que estava acontecendo.

O quarto estava entregue a uma escuridão insana, as chamas laranjas e amarelas pintavam nossas pele exposta e deixavam seu rosto avermelhado como um espírito de fogo. Dallas estava sentada na poltrona como uma maldita espectadora e seus olhos castanhos escuros sobre mim eram como a brasa quente de uma fogueira, aquecendo meu corpo por inteiro e fazendo aquele maldito negócio com vontade própria se endurecer e latejar dentro da minha cueca.

Eu não queria *gostar* desse momento e quando topei essa parada pensava apenas em satisfazer minha esposa para as coisas voltarem ao normal. Estava bem estranho e frio entre a gente, eu toparia qualquer coisa *por Dallas*. Quando ela deu

PERIGOSAS NACIONAIS

a ideia no carro, achei loucura, mas quis provar a Dallas o quanto ela sentiria ciúmes de mim e me desejaria como um cachorro deseja seu dono ao me ver com outra pessoa, mas a verdade era que o cachorro era eu. Um maldito cachorro vagabundo, mesmo.

A criatura na minha frente engoliu nervosamente, apertando os lábios cheios. Seus olhos azuis tocados pela chama do fogo brilharam com medo e eu pensava em como eu estava completamente ferrado agora. A ilha é relativamente pequena e as pessoas se conhecem, então Dallas escolheu uma pessoa entre os turistas que chegaram de barco, um que aceitou bebida, trocou uns beijos com Dallas no balcão de um bar sujo da cidade e aceitou fazer parte de sua pequena *experiência*. É, as pessoas lá fora são mais liberais, eu acho.

Eu sentia meu pau duro e inchado de ansiedade. Senti a corda passando pela minha barriga e coloquei as mãos para trás, a proximidade com os cabelos castanhos ondulados me fez inspirar fundo o perfume de sua pele, algo como canela. Eu estava suando. Recebi um laço que

PERIGOSAS ACHERON

juntou as duas mãos, cada uma enrolada na corda pelos pulsos. Eu era um maldito prisioneiro dos meus desejos agora.

— Eu quero que você o beije.

Senti a pressão contra os meus lábios, o gosto de álcool do uísque que estávamos tomando. Sim, eu devia estar muito bêbado para aceitar aquela loucura e parecia um sonho maluco, eu esperava que logo se tornasse em pesadelo. Sei lá, vai que Dallas quisesse me esfaquear e estivesse me amarrando como uma aranha faz com sua mosca, enrola em uma corda, anestesia e se alimenta dela.

Abri a boca, recebendo a língua adocicada, meu corpo desejando mais daquele contato, querendo se curvar para frente. Um toque na minha testa me afastou, não eram os dedos de Dallas e eu deixei que me empurrasse, abrindo os olhos. O terceiro elemento olhou para Dallas, como se pedisse permissão.

— Isso, mostre para ele que tem hora para tudo. Domine-o. — Dallas sorriu, com a mão no queixo, recostada contra a poltrona do quarto de hóspedes da casa de campo. Puta merda, ela estava muito delícia dando ordens desse jeito, fiquei mais

PERIGOSAS NACIONAIS

duro. — Amarre os pés.

Senti as cordas começarem a enrolar meus tornozelos na coluna da cama. Eu não estava deitado, onde é mais confortável, na verdade, Dallas estava querendo me ver sofrer.

— Abaixе a cueca.

Com os dedos rápidos, a peça preta desceu até o meio das coxas, marcando minha carne, meu mastro apontou para a frente, livre. Fui incapaz de conter meu desejos e fechei os olhos de vergonha. Escutei apenas um arfar, passos.

— Abra os olhos, Siegfried. — A ordem veio arranhando na garganta e eu obedeci. Abri os olhos, Dallas segurou nos cabelos castanhos ondulados e puxou o elemento, pondo de joelhos na minha frente. — Você, chupe bem forte, torne isso difícil para ele. Não pode gozar, Sieg. — E empurrou aquela boca para o meu pau ereto.

Fui engolido como um sorvete. A temperatura quente da língua suave me fez gemer.

— Shhh. Abra os malditos olhos, eu quero que olhe para quem está chupando você, Siegfried. — Dallas ordenou.

PERIGOSAS ACHERON

Eu nem tinha reparado que fechei os olhos, mas fiz como ele estava pedindo. Eu faria tudo para agradá-la, mesmo que isso significasse ser humilhado, como eu estava sendo. Qualquer coisa que a trouxesse para mim, para que ela permitisse que eu a tocassem novamente.

A criatura na minha frente me engolia, lambia e me chupava, a língua avermelhada, os lábios ficando mais cheios de sangue do atrito. Hm, estava bom, não era alguém sem talento para o serviço. Minhas bolas reagiam ao toque, a pressão da boca, ao leve arranhar dos dentes e ao calor daquele buraco.

— Afaste. — Dallas segurou nos cabelos castanhos mais uma vez, deixando aquela boca longe da minha pele desejosa. — Ainda não, Sieg. — E empurrou de novo. — Vá, continue.

Estava me lambendo ainda mais forte e Dallas beijou meus lábios enquanto isso, segurando meu suspiro com a boca, engolindo meu gemido. Eu lambi aquela língua dela com fulgor, enquanto ela deslizou a mão em minha barriga, me fazendo ofegar. E isso foi tudo o que Dallas me deu naquele momento. Logo percebi sua ausência, a boca vazia,

o som de passos. Abri os olhos para vê-la pegar o copo de uísque e ficar me olhando, enquanto eu era chupado. E porra, que chupada gostosa.

Eu ainda não podia gozar. Não sem chatear Dallas e então me esforcei para abstrair daquele momento em que eu era apenas um animal amarrado, sem braços, sem pernas, como uma maldita cobra traíçoeira. Chegou um ponto em que eu não estava sentindo mais nada, mas senti uma fígada que me trouxe de volta a realidade. Eu estava quase gozando, porra! Dallas pegou o copo, levou aos lábios, derrubando o líquido em sua boca... Foi a coisa mais sexy.

— Dallas, deixe de ser um fodido! Estou quase gozando.

— Eu deixei você falar Sieg? — Ela cortou o ar com um olhar ardido e depositou o copo como um martelo de juiz inferindo uma sentença na mesinha lateral. Droga. Isso não ia terminar nunca. Respirei fundo. Dallas se levantou e andou até nós. — Você é muito desobediente, temos que puní-lo. Traga o chicote.

Com uma engolida em seco levantou-se da minha frente indo buscar o objeto aos pés da

PERIGOSAS NACIONAIS

poltrona. Dallas já tinha nos chicoteado um pouco com ele, tirando vagarosamente nossas roupas, não permitindo nem que nos tocássemos durante o processo.

Assim que pegou o chicote Dallas marcou minhas coxas. Senti a ardência e logo aquela dor virou prazer. Foi horrível, de certa forma, eu não queria gostar.

— Morda a barriga dele. — Dallas ordenou.

Senti a respiração quente na barriga, perto do umbigo, a pinçada veio com os dentes fortes e podentes, doeu um pouco como um beliscão. Aquilo era bom demais.

— Chupe mais rápido.

O que já estava delicioso ficou ainda melhor, mas eu não podia gemer, arfar, nem demonstrar prazer. Como eu ia fazer? Estava quase alucinando, aquela boca era uma maldita delícia feita de mel e açúcar, me lambendo, chupando, tão suave e ao mesmo tempo, transbordando vontade.

— Você quer gozar, não quer? — Dallas me perguntou, seco.

— Quero.

PERIGOSAS ACHERON

— Goze, Siegfried. Dê tudo o que você tem, nosso bichinho vai engolir. — Ele segurou os cabelos castanhos da criatura ajoelhada na minha frente, ditando os movimentos.

Droga. Droga! Ela estava me controlando, me manipulando, de qualquer jeito, Dallas era quem tinha o controle sobre tudo, sobre mim. Antes mesmo de gozar, eu já sabia disso, mas aquilo foi ela tatuando no meu prazer o quanto eu era e sempre fui dependente dela.

Gozei com gosto, jorrando em bombadas fortes, o esperma voando como um foguete na boca deliciosa. O garoto engoliu tudo. Fiquei com as pernas bambas. Gozei para um maldito garoto e pior, adorei.

— Muito bom. Agora... — Dallas sussurrou. — Vem aqui. — Puxou a criatura pelo braço e colocou de pé. Dallas tirou sua jaqueta e fez a pessoa na minha frente vestir. — Agora você ganhou um boneco de mim, Sieg. Você vai poder fazer tudo o que quiser com ele. Não vai reclamar e nem lutar contra, vai ser só um boneco. — E se aproximou da orelha do nosso brinquedinho. — Vai fazer tudo o que ele quiser sem reclamar, não

quero ouvir o som da sua voz. Bonecos não falam. — E deu um tapa no traseiro do nosso boneco, de forma que ouvi o estalo do chicote. — Desamarre ele e dê a corda, quero ver ele usar em você.

Dallas voltou a se sentar na poltrona jogando o chicote no chão. Com as mãos trêmulas o garoto soltou a corda, me entregando. Eu estava duro de novo, não sei como, mas era simplesmente impossível me saciar. Eu pensei em dizer que não precisava, que não ia obrigar ninguém fazer nada, mas o garoto colocou os braços para frente, esperando que eu o amarrasse. Por cima de seu ombro olhei minha esposa, Dallas estava sorrindo.

Suspirei, passei a corda áspera sem ternura. Simplesmente amarrando com pressa, como sou acostumado a fazer com nossos inimigos. Existem algumas amarrações de guerra que são consideradas mágicas.

— Amordace-o também. — Dallas mandou.

Passei a corda na boca do brinquedo, amordaçando-o, ele teve que morder com os dentes largos e bonitos, brancos, de um país em que pega muito sol. Segurei em seu rosto, deslizando os polegares nos lábios, sentindo a língua dele atrás da

corda.

— Quer beijá-lo?

— Quero.

— Agora não pode. — Dallas sorriu de novo, mordendo o polegar. — Leve-o para cama, Siegfried, eu quero que você o tenha.

Nesse ponto eu estava meio nervoso, aborrecido com Dallas e com a submissão que presenciava do garoto. Quer dizer, era um reflexo da submissão que eu via em mim. O que a gente não faz para se desculpar com alguém?

Com movimentos brutos peguei o garoto pondo-o no meu ombro como um saco de carne e joguei o boneco na cama, de frente para mim. Ele inspirou fundo e subi como um animal em cima dele. Deitado na cama, na altura em que pegava luz em seu rosto, contemplei por alguns momentos sua beleza e a odiei. O boneco tinha um rosto mais delicado que o de Dallas, um maldito andrógino. Os cabelos eram mais curtos, mas ele parecia uma estrela de cinema, um modelo, coisa assim, era bonito e delicado, o que me fez detestá-lo.

Eu odeio ver fraqueza e ali, amarrado e

amordaçado, ele apenas obedecia e parecia não se importar com o que eu fosse fazer, como um boneco inanimado. Como Dallas, que me mandava aliviar o tesão no banheiro em vez de me transar comigo.

Fiquei com raiva. Peguei o preservativo e o lubrificante, espalhando em mim com pressa. Voltei para a cama abrindo as pernas do rapaz, entrando com força. Ouvi um gemido e vi lágrimas nos olhos, mas nem assim o maldito parecia desconfortável. A princípio, apenas o puxei pela cintura, marcando as mãos com pegadas firmes. Eu queria machucá-lo e foi o que fiz. Mas foi gostoso sentir a dor dele em cada estocada.

Dallas não saiu da poltrona o que me deixou irado. Eu podia sentir o coração se rasgando dentro de mim. Ouvi um gemido de prazer e não gostei daquilo. Como ele ousa sentir prazer? Segurei em seu pescoço, arrancando-lhe o ar, deixando seu rosto vermelho e fui indo com mais força, estocando como um martelo, sentindo o sangue bombear como se minhas veias fossem explodir. Aquele homem embaixo de mim não era Dallas, eu não precisava ser gentil e queria me satisfazer de

uma forma que eu não podia, simplesmente.

Ali, deixei transbordar o meu lado monstro. O *Berserk*. Nem quando ele quase desmaiou eu não parei, indo cada vez mais forte, até que gozei. Bati as mãos no colchão, urrei e gritei, até ficar sem ar e sem voz. Então, comecei a chorar. É, bem assim, mesmo, como uma criança maldita e fraca, os soluços sacudindo o meu corpo e a vergonha tomando espaço na minha alma. Foi nesse momento que o brinquedo tossiu, puxando ar... Eu não tinha esmagado o seu pescoço e nem segurado tempo o suficiente para um desmaio, mas foi por pouco. Mesmo assim, ele não usou a *safe word*.

— Desculpa. Desculpa. — Pedi chorando, me jogando ao lado dele na cama, puxando a corda de seus lábios e o beijando ainda que ele estivesse sem fôlego. Eu me deitei ao lado dele, acariciando seu rosto delicado e chorei baixinho, abraçando-o.

Dallas se aproximou de nós, acariciou meus cabelos, depois, o do rapaz que escolhemos para aquela noite e soltou as cordas. Eu continuei ali chorando, fragilizado, Dallas nos cobriu com uma manta e satisfeito, saiu do quarto, nos deixando sozinhos.



Deslizei a mão trêmula pelo rosto. A manhã estava fresca demais, com um nevoeiro branco cobrindo as ruas da ilha. Inspirei fundo nervosamente, colocando as mãos para dentro do bolso da jaqueta de couro, onde achei um maço velho de cigarros e ofereci para o rapaz na minha frente.

Ele apertou os lábios em uma espécie de sorriso do silêncio e puxou um cigarro, colocando na boca. Peguei o isqueiro, acendi a chama e deixei ele aproximar o cigarro, chupando e sugando o ar. Lembrei de todas as merdas que fizemos, como aquela boca naturalmente rosada se encheu com meu sêmen.

Acordei do lado dele ainda de madrugada, saí da cama e o deixei lá, fui para o sofá na sala depois de um banho morno no banheiro do corredor. Dallas trancou seu quarto, não sei o motivo, ainda não tínhamos conversado.

Quando amanheceu Dallas me acordou. O

rapaz estava do lado dele segurando suas coisas, tudo o que Dallas me disse foi *venha se despedir*. Por que eu tinha que me despedir de um prostituto era um mistério, mas Dallas é assim, ela se importa com as pessoas.

Dallas agarrou o meu braço, enfiei as mãos de novo dentro da jaqueta e minha esposa estendeu ao rapaz o bolo de notas de dinheiro, o exato valor que tínhamos combinado. Eu por mim, pagava em dobro, pois as marcas no pescoço do garoto me incomodavam. Era mais do que qualquer um ganharia por um mês de trabalho, se quer saber. Não era a toa que as pessoas topavam fazer isso.

— Aqui está. — Disse estendendo o bolo preso por um elástico roxo, desses de prender o saco das carnes que vendem nos mercados. — Você pode falar agora Renée.

— Oh, obrigado, mestra. — Sua voz soava tão suave como sua língua, mas ele não contou as notas, enfiando-as na jaqueta bomber comprida e azul marinho que estava vestindo. No capuz tinha um pelo esquisito imitando um pelo branco, mas não era tão macio e suave quanto pele normal de urso ou de bebês focas, o que me fez indagar

mentalmente se Dallas o tinha escolhido por suas roupas sintéticas e ecologicamente corretas. Ele acertou a mochila no ombro esquerdo e tirou o cigarro da boca, prendendo-o em dois dedos. — Eu normalmente não falo.

— Interessante. — Eu disse. Levei um beliscão no braço. — Ai.

— Não seja mal-educado. — Dallas me repreendeu. — Você tem certeza que não quer carona? Nem chamar um táxi?

— Nah, eu me viro. Vou andar até os fiordes, aproveitar e tirar umas fotos pelo caminho.

— Os fiordes? — Perguntei confuso. Dallas me encarou exigindo explicação. — É um lugar não muito seguro por aquelas bandas, há uns assaltos.

— Quanto tempo ficará na cidade, Renée?

— Seis meses.

— Tanto assim? — Dallas perguntou. Por que ela estava tão interessado no rapaz?! Ugh. Isso estava me matando por dentro.

— É... Minha família se mudou para cá tem três anos e meu irmão disse que não vai me pagar a faculdade se eu não ficar um tempo com eles na

PERIGOSAS NACIONAIS

casa de campo. — Ele sorriu de lado, mostrando os dentes brancos. — Considero um mal necessário.

— Então se quisermos entrar em contato com você...? — Dallas estreitou um pouco os olhos. Virei o rosto para ela inconformado, ah, não!

— Eu não me apego.

— Nem a gente. — Falei.

— Mas podemos trocar e-mails. Até porque, quero ver suas fotos. — Dallas insistiu. Rangi os dentes. Não estava gostando disso. Ah, não mesmo! — Sem maiores implicações, mas não tire a opção da cabeça, quer dizer, podemos precisar dos serviços de novo.

— Hm. — O rapaz colocou o cigarro na boca, tirou o celular da jaqueta e de dentro da capinha, um cartão. — Não sei se esse número vai funcionar por aqui, mas tem todos os meus contatos.

— Yey! — Dallas pegou o cartão com um sorriso animado demais. — Sieg vai te dar uma carona. — Bateu no meu braço, me empurrando para fora da porta.

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa! — O rapaz coçou a sobrancelha na linha da touca azul escura, nitidamente sem jeito.

— Siegfried faz questão, ele sempre diz sobre como gosta de tomar conta das pessoas da ilha e esse é nosso pedaço. Não é Sieg? — Perguntou rindo. Eu queria dizer que não, mas ela nem me deu chance. — Além do quê, eu vou voltar a dormir e você tem os bodes para tomar conta.

— Vocês criam bodes? — Renée perguntou de forma inocente. Confesso que até Dallas dizer, eu nem sabia o nome dele e digamos que quando a gente nomeia um *problema*, ele cresce.

— Não. É do nosso casamento. Uma tradição, sabe, uma oferenda a Thor para que dê tudo certo entre nós. — Expliquei, coçando a garganta.

— Um bode, mas o Sieg comprou vinte.

— Aparentemente deu muito certo. — Renée ergueu as sobrancelhas surpreso.

— Você acha? — Dallas sorriu de um jeito fofo, colocando o cartão na frente da boca. Renée fez que sim com um aceno de cabeça. — Obrigada

pelo *coaching*. Faça uma boa viagem, que os deuses abençoem seu caminho.

— É, valeu.

— Sieg, cuide de Renée, certifique-se de que ele vai chegar em casa são e salvo, odiaria que algo acontecesse a ele no caminho. Espero você para o almoço. — E fechou a porta na nossa cara.

— Ela sempre dá ordens assim?

— Pode ficar bem pior que isso, então normalmente eu apenas aceito. — Disse.

— Oh, sim. — Renée abriu bem os olhos azuis, surpreso.

— Quer dizer, não é assim, mas... Enfim. — Segurei em seu ombro e o empurrei para frente. — Melhor eu te levar para a casa de seu irmão. Fica mesmo nos fiordes?

— Ahm, sim, ele me deu o endereço. — Pegou o celular de novo. — Meus dedos estão congelando, desculpe.

— Tenho uma luva extra na moto. — Falei.



PERIGOSAS NACIONAIS

Viajamos rápido e confesso foi bem estranho ter uma pessoa me abraçando que não fosse Dallas. Mesmo que essa pessoa fosse um garoto de programa escolhido em um bar sujo, quer dizer, mesmo eu tendo feito *tudo aquilo com ele*. Sabe, era uma pessoa e tinha sido tratado como um objeto. É, acho que eu estava me sentindo mal por aquilo tudo, especialmente no final.

Parei a moto em um cruzamento, em dúvida de qual caminho seguir.

— Me dê o celular. — Pedi por dentro do capacete. Renée passou-me o aparelho rápido, com o mapa aberto. Estava quase sem bateria, mas deu para ver o caminho mais ou menos, antes de se apagar. Devolvi para ele o aparelho. — Saco, fica em um dos piores lugares, é território de uma gangue norueguesa. Não é o melhor lugar para você estar.

— Eu li que a criminalidade na área é bem baixa.

— Claro, deixam isso fora das estatísticas.

— Não precisa ir, deixa. — O garoto

PERIGOSAS ACHERON

desmontou e tirou o capacete, puxou sem querer a touca e seus cabelos compridos voaram. Ele riu e pegou a touca, me dando o capacete extra, que normalmente Dallas usava.

— Tá maluco!

— Olha. Eu ainda quero tirar fotos. — Fingiu indiferença, mas eu já conhecia aquele olhar de nervosismo dele. — Foi legal me trazer até aqui, sua esposa vai ficar preocupada.

— Seria ótimo. — Não peguei o capacete. — Mas não vou desobedecer Dallas, quer tirar foto, eu te levo, mas tenho que te deixar em casa.

— O quê? — Ele riu, ainda mais nervoso. — Isso é ridículo.

— E também estou me sentindo mal por ontem, quer dizer, a forma com que te tratei, é um jeito de compensar isso.

— Hm... — Ele franziu a testa, juntando as sobrancelhas longas e arranhou o lábio inferior com os dentes com tanta força que ficou vermelho. — Não precisa se sentir mal, foi muito bom. É o tipo de coisa que eu gosto de fazer.

— Gosta? — Bati a mão no capacete. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

era possível que alguém gostasse de ser punido dessa forma.

— Eu faria de graça, mas não vou negar dinheiro.

— É um maluco.

— Isso te deixou duro de novo, não é? — Ele riu de canto.

— Um pouco, mas esqueça, sou fiel ao meu casamento.

— Desculpe, não percebi a ofensa. — Ele fez aquele jeito submisso que me irrita.

— Não peça desculpas, merda. É que estou me sentindo mal por ter te humilhado. Porque eu estava com raiva de como Dallas me humilhou, descontei em você. — Ergui a mão.

— Você deve ter feito algo realmente *ruim* para ela te punir assim.

— E seu pescoço ainda tá cheio de marcas.

— Eu sei, faz parte. — Deu de ombros.

— Tá, mas eu não vou deixar você andar sozinho por essa estrada, tem a gangue. Sobe aqui de volta, vamos, não me obrigue a apontar um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

canivete para você e te obrigar.

— Eu posso acabar gostando desse tipo de violência. — Provocou.

— É sério, Renée. — Ameacei com a voz mais rouca. — Pare de distorcer minhas falas.

— Hm. — Ele cutucou a bochecha com a língua e não sei porque o maldito estava tão afim de me desobedecer, revirou os olhos como uma criança e deu um passo na minha direção, voltando para a moto. — Tá, mas tem que me levar nos locais para tirar foto. Promessa é dívida.

— O que vou fazer com você? Tá vendo? Tão inocente....

— Não me chame de inocente. — Resmungou, vestindo o capacete.

— Certo, certo. — Ri, acelerei a moto, para a gasolina não congelar. — Qual o nome do seu irmão mesmo? Ele deve estar preocupado?

— É meu irmão por parte de mãe, motivo pelo qual não nos damos tão bem. Somos quatro, ao todo. — Ele deu informações demais, como todo turista.

— E o nome dele, porra?

PERIGOSAS ACHERON

— Karvel Olafsson.

O nome fez o meu coração congelar, mas era ainda mais estranho pensar que Karvel tivesse uma casa no território dos nossos inimigos. Ele estava tramando algo grande.

— Sêrio?

— Aham.

Depois daquilo eu queria deixar o menino para trás, mas falando sêrio, se algo acontecesse com ele no caminho Dallas me mataria e tenho certeza que ela pediria detalhes do lugar em que eu o deixei (e checaria a informação com sua irmã hacker). Mentir não era mais uma opção. Se eu quisesse manter a relação com Dallas em um nível saudável de confiança, eu teria que levar Renée para casa e rezar aos Deuses para Karvel (e nenhum membro da gangue) me ver ou imaginar o que estava mesmo acontecendo entre nós.



Levei Renée em uns quatro pontos bonitos para tirar fotografia. Ele tinha uma daquelas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

câmeras de profissionais e disse que estava estudando para ser um fotógrafo, que tinha um perfil mais ou menos bem acessado em redes sociais.

Eu não pedi detalhes de sua vida, eu não queria saber nada que me compromettesse, mas obviamente no último ponto de turismo, eu fiquei mesmo curioso.

— Então quando você começou com isso?

— Sexo? — Ele riu, sabendo que eu não deveria estar falando de fotografia novamente. — Muito jovem, mas o BDSM veio um pouco depois... E depois de um tempo aquele negócio *baunilha* não me interessava mais. Casais fofinhos que ficam juntos como contos de fadas, fazem sexo na mesma posição, bem, não é a minha.

— É a minha, certamente. — Resmunguei colocando as mãos cobertas pela luva dentro da jaqueta.

— Percebi. Foi a primeira vez que vocês fizeram, não é? — Ele tirou uma foto minha, o que me deixou nervoso.

— Não tire fotos de mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpe, eu vou apagar. — Rapidamente tomou aquela postura que eu detestava e apagou.

— Você faz tudo que alguém manda? — Perguntei irado.

— Só quando *eu quero fazer*. — Ele abriu bem os olhos azuis e veio na minha direção. — Apaguei, olha. — Mostrou, mas eu nem queria olhar. Porém, as fotos eram muito boas.

— Você tem talento, Renée.

— Obrigado. — Sorriu de leve, mordendo os lábios. — Eu queria te perguntar uma coisa, posso?

— As pessoas apenas perguntam, sem pedir permissão. — Rosnei. Ele fez bico, o que me fez entender que eu não estava no jogo certo. — Claro, pode perguntar.

— Você gostou?

— Um pouco.

— Bem, se gostou, peça para Dallas fazer o seguinte. — Ele se aproximou de mim e cochichou, colocando a mão na frente da boca. — *Amarrar você em uma cadeira de madeira e chicotear suas costas, antes de sentar sobre você*

— Puta merda! Mas talvez, eu que deveria

PERIGOSAS ACHERON

amarrar Dallas e chicoteá-la.

— Você? — Renée riu. — Não, você não o faria. Você é emocional demais, como eu. Sabe, meu ex sempre dizia isso, por isso ele me fazia sofrer mais que os outros. É difícil para pessoas como nós segurar emoções. Você chorou feito um bebê.

— Você não me conhece, Renée. — Amarguei. — Desligue essa porcaria, vou te deixar na esquina de sua casa. Tenha a decência de não nos procurar mais, nunca mais! Não importa o quanto Dallas te ofereça para isso.

— Sim, senhor. — Concordou, mas eu não olhei para ele, virei as costas, subindo na moto.

Capítulo 14

(Dallas)

Eu estava batendo os dedos em cima da mesa de madeira, encarando o prato principal que eu tinha feito com muito carinho esfriar. Rangi os dentes, cutuquei o suéter e mofei um tempo sentado até a garrafa de vinho acabar e as velas derreterem.

Levou tudo isso de tempo até que a porta se abriu, trazendo um vento frio. Arrepiei, sentindo as bochechas quentes do álcool e fiquei observando enquanto Siegfried batia a neve das roupas e entrava.

— Nossa, demorou, achei que não ia vir mais. — Rosnei. Ele estreitou os olhos azuis irado e entrou na sala, olhando a mesa posta. Cruzei os braços. Eu estava *ferido*. — Por que demorou? Estava tão divertido assim com aquele prostituto?

— Ah, então ficou mesmo com ciúmes? — Perguntou colocando as mãos na mesa.

— Transou com ele lá fora, ou não? — Rangi

os dentes.

— Não, Dallas. Quer dizer, teve ontem a noite, que você me convenceu a fazer aquela coisa ridícula. — Afastou-se da mesa com um suspiro, puxou a cadeira e sentou-se em seu lugar à minha frente. — Qual o seu problema? Eu fiz tudo aquilo porque você quis.

— Você não tinha que ter gostado.

— Eu não gostei! Tá legal? Eu não gostei! — Ele quase virou a mesa, mas em vez disso, cobriu o rosto com a mão, apoiando o cotovelo na mesa.

Pensei em levantar para fazer carinho nele, mas depois de ontem a noite, confesso, eu estava com um pouco de medo de Siegfried. Era para ele tratar o boneco como queria me tratar e o que ele fez? Quase matou o menino que contratamos! Foi um pouco assustador ver aquela raiva toda nele.

— Você deve me odiar. Quase matou o menino porque ele era meu boneco.

— Não foi por isso. — Siegfried deslizou as mãos pelos cabelos. — Foi por vê-lo daquele jeito submisso, aceitando qualquer coisa, eu já matei muitas pessoas com essas mãos, Dallas... — Ele

colocou as mãos para frente e percebi que ele estava tremendo muito. — Aquele maldito queria morrer.

— Você é um fodido. — Revirei os olhos e fiquei em pé. Não aguentei vê-lo triste e fui até ele, segurei em suas mãos, fiz carinho em seus ombros e cabelo e por fim, sentei-me em seu colo deixando ele me abraçar. — Uma hora vai e transa com uma prostituta sem se importar com os sentimentos dela... E na outra hora, quase mata um garoto de programa e se arrepende de tudo o que fez com ele. O que aconteceu?

— Você aconteceu Dallas.

Confesso. Aquilo me deu um certo orgulho. Segurei no rosto de Siegfried e o beijei nos lábios, que imediatamente retribuiu enfiando a língua ardente na minha boca. Meu corpo estava morrendo de saudades do dele e não esperei muito para tirar sua camisa e dar o sinal de que ele podia avançar mais.

Foi rápido, em segundos estávamos rodopiando pela sala, indo em direção ao quarto principal, deixando as peças de roupa no caminho. Caímos nus sobre a cama, trocando beijos. Cada

marca de chicotada que eu deixei em sua pele ontem, fiz questão de curar com beijos hoje. Siegfried soltou um suspiro quando tomei o seu membro ereto e o coloquei dentro da boca, chupando, lambendo. Eu queria compensar.

Não falamos nada, era um novo nível de intimidade que ultrapassava o desejo e que queria confortar, um sentimento puro de carinho entre a gente. No criado mudo tínhamos todos os acessórios que precisávamos e peguei o tubo de lubrificante, encapei o membro e besuntei bastante, brincando com as mãos, deixando-o bem escorregadio para mim.

Subi por cima dele, que urrou com prazer, segurando minhas costas com as pontas dos dedos e beijando minha boca, meu queixo e meu pescoço. Os beijos de Siegfried continuavam intensos, mas havia algo de diferente neles agora que me faziam gostar mais.

Eu não tive medo de suas mãos, de seus impulsos, ele estava mais controlado, mais amoroso, como se ele mesmo precisasse de carinho e de mim. Não era apenas sexo, entende? Eu acho que estávamos fazendo pela primeira vez algo

maior, algo que tinha sentimentos dentro.

Tomamos o nosso tempo, um curtindo o corpo do outro, venerando como ouro. Segurei nele abraçando-o como se não quisesse mais soltar e ele fez a mesma coisa. Nem mesmo as estocadas estavam tão violentas e esse era o tipo de coisa que eu queria, apreciava e poderia fazer para sempre.

Ele gozou bem lentamente, arfando ofegante e pouco antes de sair de mim, me jogou na cama e me encheu de beijos.

— Eu te amo. — Disse manhoso, perto do meu ouvido e se afastou para me encarar.

Merda. Eu não estava preparado para aquilo. Fiquei estática, encarando-o. Sigfried franziu a testa como se o meu silêncio fosse uma negativa, uma ofensa. Segurei em seu rosto e o beijei, brincando com o piercing na língua.

— Eu te amo, Siegfried. — Sorri e o beijei mais uma vez.

Naquele dia, não saímos da cama.



PERIGOSAS NACIONAIS

— Renée é irmão de Karvel. — Siegfried colocou a caneca de café na minha frente.

— Pela Deusa. — Demorei um tempo para pegar a caneca marrom e levei aos lábios provando aquela mistura de ervas adocicada.

O líquido entrou aquecendo meu corpo gelado, eu estava vestindo calça de veludo e suéter. Porém, nem mesmo aquele chá calmante podia diminuir a força das batidas do meu coração.

— E há grandes chances que Karvel esteja coordenando o ataque da gangue ao porto. Sabe, como um maldito traidor. — Explicou colocando a segunda caneca na mesinha de centro da saleta. — Está com frio? Vou acender a lareira.

— Estou com frio. — Confirmei puxando mais o cobertor para cima de minhas pernas no sofá.

Apenas de calça e meias, sem a parte de cima, Siegfried foi para a lareira eletrônica aumentar o aquecimento.

— Isso é tão fodido. Você ainda quer matar Karvel?

— Não sei, considero a oportunidade de me

PERIGOSAS ACHERON

vingar indiretamente fazendo o irmãozinho dele sofrer. — Sorri colocando a cabeça na almofada.

Siegfried me olhou com frieza que não é típica dele. Ele segurou a caneca e se sentou ao meu lado.

— Achei que você tinha gostado de Renée.

— Eu o escolhi porque havia algo de detestável nele.

— Hm. Você sabia?

— Bem, antes de convencê-lo a vir conosco perguntei o nome do irmão dele. Então eu já sabia.

— Você é um perverso, Dallas. — Siegfried revirou os olhos, mas ergueu o braço permitindo eu me aninhar nele. Inspirei fundo seu cheiro e adorei me encostar em sua pele branquinha e quente. — Eu gosto de sua mente maquiavélica.

— Hm. — Dei mais um gole no chá, sorrindo. — O que descobriu quando deixou Renée lá?

— O garoto é só um azarado. Teve esse ex-namorado, tenho a impressão que ele veio visitar Karvel como uma fuga. Talvez desse ex-namorado que ele deixou para trás.

— Uh. Adoro um drama, me conte mais.

— Não sei mais detalhes. — Siegfried amargou, bebendo de seu chá. Ele é tão ciumento! — Mas vi soldados de Karvel na rua, não cheguei muito perto, deixei Renée uma esquina antes. Evitei passar na frente de sua casa e fiz ele apagar umas fotos que tirou de mim sem permissão.

— Fez bem. O melhor que podemos fazer é atraí-lo, fazer ele contar mais sobre os planos de Karvel.

— Eu não sei... Você está tão interessado nele que me enerva. — Siegfried confessou. Dei um sorriso e beijei sua bochecha barbada. — Não quero você saindo com ele.

— Tudo bem, só pensei no assunto porque ainda quero Karvel morto e Renée é uma boa ponte. — Dei de ombros. — Não quis enciumá-lo nem nada.

— Mesmo? Pois não parece. Você está sempre me provocando indiretamente, Dallas e estou um pouco confuso. Você quer mesmo que eu saia com outras pessoas? — Perguntou preocupado.

— Não, Sieg, eu não quero. Mas... Agora

que testei aquilo, talvez eu queria ir além.

— Hm. — Resmungou bebendo o chá. — Psicopata maldita.

— Confesso que gostei de vê-lo sofrer.

— Sádica.

— Foi divertido também chicotear você.

— Cruel.

— E... — Continuei fazendo uma pequena pausa para erguer uma sobrancelha. — Adorei ter você me obedecendo sem se revoltar!

— Tirana.

— Mas você ama com todos esses defeitos?

— Tsc. — Siegfried deslizou o dedo no meu rosto, pela têmpora até a orelha, prendendo uma mecha de cabelo. — Você me deixa totalmente ligado, Dallas. Já estou duro de novo.

— Hmmmm, gosto assim, sabe. Você me dá o controle.

— Eu te dou tudo o que você quiser.

Mordi a boca, soltei a caneca e virei para ele, beijando-o. Segurei na caneca dele, tirando-a de sua mão e coloquei na mesinha. O vi arfar de prazer

quando descí as mãos por seu torso bem musculoso e alcancei seu membro por dentro da calça. Não, eu ainda não conseguia fazer sexo tão seguidamente, mas eu estava dando o meu máximo e queria o mesmo de Siegfried. Bati a mão com força, envolvendo seu pênis largo e comprido com desejo. Siegfried se entregou aos carinhos, erguendo as mãos e se afundando mais no sofá, de vez em quando erguia o quadril, ditando um ritmo diferente e eu o segui. Maldito *viking*, eu estava derretendo por inteira por ele!

Siegfried mordeu a boca e gozou, jateando com força para cima. Eu estava um pouco suada, mas ele não estava satisfeito. Inverteu posições, vindo por cima de mim e tirou minha calça, lambendo, me deixando indecente.

— Sieg, deixa eu te chupar também. — Pedi.

Ele rapidamente nos posicionou de uma forma que eu pudesse engolir-lo enquanto ele me chupava forte. Gozei primeiro, sentindo uma tremedeira pelo corpo todo, mas eu já estava cansada de tanto sexo e meu corpo não explodiu como das outras vezes. Para mim, esse sexo mais manso era o melhor, eu preferia assim, mas sei que

Sieg prefere de outro jeito e é como Jordan disse, se eu não o satisfazer, ele também ficará infeliz. Nenhum relacionamento deve durar se é apenas bom para um lado. Como vamos achar o equilíbrio? Não parecemos compatíveis, certamente o sexo é onde mais divergimos.

Chupei forte. Siegfried gozou de novo na minha boca e cuspi resmungando. Confesso, não gosto muito desse gosto, não! Penso em contratar alguém só para isso, porque eu não consigo fazer e não sinto prazer no aspecto, mas Siegfried adora.

Resolvi lavar a boca e escovar os dentes. No banheiro, achei o meu celular e não consegui evitar o impulso de enviar uma mensagem de texto.

“Renée, apague nossos números.
É para sua segurança. Te ligo em três dias. D.”



Adentrei o café e caminhei tremendo até o fundo. Na mesa seis, onde eu havia marcado o encontro, ele já estava lá, de capuz na cabeça e os cabelos na frente do olho esquerdo. Eu soube o que

tinha acontecido antes mesmo de olhar o roxo ao redor de seus olhos azuis.

— Merda. Foi seu irmão?

— Foi. — Renée mordeu os lábios partidos, eu não sei se tinha sido um ferimento causado pelo frio ou por outro soco dos punhos amaldiçoados de Karvel. — Vai desinchar em alguns dias.

— Droga. — Sentei-me no sofá, tomando seu lado, segurei no ombro dele. — Como ele descobriu?

— Quando você mandou aquela mensagem já era tarde demais. — Renée apertou as mãos contra o copo de café, mantendo a cabeça baixa. Suspirei. — Siegfried disse para eu não aceitar mais nada de vocês, então se veio com uma proposta, eu vim dizer que terei que recusar.

— Entendo... Na verdade, eu não vim por isso, decidimos que vamos parar em você, mesmo, obrigada. — Balancei a cabeça e peguei um cardápio para escolher o café que eu ia tomar. Eu sentia meu coração dando batidas poderosas. — Tem algum vegetariano?

Renée empurrou o copo dele para mim.

— Leite de amêndoas.

— Hm, obrigada. E o que você vai tomar? —
Perguntei.

Ele apenas balançou a cabeça e não aguentei de curiosidade, puxei o capuz. Renée estremeceu. Ele ainda tinha um resto de marcas no pescoço, que tenho certeza causou um pouco de suspeita e pode ter sido quando Karvel descobriu tudo, mas certamente ele tinha ido ao hospital, Siegfried disse que ouviu os homens comentando sobre isso. Eu estava me sentindo culpada, em partes, por outro lado, era parte de uma maldita vingança e eu queria que todos sofressem.

Não gosto de ver a dor do outro como um sistema de proteção como Siegfried. Ele diz que prefere matar antes que possam matá-lo, entende? Eu não! Não gosto de ouvir os gritos de desespero, mas gosto de saber que está doendo, que está sendo um martírio tanto emocional como físico.

— Olhe para mim quando falo com você, Renée.

— Sim, senhora. — Ele virou o rosto para mim, mas seus olhos azuis ficaram distantes, baixos, ele não tinha a menor coragem de me olhar.

PERIGOSAS NACIONAIS

A primeira vez que coloquei os olhos em Renée ele apenas me pareceu alguém frágil. Peguei referências com o barman do hotel, perto do porto. Juan era conhecido na área, imigrante, conhecia os arredores mais sujos da cidade e um informante da minha família. Por isso quando eu comentei que queria um submisso, ele tinha um na manga para me indicar.

Não conheço muito de BDSM, além do que li na internet e confesso, ficar trancada em casa sem ter o que fazer expõe bastante nossa curiosidade e essa foi uma delas. Nos primeiros minutos que conversei comigo, Renée explicou como as coisas funcionavam e como seriam as regras. Tem que ser bom para todos os lados. Eu notei que Siegfried não estava muito confortável, mas a minha curiosidade e vontade de conhecer o que ainda era um mistério para mim, foi mais forte. Fizemos as regras em um guardanapo de papel, tomando uísque. A ideia era subir para um quarto, mas eu preferi ir para casa, no quarto de hóspedes.

No começo, eu estava tremendo e sem muita segurança do que queria fazer, por alguns minutos pensei no quão ridícula eu estava, de lingerie,

PERIGOSAS ACHERON

segurando um chicote, mas os olhos de Renée me deram força e alguma coisa diferente despertou de mim. Eu entendi a *brincadeira*, a representação, o papel de dominante que eu desempenhava na cama. Foi libertador e também muito dolorido, ver toda aquela maldade em mim. Sádica, tirana, cruel... Como você lida com esses defeitos? No *play*, funcionou.

Porém meu corpo vibrava incontrolável. Renée tinha me mostrado mais do que uma encenação sexual, ele tinha me mostrado o *prazer*.

— Eu normalmente não peço permissão, mas é um momento delicado. — Eu disse juntando as mãos no copo de café e tomando um gole. — Seu irmão, Karvel, machucou uma pessoa que era muito importante para mim. Quero saber se você tem alguma objeção de eu machucá-lo como vingança. Não vou matá-lo, embora ele mereça.

— Ah. — Renée respirou fundo, comprimiu os lábios. Antes mesmo dele falar, eu vi que ia negar, que não ia aceitar e aquilo não me enfureceu nem um pouco, apenas me deu a certeza da pessoa maravilhosa que ele era. — Eu não gostaria, senhora. Karvel foi bom para mim e para toda

PERIGOSAS NACIONAIS

nossa família. — Defendeu seu irmão. Era estranho ouvir alguém falar coisas boas de um homem que eu odiava, mas se Renée estava falando tudo aquilo, certamente tinha seus motivos. As pessoas são assim, tem um lado bom e um lado ruim, nem sempre você tem a oportunidade de ver os dois lados de uma mesma moeda. — Ele realmente nos ajudou, protegeu a todos nós quando nosso pai foi embora. Ele é um pouco bruto, mas é meu irmão.

— Que pena. — Estalei a língua.

— Machuque-me em vez dele. — Renée ergueu os olhos para mim, foi quase como se implorasse por isso.

Foi única hora que ele enfrentou minha imagem. Eu tinha que levar aquilo em consideração, sua coragem e vontade de proteger a família. Lembrei das minhas irmãs, eu faria tudo para protegê-las, inclusive me colocar em perigo.

— Muito bem. — Empurrei o café de volta para ele, não sorri, manti-me séria. — Tome seu café, Renée. É o último que você irá tomar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

(Siegfried)

— Siegfried Turgard! — A porta da saleta superior da boate abriu com um chute.

O som da música eletrônica de uma apresentação que as garotas estavam ensaiando vazou. Ergui os olhos da mesa cheia de papel. Os soldados apontaram suas armas para porta.

— Por Thor, Karvel! — Alyssa abaixou a arma cromada, seus cabelos bagunçados estavam com a pontinha por cima das sobrancelhas e o brinco de ouro pequeno com uma pérola reluziu ao lado dos piercings.

— Estamos em reunião. Não tenho tempo pra você. — Cuspi olhando rapidamente para Ulrich, que estava sentado à minha frente na poltrona verde com uma pasta de couro marrom como seu terno cheia de documentos na mão, e abaixando os olhos novamente para a planilha de gastos daquela espelunca.

— Você tem tempo, sim. — Ouvi apenas os passos pesados e rápidos do brutamontes. Karvel estava de terno, jaqueta pesada e os cabelos tocados pela neve que ao pouco começava a derreter e molhar os fios castanhos. Sua mão envolveu minha camisa cinza escura por entre os botões da jaqueta preta de couro com pele de carneiro por dentro e ele me puxou com força por cima da mesa. — O que Renée está fazendo na sua casa?!

Senti o amargor em sua voz e confesso, aquilo me deixava animado. Se ele me desse um soco, quem sabe eu teria motivos para estourar aqueles dentes perfeitos contra meu bastão cheio de pregos. Adoraria vê-lo sangrar.

— Seu irmãozinho foi minha vadia por uma noite, por quê? — Sorri adorando ver o fogo do ódio atravessar seus olhos.

— Absurdo. — Ulrich xingou assustando-se e curando as costas para trás.

Foi um momento que o tempo pareceu parar! Karvel ergueu a mão prestes a me esbofetear. Ulrich ficou em pé de supetão se afastando, a poltrona caiu no chão e a pasta derrubou todos os papéis. Alyssa revirou os olhos e guardou a arma

no coldre nas costas, foi ela quem se aproximou de Karvel e segurou em seu braço coberto pelo sobretudo preto. Ouvi o som da pegada, os músculos de minha irmã ficaram tão rígidos quanto nas vezes que ela pratica cabo de guerra com os soldados. A verdade é que Alyssa é tão forte quanto os meus mais fortes homens e até mesmo alguém tão grande como Karvel teria alguma dificuldade em uma luta física contra ela. A maldita é muito ágil.

— Não comece uma guerra, Karvel. — Pediu com a voz da responsabilidade.

O brutamontes me soltou e eu caí sentado e rindo na cadeira, vitorioso. Coloquei os pés em cima da mesa por entre as folhas impressas em papel sulfite. Eu já sabia, no momento que ele entrou pela porta, que ia tirar satisfações e claro, nunca é agradável falar com Karvel, especialmente um assunto tão delicado. Qual é! Karvel deixou bem claro no meu casamento o quanto estava disposto a infernizar minha vida por achar que o que tivemos no passado foi importante. E não foi! Nunca foi.

— Diga a sua namorada para ficar longe de

Renée. — Karvel exigiu, puxando os cabelos compridos e castanhos para trás. As sobrancelhas dele eram compridas, como as de Renée. Não acredito que não vi antes sua semelhança!

E os dentes? Apesar de serem grandes e brancos, não eram tão parecidos, os de Karvel pareciam esculpidos por um dentista (talvez fossem) e os de Renée eram fofos. Espera, dentes podem ser fofos?

— Dallas é minha esposa. — Fiz questão de consertá-lo nisso. Karvel rangeu os dentes. Puxei o maço de cigarros do bolso e acendi com o cilindro na boca. — E você vai fazer o quê? Socar mais uma vez o garoto com ciúmes? Ele é mais novo Karvel, é claro que prefiro a bunda dele do que a sua.

— Isso não vai ficar assim. — Cuspiu no chão, com puro ódio expelido pela garganta. Se a saliva de Karvel pudesse ser ácida, eu me preocuparia, mas aquilo não me assustava.

— Claro que não. — Provoquei sorrindo. *Não quando eu descobrir o que você está tramando nos fiordes!* Pensei, mas guardei para mim. Às vezes o silêncio é precioso. Apreendi com Dallas.

Karvel virou as costas e bateu a porta com tanta força que um quadro pornográfico caiu. A sala ficou entregue ao silêncio, enquanto a fumaça do cigarro preenchia os espaços vazios.

Suspirei. Ulrich e Alyssa me encararam em silêncio. Minha irmã foi até o quadro, retirá-lo do chão e Ulrich juntou os papéis espalhados no carpete de volta para a maleta. Quando terminou, pegou um cigarro do meu maço, acendendo-o também. Eles não fizeram perguntas, mas os olhares ficavam deslizando de um canto ao outro do olho, o que foi de certa forma intimidante.

— Ele vai correndo para o colo de mamãe. — Alyssa rangeu os dentes encostando-se contra a parede.

— Tenho que seguir esse alerta. — Ulrich jogou-se sentado e apontou para minha irmã que bagunçou os cabelos com as mãos.

— Vocês sabem como é Dallas. Tem síndrome de super-herói. Quer salvar todos aqueles a quem se apegam. — Não dei detalhes.

O que acontece entre minha mulher e eu fica entre nós. Não gosto de deixar ninguém olhar para nossa relação e fazer uma análise maldita como se

PERIGOSAS ACHERON

precisássemos de psicólogos. Bem, talvez eu precise, mas não por causa do sexo.

— Sieg. — Alyssa coçou o nariz fungando de frio e se aproximou das mesas. — Agora não é hora de provocar Karvel fodendo com o irmão mais novo dele.

— Eu tenho a barganha perfeita para quando Karvel for falar com Dagmar, relaxem. — Traguei o cigarro com um sorriso na boca. — Quando ficar provado o que esse traidor de merda faz atrás dos fiordes, ele será comida de porcos automaticamente pela lei dos *kindreds*.

— E como a sua vadia nova vai reagir a isso? — Alyssa coloca as mãos na cintura.

Tomei um tempo para aquilo. Não sei dizer os motivos, meu coração doeu e lembrei das lágrimas de Renée. É possível que apenas em uma noite de sexo duas pessoas possam criar uma conexão intensa? E do que estou falando, não é como se eu me importasse!

— Não dou a mínima. — Fingi indiferença e empurrei aquele sentimento louco de proteção para o fundo da mente. Não. Nada podia sair errado. — Vamos me ajudem a terminar com isso aqui.



A casa estava especialmente silenciosa quando estacionei a moto na entrada de jardim guardada por diversos dos meus soldados. Desci, tirando o capacete e caminhei até a porta. Apertei a mão de um dos homens encarregados por segurança e ele rapidamente preencheu meu cérebro com um rápido relatório. Tudo parecia normal e dentro do esperado, Dallas ficou em casa 80% do tempo, mas quando saiu...

— Ele encontrou aquele turista que estão todos comentando, o irmão de Karvel. — O homem parecia preocupado sobre o que eu ia dizer ao saber que Dallas tinha uma visita. — E depois foram para a farmácia.

Dei um riso, bati a mão no ombro dele e fiz parecer que não havia com o que se preocupar, porém eu sabia que ser um escudo bloqueando a ira de Karvel apenas ia deixá-lo com mais raiva.

— Certo, certo, diga a Karvel que se for para espancar o garoto de novo, eu cortarei o pau dele.

— Falei.

O homem riu, achando graça, sabendo que eu não poderia estar falando sério, afinal uma guerra com Karvel implicava que *kindreds* iam brigar entre si e alguns eram amigos, família, amantes. Mas talvez eu estivesse levando mais a sério do que imaginei. Fui para dentro, tirando a jaqueta molhada da neve fria, coloquei a roupa dentro do armário, tirei as botas e fui para a sala onde a lareira estava ligada para me esquentar.

Dallas estava sentada no sofá bebericando uma taça grande de vinho tinto, as luzes estavam quase completamente apagadas e o fogo avermelhava tudo. Na sala, em especial, gosto de fogo a lenha de verdade e não aquelas drogas falsas que colocamos no chalé, a gás. Minha esposa me viu, deu um sorriso rápido e abaixou os olhos, querendo me informar que Renée estava com ela.

Foi um pouco cruel de ver o roxo ao redor dos olhos. Havia um tubo de pomada que certamente Dallas comprou para aliviar a dor, uma caixa de anestésico e remédios para dormir. Renée estava abraçado com as pernas de Dallas, deitado no sofá e recebendo um carinho suave no cabelo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Incrível como as mãos de Dallas tem a habilidade de punir e de confortar com a mesma intensidade.

— Por que não me falou antes? — Perguntei com a voz baixinha, tentando não acordar o rapaz. Deslizei a mão pela cabeça de Dallas e ela ergueu, me permitindo beijar seus lábios quentes e com gosto de álcool. — Karvel foi tirar satisfações. Estamos fodidos, você não devia ter trazido Renée para cá.

— Eu me senti culpada. — Dallas tamborilou os dedos no copo. Franzi a testa, estranhando o remorso, mantive a mão direita em sua nuca. — Você ficou destruído por ter machucado Renée e eu tentei fingir que não me afetou, mas... — Ela fez uma pausa, passa a mão entre as sobrancelhas e exalou forte pela boca, chateada. Ergueu a mão. — Afetou.

— Não é sua culpa o que aconteceu com ele.

— Em partes é. — Insistiu.

Exalei ar cansado e me sentei na mesa de centro de madeira, de frente para ela. Meus joelhos ficaram um pouco mais erguidos, forçando um rasgo que tinha na calça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dallas... Renée não é um bichinho, não podemos ficar com ele.

— Não fale como se ele fosse uma *coisa*, ugh. Eu detesto quando você faz isso. — Irritada, Dallas bebeu um gole do vinho e se esticou, colocando em cima da mesinha. — Diga então que quer colocar ele para fora! Diga, Sieg.

— Dallas.

— E que não se importa com o que Karvel fez.

— Qual é...

— É nossa responsabilidade cuidar dele.

— Pare com isso. — Balancei a cabeça negando, tentando manter aquelas palavras que ele estava cuspiendo longe de mim, como se pudesse construir um muro para proteger-me.

— Ele está quebrado, parte por você, que o quebrou!

— Você cale sua boca! — Fiquei em pé, caminhando para longe dele. Meus pensamentos estavam em um furacão maldito. Dei um basta com a mão e Dallas comprimiu os lábios, me obedecendo. — Quem quebrou quem, aqui, Dallas?

PERIGOSAS ACHERON

Você quer entrar nesse mérito? — Estiquei um dedo para ela, balançando o braço com brusquidão. — Você teve o que queria, o seu dia de *dominante* nessa droga, mas você tem capacidade? Ahn? Você é um maldita! Apenas para se vingar de mim usou o menino como uma ferramenta e agora o quê? Quer dizer que é culpa minha? Foi você que me transformou nesse monstro, foi você!

Explodi. Claro. Não sou bom de segurar os meus sentimentos. Dallas mordeu os lábios de um jeito nervoso e triste que eu já vi muitas vezes. Logo depois que falei tudo aquilo, obviamente me arrependi, eu não queria culpar Dallas por tudo, eu tinha minha parcela no ocorrido, claro.

— Nossa. — Renée acordou piscando os olhos com sono, acho que um pouco afetado por todos os remédios que tomou e um pouco pela dor do inchaço. — Vocês brigam sempre assim tão alto? Deuses.

— Desculpe, não é com você. — Encolhi o braço e coloquei as mãos na cintura, mantive a cabeça baixa. Soltei um resfolegar bem de dentro, expulsando a raiva e coloquei a mão na nuca. — Você está bem?

— Vocês estavam brigando por minha causa.
— Renée sentou-se, ajeitando a camiseta cinzenta, comprimindo os lábios e transitando os olhos azuis de mim para Dallas. Nenhum de nós o respondeu.
— Oh. — Ele fez, tomando um momento de pausa, pensando no assunto e deslizando os dentes na boca, daquele jeito forte que faziam os lábios avermelharem. Eu não acho que é saudável. — *Drop*. — Franziu a testa como as pessoas fazem quando percebem alguma coisa. — Eu pareci frágil demais. É culpa minha. Bem, vocês sabem, quando estávamos participando da... brincadeira. A encenação.

— Er... Sim. — Falei. Dallas ficou quieta, mordendo seus próprios dedos de jeito nervoso. — Quer dizer, eu fui um tanto, hm... brutal. Te machuquei.

— Eu fui tão cruel... E insensível. — Minha esposa quase chorou.

— Okay. — Renée olhou para o lado, desviando os olhos da gente, o que foi horrível para mim, mas também para Dallas, ela endureceu como se o corpo fosse de cimento. — Talvez tenha machucado um pouco, quer dizer... Se tivesse

passado dos limites eu teria usado a *safe word* que combinamos.

— Você quase desmaiou. — Cortei.

— Gosto de ser sufocado. — Renée olhou para mim. E depois para Dallas. — E eu não odeio nenhum de vocês por aquilo, nem por nada. Olha... — Segurou primeiro na mão de Dallas e depois alcançou a minha, me puxando para o sofá.

Tomei o assento do lado dele, que se espremeu entre nós em um maldito sanduíche quentinho e cheiroso. Renée não disse nada, ele apenas nos abraçou, beijando meu rosto e depois o de Dallas com carinho, envolvendo seu braço em nosso corpo e nos trazendo para perto.

Eu o abracei, com força, com carinho, querendo protegê-lo de mim e rapidamente explodi em um choro que estava tentando evitar desde a hora que percebi que passei dos limites. Dallas me viu chorando e fez o mesmo, claro, ela tentou disfarçar mais procurando ser o *iceberg* gelado que ela costuma ser, mas diante de Renée, nenhum de nós era incapaz de negar no quanto aquele momento tinha nos abalado. Eu tinha visto o monstro em mim. O monstro em Dallas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Certamente minha esposa tinha visto a mesma coisa. Era em nós. Talvez pelo ambiente nada saudável em que fomos criados.

Nossa, como eu sou dramático!

— O que está acontecendo comigo, porra! Eu não choro! — Resmunguei, mas eu sentia o corpo pesado e fraco, o peso da vergonha estava na minha cabeça e em todas as minhas veias.

— Tem um termo que usamos, chama *drop*. É mais comum em submissos, visto que eles são alvos de violência física e psicológica, mas também acontece com os dominantes. Digo, um termo de BDSM. — Renée explicou.

Sequei as lágrimas, deslizando o rosto em suas costas, inspirando aquele cheirinho de hortelã, chá e canela.

— O que é *Drop*? — Dallas perguntou baixinho, a voz enfraquecida e rouca.

— No caso de um dominante, ocorre com esse sentimento de culpa e remorso, de achar que tenha passado dos limites e a sensação de não querer fazer mal algum, de ser odiado ou rejeitado por isso. — Era como eu me sentia, certamente!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Porém, eu não disse nada. — Quando algo assim acontece, é hora do conforto. Em submissos, carinho, remédios, cuidados e em dominantes, também.

— Porra eu não preciso de carinho.

— Sieg, cala a boca. — Dallas protestou. Claro que eu precisava, ela também precisava.

— Por favor, saibam que não foi tão ruim para mim como vocês imaginam, em fato, acho que foi pior para vocês, mas ei, o bom é que vocês conhecem mais sobre o desejo de vocês agora, não é? — Renée tentou parecer tranquilo.

— Não que justifique, mas violência para mim é tão gostosa quanto um orgasmo. — Eu confessei. — Eu me excitei. É comum eu me sentir duro e energizado quando estou torturando alguém.

— Hm. — Dallas fungou e se afastou um pouco, porém, ela passou a perna por Renée e me alcançou. Segurei em sua coxa macia. — Sofrimento tem um efeito parecido em mim. Nos outros claros... Bem, a cabeça fica mais leve, eu me sinto menos miserável eu acho.

— Eu sei. — Renée balançou a cabeça

PERIGOSAS ACHERON

positivamente, ele comprimiu os lábios escondendo um sorriso. — É uma perversão moral. Nem chego a gozar se eu não sentir muita dor. E *muita* mesmo. Mas as vezes, nem precisa ter sexo, sabe? Eu vou gozar só de tanto que apanhei.

— Eu não consigo pensar que você gostou daquilo. — Dallas estreitou os olhos.

— Está mentindo para amenizar a culpa. — Completei.

— Não! É sincero. — Renée fez uma careta, torcendo a boca para o lado. — Por favor, não julguem... Tem gente que... É diferente. Acreditem em mim, vocês tem seus meios de sentir prazer e eu tenho os meus. Vem de dentro.

Ficamos calados. Aquelas palavras tinham me atingido e tenho certeza que a Dallas também. *Vem de dentro*. Realmente, acho que todos os humanos do mundo tem um lado oculto e obscuro dentro de si, afinal, por melhor que as pessoas sejam, eu duvido que deixem de sentir raiva. Até mesmo o mais *zen* dos Monges deve sentir raiva!

Houve mais um momento de silêncio, mas não estava ruim, havia conforto naquele abraço, nos dedos de Dallas agarrando forte em meu braço, no

PERIGOSAS ACHERON

cheiro de chá das roupas de Renée e o hálito de álcool de minha esposa.

Muitas coisas passaram pela cabeça, mas o pensamento que mais se prendeu em mim era de que estava claro porque eu e Dallas tínhamos tantas discussões sobre sexo e nada parecia agradar aos dois: éramos pessoas com personalidade fortes, dominantes, insubordinados, cada um ao seu jeito. Eu a tratava como um ser frágil precisando de carinho, como se ela fosse inferior a mim e isso certamente era o maior problema, porque Dallas não é inferior a ninguém e nem gosta de ser. O que faltava entre nós dois estava exatamente entre a gente naquele momento no sofá.

Acho que nem se eu pegar um dicionário de palavras para dizer o que eu estava sentindo naquele instante seria suficiente: era conforto, carência, dor psicológica... E especialmente confiança.

— Eu posso ensinar tudo o que eu sei sobre BDSM, se vocês quiserem. — Rennée continuou, acariciando os cabelos de Dallas, meus dedos buscaram fazer aquele mesmo movimento em minha esposa, deslizando por entre os dedos finos e

frios de sua mão delicada e unhas compridas, deslizei mais para cima, sentindo a pulseira, a mesma que eu ainda usava, todos os dias, nossa amarração. — Quer dizer, eu sei que vocês não querem mais se envolver, e eu respeito, mas digo, ensinar o que eu sei apenas passando conhecimento mesmo. — Ficamos em silêncio, ele mordeu a boca. — Er, desculpe, estou falando demais, nem sei se poderia, desculpe.

— Oh, sim você pode. Eu gosto do som da sua voz. — Dallas sorriu, mas se afastou um pouco sem jeito, pegando sua taça de vinho para beber.

— Vamos fazer um trato. — Sugerir, me levantando do sofá, para escapar daquela sensação de bem estar no conforto dos braços de alguém. — Você fica conosco, passa o conhecimento dessas coisas que sabe e em troca... Deixa a gente cuidar de você um pouco.

— É, isso. — Dallas insistiu.

Novamente o silêncio. Ficamos olhando-o, nosso menino, esperando que ele nos aceitasse de volta, simplesmente, como se fosse uma abençoada prova de que ele não nos odiasse o tanto quando *nós nos odiamos agora*. Sabe, nunca me vi como

PERIGOSAS NACIONAIS

uma pessoa que pudesse ser dependente do que outra pessoa pensa de mim, mas naquele momento era exatamente o que eu estava sendo.

— Renée? — Dallas ansiou uma resposta.

— Soa justo. — Renée deu um sorriso de cantos de boca, aceitando.

Automaticamente o clima por inteiro se transmutou. Daquele peso entristecido para esperança, entende? Meu coração bateu com mais força e o ar pareceu mais leve, os olhos de Dallastão escuros, reencontraram o brilho que a deixava viva e alegre novamente.

— Eu vou fazer comida. — Dallas saltou do sofá. — Sieg, vá pegar cobertor e escolha um filme para nós!

— Claro. Er... Renée? — Chamei, virando antes de sair da sala. — Você não é daqueles que gosta de ser um bebê, não é?

— Não, nem cachorro, ou qualquer animal, mas... — Ele fechou rapidamente os olhos como se tivesse um pouco de vergonha. — Eu realmente gostei de *ser um brinquedo*.

— Por Thor, já está me deixando duro de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

novo. — Balancei a cabeça e saí da sala.

Voltei com travesseiros e cobertores, Dallas fez uma sopa quente e depois nos encheu com batatas assadas no forno e pães caseiros, que ajudamos a sovar e foi especialmente erótico encoxar Dallas enquanto fazíamos isso, mas não fomos além. Aquele era um momento de risadas, conversas, novas descobertas.

Eu estava tentando colaborar. Aprender mais sobre todo aquele novo mundo em que apenas sentir tesão e ter o meu desejo aliviado, como se eu fosse um homem das cavernas não era mais suficiente. Eu queria mais... E o que eu queria era exatamente aquilo que encontramos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

(Dallas)

A batida lenta eletrônica da música se perdia na neblina dos cigarros e por entre corredores abarrotados de mulheres apenas de lingerie e homens quase sem roupa. A decoração era antiquada como antigos castelos, papéis de parede escuros e avermelhados competiam espaço com quadros contendo fotografias preto e branco de cenas BDSM realizadas na casa noturna. O carpete azul escuro era especialmente limpo e a mobília parecia ser tirada de um museu da época vitoriana européia.

Ali ninguém ligava especialmente para o que você estava fazendo. A maioria dos homens usava terno e escondia sua identidade com máscaras enquanto garotas e garotos dançavam para eles. Vi alguns ajoelhar implorando atenção aos seus pés. Uma mulher em especial chamava atenção usando roupa de látex e segurando um chicote com uma pena na ponta, com a qual fazia os homens abaixarem-se ávidos para que ela pisasse de saltos finos sobre suas costas.

Ouvi dizer que a festa ocorria mensalmente na casa de um homem que era conhecido na cena como “Gladiador”, obviamente um apelido. Para entrar a taxa era especialmente cara, além disso, não era simplesmente pedir para entrar, mas Renée conhecia uma pessoa de dentro que facilitou as coisas para nós e compramos os títulos a preço milionário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era a primeira vez que eu pisava em um clube fechado para membros da alta sociedade voltado para BDSM. Um novo universo se desdobrava diante dos meus olhos. Um mundo que eu queria muito explorar. Não tinha muita coisa para fazer — além de beber e observar — e não parecia diferente de qualquer festa de elite: garçons passavam servindo bebidas e petiscos luxuosos, pessoas conversavam e um DJ se encarregava da música. De vez em quando havia uma comoção, as luzes se apagavam por completo e se focavam em um casa de atores contratados para performar uma cena BDSM que serviria de inspiração para os dominantes e submissos que quisessem realizar algo parecido.

Eu estava segurando um copo de uísque, encostado na parede, usando uma das máscaras que ofereciam logo na entrada: cobria apenas parte do rosto, os olhos. Estava observando tudo e procurando tomar conta de Renée, porque os homens do clube não podem ver um submisso sozinho que caem em cima dele como se fosse um prêmio para ser conquistado. Siegfried por outro lado, estava fazendo amigos, conversando, trocando informações. Sendo uma pessoa muito mais social que eu, divertia-se com mais facilidade.

Obviamente quando ele cansou de fazer amigos e sugou todas as informações que queria, aproximou-se de mim novamente.

— Disseram que no piso superior fica um salão para membros VIPs que o Gladiador convida. Lá as cenas não são feitas por atores. — Empurra a máscara, coçando o rosto por baixo dela com as mãos. — O que acha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou exhibir Renée para ninguém. — Pisco sério colocando o copo na boca. Siegfried coloca as mãos na cintura por cima do terno que eu tinha conseguido fazê-lo usar, do mesmo dia que nos conhecemos no jantar, eu ainda podia ver as manchinhas de sangue do garçom. Ugh, ele nem lavou aquilo! Engulo o uísque. — Já estou com dificuldades de deixar ele conversar com algumas pessoas que conhece por aqui.

— Alguém é muito possessiva. Eu gosto desse seu lado, mas confesso! — Ele bate a mão no corpo, erguendo as sobancelhas por cima da máscara. — Não está com ciúmes de mim?

— Você não é louco de fazer nada, porque sabe que seria punido por isso. — Reviro os olhos.

— Dallas, meu amor, você é especialmente indulgente quando se trata de Renée. — Siegfried sorri de canto, debochando de mim.

Desvio os olhos dele sorrindo e olho para o bar, onde Renée está, usando um casaco comprido por cima de uma calça grudada no corpo, botas de combate e camiseta. Um homem está falando com ele e pela postura travada de Renée, aquele é alguém importante.

— Acho que você conseguiu a atenção que queria, meu amor. — Seguro no braço de Siegfried e com o olhar, aponto o bar.

Siegfried se cala e encara o cavaleiro que está conversando com nosso garoto. Ele tem os cabelos bem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brancos e lisos presos em um rígido penteado, seu terno preto risca-de-giz é bem alinhado e de uma alfaiataria cara e visivelmente italiana. Em seu rosto há um tapa olho e ele usa luvas de couro, com as quais segura firme uma coleira de um rapaz musculoso e de cabelos no ombros, forçado a usar lingerie vermelha e sexy feminina, com direito a salto alto e cinta liga.

— É o Gladiador? — Siegfried passa a mão na barba.

— Do jeito que todos estão olhando para ele, não tenho dúvidas. — Dou um gole no uísque.

Renée olha para nós de repente, como se nos indicasse para o homem de terno. Siegfried resmunga alguma coisa baixinho por cima da música e eles começam a vir em nossa direção.

— Siegfried Turgard, suponho? — O homem estende a mão, mas não solta da coleira com a outra.

Encaro o rapaz ao seu lado, de olhos azuis e cabelos loiros. Há alfinetes presos em seus braços, apertando a pele com um beliscão que não parece nem ser sentido. Noto que está de batom e maquiagem, como uma garota costuma ficar. É um pouco estranho de olhar, mas considerando onde estamos, deve ser das coisas mais normais.

— Eu mesmo. — Siegfried sorri amistosamente e aperta a mão do homem. — Esse é Dallas, meu marido.

— Há muitos boatos sobre vocês na cidade. — O homem continua sorrindo simpático, espremendo as rugas nos olhos. — Meu nome é Viktor Rubensson, mas muitos por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui me conhecem pelo apelido de Gladiador.

— É um prazer conhecê-lo.

— Interesse em conhecer o rosto de todos os homens que comprem os títulos do meu clube, especialmente os que pedem pelos mais valiosos. — Ele vira-se para o garoto em sua coleira. — Telma minha querida, traga uma bebida para nós. Renée, você a ajuda?

— Sim senhor. — Renée abaixa a cabeça e dá um passo para o lado.

Esse é o único momento que o homem solta a coleira de sua cadelinha e deixa que ela se afaste dele, não sem seguir seu traseiro masculino com o olhar desconfiado, embora eu ache que nenhuma pessoa nesse local seria audaciosa o suficiente de mexer com a posse do homem mais importante do clube. Quero esse título para mim.

— Vamos nos sentar, quero saber tudo sobre o casal que recém-chegou ao clube. — Ele aponta uma mesa mais perto das cortinas vermelhas e dois submissos, uma menina e um rapaz, estão amarradas na mesa com máscaras elaboradas de animais, sentados ao chão. — A última vez que Renée esteve aqui foi acompanhado de um membro, hm, ex-membro na verdade.

— Quero mesmo ouvir essa história. — Siegfried diz, pegando o copo da minha mão, terminando-o com um gole único e soltando-o por cima de uma mesinha com outros copos que aparece em seu caminho, enquanto caminha até a mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Viktor ainda me espera, descruzo os braços e desencosto da parede, seguindo para a mesa que ele aponta com a mão erguida. Reparo em suas abotoaduras de ouro branco e diamante.

Percebo que tem apenas duas cadeiras, uma para mim e outra para Siegfried na mesa, que tomamos o assento. No mesmo instante, Telma, ou sei lá o nome dele de verdade, se aproxima com um drink de Brennivin em uma taça. Atrás dele vejo Renée, com o mesmo drink, um para mim e outro para Siegfried. Troco olhares silenciosos com meu marido e Sieg apenas apoia os cotovelos na mesa.

Viktor segura o drink, agradecendo ao seu submisso por ele com apenas um sorriso de satisfação — ou seria a ausência de bronca por não estar errado? — e o rapaz ajoelha-se ficando imediatamente de quatro, deixando o homem sentar-se em suas costas. Siegfried se impressiona, mas eu que fico de frente para o rapaz posso ver seu sorriso de satisfação. É sério, um cara está satisfeito de servir de assento para seu amante!

Deslizo a mão no rosto, sem saber como agir, especialmente quando o Viktor infere um tapa forte no traseiro de seu garoto de lingerie. As meninas em baixo da mesa acariciam suas pernas e ele gentilmente pisa em seus dedos das mãos, fazendo-as soltar gemidinhos de prazer. Eu não sei o que pensar a respeito. Gosto do sofrimento delas, mas me incomoda o quanto elas estão desejando sofrer avidamente.

— Cerveja era ilegal por aqui até os anos 90. Sexo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como o que praticamos era ilegal até 2015. — Viktor dá um gole em sua bebida.

— Faço lucro de coisas ilegais, Sr. Rubensson. — Siegfried insere. — Tenho certeza que se conhece os boatos sobre mim, conhece também as verdades.

— Em fato, Sr. Turgard. — Viktor solta o copo em cima da mesa e pisca os olhos de um jeito blasé de quem não se assusta com o fato de que está ao lado do mais brutal assassino da ilha. — Mas também sei que quando o *anormal* se torna banal em nosso cotidiano, almejamos pela normalidade. Queremos sempre o *diferente*. Você age na ilegalidade, mas é um homem de palavra e que segue sua honra, ouvi dizer que é especialmente religioso.

— Minha família segue aos Deuses por muitos longos anos, a tradição é importante e respeitada. Ainda assim, o que isso tem a ver com o seu ex-membro?

— Ele era um desses homens acostumados com as coisas normais demais, regras, regras e regras, uma pessoa que até onde eu sei, vivia a sua vida *baunilha* de forma muito doce, inclusive com esposa e filhos. — Explica puxando o paletó. — Obviamente quando ele descobriu o clube, ficou muito interessado e essa passou a ser sua obsessão. Ele recebeu algumas denúncias por passar dos limites e claro, pagou muitas multas por isso. Sei que o Sr. Judoin quase foi à falência, eu cobro bem caro quando quebram as regras.

— Um torturador. — Reparo, fazendo o homem sorrir de satisfação como se fosse um elogio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele estava em maus lençóis quando trouxe Renée para cá a primeira vez. — Ele desce os olhos por Renée, acho que tentando montar a imagem anterior em sua mente. Renée se incomoda, abraçando a si mesmo de repente. — O garoto de vocês é um pouco extremista, tentei falar com ele para cair fora, mas a juventude pode ser... Hm, curiosa. Renée não me escutou, fugiu com Miguel para o continente. Não foi surpresa quando fiquei sabendo que ele estava de volta e andando na cidade com um olho roxo.

— E essa é sua forma de dizer que não quer Renée nesse clube? — Siegfried estreita os olhos, percebendo o mesmo que eu.

— Tenho um olho a menos por causa da confusão que eles fizeram na última vez que vieram aqui. — Viktor apontou para seu tapa olho.

— Eu juro que... — Renée começou a falar, mas se calou, quando percebeu que não tinha permissão, abaixou a cabeça, deixando os cabelos cobrirem seus olhos azuis. Ele soltou ar pela boca, amedrontado.

— Eu dito como as coisas são por aqui.

— Certamente dita. — Sorri, cruzando as pernas, empurrando o corpo contra o assento da poltrona. — Vamos fazer um acordo, Sr. Rubensson.

— Eu não quero acordos. Quero que saiam do meu clube! Terei o prazer de rasgar o título de vocês. — O homem piscou duro, não gostando de ser contrariado.

— Eu tenho uma última pergunta. — Fiquei séria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Viktor me encarou curioso, aprumando o peito, com sua arrogância. — Miguel impressionou você com a violência dele? Você ainda tem pesadelos com o dia em que ele arrancou o seu olho?

Eu o vi engolir em seco como se a camisa estivesse muito apertada.

— São duas perguntas, Sra. Drake.

— Eu respondo para você. — Olhei para Siegfried. — Agradeça aos Deuses por não ter sido Siegfried, ou você provavelmente teria perdido muito mais coisas. Inclusive, agradeça-o agora por não demonstrar o quanto ele se sente ofendido por você o expulsá-lo da festa. — Bati a mão na coxa gostosa de Siegfried. — Não é, meu amor?

— Eu o mandaria para os domínios de Hela sem remorsos agora mesmo. — Siegfried sorriu de um jeito capaz de causar medo em seus soldados, pegou a taça e deu um gole. — Mas tenho certeza que o Sr. Viktor aqui será um melhor anfitrião para nós. — Ele colocou a mão no ombro do homem, apertando seus ossos.

Ouvi os estalos. Viktor fez cara de dor.

— O acordo é esse. Em troca, deixaremos você viver no dia em que gentilmente der o controle desse clube para mim. Nós temos um acordo?

— Claro. — Ele falou rápido para ser solto. Siegfried soltou seu ombro. O homem rapidamente colocou a mão no ombro dele. — Por que não aproveitam o andar de cima, faremos uma performance... E depois levo vocês até as salas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da administração.

— Outra hora. — Siegfried recusou, balançando a cabeça. — Um de meus amigos virá recolher os seus cadernos e anotações quando for oportuno, no momento, queremos apenas curtir uma boa festa. Pode continuar conduzindo a casa como você sabe melhor fazer.

— Com licença, senhores. — Viktor ficou em pé, se afastando depressa, ainda com a mão no ombro.

Ele deixou Telma e seus outros dois submissos para trás, certamente ia fazer as malas e abandonar o país. Se fosse inteligente! Nossos soldados já estavam alinhados para segurarem ele no porto, caso tentasse.

— Renée, por favor. — Siegfried ficou em pé e cedeu o seu lugar para ele. — Eu gostei dessa ideia. — Ele se sentou nas costas de Telma, como Viktor estava fazendo agora pouco, inclusive deu um tapa no traseiro do rapaz, me fazendo erguer as sobrancelhas.

— Renée. Eu preciso que você me conte sobre Miguel agora. — Exigi pegando o copo e dando um gole.

— Não tem nada para contar. — Renée se encolheu, abaixando a cabeça de novo. Claro que seria uma má ideia esconder coisas de nós e acho que ele percebeu isso. — Quer dizer, é apenas uma coisa que eu preferia esquecer.

— Depois de nos contar. — Siegfried disse.

Renée inspirou fundo como se tivesse medo de alguma coisa, talvez fosse de suas lembranças. Ele deslizou as mãos pelos cabelos e concordou com um aceno de cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu era novo na cena, não sabia muita coisa. Tinha um namorado que gostava de vir aqui e ele tinha a mão leve, eu reclamei para alguém e era um dominante. Tem essa regra que você não pode reclamar em público por ser antiético, sabe? Esse dominante contou para Viktor e ele ficou furioso, meu dominante acabou sendo convencido a deixar me darem uma lição. Em cena, quero dizer, no andar de cima.

— Eles queriam te espancar? — Pergunto surpresa.

— Era mais um castigo. O andar de cima é onde ele conduz as cenas. É bom para aprender. No começo, foi normal, mas eles pesaram muito a mão. Não pararam nem quando usei a *safe word*. Miguel interview. Eu fui para casa, não queria mais voltar, mas meu dominante desistiu de mim depois de tudo o que houve, sentindo-se culpado e comecei a me aproximar mais de Miguel. Aceitei ser o seu submisso e o Sr. Viktor aceitou, ele inclusive assinou os contratos... Nós fazíamos muitas cenas ao vivo e as pessoas se incomodavam, Miguel não quis parar e a confusão toda começou. Tudo era motivo para Viktor castigar Miguel e o dinheiro foi ficando mais escasso. Quando ele decidiu não vir mais, vender o título, então o Sr. Viktor expôs tudo para a esposa de Miguel e o desastre foi feito. Ele fugiu da polícia, é claro, depois da briga, eu não sabia que o Sr. Viktor tinha ficado cego! Estava apaixonado, me sentindo culpado... Fui para o continente com Miguel.

— Acredito que os anos que ficou fora da ilha renderam muitos aprendizados em clubes fora daqui. — Siegfried insere.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Miguel gostava de testar coisas, eu também. — Renée desliza as mãos pela nuca e mantém a cabeça baixa. — Passamos dos limites às vezes. Era uma relação, obviamente, tóxica. As coisas começaram a não funcionar, eu estava indo mal nos estudos e meu irmão não queria mais pagar para eu estudar fora do país. Karvel disse para eu vir. Miguel não queria que eu viesse, mas eu vim.

— O resto já sabemos. — Encerrei o assunto. Segurei na mão macia e quente de Renée por cima da mesa, ele ergueu os olhos azuis para mim. Aquele era um presente que ele nos dava, contando suas experiências, seus traumas. — Está tudo bem, Renée. Agradeço por nos contar.

— Não vamos deixar Miguel fazer nada contra você. Nem ninguém. — Siegfried garantiu. — Agora me deixem tomar conta dos negócios e me enturmar mais um pouco com as pessoas que são influentes por aqui para quando o Sr. Rubensson renunciar ao cargo de chefe do clube! — Ele se levantou, deu um beijo na minha boca e depois em Renée. — Não comecem nada sem mim.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

(Siegfried)

Aquela saleta poderia ser assustadora para algumas pessoas, mas era um recanto de prazer para mim. A luz estava baixa, iluminando as paredes totalmente vermelhas. A música que saía do rádio era um sussurro calmo embalando o momento. Eu já estava ficando duro apenas em descer o zíper da jaqueta e puxá-la de seus ombros.

Os olhos magnificamente azuis de Renée encontraram com os meus em um olhar de confiança. É diferente quando você está espancando uma pessoa que tem medo de você e quando você está prestes a fazer isso com alguém que anseia pela dor.

Joguei o pano para o lado, Dallas pegou, soltando-o em cima de uma mesa cheia de apetrechos dignos de uma sala de tortura medieval. Haviam máscaras fazendo caras de dor penduradas em pregos, correntes e outras coisas que eu ainda nem sabia para o que serviam.

PERIGOSAS NACIONAIS

Renée puxou a camiseta e me entregou seus pulsos cruzados. Passei a corda vermelha com cuidado, procurando amarrar de um jeito que não prendesse nenhuma veia, nenhum músculo ou torcesse ossos. Ergui seus braços pra cima e preendi meu garoto no gancho que vinha do teto, ele não chegou a ficar pendurado, mas teve que ficar na ponta dos pés.

Ansiando o momento, Renée exalou pela boca e deslizei os dedos, desejando brincar com ele. Dallas escolheu o acessório, um bastão pequeno de madeira que parecia uma espátula. Quem diria que o antigo dono da boate tinha um quarto preparado para sexo? Renée queria ser amarrado e espancado, não negaríamos um pouco de prazer para ele, mas ele teria que nos compensar e muito depois.

Segurei a espátula, testando com a mão. Dallas ficou diante de Renée, contornou seus lábios com o polegar e lambeu sua boca gostosa. Fui a loucura assistindo aquela cena, eu queria enfiar a minha língua no meio deles, mas segurei meus instintos contornando Renée. Dallas segurou na barra da calça preta que Renée estava vestindo e

PERIGOSAS ACHERON

desceu o zíper, abrindo o botão, lentamente tirando a peça de roupa. Encarei aquele traseiro redondo e gostoso, a pele branca que em breve ficaria apetitosa e avermelhada.

Aproximei-me de Renée encostando o corpo em suas costas expostas, mordi sua pele, subindo pela nuca e sussurrei perto de seu ouvido:

— Você foi um mau menino, Renée... Vou te dar um castigo que você não vai esquecer.

— Por favor. — Ele pediu com a voz urgente.

Respirei fundo e dei a primeira pancada devagar, só testando a carne. O barulho ecoou junto com um gemido que eu não saberia dizer se era de dor ou se estava gostoso, se bem que conhecendo a mente insana de Renée, o maldito estava achando fraco. Dallas interrompeu o beijo e deu algum espaço. Bati mais uma vez, depois outra, outra, de forma ritmada.

— Mais forte. — Dallas falou.

Como ela estava ali em frente, estava controlando Renée melhor do que eu. Dei mais um tapa, como não houve comentários a respeito,

PERIGOSAS NACIONAIS

concluí que estava no ponto a força que eu estava impondo. Continuei batendo. É um pouco difícil controlar o momento: se você não manter o mesmo ritmo pode estragar as coisas para o seu submisso e se for fraco para ouvir seus lamentos, pode cortar a cena antes de ser prazerosa o suficiente. Eu não queria machucá-lo como da outra vez, não queria sentir mais aquela culpa, mas Renée se chatearia se eu não desse a ele o que ele esperava!

Quando comecei a suar, me afastei, o impacto já estava comprometendo a força de meu braço e o bumbum de Renée estava todo vermelho, ressaltando algumas cicatrizes que ele tinha e que não foram inferidas por nós. É difícil olhar para alguém que é importante para você, ver aquelas cicatrizes e não se doer, quando arranco o sangue de desgraçados que torturo, normalmente sinto raiva, não pena. Eles não valem nada.

Troquei de lugar com Dallas, que pegou sua arma favorita (depois de um garrote), o chicote. Renée estava respirando forte, cansado, mas ele estava feliz com aquilo, dava para ver em seu sorriso e seus olhos brilhantes. Aproximei-me dele, beijei seus lábios mornos e arranhei a barba em sua

PERIGOSAS ACHERON

têmpora. Escutei o estalo e ele deu um gritinho de dor. Por cima do ombro eu vi Dallas erguer as sobrancelhas e me repreender por estar confortando Renée fora de hora. Eu me afastei e fui fazer algo útil, como pegar clips para prender em seu corpo.

Cada estalo, eu colocava um clip, contando as chicotadas. Renée buscava não fazer sons, para não nos assustar, ele sabia que eu era o mais coração mole e certamente sabia que Dallas pararia na primeira reclamação. Ele explicou que a *safe word* era para que exatamente não parássemos quando ele dissesse “pare, por favor chega” e outras expressões que imploravam para parássemos, que eram parte da imersão na dor que ele esperava sentir. Mas não estávamos prontos para ser os dominantes que ele queria! Ainda precisaríamos de muito treino e talvez fôssemos incapazes de chegar naquele nível no momento, além disso, tanto eu quanto Dallas tínhamos medo de nos perder no prazer de inferir dor no outro e passar dos limites. Não adianta querer correr uma maratona de um dia para o outro, é preciso treinar e aumentar metas devagar.

Veja bem, ainda que Renée estivesse sorrindo

feito um maldito após uma chicotada, logo quando ele levava, fechava os olhos e prendia a respiração. Isso já me desesperava, fazia meu coração saltar desgovernado pulando como um louco e havia aquela incrível vontade de protegê-lo. Porém eu tinha que me manter firme e até ameaçador naquele momento.

Dallas tem um ótimo controle do chicote e eu odiaria enfrentá-la em uma batalha com ele, mas ficava tão sexy concentrada para que a ponta estalasse na medida certa contra a pele das costas de Renée que causava uma sensação de que estávamos bem, fazendo exatamente o que deveria ser feito. Era essa segurança que mais me acalentava e fazia de Dallas o meu porto seguro. Segurança é uma coisa importante em uma encenação.

Segurei no rosto de Renée com as duas mãos e dei um beijo forte, ele gemeu na minha língua quando o chicote estalou pela sexta vez em suas costas, o impacto vibrou pelo meu corpo também e foi especialmente excitante. Desci as mãos por seu corpo, apertando os dedos, até segurar em seu membro ereto. Com satisfação, notei que ele estava

com um pouco de pré-sêmen. Peguei um pouco com os dedos e coloquei em sua boca, ele chupou meu dedo me levando a loucura e quando o chicote estalou pela sétima vez, ele mordiscou meus dedos sem querer. *Pelos Deuses*.

Enquanto era chicoteado, eu o beijei mais algumas vezes, mordiscando seus lábios, seu pescoço, largando dentadas como se eu fosse um maldito lobo, enquanto seu corpo buscava se colar no meu. Foi inevitável, eu logo estava me roçando nele e acho que por estar interrompendo, Dallas largou o chicote na minha coxa.

— Ai, Dallas, que caralho! — Fui para o lado.

— Não minta, você até que gostou. — Dallas mostrou um sorriso de canto, puxando a franja para trás da orelha.

— Talvez. — Tinha sido por cima da minha calça, mas estava ardendo, ainda assim, eu quis mais um pouco daquilo.

Tirei a jaqueta e me despi, colocando a camisinha. Abracei Renée, beijando-o e senti o outro estalo sobre meus braços. Apertei as nádegas de Renée, ele gemeu e outro estalo surgiu vibrando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por suas costas, mas sem pegar em mim, eu já estava por inteiro enlouquecido. Mordi seus lábios com força, veio outro estalo que me fez estremecer e encaixar Renée por cima de mim. Ele gemeu mais alto e afastei a cueca para penetrá-lo com vontade.

Foi uma coisa bem maluca que eu estava sentindo, prazer intenso e as dores que tornavam aquilo ainda mais gostoso, além disso, Dallas sabia me deixar louco de qualquer jeito e controlou aquele chicote de uma forma que imaginei que eram suas mãos.

Segurei nos cabelos de Renée e usei as cordas em seus braços para me segurar, movimentando o quadril. Senti os estalos em minhas pernas enquanto socava, sentindo os testículos de Renée contra meu corpo e seu pênis contra meu abdômen. Entre os estalos, ouvia Renée gemer daquele jeito misto que não sabia dizer se era de dor ou de prazer, ele gritou uns “pare”, mas não parei. Só o faria quando ouvisse a *safe word*, mas era estranho que ele quisesse usá-la quando estava recebendo carinho. Que porra há de errado com ele que se sente punido quando sente prazer? Gozei depressa, jorrando e senti Renée estremecer gozando comigo.

PERIGOSAS ACHERON

É um jogo, que quando você perde, você está fodido e eu tinha completamente perdido dessa vez.

Dallas guardou o chicote e caminhou até a gente, soltando a corda do gancho. Renée colocou os braços entre meu pescoço e eu o coloquei no chão devagar. Ele me beijou intensamente, Dallas deu a volta para desamarrar seus braços e logo Renée estava com as mãos deslizando pelo meu corpo, tirando minha camisinha com habilidade, sem deixar escorrer.

Senti a toalha molhada no meu corpo, limpando, coisa de Dallas claro, enquanto Renée começou a bater para mim de novo, me deixando duro. Logo depois senti as mãos de Dallas junto com as dele, batendo forte. Seu corpo perfumado e quente contra minhas costas.

— Por Thor, eu vou pirar. — Aquele momento foi um dos melhores da minha vida, quatro mãos me segurando, me honrando.

Eu gozei pela segunda vez.

Não pensem que eu estava satisfeito, lembrem-se, só há uma maneira de me satisfazer de verdade! Eu ainda queria o meu prêmio, afinal, eu tinha feito malditamente certo, expulsando Viktor

PERIGOSAS ACHERON

da cidade, tomando o clube para nós e fazendo daquela casa transviada o nosso palácio do prazer.

Girei atacando a boca de Dallas, beijando-a com voracidade. Com o impacto de nossos corpos, Dallas deu alguns passos para trás, mas retribuiu. Renée foi para trás dela, começando a puxar suas roupas, então caímos os três contra um divã de matelassê que tinha perto de um armário de vidro expondo objetos de arte sexual.

— Agora é sua vez. — Eu disse, sorrindo entre os lábios de Dallas. — Renée, eu quero que você a chupe até ela enlouquecer.

— Vou adorar. — O safado aprovou minha ideia.

Renée abriu as pernas de Dallas desabotoando a calça. Minha esposa soltou um gemido e eu tirei sua camisa devagar, botão a botão, beijando e mordiscando seu corpo enquanto Renée a engolia. Apertei e mosdisquei os mamilos. Dallas arfou com prazer, daquele jeito gostosinho que só ela sabe fazer, nos enlouquecendo. Eu sei que fiquei louco e a quis por inteiro. Nós a despimos. Peça a peça. Deixando-a pronta para nós.

Fui colocar a camisinha e o lubrificante.
PERIGOSAS ACHERON

Renée continuou entre suas pernas, chupando-a e observei como Dallas tinha dificuldades de se entregar, ela cobria o rosto, com vergonha. Por acaso achava que prazer era algo que ela não merecia? Percebi naquele instante que minha esposa não era frígida porra nenhuma, só era de alguma forma, travada. E eu tinha a missão de ajudá-la com isso.

Voltei para o sofá, me enfiando por trás dela, empurrei um pouco para o lado, indicando o que queria e fazendo-a sentar em meu colo. Beije suas costas suadas, engolindo seus suspiros com beijos na boca e puxando seus cabelos.

— Maldita! Quero ver dizer que não gosta de sexo depois disso. — Eu falei, penetrando-a. Dallas soltou um gemido, eu ouvia as chupadas que Renée estava dando nela e as vezes, pegava em mim. — Merda, Dallas, você é tão gostosa.

— Sieg... — Ela gemeu, não se aguentando mais. — Por favor, parem...

Senti a mão de Renée segurar minhas coxas, ele não tirou a boca deliciosa de Dallas, mas forçou para minhas pernas fecharem um pouco e eu entendi o que ele queria fazer.

Comecei a penetrar mais ritmadamente, seguindo aqueles movimentos e foi como estar em um barco, ondulando o quadril, deixando Dallas gemendo e delirando. Ela segurou nos cabelos de Renée e curvou-se por cima dele, me dando mais espaço para entrar em seu buraco quentinho.

— Porra, Dallas. — Gemi. Maldito, ela era uma deusa do sexo, me deixava completamente quente.

— Eu vou gozar. — Dallas disse, baixinho.

— Não goze, filha da puta! Não quero que você goze e você vai me obedecer.— Ordenei, mas fui mais forte ainda para cima dela.

— Espere! — Dallas implorou.

Ah, ela ia gozar. Se ia! Aliviei. Renée ergueu a cabeça, dando um tempo para Dallas respirar.

— Eu tive uma ideia ótima. — Renée sorriu, se afastando e indo até a mesa de acessórios. — Coloque Dallas em cima daquela mesa, tem uma fivela nela.

Dallas estava suando e respirando como uma louca, mas eu ainda estava duro e queria fazer minha esposa gritar. Olhei para a mesa, parecia

divertido.

— Agora mesmo.

— Espere, o que vocês estão fazendo? — Desconfiada do universo, Dallas hesitou, porém, não era como se ela fosse fugir, apenas detestava surpresas. Eu a levei até a mesa e empurrei as coisas de lá, curvando-a. Ela viu um local de prender os braços, com fivelas de couro, em cima da mesa. — Não me prenda!

— Shh, confie. — Eu beije suas costas, amansando a leoa. — Você vai gostar.

— Eu já estou gostando, por que não podemos continuar daquela forma?

— Porque você quer gozar para acabar logo com isso, Dallas. — Renée dedurou.

— E eu quero que você goze por prazer. — Anunciei.

— Eu não sei. — Minha esposa hesitou, olhando por mim por cima do ombro.

— Dallas. É uma ordem. — Apelei.

Dallas respirou fundo e permitiu aquela entrega. Passei as fivelas por seus braços e ela ficou com a bunda empinada para mim. Renée voltou, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segurando uma venda, para por em Dallas e um cinto.

— Eu vou sentar para chupá-la e vamos passar isso entre a gente, aí você vai controlar os meus movimentos com os seus. — Renée disse.

— Caralho, Renée, você é uma mente pervertida. — Suspirei, com surpresa atravessando a garganta.

— Eu gosto de ser enforcado. — Disse, pegando uma almofada grande e sentando embaixo da mesa.

— Não me vende! — Dallas rugiu, mas eu a vendei mesmo assim.

Minha esposa é do tipo que faz tudo a revelia, como se o protesto fizesse parte do jogo. E talvez faça!

— Agora fique mansinha, meu amor. — Beijeí sua nuca e foi beijando suas costas, ela tentou se mexer e se soltar, mas levantei sua perna com a ajuda de Renée e apoiei seu joelho na mesa.

Troquei a camisinha depressa e peguei o tubo de lubrificante, passando bastante no meu pênis, assim ela não reclamaria quando eu entrasse. Dallas

PERIGOSAS ACHERON

é muito chata, cheia de regrinhas e detesta sentir dor, o oposto de Renée. Comecei a penetrá-la devagar. Dallas gemeu, ela tentou abaixar a perna e eu segurei firme em sua coxa, empurrando de volta.

— Não me faça amarrar sua perna, porra.

— Já amarre. — Renée falou.

— Não! — Dallas protestou.

Não ouvi uma *safe word*, então amarrei com a corda que Renée me estendia e não sei onde ele achou. Em baixo da mesa, talvez? Usei as fivelas para fazer um laço e segurar o touro arredio em seu lugar. Eu penetrei de novo em Dallas. Renée passou um cinto de pano entre nós e puxou a fivela, nos prendendo firme. Pelo gemido que Dallas soltou, acho que ela estava bem dentro da boca de Renée. Imagine que delícia. Eu ia foder minha esposa como nunca e ela ia foder a boca de Renée por tabela. Eu ia foder os dois, basicamente! Ah sim, essa maldita ia gozar como um louco.

Comecei a me movimentar e a princípio era um pouco mais pesado que o normal. Dallas gemeu, eu comecei a ir mais fundo, mas tentando ir devagar, para não estragar tudo com minha ânsia pelo gozo, queria curtir o momento e mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

importante do que tudo, eu queria que Dallas curtisse o momento.

Enquanto eu a penetrava, largava beijos em suas costas e as mãos de Renée apertaram minhas coxas, me puxando, eu fui aumentando o ritmo, até ele me soltar — sinal de que eu estava no melhor ritmo para os dois. Sempre que eu percebia que Dallas queria gozar para encerrar o momento, eu diminuía, prolongando mais os segundos daquela dinâmica.

— Está gostoso, meu amor? — Perguntei.

— Está...

— Fale então que está gostoso para caralho, Dallas.

— Está gostoso, Sieg...

— Não foi isso que eu falei que você tinha que dizer.

— Está gostoso para caralho. — Repetiu automaticamente.

— Não, assim não, fale mais alto!

— Está gostoso para caralho.

— De novo! — Segurei nos cabelos

PERIGOSAS ACHERON

compridos de Dallas e puxei mais profundo, para ela gemer mais alto.

— Está gostoso para caralho! — Sua voz foi um grito de desespero, um gemido de prazer e uma ofegada sem fôlego.

Aquilo sim era admitir a verdade. Beijeí suas costas.

— Viu, minha gostosa? Não foi difícil admitir, foi?

— Um pouco...

Coloquei os dedos em sua boca, ela lambeu e chupou de um jeito delicioso e mudei os movimentos. Elas não se segurou por muito tempo, claro, quem aguentaria? Dallas gozou na boca maliciosa de Renée que certamente a engoliu por inteiro e eu gozei logo em seguida, urrando de prazer.

Libertei Renée, mas mantive Dallas presa.

— Ainda não terminamos. — Eu disse, afastando seus cabelos e beijando sua nuca. Dallas estava respirando cansada. — Você vai gozar de novo.

— Sieg...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não reclame. Por se privar de sentir prazer, você vai gozar quantas vezes eu quiser. Está me entendendo?

— Sim, Sieg.

— Renée, quero que você continue.

— Sim, mestre. — Renée continuou chupando-o mais, abrindo as pernas de Dallas e passando a língua.

Fui me limpar e limpei um pouco a cena, inclusive o corpo de Renée, com uma toalha. Minha esposa estava arfando com prazer. Ajoelhei-me lambendo-a por trás. Dallas continuou gemendo, ainda mais forte e eu a tive com a língua, apertando suas nádegas, conduzindo os movimentos do seu quadril.

A música nesse momento já tinha encerrado e estávamos apenas com os gemidos de Dallas, os gemidos que ela buscava reprimir.

— Dallas... — Eu parei, limpando a boca, mas Renée continuou, o garoto tinha um apetite, tenho que dizer. — Eu quero que você comece a gemer mais alto.

— Sieg, por favor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mais alto, porra. — Segurei nos cabelos dela. Dallas obedeceu, soltando um gemido mais alto. — Mais. — Enfiei dois dedos nela, por trás, competindo com a língua de Renée que se concentrou no clitóris. Dallas soltou mais gemidos. — Mais alto. — E ela foi elevando a voz, até que estava completamente gritando, entregue. — Eu sou responsável pelo seu prazer, porra, e você vai gozar.

Senti Dallas apertando contra meus dedos. Foi um prazer a parte vê-la gozar dessa forma e eu fiquei rapidamente duro de novo, mas me contive, Dallas estava exausta, acabada, eu acho que nunca vi Dallas gozar tão intensamente como nessas duas vezes.

Afastei-me, soltando finalmente seus braços e ela ainda ficou ali, respirando, sem conseguir se mexer. Um pouco em êxtase e ainda, com um pouco de vergonha, mas na próxima vez ela ia gozar melhor. Eu sei!

Deixei Dallas descansar um pouco e depois, levei minha esposa e meu amante para tomarmos banho juntos antes de deixar a mansão com o nascer do sol.

PERIGOSAS ACHERON



Acordei abraçando Dallas com carinho e ela sorriu de um jeito único. A puxei para baixo de mim e o enchi de beijos.

— Eu te amo com a força de todos os Deuses, você sabe disso, não sabe?

Dallas cobriu o rosto com a mão, mas sorriu.

— Eu sei, droga. Você está me constrangendo, me olhando assim tão intenso.

— Eu faço o mundo por você. — Mordisquei sua mão, para ela tirar do rosto.

— Eu sei, Sieg.

— Aceitei suas esquisitices. — Disse, tentando enumerá-las. — Tomo banho todas as noites mesmo nesse frio absurdo, arrumei um amante para nós dois, fui naquele clube maluco...

— Eu sei... Por acaso quer algo em troca?

— Eu já tenho o que quero, Dallas. Eu tenho você, esse seu sorriso... Hm... Isso é tudo o que mais me importa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, eu faço algum filé de carne hoje para você comer. Isso vai agradar você? — Ela deslizou as mãos suaves pelos meus braços, notoriamente preocupada com me agradar.

Dei uma risada, achando engraçado sua preocupação tola. Beijeí seus seios.

— Eu quero que você fique aqui com Renée, não posso descuidar que Karvel virá arrancá-lo de nós, ainda mais se souber do clube que adquirimos. Eu tenho alguns compromissos....

— Espancar Viktor, quer dizer.

— Espancar Viktor, sim. — Eu a beijeí nos lábios mornos. — Mas quero que você esteja pronta quando eu voltar, vou te levar para jantar. E vou comprar flores, puta merda, vou encher o seu carro de flores, para você saber o quanto eu te amo.

Dallas ficou séria, me encarando. Havia alguma coisa em seu olhar que não estava certa, uma tristeza, não sei dizer.

— Você tem que me amar para sempre, Siegfried. — Comprimiu os lábios, sua mão apertando forte meus ombros. — Não importa o que aconteça, o quanto eu afaste você... Você tem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que prometer que vai ficar.

— Dallas... Eu sinto muito por Jordan, quer dizer, por ter ido para cima de uma garota e transado com ela, eu não sabia o que fazer.

— Eu sei. — Ela balançou a cabeça confirmando, a voz falhou, triste.

— Eu magoei você.

— Eu senti que você tinha desistido de nós.

— Eu nunca vou desistir de você. — Encarei sério por cima da cama, soltando meu corpo no dela. — Você sabe que nunca houve amor por outra pessoa, nunca, nem mesmo por Renée.

— Renée é café com leite e eu gosto dele. Mas qualquer outra pessoa, Sieg, qualquer outro, eu juro, vou enfiar uma faca no seu peito e arrancar seu coração, porque se ele não me pertence, então não pertencerá a mais ninguém.

— Meu coração é todo, único e exclusivamente seu. — E a beijei intensamente, antes de sair da cama para ir trabalhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

(Dallas)

Enchi a taça de vinho equilibrando o celular no ombro. Ainda era cedo, mas eu já estava precisando de uma dose se queria sobreviver ao resto do dia.

— Devo me preocupar, Dallas? — A voz de minha irmã soou no outro lado da linha.

— Com quem exatamente você está preocupada? — Peguei a taça e caminhei com ela até a sala, que estava vazia. As coisas de Renée estavam ali por cima da mesa, seus cadernos e um livro que ele estava aparentemente estudando.

— Com você, meu bem. Siegfried parece estar... hm, muito próximo de Renée.

— Na verdade, eu sou a mais próxima de Renée. — Larguei o meu corpo no sofá e puxei a manta fofinha para cima do meu corpo, cobrindo a calça jeans gelada.

— Oh, é? — Ela desafiou do outro lado.

— Nós dois apreciamos o silêncio, somos especialmente discretos acerca de nossos pensamentos e definitivamente conversamos melhor. — Pontuei dando um gole no líquido quente e amargo.

— Estou preocupada com seu casamento, quero dizer.

— Não tem por quê. Siegfried e eu finalmente temos algo em comum. — Olhei para a varanda do quintal pela grandiosa janela, Renée estava ali falando no celular e andando de um lado para outro, preocupei-me com o fato de que ele estava sem jaqueta, usando uma camisa xadrez vermelha e branca por cima da camiseta e calça de frio cinzenta.

— Por favor. Você é sádica como um gato brincando com uma barata, então quero saber quem é o seu brinquedo nessa equação: Siegfried ou Renée?

— Os dois. — Desviei o olhar de Renée e encarei a lareira desligada. Estava tão frio, como se uma tempestade estivesse se formando. — Tenho algumas preocupações no momento e uma delas é Dona Dagmar... Ela é muito acolhedora quando se

PERIGOSAS NACIONAIS

trata de Karvel e como todos já sabem, ele não ficou contente por seu irmãozinho estar passando uma temporada conosco.

— O sexo deve ser realmente compensador, ou você perdeu noção do perigo ao mexer com Karvel.

— Um pouco de tudo, suponho. — Admiti. — O sexo é ótimo, mas eu seria uma grande mentirosa se não dissesse que havia sentimentos também. Garanto a você que se fosse outra pessoa, eu não me importaria com as consequências, mas por Renée vale a pena lutar.

— O que Sieg acha disso?

— Ele concorda em todos os aspectos. Inclusive, para fazer algo desse tipo, bem, digamos que é como fazer uma dinâmica de confiança.

— Não, Dallas, não tem nada de dinâmica! Então, as coisas entre você e Siegfried voltaram ao normal?

— Estão melhores. Ficamos um tempo sem fazer sexo, você acredita? Ele realmente se empenhou para fazer alguma atividade comigo que não fosse sexual, e vai me levar para jantar hoje,

PERIGOSAS ACHERON

comprar flores, bla bla bla. — Eu tentava fazer parecer ser algo pequeno, mas meu coração estava explodindo com batidas polvorosas em meu peito. Coloquei a mão no suéter azul e vermelho.

— Estou impressionada. E quanto tempo Renée vai ficar com vocês?

— O tempo que a gente quiser. Ainda não falei com ele sobre o quanto me incomoda pagar pelo tempo que ele está conosco. — Suspirei. Essa era a parte complicada, porque enquanto eu sentia todas aquelas coisas, Renée se comportava como um prostituto mantendo distância emocional através do profissionalismo. — Quer dizer, obviamente estamos em páginas diferentes.

— Você não pode estar falando sério, Dallas.

— Nunca menti para você, então tome como verdade quando digo que meus sentimentos e também os de Siegfried, são fortes por Renée. Nós dois estamos apaixonados e o que dizer? Ele é gostoso. — Passei a mão no rosto, ainda podia sentir meu corpo todo dolorido (mas de uma forma boa) por causa da noite anterior e todas aquelas memórias pulavam na minha mente como raios elétricos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ulrich acha que Karvel pode usar Renée contra vocês, de um jeito ruim. — Com sua voz preocupada, ela soltou o alerta.

— Pensei nisso. Renée é como a brisa de primavera, entende? Tê-lo é bom para nós.

— Mas Renée não é um objeto, Dallas. Ele é uma pessoa com sentimentos, inclusive, de tudo o que você me contou, ele é quem pode sair mais ferido nessa *coisa* que vocês inventaram. Além disso, Karvel pode usar tudo para acabar com o casamento de vocês.

— Renée não está seguro.

— Que se dane, não estou falando de Renée, pelos céus. Você está doente? Até outro dia estava se debulhando de ciúmes de Siegfried e agora, ele está ali, se agarrando com outro e para você tudo bem!

— Se for Renée, tudo bem. — Acrescentei séria. Peguei o copo e dei um gole, minha irmã ficou estranhamente calada do outro lado da linha. — Pan, é assim que as coisas são e como me sinto. O que você quer?

— Eu quero que você seja feliz, Dallas.

PERIGOSAS ACHERON

— Fico aqui o dia inteiro, quase não posso sair sem um bilhão de guardas me seguirem, você sabe o inferno que é. Eu me sinto igual aquela princesa que fica presa em uma torre.

— Rapuzel?

— Fiona! Porque o Sieg é um ogro. — Ri e guardei a taça novamente em cima da mesa.

— Oh, ele é um ogro fofo. — Pandora ri soltando uma gargalhada. — Mas ainda é um ogro e Renée é mais suave de lidar, imagino. Eu não sei o que pensar, ele é uma válvula de escape? Você não gosta de Sieg? Vive em pé de guerra com seu viking gostoso.

Mordi os lábios. Eu queria dizer que sim, que é uma válvula de escape, mas não era bem isso.

— Dallas? — Ela insistiu.

— Embora sejamos muito divergentes... Eu gosto muito de Sieg. Você sabe.

— Você nunca precisou dizer, eu conheço você.

— E gosto de Renée... — Enrolei os cabelos no dedo, sem saber o que exatamente eu queria dizer. — É como se eu e Siegfried fôssemos duas

peças de quebra-cabeças diferentes, que não se encaixam, aliás, que nem fazem parte da mesma figura! Fomos obrigados a ficar juntos, era inevitável, aí passaram uma fita adesiva em nós e esperavam que fosse funcionar...

— Entendo que seja forçado, mas...

— E Renée é uma terceira peça que encaixa entre nós dois perfeitamente.

— Ah. Não é meio cedo para você dizer isso? Conhecem ele tem o quê? Uma semana?

— Eu não estou contando pelo relógio.

— Você é louca e está se precipitando. — Ela arfou do outro lado da linha, resignada. Sabia que não ia me fazer mudar de ideia, quando eu enfio uma coisa na cabeça, não tem jeito!

— As coisas estão funcionando bem para nós, estou gostando.

— Nesse caso, eu fico ainda mais preocupada com você. Quebrará seu coração não apenas uma vez, mas duas. — Ela inseriu. — Sabe o que papai espera que você faça.

Fiquei quieta. Pandora não precisava me dizer nada sobre isso, eu sabia que papai esperava

que assim que os 365 dias acabassem eu enfiaria uma faca no coração de Siegfried ou ainda, cortasse seu pescoço... Ou os dois! E por um momento eu desejei poder fazê-lo, mas as coisas estavam *muito diferentes* agora.

— Depois daquela lua de mel, acabou saindo do controle.

— Eu sei, Dallas.

— Papai já ficará irritado o suficiente quando descobrir como eu e Siegfried resolvemos sobre a questão do filho.

— O quê? — Pandora perguntou assustada.
— Você não queria ter filhos!

— E ainda não quero. É por isso que Siegfried é quem vai ter filho. Vai ser com uma barriga de aluguel. — Anunciei. — Sabe que a Sra Dagmar não quer um híbrido.

— Ou você está muito apaixonada, ou muito louca. — Cuspiu. Claro que ela não aprovava nada daquilo, era como dar todo o poder hereditário dos Drake nas mãos dos Turgard.

— Preciso disso para negociar com Dagmar.
— Tentei encerrar aquele assunto. Eu me sentia

apaixonada e louca, para ser sincera, mas nunca diria em voz alta! — Além do mais, estou pensando em falar com Sieg para colocar Renée nomeado na cláusula de amante.

— Pensei que não queria essa cláusula!

— Eu não queria, então as coisas mudaram. Renée...

— Pense melhor nisso, Dallas. — Ela me cortou na hora. — E se Karvel fez tudo armado?

— Armado o quê?

— Para que você incluísse Renée na cláusula de amante! Assim poderia usar Renée contra você. Disse que ele é fiel ao irmão, pode ser um espião.

— Karvel não é tão inteligente e certamente não quer ver Siegfried com ninguém que não seja ele mesmo. Mas se está tão desconfiada, sintase livre para pesquisar a vida de Renée.

— Vou pesquisar. — Ela garantiu. Passei a mão na testa preocupada, sei que ela pode ter razão em suas desconfianças, mas eu preferia não saber nesse caso. — Eu ligo para você depois, tá?

— Tá bom, beijo. — Desliguei o celular com um pouco de raiva e soltei o celular na mesa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Renée entrou na mesma hora, parecia com pressa, mas parou surpreso ao me ver agir daquele jeito.

— Algum problema? — Ele perguntou tremendo de frio, colocando o celular ao lado do meu e se aproximando para sentar-se no sofá do meu lado. Abri espaço na manta e o cobri. — Você está com uma cara péssima.

— Quem era no telefone? Você parece abalado. — Inverti o foco da conversa.

— Um problema que eu vou resolver. — Ele se esquivou da pergunta, desviando os olhos azuis de mim, mas puxou minhas pernas para mais perto dele, se aninhando em meu calor.

— Posso ajudar?

— É um problema que preciso resolver sozinho. — Ele sorriu entristecido. — E você? Com quem estava falando? Sua cara não tá boa, não, Dallas.

— Pandora, minha irmã. — Dei um sorriso, ele fez uma careta juntando as sobrancelhas escuras sem entender. — Você não é o único com problemas que tem que resolver sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Hm.

— Vou sair com Sieg essa noite, você fica bem sozinho?

— Posso aproveitar para sair também? — Renée pediu.

— E onde você quer ir?

— Dar uma volta, encontrar uns amigos... Quero pegar umas coisas minhas também, estou usando de Sieg. Isso me incomoda. — Ele empurrou os cabelos castanhos ondulados para trás. — Posso?

— Certo. Pode. Mas tem que levar dois caras com você, não quero que Karvel se aproxime.

— Dallas, eu realmente agradeço o que vocês estão fazendo por mim, mas não tem que ficar cuidando o tempo todo... — Reclamou com um exalar pelo nariz. — Não gosto de dar trabalho.

— Hm. Não é nada disso. É que você é nosso e não quero ninguém pegando o que é meu. — Tamborilei os dedos na taça de vinho.

— Não temos um contrato tão longo. Eu ia ensinar as coisas, ensinei. Vocês até têm o clube para ir agora e aprender mais... — Deu de ombros

abraçando minhas pernas. Mordi os lábios. — Meu trabalho aqui terminou, eu só não fui embora ainda porque vocês não me pagaram.

— Claro. — Respirei fundo. — Vou avisar Sieg para trazer o dinheiro, se você quiser, pode ir embora essa noite.

— Obrigado.

Renée voltou a estudar e eu fiquei calada apenas o observando concentrado, com os livros em seu colo. Perdi toda a alegria e a leveza que eu estava sentindo com aquelas palavras.

Mandei uma mensagem para Siegfried, avisando que Renée queria ir embora e precisava do dinheiro, ele me respondeu com uma carinha triste feita de emoticon.



— Não quer mesmo uma carona? — Siegfried perguntou já vestindo roupas limpas e de banho tomado. Ele estava com uma camiseta de manga comprida grudada no corpo e calça cinza clara, com as botas ainda desamarradas nos pés.

Eu estava encostado no batente da porta da sala que dava para o hall de entrada, um pouco irritado com aquela despedida. Renée estava enfiando os livros na mochila, não era algo que ele estava fazendo com pressa, mas confesso, estava me rasgando por dentro.

— Não precisa, eu chamei um táxi. — Ele comprimiu os lábios passando as mãos nos cabelos ondulados.

— Claro, um táxi. — Siegfried arranhou a voz. — Estou com a sensação de que você está fugindo de nós.

— Não! Eu apenas não quero dar trabalho. — Renée sorriu, ele estava sendo sincero conosco a respeito disso, mas não sei porque ele tinha essa ideia ridícula de que estava dando trabalho. — E podem me ligar se precisar de algo ou tiver dúvidas, vocês têm meus contatos.

— E onde você vai ficar? — Sieg se apoiou no sofá.

— Na casa de uma amiga. Sabrina. — Renée fechou o zíper da mochila e colocou nas costas, por cima do sobretudo bomber.

— Do clube?

— Sim, do clube. Ela está alugando o porão e vou ficar lá por uns dias. Espero resolver tudo com meu irmão antes de ir embora.

— Embora? — Siegfried arranhou os dentes.

Renée ficou parado, ele sabia o que estava acontecendo. Nós não queríamos deixar ele ir embora, simplesmente. Muitas coisas estavam passando pela minha cabeça, cheguei a ponderar que ele estava indo porque íamos jantar sem ele.

— Quer jantar com a gente? — Perguntei, na falsa esperança de que fosse esse o problema.

— É por isso que está indo embora? — Siegfried perguntou, com mais coragem do que eu.

— Não... Não é por isso. É porque meu trabalho aqui se encerrou e porque eu tenho que viver a minha vida, não posso ficar aqui, dependendo de vocês, abusando da boa vontade que os dois têm de me ajudar.

— Renée... — Eu comecei, tirando as mãos dos bolsos da calça social clara.

— Olha. Eu posso ser o submisso de vocês na cena, mas na vida aqui fora do clube... — Ele não

continuou, mas suas palavras não ditas doeram mais que facas no meu coração. — Vocês tem que separar as coisas. Tem a vida *baunilha* aqui fora. Vocês são casados, vão curtir a noite...

— Está ofendido porque eu e Dallas vamos sair. — Siegfried colocou as duas mãos na cintura por cima da jaqueta de couro. — Está chateado.

— Não estou. — Renée fez uma careta chateada e balançou a cabeça em negação. — Eu devia ter deixado mais claro, isso é culpa minha. Vocês não me devem nada, foi um trabalho que eu aceitei e...

— É isso? Um trabalho? Só um maldito trabalho? — Siegfried esquentou.

— Foi divertido, mas foi um trabalho. Como vou falar isso sem ofender? Eu não vim para essa ilha para ficar, eu tenho um namorado, sabe, Miguel? E estou estudando, quero me formar. — Diante de suas palavras, estreitei os olhos.

Não estava gostando nada daquela conversa! Renée estava ótimo de manhã, ouvimos música e ele ficou estudando até que recebeu aquela ligação na varanda e ficou andando de um lado para o outro. Vi uma conexão ali, talvez ele estivesse

PERIGOSAS ACHERON

sendo ameaçado?

— Ah, foda-se, você é um puto maldito, mesmo! — Siegfried explodiu. Ele pegou o envelope com o dinheiro, estava bem recheado porque Renée não era do tipo que cobrava barato, mesmo. — É isso aqui que você quer, então toma, dá o fora daqui e não procura a gente mais, ou eu vou expulsar você do clube e da ilha pela segunda vez.

Renée mordeu a boca, desviou os olhos do envelope, mas esticou a mão para pegá-lo. Ele estava tremendo um pouco, deu para ver seus dedos finos e hesitantes mesmo parcialmente escondidos pela manga do suéter. Pegou o dinheiro e contornou Siegfried com pressa, passou por mim sem levantar a cabeça ou o olhar e abriu a porta, saindo. O táxi ainda não tinha chegado, ele ficaria lá fora esperando com os guardas para ir embora, então eu sabia que ele estava seguro.

Suspirei. Siegfried sentou-se no sofá bravo.

— Filho de uma vaca estéril, mesmo. — Passou a mão pelos cabelos ajeitando o rabo de cavalo meio molhado e escovou as têmporas, onde tinha o cabelo raspado como um punk. — Uma

pena, não é, ele era gostoso e você estava curtindo ter um submisso.

— Hm. — Concordei desencostando do batente e caminhando até a sala. — Nada que não possa ser arranjado com outro submisso. — Peguei de cima da mesa um objeto que Renée estava esquecendo, uma tampa da sua câmera.

— Claro, outro submisso. — Siegfried concordou, mas ele estava daquele jeito turbulento dele, com o sangue mais quente que a lareira crepitante, arfando demais, balançando o corpo e um jeito mais brusco que o normal, como se fosse dar um soco em alguém a qualquer momento.

— Acha Renée especial?

— Especial? O caralho. — Revirou os olhos com raiva.

— Então não faz questão?

— Dallas, que porra! É claro que não faço questão, ele já tem bigode e barba, faz a merda que quiser da vida dele. — Aborreceu-se. Ele estava especialmente ofendido por Renée preferir Miguel a ele, essa era a verdade, mas Sieg nunca iria admitir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pela janela entrou um feixe de luz. Era um carro, certamente o táxi. Apertei a tampinha com força na mão, mas não para quebrar, apenas sabendo que nosso garoto estava indo embora.

— É que você está tão incomodado, Sieg...
— Comentei. Ouvi a movimentação dos guardas, escutei Renée se despedindo e a porta fechando.

— Detesto ingratidão! — Siegfried admitiu. O feixe de luz passou de novo, o táxi indo embora.
— Nós o ajudamos protegendo de Karvel e ele sai fora, assim, do nada, dizendo essas coisas! Vai voltar correndo para os braços de Miguel.

Sieg ficou em pé virando a mesa do centro da sala do avesso, derrubando os objetos decorativos. Aquela mesa é pesada para caramba e ele quase a lançou para fora da janela. Dei um passo para trás, evitando que os copos caíssem nos meus pés.

— Tsc. — Estalei a língua nos dentes.

— A gente ia colocar aquele puto na cláusula de amante.

— É uma droga quando a gente confia em alguém. Não tem ninguém que preste no nosso universo.

PERIGOSAS ACHERON

— Não tem. — Siegfried suspirou, tomando um tempo para si mesmo, para que pudesse ponderar naquilo tudo. Deslizou a mão na barba e segurou sua nuca. — Ainda vamos sair, não é, eu e você? Está tão bom a gente, estamos nos entendendo, não é?

— É, nós vamos. — Eu sorri e cheguei perto dele. Siegfried me encarou firme com seus olhos azuis e me puxou pela cintura. — Eu gosto quando você fica romântico.

— Você é minha esposa Dallas e eu te amo. Eu te amo! — Siegfried sorriu e me beijou. — Nada e nem ninguém vai estragar isso que eu sinto por você. Vamos indo? Sem sorrir para o garçom dessa vez. — Pontuou esticando o dedo para mim.

— Eu já aprendi a lição. — Confessei rindo.

Peguei um cachecol e Siegfried escolheu irmos de carro por causa do frio que parecia intenso, estava nevando o que tornava as coisas chatas, mas na ilha, se fôssemos não fazer nada por causa do clima, não haveriam muitos dias que sairíamos, alguns meses são bem mais escuros e o sol aparece só por algumas horas.

Siegfried abriu a porta e eu olhei para a
PERIGOSAS ACHERON

varanda vazia, apenas com os guardas, imaginando que nas escadinhas da frente havia sido onde Renée tinha ficado sentado. Enfiei aquela tampinha no bolso da jaqueta e resolvi não pensar mais em Renée.

Capítulo 19

(Siegfried)

Dallas estava fazendo um trabalho péssimo em esconder sua tristeza e eu estava começando a odiar Renée pela forma com que tinha nos tratado. Foi a primeira vez que me senti apenas um objeto usado!

— Enchi o carro de flores. — Falei com um sorriso quando entramos.

— Está parecendo que vamos para um funeral. — Dallas reclamou passando o cinto.

— Não sofra por Renée, ele fez a escolha dele.

— É, eu sei. — Revirou os olhos castanhos e fingiu que não estava abalada.

Liguei o motor, coloquei uma boa música que não chateasse minha esposa — temos gostos muito diferentes! Saí da garagem e um carro com quatro soldados nos seguiu. Durante todo o caminho eu fui olhando para as ruas, até me alonguei por uns

bairros residenciais com aquela besta esperança de que eu fosse ver onde Renée estava hospedado.

Claro que eu ia respeitar a decisão dele, mas me sentia em dívida e queria checar bem o histórico daquela tal Sabrina que tinha oferecido abrigo para Renée. Sabe, só para me certificar de que era uma boa pessoa e que era isso mesmo: ele tinha recebido uma proposta mais atrativa do ponto de vista financeiro.

Eu precisava daquilo. Saber que ele realmente havia nos deixado por dinheiro causava um certo conforto no simples fato de que não tinha nada de errado conosco, mas sim, com o caráter dele, mesmo!

Você confia seus sentimentos às pessoas e é assim como elas retribuem você: te fazendo sofrer. Por isso eu não confio nas pessoas e vivo esperando o pior delas. Exceto Dallas, ah, nela eu posso confiar cegamente. Segurei a mão de Dallas, por cima de sua coxa gostosa, ela me encarou e ensaiou um sorriso.

Deixamos o conforto quentinho do carro e ainda no estacionamento abracei minha esposa, beijando sua testa e buscando confortá-la.

— Dane-se que nosso menino não quer mais ser *nosso*, temos nós dois. — Decretei. — Essa vai ser a melhor noite de sua vida, Dallas.

— Todas as noites que estou do seu lado são. — Ela disse com um quase sorriso no rosto.

Seguimos para dentro do restaurante. Era uma casa local pequena e aconchegante ao lado de um mercado, uma loja de roupas e um pub. Ficava em uma esquina bem angular, onde deixamos os carros estacionados.

Escolhemos uma mesa no andar superior, perto da janela que por aqui não ficam abertas, por causa do frio. Tirei a jaqueta apoiando-a na cadeira e Dallas fez o mesmo com seu sobretudo branco. Ficamos nos encarando em silêncio por um tempo. O restaurante era pequeno, tinha velas nas mesas que foram acesas criando um clima bem pacífico e ali era especialmente frequentado por casais com roupas casuais, nos misturamos bem na multidão.

Logo veio um garçom, que trouxe os menus. Não falamos muito, eu pedi a carta de vinhos, escolhi algo gostoso e que fosse agradar o paladar de Dallas e pedimos a entrada e o prato principal. Queria fazer aquele momento valer a pena, era

PERIGOSAS NACIONAIS

nossa noite juntos. Segurei a mão de Dallas e beijei todos os seus dedos, fazendo-a morder a boca e sorrir. Ela faz o meu coração bater mais depressa.

O garçom trouxe o vinho e nos serviu, provamos, aprovamos e brindamos dando um gole no líquido roxo intenso.

— Em alguns dias será primavera e esse inferno branco irá embora da cidade. — Eu disse com um sorriso colocando a taça na mesa. — Devíamos passar uma semana no chalé, ver as flores chegarem e cuidar de nossos bodes.

— Seria perfeito. — Dallas concordou.

— Podemos montar um campo de tulipas, em maio temos quase vinte horas de luz solar. Você vai adorar.

— Oh, fica quente, então?

— Quente? Na ilha? Não, nunca! Você vai precisar de um tempo para se acostumar com o frio daqui. Pode haver tempestades de neve em maio, o tempo fica imprevisível.

— Entendi. Não é previsível. Aqui nessa ilha, um tempo firme seria tempestades de neve, neve e mais neve! — Dallas brincou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não gosta da ilha?

— Eu gosto. Sinto uma forte conexão com a natureza. Somos felizes aqui, não é?

— Está perguntando por causa de Renée?

— Ele saiu de um jeito muito estranho hoje, quer dizer, eu já imaginava que estávamos em páginas diferentes, mas não esperava que fosse ser tão abrupto daquele jeito. — Dallas suspirou pegando a taça de novo e balançando, olhando para dentro do líquido. — E a forma com que você entregou o dinheiro para ele, foi tão humilhante, ele estava tremendo.

— Eu queria que ele chorasse, sei lá. Aquilo me aborreceu, eu me senti humilhado e para não absorver, joguei de volta para ele. Fiz mal, claro, quando ligarmos para Renée pedindo que volte, será uma completa vergonha. — Eu ri batendo de leve a mão na mesa. — Nós iremos ligar, não iremos?

— Eu queria ligar agora. — Dallas deu um gole no seu vinho e soltou a taça por cima da mesa de madeira novamente. — Mas é bom que ele sinta um pouco nossa falta, que pense que não vamos ligar.

PERIGOSAS ACHERON

— Concorde.

— E temos outras coisas a resolver, como o contrato. Ainda quer ir adiante e usar a cláusula de herdeiros como munição contra Karvel? — Ela me perguntou preocupado.

— Fala isso por Renée? Bem, por que temos que nos preocupar com uma pessoa que não se preocupa conosco?

— Porque não é questão de preocupação, é que se a gente fritar Karvel, vamos colocar um fim no que temos com Renée de uma vez por todas. Você perdoaria alguém que matou sua irmã? Porque eu não perdoaria quem matasse a minha! — Dallas abriu bem os olhos, insistindo no quanto aquela decisão era pesada.

— Temos que escolher de uma vez por todas, Dallas. Renée é assim tão importante para nós? A ponto de recuarmos em nossos planos de acabar com Karvel? Ele não vai desistir, conheço Karvel, ele não vai recuar e toda vez que ele fizer algo e nós recuarmos por causa de Renée...

— É uma renúncia. Toda escolha é uma renúncia. — Dallas balançou a cabeça afirmando que estava me entendendo. — Quando escolhermos

PERIGOSAS ACHERON

uma coisa, renunciaremos outra.

— Renée não pensou duas vezes. Pegou o dinheiro e correu para os braços de Miguel. Capaz que esteja com ele agora mesmo nesse momento, esbanjando o dinheiro que conseguiu arrancar de nós.

— É uma acusação horrível para se fazer, Sieg. — Dallas revirou os olhos, mas ela apenas não queria admitir. Dallas pegou o vinho novamente levando a taça aos seus lábios deliciosos e cheios de batom. Fiquei observando calmamente, sem dizer nada, mas eu já estava imaginando Renée beijando seu namorado e ele fazendo sexo sobre a cama, cheia de notas de dinheiro! — Renée ficou estranho depois que ele recebeu uma ligação. Você tem razão. Deve ter sido Miguel.

— Pelo menos soquei bastante Viktor essa manhã e tive o prazer de fazê-lo por Renée. — Sorri, lembrando da tortura e das mãos cheias de sangue. É o meu prazer diário. — Eu estava pensando, podemos confiar em Sabrina, certo? Mas vou checar os livros do clube sobre ela, só para ter certeza.

— Vamos terminar de comer e vou com você

para ajudá-lo. Depois passamos no endereço dela, para verificar se ele está bem e então, encerramos isso. — Dallas decretou.

— Encerramos de que forma? Deixar Renée partir e ir adiante com a ideia de denunciar Karvel para a máfia?

— Que escolha nós temos? Acobertar Karvel nos torna traidores. Eu só iria adiante nisso se Renée aceitasse ficar com a gente, mas ele já fez sua escolha. — Dallas deu de ombros, mas desviou o rosto para o lado, visivelmente chateada, vi seus olhos percorrerem a vista branca lá fora.

Eu estava me sentindo tão mal quanto ela, então apenas concordei. É um ditado antigo *viking*: Você só pode lutar por aqueles que lutam a batalha do seu lado.



Depois de um jantar amoroso e satisfatório, voltamos para o clube e puxamos os livros das mãos de nossos soldados para que encontrassem Sabrina nas escrituras.

Viktor Rubensson era um homem muito organizado e por isso queríamos mantê-lo como diretor ou coisa parecida, mas ele precisaria amansar o ego para aceitar subordinação e o meu plano B era usar Telma, ou, Damir, como era mesmo o seu nome. Ele tinha acompanhado Viktor por tempo o suficiente para saber tudo como funcionava.

Obviamente encontramos o endereço, Sabrina era uma dominatrix na cena e gostava de trabalhar com submissas mulheres, ou seja, ela não tinha interesse em trabalhar com Renée o que confirmou nossas suspeitas. Se não tinha sido por dinheiro, então ele realmente queria sair de nossas vidas por causa de Miguel.

Mesmo assim fomos até a casa de Sabrina, ainda era cedo e as luzes estavam apagadas de um jeito estranho. Resolvi bater na porta e confirmar que estava tudo bem, antes de ir embora de uma vez por todas.

Desci para o porão e Dallas veio atrás de mim. Ela sorriu para mim quando levantei a mão para bater, mas então o seu sorriso sumiu.

— Está aberto. — Disse, empurrando a porta

devagar.

Havia apenas escuridão ali dentro e acertei o interruptor. O apartamento era ajeitado, mas parecia estar um pouco fora de lugar. Vazio, com algumas coisas caídas no chão, nada muito bagunçado. Dallas adentrou e pegou um objeto do chão, eu vi que era a câmera de Renée.

— Ele deve ter saído. — Eu disse.

— Ele não ia deixar a câmera no chão.

— Karvel tinha quebrado a câmera dele, lembra? Não era como se ela estivesse funcionando. — Olhei todo o recinto, tentando encontrar mais alguma coisa estranha. — A mochila dele está aqui. — Peguei a mochila, olhando o interior, roupas, seus pertences e os livros que ele estava estudando e lendo. — Tudo normal.

— Eu não sei...

— Vamos Dallas, ele deve estar ali em cima, talvez transando com Sabrina em nossas costas... Ou saiu com ela para algum cliente.

— É, pode ser. — Dallas se convenceu, colocando a câmera com cuidado em cima da mesa,

ela então se abaixou. — Sieg, tem sangue aqui.

— Renée aprecia dor, quem garante que ele não se cortou? — Enfie as mãos no bolso e corri os olhos pela casa novamente. Vi um papel no chão, perto da cama.

— Hm. Será? — Dallas ficou ponderando. — Vou ver se Sabrina está em casa.

— É, vai lá. — Falei.

Dallas saiu, eu fui até o papel e tirei do chão, era um ticket de balsa. Primeiro pensei que Renée tinha comprado para ir embora, mas olhei as datas e a hora da travessia e percebi que era um dos últimos navios a entrar no continente. Meu sangue gelou.

— Sieg! — Dallas gritou.

Saí correndo e apressado, indo para o jardim novamente. Dallas estava na varanda, sua respiração saía em um vapor branco rápido, ela estava ofegante e mais pálida que o normal, os cabelos estavam inclusive bagunçados.

— O que foi?

— Sabrina está morta, na sala.

— Achei esse ticket da balsa, alguém que
PERIGOSAS ACHERON

veio do continente.

— Miguel. — Dallas concluiu.

— Vamos para o porto. Agora. — Ordenei, apontando o carro.



Dallas conseguiu que Pandora rastreasse o celular de Miguel e confirmou nossas suspeitas: ele estava na ilha, tinha pegado a bolsa no horário que o ticket dizia e comprado passagens de avião. Durante o trajeto até o aeroporto eu estava tentando me convencer de que Renée tinha feito isso por livre e espontânea vontade, mas Dallas tinha sua própria teoria.

— Miguel ligou. Fez ameaças. Renée fugiu... Se escondeu com Sabrina. — Disse enumerando nos dedos cobertos pela luva, seus cabelos antes presos em um rabo de cavalo agora estavam soltos e bagunçados, eu sabia onde isso ia nos levar: para uma decepção.

— Dallas, se fosse isso, Renée sabia que poderíamos protegê-lo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sabia, Sieg! Nós o tratamos como um prostituto, alguém que estava fazendo um serviço rápido. — Partilhou sua teoria. — Hoje marcamos de ir a um jantar, nem o chamamos, demos o primeiro passo para ele pensar que não é importante para nós.

— Mas que porra, ele é importante! — Soquei o volante.

— Falhamos em demonstrar. — Dallas me encarou, colocando a mão na minha coxa pedindo calma. — Está na nossa conta. Ele disse que tinha que resolver coisas sozinho, droga, eu devia ter percebido.

— Amor, não se culpe.

— Claro que culpo, eu estava tão feliz com seu convite, com o que tínhamos conquistado, deixamos ele para trás... E poderíamos ter aberto aquela porta, enquanto ele estava esperando o táxi e dito para ele não ir.

— Porra, eu fiquei nervoso.

— Eu também. Sou muito orgulhosa. — Dallas admitiu, o que me fez rir.

— Sim, você é. Mas eu também sou. Que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saco também, Renée poderia ser menos complicado, ter dito logo que tinha problemas. — Fiz uma curva abrupta, girando o carro de um jeito que perdi o centro da gravidade. Os pneus rangeram, o carro derrapou na neve, mas não perdi o controle, na verdade, eu não queria perder muito velocidade. Retomei acelerando, pela estrada principal. — Mas vai ser bom, vai ser bom! Vou poder descontar toda aquela raiva que senti porque fiquei com ciúmes quando ele disse que tinha um namorado! — Dei um sorriso. Dallas revirou os olhos me percebendo do jeito que eu era.

— Depois eu que sou a possessiva.

Parei o carro com pressa na entrada do aeroporto, tirei o cinto e Dallas saltou primeiro, fechando o casaco. Do porta-luvas eu tirei a minha pistola reserva e escondi na jaqueta. Um carro de soldados parou atrás de mim, Alyssa ainda não tinha chegado com seus rapazes, mas não seria necessário tanto alarde.

Desci do carro e contornei o veículo. Abracei Dallas, segurando-a na cintura.

— Está pronto para pegar o que é nosso? — Perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando tivermos Renée de volta, vou tatuar nossas iniciais em sua bunda, assim todo mundo saberá que ele é nosso.

— Gosto quando você fica assim, Dallas. — Mordisquei a bochecha dela, ganhei um selinho macio e adentramos o aeroporto.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

(Dallas)

O aeroporto da ilha é grande, mas saber com o que estávamos lidando deu muitas vantagens. Fomos direto para o guichê de embarque com as informações que Pandora havia mandado em meu celular.

Pois é, ter uma irmã hacker é uma coisa ótima! Ela não apenas tinha checado boa parte da vida de Renée quando telefonei para ela — sem achar nada ruim como ela pensou que acharia, tenho que comentar! —, mas também foi capaz de rastrear as informações em segundo devido a pesquisa previamente realizada.

Renée ainda estava com o celular dele, mas não estava atendendo minhas ligações. Claro que quando vi Miguel segurando nosso garoto eu percebi que Renée tinha sido drogado. Ele estava fora de si, meio molenga e fazendo tudo o que o seu ex-namorado mandava. Sim, eu já coloquei o “ex” por minha conta mesmo.

Tudo bem se Renée dissesse que não queria mesmo ficar comigo e Sieg. Que ele quisesse algum relacionamento que pudesse ser exclusivo para si, ou que preferia ficar ao lado do irmão do que do nosso. Claro que as possibilidades me magoariam, mas eu estava disposta a enfrentá-las com dignidade. Porém, não ia deixar um louco sequestrá-lo e afastá-lo de nós.

Interceptamos os dois no café esperando o embarque. Renée estava largado no sofá e quem olhasse para ele veria um turista cansado demais, enquanto o amigo do lado dele tomava conta das coisas e bebericava algo quente.

— Miguel? — Chamei. O homem de cabelos grisalhos ergueu a cabeça, ele tinha uns quarenta e poucos anos. Seus olhos eram cansados, com olheiras e ele batia tanto o pé no chão que tenho certeza que era viciado em cocaína. Seus olhos percorreram minhs roupas, sem entender o que uma mulher fazia se aproximando dele. — Que bom que encontrei você, queria mesmo conversar.

Puxei a cadeira e me sentei. Renée estreitou os olhos, acho que estava me reconhecendo em meio ao delírio da droga que seu ex-namorado

abusivo deu para ele. Alguns homens agem de forma podre, não é? Não conseguem o que querem e usam a força ou meios sem escrúpulos para conseguir o que querem mesmo assim.

— Nos conhecemos?

— Temos um amigo em comum. — Eu sorri. Senti as mãos de Siegfried em meus ombros, apertando, ele estava tentando se manter calmo e impassível, mas tenho certeza que um leão estava rugindo dentro dele prestes a atacar Miguel de uma forma traumática antes de arrancar seu último suspiro. — Esse é meu marido, Siegfried.

— Hm, claro. Ahn, muito prazer. — O homem mal sabia diante de quem ele estava. — Desculpe pelo meu... Amigo. Ele está meio... Dopado.

— Eu diria completamente dopado. — Pigarreei tentando controlar as emoções de raiva que começavam a subir queimando a garganta. Se eu fosse um dragão cuspiria fogo na cara desse imbecil. — Renée costuma ser mais... Receptivo do que está sendo no momento. Eu reparei.

— Ele tomou umas coisinhas a mais. De onde você o conhece?

— Do clube, é claro.

— Ah, o clube. — Miguel rangeu os dentes pequenos com raiva e olhou para Renée, que piscou meio longo, tentando focar em nós. — Eu não sabia que ele tinha ido ao clube em seu “*passeiozinho*” por aqui. Vamos conversar sobre isso depois, não é, nenê?

— Não chame ele assim. — Siegfried arranhou a voz.

— Estão interessados? É por isso que estão aqui? Olha, tem um preço. — O homem olhou no relógio. — Temos algumas horas até o embarque e um hotel aqui perto, dá para vocês se divertirem, ainda mais que ele está assim, não vai dar trabalho.

Não deu mais para segurar. Siegfried perdeu o controle ali mesmo, soltando meus ombros, curvando por cima da mesa e puxando o homem pelo colarinho.

— O que disse, seu filho de uma vaca estéril? — Deu o primeiro soco. Ouvi os ossos quebrando. Os funcionários do café pararam o que estavam fazendo em susto, encarando a cena. — Você acha bonito vender o corpo de um garoto drogado? — Outro soco, dessa vez amassando o

PERIGOSAS ACHERON

nariz e fazendo sangue escorrer.

Não me mexi. Gostei de ver Siegfried assumir sua raiva e explodir socos contra aquele maldito. Sei que algumas pessoas saíram correndo e foram chamar a segurança do aeroporto, mas os soldados já ficaram na porta. Siegfried amassou o rosto de Miguel muitas vezes, arrastando-o por cima das mesas, quebrando garrafas nele, enfim, fazendo sua bagunça viking-descontrolado, no melhor estilo *Berserk* enquanto eu apenas olhei minhas unhas e suspirei um pouco entediada com a demonstração violenta. Porém, não vou negar, foi muito bom ver meu marido pulando em cima dele de botas, gritando “quem é o submisso agora?” e coisas do tipo.

Miguel ficou sem forças, caiu com tudo no chão e começou a implorar por perdão. Eu me levantei, indo até Renée, segurando-o e o tirando dali. Foi difícil encarar aquela situação, Renée estava atônito, suando um pouco, mas então, quando cheguei bem perto, ele me reconheceu.

— Dallas? O quê...?

— Conversamos depois. Você provavelmente não vai se lembrar de nada mesmo.

— Segurei em seus ombros e deixei Siegfried espancando Miguel.

Renée conseguia andar, meio cambaleante e por isso o segurei na cintura e passei o braço pelos meus ombros, dando apoio. Quando saí do café, tinham mais soldados da organização do que os que haviam vindo conosco. Vi Karvel, usando jeans e jaqueta de couro.

— Dallas? O que você fez com Renée? — Ele arregalou os olhos castanhos quando viu Renée e veio direto na minha direção.

— Eu, nada. Mas Miguel deu alguma droga para ele e... — Interrompi o que estava dizendo, porque Renée começou a chorar e a balbuciar pedindo desculpas para Karvel. — Você quer levar Renée para casa ou ajudar Siegfried a espancar Miguel?

— O que você acha? — Karvel rangeu os dentes. — Passo na sua casa pela manhã, ainda vamos conversar sobre isso.

Ele me deu uma ombrada mau-educada na passagem. Revirei os olhos e chamei dois guardas para irem comigo. Coloquei Renée no banco da frente, ele falou alguma coisa sobre as flores e

PERIGOSAS ACHERON

perdeu a consciência algumas vezes no caminho.



A droga que Miguel deu para Renée era forte, ele demorou um tempo para dormir e fiquei o tempo todo do lado dele, conversando. Miguel me dava nojo! Enquanto delirava um pouco, Renée acabou contando algumas coisas. Não era a toa que ele queria tanto esquecer do passado.

Quando Siegfried e Karvel chegaram, eu já tinha dado um banho em Renée, trocado suas roupas e colocado-o na cama do quarto de hóspedes para dormir.

Karvel contou que tinha recebido uma mensagem de Renée. Eles tinham um código de SOS entre si. Tinha sido usado uma vez antes, quando Karvel teve que pagar a passagem para Renée vir para a ilha, pelo que entendi. Foi difícil servir um uísque para meu rival. Ainda na minha casa Karvel tinha a audácia de comer Siegfried com os olhos e de fazer alguns comentários com seu humor ácido. Mesmo assim, nos sentamos de frente

para o outro, para resolver aquela situação de uma vez por todas.

Siegfried estava com as roupas lavadas de sangue, por isso não quis ficar muito perto dele, mas eu ia compensar mais tarde por sua eficiência em proteger nosso garoto e em se livrar de Miguel, depois de algumas horas de tortura.

Já estava amanhecendo quando eles chegaram, mas eu precisava entender todas as coisas. Embora o golpe *boa noite cinderela* seja como um apagão para a vítima, é uma prática horrível. Segundo Karvel, Miguel fazia rendimentos do hábito de prostituir o namorado a força, drogava Renée para receber clientes em sua casa que o estupravam.

— De todos os meus irmãos, Renée sempre foi o que mais deu trabalho, por suas péssimas escolhas e irresponsabilidade. — Karvel acrescentou por fim. — E pela maldita boa aparência.

Odiava o fato de que ele fazia parecer que Renée escolheu aquilo para ele, mas eu não podia simplesmente pular no pescoço de Karvel e cortá-lo. Primeiro: sujaria o meu tapete. E segundo:

PERIGOSAS NACIONAIS

Renée ficaria muito chateado comigo e nunca iria me perdoar. Duas coisas que eu não queria ver acontecer.

— Eu quero que você permita Renée de morar conosco a partir de agora. — Cruzei os braços, sentada no sofá, balançando a botinha no pé. Eu estava prestes a usar a lâmina presa na sola.

— Claro que não. — Karvel deu um riso nervoso. — Eu vou levá-lo para casa, vamos cuidar dele.

— Com mais socos?

— Eu nunca bati em Renée. Jannick pode ter perdido a calma, mas eu apartei a briga. Ele perde o controle mais fácil e nenhum de nós gosta de saber que Renée anda se prostituindo por aí. Vocês pensam que são diferente dos outros, mas não são. Clientes sujos, pagando um menino para dar o cu para vocês.

— Eu vou cortar sua língua fora! — Siegfried foi para cima de Karvel, mas eu levantei e fiquei no meio do caminho. — Sai da minha frente, Dallas.

— Não. Chega. Vocês dois. Isso está

PERIGOSAS ACHERON

ridículo. — Aponte um dedo para Siegfried. — Você lide com isso com maturidade, ninguém mandou seduzir Karvel para conseguir apoio dos soldados... E você... — Virei para Karvel, com o mesmo dedo erguido. — Lide com o fato de que Siegfried o usou para sexo, ou talvez até para controlá-lo dentro da organização. — Eu o vi engolir em seco e ranger os dentes, insatisfeito. — Não quero saber as diferenças que vocês possuem, resolvam isso de uma vez por todas, por Renée.

— Vai sonhando. — Karvel riu. — Você não vai ficar com Renée, Dallas.

— Ah, eu vou. E vou te dizer porquê. — Contornei a mesa virada do avesso e fiquei bem de frente para Karvel. — Você está na berlinda com sua operação nos fiordes, pensa que não investigamos as coisas por lá?

— Você não faria nada contra mim.

— Não force a barra! Primeiro porque Renée não é sua ferramenta de guerra e segundo porque eu não vou admitir você nos subornando através dele. Eu vou ficar com Renée, e posso muito bem usar do tempo que ele fica comigo para manipular sua mente e convencê-lo do quanto você

faz mal para ele e deve ser eliminado. — Cuspi, Karvel percebeu que eu estava falando sério e ficou me encarando em silêncio. — Corromper pessoas é um dos meus passatempos favoritos, Karvel, fique sabendo. Eu posso inclusive mexer tanto com a sua mente que você pondere sobre cometer suicídio... A menos que...

— A menos quê? — Siegfried cruzou os braços, não querendo fazer acordos com seu inimigo.

— Você passe a operação dos fiordes para nós. — Mostrei um sorriso predador.

— Está louca? — Karvel fez uma cara de espanto.

— Dallas, seríamos considerados traidores.

— Sua mãe pode fazer parte desse esquema, ela iria adorar. E tenho meus próprios interesses nisso. Fique sabendo que eles vão contra os interesses do meu pai.

— Você ajudaria contra os Drake? — Karvel desconfiou, estreitando os olhos.

— Não quero meu pai se metendo na minha vida marital, então podemos sair os dois ganhando

com esse acordo. — Dei de ombros, Karvel ficou ponderando minhas palavras, ele deslizou as mãos nos cabelos, pensativo. — Você não gosta que meu pai fique se metendo nas operações do porto, atrapalhando as suas negociações.

— E em troca, você quer Renée. — Karvel concluiu. E sim, era tudo o que eu queria mesmo!

— Ah, sim. Em troca da minha benevolência em deixar você vivo. Renée é meu.

— E o quê? Vai me matar, Dallas? Ande, me mate, Renée vai odiar você.

— Como eu disse. Não use Renée como seu escudo, porque ele não é seu objeto. — Dei passos para trás, abrindo os braços. — E pense nisso: Se você vai tomar Renée de mim, então eu já não o terei de qualquer forma. A vantagem na opção em que eu te mato, é ter o prazer de separar sua cabeça do corpo, algo que estou querendo fazer desde o primeiro dia que nos conhecemos, seu puto. Vou me recolher, boa noite. Siegfried? Não demore. — Subi as escadas, mas fiquei ali em cima ainda ouvindo-os conversar.

— Caralho. — Karvel reclamou. — Sua esposa é uma psicopata.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Puta que pariu o universo! — Siegfried xingou. — Quando ela faz isso, me deixa sempre duro.

— Me poupe dos detalhes!

— Você ouviu Dallas e sabe que eu não a controlo. Boa sorte negociando com ela! Aliás, já vou avisando, meu querido amigo: eu sempre perco. — Ele soltou ua gargalhada insana.

— Está bem, está bem. — Ouvi os barulhos de Karvel se levantando e quebrando o copo no chão, fechando o acordo. — Renée fica com vocês, mas eu quero 55% de tudo o que acontece atrás dos fiordes.

— Abaixе suas expectativas e quem sabe conseguirá o acordo com Dallas. Apenas se lembre do que ela fez com apenas um sapato com aqueles caras que tentaram sequestrá-la. Apenas se lembre. — Siegfried foi até o hall e abriu a porta. — Você ainda tem na sua conta aquela armação contra Jordan, ela não vai deixar barato, Karvel.

— 45%, meu irmão de presente e pago a faculdade de Jordan. Mas tem uma coisa, Siegfried. — Karvel passou para fora da porta, parando um pouco para ameaçar. — Se você ou Dallas fizerem PERIGOSAS ACHERON

meu irmão chorar, eu vou para cima de vocês dois com toda a força que tenho.

— Você está considerando o fato de que seu irmão é um bastardo masoquista? — Siegfried riu e bateu a porta na cara de Karvel. Ainda escutei o homem xingar do outro lado, enquanto Siegfried subia as escadas e me encontrava lá. — Ele não vai aumentar a oferta, pare de extorqui-lo, Dallas.

Dei um sorriso.

— Vou aceitar a oferta só porque você tem algum histórico com ele. — Falei dando de ombros e nada abalada com aquilo. — Vá tomar banho antes de vir deitar conosco.

— Conosco?

— Onde acha que vamos dormir? Não quero deixar Renée se sentir sozinho nunca mais. — Revirei os olhos e fui para o quarto.

Siegfried foi para o banheiro se lavar enquanto vesti o pijama e cruzei o corredor para adentrar o quarto de hóspedes. Deitei por cima do edredom que cobria Renée e o abracei com força.

Renée não estava dormindo, os efeitos da droga tinham passado certamente, fiz de tudo o que

pude para aliviá-lo e acho que ele estava ouvindo dali o que tínhamos conversado na sala.

— Renée? — Chamei deslizando o nariz em seu pescoço com cheirinho de sabonete.

— Hm? — Ele despertou um pouco. Estranhou e se virou. — O quê?

— Miguel quase levou você embora. Ele te deu uma daquelas “*rape drugs*”. — Deslizei a mão por seus cabelos e apoiei a cabeça no braço dobrado em cima da cama. — Eu sinto muito. Não sabia...

— Oh, nossa. — Ele cobriu a boca com o edredom, apenas os seus olhos claros ficaram de fora, me encarando. — Falei muita coisa?

— Bom, quando eu estava dando banho em você, ficou falando algumas sacanagens. — Dei um sorriso me lembrando da cena. Renée abriu bem os olhos inocentes, ou não tanto, mas vocês sabem, ele é sem dúvidas o mais inocente de todos nós. — Foi bom sabe... Você não diz como se sente, então, foi legal você dizer. Mesmo que não se lembre e estivesse drogado.

— Obrigado por irem me resgatar de

Miguel. Não queria causar problemas, mas estou feliz que vocês foram atrás de mim.

— Vem aqui, Renée. — Eu o puxei para beijá-lo.

Renée abaixou o edredom e procurou minha boca, aceitando o beijo. Ele tinha levado um soco, o sangue que eu vi no chão era de uma ferida que agora ele tinha nos lábios, por isso beijei devagar, com suavidade e carinho. Logo minhas mãos estavam percorrendo todo o seu corpo, testando seus músculos.

Ele abriu espaço para mim no edredom e passei para dentro, beijando-o, deslizando as mãos em seu corpo. Nos beijamos um tempão, ele lambendo a minha língua e eu arranhando suas costas do jeito que o fazia soltar um gemido de prazer. Logo suas mãos estavam na minha calça, me buscando forte. Arfei, ele segurou meu rosto:

— Ai, Dallas, você é tão gostosa. — E beijou o meu pescoço, dos dois lados, antes de voltar a assolar a minha boca com sua língua morna.

Habilidoso, Renée tirou minha calça e a calcinha, depois se despiu, debaixo do edredom e

PERIGOSAS ACHERON

se encaixou no meu corpo, roçando sua ereção na minha vagina. Fui a loucura, gemendo e arfando, sentindo o seu corpo quente contra o meu. Estava delirando com seu toque e toda a experiência que ele tinha. Renée veio por cima de mim, segurando meus braços para cima e roçando seu corpo no meu, como uma cobra acasalando. Eu sentia ele se apertar comigo de um jeito diferente.

Entrelaçamos os dedos e inverti posições, querendo fazer com ele o que ele antes estava fazendo comigo, até porque, com Renée, eu gosto mesmo é de ficar no controle. Montei em cima dele, roçando o quadril, segurando suas mãos. Ele mordeu a boca, gemendo e eu o beijei, passando as mãos para suas nádegas e colocando dois dedos dentro dele. Renée soltou outro gemido abafado entre meus lábios, que me deu certeza do quanto ele queria aquilo. Segurei em seu corpo e ele beliscou meus seios com as mãos de uma forma maravilhosa. Senti ele me envolver de um jeito louco, quente e molhado. Mordi sua boca com força, ele gemeu mais, segurando minha cintura e me puxando para ir mais forte. Entendi o recado e comecei a me balançar, sentada sobre sua rígida ereção. Ele segurou na cabeceira da cama e ergueu

PERIGOSAS ACHERON

o quadril.

— Mais forte. — Ele rebolava, sedento.

— Hm, já começaram. — Ouvi Sieg entrar no quarto e sorri para ele. — Nossa, Dallas... — Ele afastou o edredom nos observando.

Sieg como sempre não tem nenhum problema em ficar excitado depressa e veio nos beijar, ajudando a tirar a camiseta do meu pijama e beijando minhas costas, apertando meus peitos e se livrando do sutiã. Rebolei gemendo forte e ele começou a se empolgar, lambendo minha lombar e colocando dedos na minha entrada traseira. Foi muito gostoso e me fez gemer, senti que ele estava apertando as bolas de Renée também.

Era uma loucura tanto prazer, mas não tenho palavras melhor para descrever a sensação de estar ali entre eles. Eu estava quase gozando quando Siegfried colocou mais lubrificante e veio para dentro de mim. Soltei um gemido.

— Sieg...

— Oh, Dallas, eu adoro quando você fala assim.

Siegfried prendeu a mão nos meus cabelos e

começou a puxar, travando firme, batendo forte em mim. Seu corpo era tão pesado que quando ele socava, eu acabava apertando forte contra Renée e fui ainda mais fundo do que eu estava indo, levando o garoto a loucura. Foi muito gostoso estar assim, em uma posição tão vantajosa onde eu sentia prazer por todos os lados.

Sieg mordeu minhas costas e meus ombros, eu lambi a orelha de Renée, que beijou várias vezes a minha boca, meus seios, e trocou beijos com Siegfried, também. Virei o recheio de um sanduíche de suor e gemidos, tentei segurar, mas quando percebi, eu já estava gozando.

— Ai, droga... Estou gozando... — Gemi.

— Isso, goza, Dallas, goza bem gostoso. — Siegfried me puxou mais forte, metendo com mais voracidade, com um desejo louco. — Renée, goza, porra.

Ele obedeceu na hora, liberando seu prazer, jorrando em seu corpo, eu ainda estava gozando quando ele começou, gemendo e rebolando. Siegfried veio logo na sequência, soltando um urro alto.

Depois de um tempo, estávamos na cama,
PERIGOSAS ACHERON

ainda nos beijando, entrelaçando braços e pernas, trocando carícias lentas e macias. Siegfried começou a rir de repente, entorpecido de prazer.

— Vocês repararam que a gente fez sexo de verdade? Não teve aquelas brincadeiras e o Renée gozou sem nem sentir dor. — Ele estava com os braços ao redor do meu corpo, beijando minha nuca, segurando nas costas de Renée.

Eu que estava ali entre eles, vi Renée sorrir de um jeito tímido.

— É... Veja bem, eu gosto mais com dor, mas... Foi legal, sei lá. Foi ótimo, na verdade. — Ele estava corado do suor, mas ficou com o rosto todo vermelho naquele momento. — Eu senti mesmo muito prazer, nunca havia sentido assim.

— Hm. — Beije aquele sorriso e deslizando a mão pela nuca de Sieg. — É porque esse não foi apenas sexo... Fizemos com amor.

— Dallas, você é uma merda de uma melosa, mesmo. — Meu marido reclamou, roçando a barba na minha nuca. Eu ri.

— Foi fofinho, eu gostei... Sério, eu gostei muito de ouvir isso. — Renée admitiu, nos

abraçando mais forte.

— Vocês dois precisam me prometer que vamos fazer isso mais vezes. — Segurei no ombro de Renée e Sieg me empurrou, grudando mais nossos corpos.

— Eu faço quantas vezes você quiser. — Siegfried prometeu.

— Eu também. — Renée disse.

— Eu quero a palavra de honra dos dois. — Exigi.

— Ah, é isso que você quer? Então muito bem. — Siegfried disse primeiro, nos puxando e colocando eu e Renée deitados diante dele. Sieg segura minha mão e a de Renée colocando-a sobre o peito em uma tatuagem que ele tem de uma Runa no peito. — Eu prometo a você, Dallas e a você Renée, que vou amá-los com toda a minha energia, com tudo o que eu tenho de bom e de mau.

Dou um sorriso, seguro a mão de Renée e coloco no meu peito, puxando a de Sieg para mim, ele quase cai por cima de nós.

— Eu prometo a você, Siegfried e a você Renée. Vou amá-los com toda a minha energia,

com tudo o que eu tenho de bom e de mau.

Ficamos esperando Renée se manifestar, ele demora um tempo nos encarando e por um segundo eu fico tenso, achando que ele não irá dizer. Oh, droga. Ele vai, não vai?

— Bem, eu... — Renée segura nossas mãos com mais força e puxa para si, me fazendo sorrir. Olho para Siegfried e ele também está sorrindo. É um momento nosso. — Eu prometo a você, Siegfried e a você Dallas, que vou amá-los com toda a minha energia, com tudo o que eu tenho de bom. E como eu nunca matei ninguém, eu não tenho nada de mau, só de pervertido mesmo.

— Renée, você não pode estragar nosso acordo de honra. — Siegfried resmunga.

— Eu fui sincero, eu não estraguei, estraguei? — Renée olha para mim.

— Não. — Balancei a cabeça em negação, assegurando-o daquilo. — Você é sem dúvidas, pervertido.

— De um jeito bom. — Ele protesta.

— Ei, vocês dois. — Sieg nos chama, deitando sobre a gente, nos abraçando. Ele roça o

nariz em meu pescoço e a barba na bochecha de Renée, algo que com o tempo se tornaria a nossa assinatura. — Temos que selar esse acordo. Ele tem que valer para sempre.

Aproximo meus lábios dos deles ao mesmo tempo, trazendo-os para mim. Nossas bocas se grudam em uma mistura diabólica e deliciosa de lábios quentes e línguas molhadas. Um beijo a três, que é só o primeiro de muitos.

Capítulo 21

(Siegfried)

Desci da moto balançando os ombros para expulsar a neve da jaqueta de couro marrom escuro com interior de pele de carneiro. Estava frio, porém o clima de primavera começava a se instalar, momentos antes, o céu estava limpo e essa instabilidade me deixava irritado.

Retirei o capacete encarando os olhos castanhos de Alyssa. Minha irmã estava nervosa, andando de um lado para o outro, com as bochechas vermelhas do frio. Ela parou no instante que me viu subir as pequenas escadas da entrada da mansão.

— Você está atrasado, mamãe vai ficar uma fera! — Acusou franzindo as sobrancelhas, era como se estivesse brava comigo. Os soldados de jaqueta contra chuva na porta, me encararam.

Dei um riso nervoso.

— Tive um contratempo para imprimir o

contrato, não foi um atraso. — Abri a jaqueta ainda de luvas e tirei o envelope pardo do bolso interior. O pacote estava aquecido, mas as mais de 500 folhas não estavam grampeadas. — Dá um jeito nisso pra mim, mana?

Alyssa esticou as mãos grosseiras como as de um trabalhador braçal e segurou. Suas unhas estavam mais curtas do que eu me lembrava e sem esmalte. Dei uma rápida reparada em suas roupas, ela estava comprando na sessão masculina agora?

— Vou dar, mas quero ver você acalmar a fera! — Minha irmã fez um sinal passando o dedo como uma faca no pescoço esguio, sinal de que mamãe ia me degolar.

Em segundos nos separamos. Alyssa abriu a porta e entrou em casa, driblando os soldados, apressando os passos para o andar de cima e eu contornei pelo hall de entrada até a sala de estar da grande mansão em que mamãe gostava de morar. Eu cresci nessa casa e tenho lembranças que vão das boas as ruins aqui, mas evito visitar por esses motivos.

Quando os sentimentos são intensos, eu me torno um covarde. Não sei lidar com eles, não sou

bom nisso. Entrar naquela residência causava um acelerar ruim no meu coração. Os móveis ficavam no mesmo lugar e os porta-retratos eram o mais difícil de lidar. Respirei fundo e bati as botas no piso aquecido como um touro.

Segui para a sala de leitura, onde agora era o escritório de mamãe. Não sei dizer os reais motivos, mas mamãe nunca mais abriu a porta do escritório do meu pai desde que ele teve sua morte encomendada pelos Drake.

Eu sei, eu sei, tinha a droga do acordo de paz, mas a verdade é que meu pai nunca respeitou direito e odiava o fato de que eu teria que me casar com um de seus inimigos. Quando meu pai morreu eu era jovem, minha mãe assumiu tudo e eu tive que seguir seus passos.

— Bom dia, mãe! — Forcei um sorriso atravessando a porta de madeira luxuosa.

A sala era grande e mamãe tinha redecorado ao seu prazer, mantendo um quadro muito grande do meu pai no centro, bem atrás dela, como se estivesse olhando para o serviço que ela desempenhava como um mentor, porém as coisas estavam muito diferentes agora. As prateleiras que

um dia foram cheias de livros estavam repletas de arquivos, uma coleção de armas e claro, objetos de decoração. O brasão da família ficava exposto em uma parede e duas espadas que pertenceram aos meus bisavôs se faziam presente, douradas, com inscrições que eram consideradas sagradas.

— Boa tarde, você quer dizer. — Os olhos de Dagmar ergueram-se da mesa de trabalho onde estavam o seu relógio para minha figura encostada na porta, segurando a maçaneta. — Não marcamos às dez horas?!

Dei um sorriso sem graça e abaixei a cabeça. Mamãe estava em seus trajes de negócio: paletó, blusa de seda e calças sociais, mas não era isso que a deixava intimidadora e sim seu olhar.

— Tive um imprevisto e estou aqui, não estou? Não é como se eu fosse faltar, além do mais, relaxe, mamãe, você vai gostar do resultado final. — Adentrei a saleta em que ela estava sozinha, fechando a porta e assim bloqueando os soldados de ouvirem minha mãe me dando uma bronca.

— É o mínimo que você tem que fazer Siegfried! — Dagmar ergueu as sobrancelhas e acertou o paletó, chegando mais perto da mesa,

arrastando o traseiro enrugado para a ponta da grande poltrona que parecia um trono de rainha. — Anda, me conte, sua esposa foi dobrável?

— Mais ou menos, ela é uma Drake, não é?! — Forcei um sorriso e me sentei em uma poltrona grande e verde à sua frente, largando o capacete no chão. Tirei as luvas enquanto explicava. — Alyssa foi grampear as cópias assinadas, mas eu trouxe um pen drive com tudo, por precaução.

— Bem, não posso reclamar de que não fez um bom trabalho, não é? — Ela sorri pequeno, mostrando minimamente os dentes amarelados do café e apoia o queixo nas duas mãos de dedos entrelaçados à frente. — Os soldados estão comentando como você colocou Karvel aos seus pés, seduziu o irmão mais novo dele e dobrou sua rebelde esposa... Mas não poderia ser uma mulher nesse meio, não, meu filho? Estão falando sobre suas “preferências” e isso não tem sido agradável. — Ela deu ênfase na palavra, falando com desgosto.

Revirei os olhos e cocei o cavanhaque loiro. Sei que tudo o que ela está dizendo pode parecer horrível para algumas culturas, mas aqui, entre os

Turgards, é assim que as coisas funcionam e eu tenho que lidar com isso, mesmo discordando de muita coisa.

— Okay, vamos esclarecer uma coisa. É a preferência de Dallas. Como eu ia dobrá-lo se não fosse dar a ela o suposto controle do relacionamento? — Ergo a mão para cima e jogo as luvas em cima da mesa dela, uma mesa que em breve será minha. — Pra mim tanto faz e quanto mais melhor. — Diante de minhas palavras ela torce a boca fina para baixo, demonstrando puro desgosto. — Vai fazer cara feia? — Coloco os pés cruzados em cima da mesa. — Conseguimos um clube novo, expandimos um ramo das operações... E em breve Karvel vai conversar com você sobre uma surpresinha que ele está armando atrás dos Fiordes.

— Tire os pés da mesa! — Mamãe reclama, como sempre, brava e eu abaixo os pés na hora. Suspiro pesado. — O que tem atrás dos Fiordes?

— Uma operação que deveria ser para nos ferrar, mas Dallas deu um sorriso *fofo* e convenceu Karvel a nos entregar um controle. — Dou risada.

— Hmmm! — Mamãe se interessa dando um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso predador, ela sabe farejar oportunidades tão bem quanto eu. — Que operação é essa?

— Uma coisa que os Drakes não podem saber.

— Com Dallas supostamente no comando, Sieg? — Ela riu amargamente, de um jeito que queria me chamar de burro. Olha, não sou mesmo tão inteligente e frio como Dallas, mas não precisa ofender!

— Ela tem seus motivos. Dallas não gosta de ser uma marionete nessa guerra, ela quer liberdade e isso a coloca do lado oposto de seu controlador.

— O Sr. Finley Drake, é claro. — Mamãe piscou algumas vezes depressa sem esconder o sorriso. — Dallas tem se saído um ótima nora, não posso negar.

— Muito melhor que Karvel, quero lembrar a senhora que ele estava tentando nos ferrar.

— Não use o plural nessa frase, Karvel me adora. Você, por outro lado...

— O problema de Karvel não é exatamente comigo, mas com o ego dele. E não fique aí pensando que a senhora está livre disso, mamãe.

Quando ele achar que o ego dele ficou maior que você, sabe o que irá acontecer. — Cruzo os braços aborrecido por ela ficar defendendo-o. — Às vezes, parece que gosta mais de Karvel do que de mim, ou de Alyssa.

— Não seja ciumento, Sieg. Karvel não é sangue do meu sangue e se eu tivesse que escolher, bem, eu espero nunca ter *que escolher*. — Ela bate as unhas compridas na mesa, causando um sonoro dedilhar na madeira. — Fale-me mais sobre esse desejo de liberdade de Dallas.

— Não sei os motivos por trás disso, ainda vou cavar mais a fundo. — Desvio os olhos dela. — Dallas está disposta a agir nos demonstrando confiança, mamãe. Ela fez um acordo com os italianos e inclusive aceitou sua proposta sobre o herdeiro e a barriga de aluguel, o primogênito será com o meu DNA e não será híbrido.

— O primeiro herdeiro será Turgard. — Repetiu como um eco das montanhas. Os olhos azuis dela brilharam cheios de animação. É o sonho dela, ter o suposto controle de tudo através de um neto. — Ótimo. Quais as condições de Dallas?

— Não tem nenhuma, exatamente. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspiro, colocando as mãos sobre o corpo, tamborilando os dedos como se meu peito fosse um tambor. — Ela quer liberdade. É isso o que vou dar a minha esposa.

— Certo muito bem, posso engolir um amante a mais e o sexo depravado que vocês querem fazer em troca disso. — Ela aceita os termos com facilidade, bem como Dallas previu. — Tenho problemas maiores para lidar do que a safadeza desse casamento.

— Que problemas?

— Alyssa está estranha e conto com você para dar um jeito nela. Além disso, Ulrich preencheu um pedido de casamento, com Pandora Drake...

— Uau! Ele preencheu? Então deve ser sério. — Pulo da cadeira em surpresa, mas volto a me sentar, cruzando as pernas.

— Sério? Não, não pode ser! — Dagmar resfolega e empurra as costas para trás. — Eu não sei se quero meu sobrinho enroscado em outra cobra, já me basta você!

— Dallas é uma cobra muito boa de se

PERIGOSAS ACHERON

enroscar, mãe.

— Siegfried! — Ela repreende-me com aquele olhar bravo.

— Só estou dizendo que eles podem ser aliados poderosos, mamãe. Alyssa tem espaço para Pandora nas operações. — Dou de ombros rindo, ela ergue uma sobrancelha ponderando. — Aceite o pedido de Ulrich para agradar Dallas.

— Não sei...

— Podemos jantar mais vezes em família. Dallas não odeia você, na verdade, minha esposa tem mais ressentimento com a madrasta dele, você podia se aproveitar.

— Dallas tem meu respeito como nora, mas ela é uma Drake. Há sangue frio em suas veias... Já o irmão de Karvel, eu gosto mais. Sabe o quanto Karvel é quase um filho para mim. — Ela coloca a mão no peito.

Caramba. Isso é irritante e frustrante também. Minha esposa é uma boa pessoa, entende? Mas ela só vê aquele maldito sobrenome, não enxerga Dallas como eu enxergo, a maravilha que ela é, a amiga e a companheira que eu descobri debaixo

daquela máscara de frieza.

— Sei. Você inclusive negligência Ulrich, dando a ele uma parcela ínfima de tudo em comparação com o que dá a Karvel. — Acuso com a voz dura. Dagmar me encara como quem não gostou do que disse, mas não discorda. — Por isso digo: qual o problema de deixá-lo se casar? Pandora é melhor como uma aliada e sei que ela detesta a madrasta tanto quanto Dallas.

— Raquella tem feito um péssimo trabalho! — Virando a cabeça para trás, Dagmar ri, os cabelos presos e loiros nem se movem. — Gunnar outro dia estava me dizendo que Gloria, a mais nova, reclama muito da mãe...

— Ela liga o tempo todo, é sufocante. Lembre-se que tive que tirar Dallas da cidade na nossa lua de mel. Nem quero saber o que aquela abelhuda vai fazer quando souber de Renée.

— Tente bloqueá-la de chegar em Dallas. Quanto mais isolá-la, melhor. Sua esposa parece fiel a você, apesar de tudo. — Ela pondera.

— Ela está se esforçando pela paz. Dê créditos a isso. Você luta pela paz, mamãe...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, mas paz e amor são duas coisas diferentes, Sieg. Acha que gosto de ver você casado com outra pessoa por obrigação e não por amor?! Queria te ver apaixonado.

— Mamãe, eu estou apaixonado. — Coloco a mão no coração para forçar as coisas para ela. Não que seja mentira, Dallas se tornou minha vida, mas não quero parecer sem controle dos meus sentimentos para ela, ou posso colocar tudo a perder. — Acho que para pessoas como eu, esse é o máximo apaixonado que eu posso ser.

— Hm, de fato.

— E Dallas se parece muito com a senhora.

— Sieg... — Ela se levanta e contorna a cadeira, me dando as costas, olhando para a pintura gigante do meu pai. — Seu pai detestava o seu casamento com Dallas, é verdade, ele não entendia porque um filho dele tinha que pagar pelos erros de seus ancestrais, mas ele nunca foi contra a paz. Ele sempre pensou em casar todos os membros da família com um Drake.

— Isso é ridículo. Ele queria casar Gunnar com Gloria, também?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Com Gloria, nunca. — Ela gira, me encarando, derrubando as duas mãos sobre a mesa. Seus olhos me atingem sérios, o que estranhei bastante. — Vou dar o casamento de Ulrich e Pandora como presente à sua esposa, diga a Dallas que é pensando nessa parceria que se forma.

— Ótimo, agradeço.

— Mas vocês ainda precisam convencer Finley Drake a aceitar que sua filha se case com outro Turgard.

— Ulrich é filho de sua irmã, ele nem leva o seu sobrenome. Vai ser moleza.

— Faça o que for preciso, Siegfried. — Ela volta a se sentar na cadeira, jogando os cabelos loiros para trás. — E coloque o menino novo para treinar. Se ele é tão importante para você e Dallas, então é bom que ele saiba como se defender.

— Mãe...

— Estou falando sério. Não pense que porque são tempos de paz que vocês estão seguros. — Ela abana a mão, me fazendo deixar a sala. — Tenho coisas a resolver, deixe o pendrive.

— Claro. — Ranjo os dentes, tiro o pendrive

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do bolso frontal da jaqueta, dentro de um saco plástico transparente e coloco em cima da mesa, pegando minhas luvas. — Vê se escolhe uma gostosa para ser mãe dos meus filhos, não quero cria feia. — Peguei o capacete e deixei a sala.

— Para ter netos decentes o suficiente eu teria que ter outros filhos. — A velha resmunga enquanto abro a porta.

Reviro os olhos e fecho a porta atrás de mim. Saio sem me despedir de Alyssa, ou de procurar por Gunnar, eu só quero me livrar logo disso e viver a minha vida sem ninguém mandando em tudo o que eu tenho que fazer.

E estou cada vez mais perto.

Nunca pensei que diria isso, mas aqueles que eu pensava serem meus inimigos se tornaram meus aliados e pela primeira vez, acho que posso me considerar um homem feliz.

PERIGOSAS ACHERON

Mais livros da “série Homens de Honra” em breve.

Você pode seguir a autora em suas redes sociais:

<https://instagram.com/marimouraescritora>

Assine a newsletter para receber novidades e capítulos extras!

<http://eepurl.com/gl3TG9>

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON